

O B R A S D E

F I Ó D O R

D O S T O I É V S K I

A S U B M I S S A
E O U T R A S H I S T Ó R I A S



E D I T O R I A L P R E S E N Ç A

OBRAS DE

F I Ó D O R

DOSTOIEVSKI

A SUBMISSA
E OUTRAS HISTÓRIAS



EDITORIAL PRESENÇA

FIÓDOR DOSTOIÉVSKI

A SUBMISSA E
OUTRAS
HISTÓRIAS

Tradução do russo de Nina Guerra e Filipe
Guerra

 EDITORIAL PRESENÇA

DADOS DE ODINRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [eLivros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O [eLivros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [eLivros](#).

Como posso contribuir?

Você pode ajudar contribuindo de várias maneiras, enviando livros para gente postar [Envie um livro](#) ;)

Ou ainda podendo ajudar financeiramente a pagar custo de servidores e obras que compramos para postar, [faça uma doação aqui](#) :)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

eLivros.love

Converted by [ePubtoPDF](#)

FICHA TÉCNICA

Títulos originais dos contos: *Skvéрни anedokt; Zímnie zapíski o létnik vptchatléniakh; Krokodil, neobiknovénnoe sobítie íli passaj v Passaje; Bobok; Máltchik u Khristá na iolke;; Mujik Marei; Stolétniaia; Krótkaia; Son smechnovo tcheloveka*

Autor: *Fiódor Dostoiévski*

Tradução © Editorial Presença, Lisboa, 2006

Tradução do Russo: *Nina Guerra e Filipe Guerra*

Capa: *Projeto Gráfico de Fernando Felgueiras*

Composição, impressão e acabamento: *Multitipo — Artes Gráficas, Lda.*

1.^a edição, Lisboa, novembro, 2006

Depósito legal n.º 248 859/06

Reservados todos os direitos

desta edição à

EDITORIAL PRESENÇA

Estrada das Palmeiras, 59

Queluz de Baixo

2730-132 BARCARENA

Email: info@presenca.pt

Internet: <http://www.presenca.pt>

NOTA PRÉVIA

O presente volume inclui os contos de Fiódor Dostoiévski dos anos de 1862 a 1877. No conto «Uma História dos Diabos» (publicado em novembro de 1862) reflete-se a posição sociopolítica do escritor no período das reformas liberais daquela época. A sátira de Dostoiévski desmascara as reflexões hipócritas dos representantes da alta burocracia sobre a disponibilidade desta para contribuir para o progresso social dentro dos princípios do humanismo. Seguindo a tradição satírica de Nikolai Gógol, Dostoiévski mostra o abismo entre as «Suas Excelências» e os «homens pequenos». «Apontamentos de Inverno sobre Impressões de Verão» (publicado em fevereiro-março de 1863) constitui, dentro do seu género, um relato de impressões de viagem muito peculiar, em que, em vez da tentativa de registo sistemático e consequente do que o viajante vê, se cria um cenário subjetivo e satírico de várias facetas da vida do Ocidente e da Rússia. Dostoiévski destrói, desta forma, a tradição vigente na literatura-europeia da descrição impassível nos ensaios de viagens. O escritor reflete sobre as influências europeias na Rússia, em várias épocas, e fala das consequências «civilizacionais» destas influências. A descrição irónica dos costumes sociais em França na época de Napoleão III e os seus reflexos na arte que serve os gostos da maior força desta sociedade, a burguesia, é uma crítica mordaz à hipocrisia moral e às «liberdades» apregoadas neste país.

Ao escrever «O Crocodilo» (1865), Dostoiévski, segundo as suas palavras, quis criar um conto fantástico no espírito de «O Nariz» de Gógol. Mas não se trata de uma mera traquinice literária: ao fantasiar uma situação grotesca e cómica, o escritor faz uma implacável paródia às ideologias vigentes naquela época, sejam estéticas, filosóficas, económicas, seja a do materialismo radical e vulgar dos «niilistas».

Os outros contos incluídos neste volume fazem parte de «O Diário do Escritor» que Dostoiévski publicou na revista semanal Gradjanin (Cidadão) nos anos de 1870-1880 e que era composto por artigos e crónicas sobre os acontecimentos da época. Neste último período da sua vida, o escritor

alcança uma força impressionante na arte dos «géneros menores» da narrativa. Cria um novo tipo de novela filosófica e psicológica («A Submissa», 1876; «Sonho de um Homem Ridículo», 1877), de conto fantástico e satírico («Bobok», 1873), de ensaio artístico («A Centenária», 1876; «Menino numa Festa de Natal», 1876) e de memórias («O Muji que Marei»).

UMA HISTÓRIA DOS DIABOS

Esta história maligna aconteceu precisamente na altura em que se iniciava, com toda a sua irrefreável força e tanto ímpeto de ingenuidade comovente, o renascimento da nossa querida pátria e a aspiração de todos os seus filhos gloriosos a novos destinos e novas esperanças. Então, num inverno, num princípio de noite clara e fria (aliás, já passava das onze), três senhores respeitabilíssimos estavam sentados numa sala confortável, mesmo luxuosa, num excelente prédio de dois pisos do Bairro Petersbúrgskaia, e mantinham uma conversa séria e magnífica sobre um tema muito curioso. Os três tinham a patente de general. Estavam sentados a uma mesinha pequena, cada um numa maravilhosa poltrona acolchoada e, no meio da conversa, em conforto e sossego, iam bebericando champanhe. A garrafa estava em cima da mesinha, metida num balde de prata com gelo. É que o dono da casa, Stepan Nikiforovitch Nikíforov, solteirão de sessenta e cinco anos, festejava a mudança para a casa acabada de comprar, ocasião coincidente, nem de propósito, com a do seu aniversário, pelo que o festejava também, coisa que nunca havia feito antes. De resto, a festa era bem modesta: apenas dois convidados, ambos antigos colegas do senhor Nikíforov, aliás subordinados, e que eram: o conselheiro de Estado efetivo Semion Ivánovitch Chipulenko e Ivan Iliitch Pralínski, também conselheiro de Estado efetivo. Tinham chegado perto das nove da noite, tomado chá,-depois passaram ao vinho, sabendo que às onze e meia em ponto teriam de se ir embora. O anfitrião toda a vida gostara da pontualidade. Duas palavras sobre ele: começou a carreira como pequeno funcionário nada abastado, carregando durante quarenta e cinco anos, com toda a calma, o seu fardo rotineiro, com plena consciência do ponto até aonde subiria na carreira, detestando procurar estrelas no céu, embora já tivesse duas¹ e, sobretudo, não gostando de exprimir a sua opinião pessoal, fosse por que motivo fosse. Era honesto, ou seja, nunca lhe acontecera fazer nada de desonesto; era solteiro, por egoísmo; não era nada estúpido, mas detestava revelar a sua inteligência; mas, acima de tudo, odiava o desleixo e a afetação, considerando-a um desleixo moral; e, para o fim da vida, mergulhou numa

espécie de conforto doce e preguiçoso e na solidão sistemática. Embora fizesse de vez em quando as suas visitas às pessoas convenientes, desde a juventude que não gostava de receber; ultimamente, quando não tinha de fazer a paciência de cartas grande, satisfazia-se com a companhia do seu relógio em cima da lareira e, durante horas seguidas, nas primeiras horas da noite, ouvia o seu tiquetaque sob a campânula, imperturbável, dormitando na poltrona. Tinha uma aparência muito decente e escanhoada, aparentando menos idade do que a que de facto tinha, ou seja, estava bem conservado, prometendo viver ainda muitos anos; observava os mais rigorosos modos de *gentleman*. Exercia um cargo bastante confortável: participava algures numas reuniões e assinava umas coisas quaisquer. Em suma, podia considerar-se uma excelentíssima pessoa. Tinha apenas uma paixão, ou melhor, um desejo ardente: possuir a sua própria casa, mas uma casa à maneira senhorial e não burguesa. Pois acabou por realizar o seu desejo: escolheu e comprou uma casa no Bairro Petersbúrgskaia que, embora longe do centro, tinha jardim; além disso, era uma casa elegante. Novel proprietário, opinava que era ainda melhor residir longe do centro: não gostava de receber visitas e, para as fazer, ou ir para o serviço, tinha uma excelente carruagem de dois lugares, cor de chocolate, um cocheiro Mikhei e dois cavalinhos pequenos mas bonitos e robustos. Tudo isso fora decentemente adquirido graças às longas poupanças de quarenta e cinco anos, pelo que o seu coração se alegrava ao olhar para aquilo tudo. Aliás, foi tudo isso — a aquisição da casa, a mudança — que introduziu no coração sossegado de Stepan Nikiforovitch tamanho contentamento que o levou a convidar pessoas para o seu dia de anos, um dia que até então mantivera secreto até dos seus conhecidos mais próximos. Mas não só: contava com um dos convidados para outros fins. É que Stepan Nikiforovitch, ocupando tão-só o piso de cima de sua casa, precisava de um inquilino para o de baixo, uma cópia do de cima. E, para inquilino, estava a pensar precisamente em Semion Ivánovitch Chipulenko, tendo encaminhado por duas vezes a conversa para esse tema. Porém, Semion Ivánovitch mostrava-se reservado. Era um senhor que também tinha subido a pulso na vida, muito devagar, com muitos esforços; tinha o cabelo e as suíças negras, uma tez itérica permanente. Casado, sedentário noturno, mantinha a família em estado de

medo, no serviço era um convencido; também tinha a consciência do ponto até aonde subiria na carreira e, ainda melhor, até aonde nunca subiria. O cargo que ocupava era seguro. Encarava as recentes inovações de forma um pouco biliosa, mas sem grande preocupação: era muito seguro de si e ouvia as dissertações de Ivan Iliitch Pralínski sobre os temas modernos com alguma raiva sarcástica. De resto, estavam todos os três um pouco bebidos, pelo que o próprio senhor Stepan Nikiforovitch condescendeu em entrar num ligeiro debate sobre as novas regras com o senhor Pralínski. Temos porém de dizer umas palavras sobre o senhor Pralínski, uma vez que é ele o herói principal da nossa história.

O conselheiro de Estado efetivo Ivan Iliitch Pralínski era tratado por Vossa Excelência havia apenas quatro meses, ou seja, era um general jovem. Também na idade era ainda jovem (não mais de quarenta e três anos), e mais jovem ainda na aparência, o que lhe agradava sobremaneira. Era um homem bem-apessoado, alto, envergando excelente fato — um traje de esmerada imponência — e ostentando, com habilidade, uma condecoração importante ao pescoço; ainda na infância, soubera assimilar algumas maneiras da alta sociedade e, sendo solteiro, sonhava com uma noiva rica e, mesmo, da alta roda. Sonhava ainda com muitas outras coisas, embora não fosse nada parvo. Por vezes era muito loquaz, gostando mesmo de tomar poses parlamentares. Provinha de uma boa casa, era filho de general e, desde sempre, um mãozinhas mimosas; na sua tenra idade vestiam-no de veludo e cambraia, foi educado numa instituição de ensino aristocrática e, embora não tivesse adquirido lá grandes conhecimentos, fez carreira e chegou à patente de general. Os chefes consideravam-no homem de grandes capacidades, depositando até algumas esperanças nele. Stepan Nikiforovitch, chefe do jovem desde o início da carreira até quase ao generalato, é que nunca o achara muito útil nem depositara nele quaisquer esperanças. Mas agradava-lhe que ele fosse um senhor de boa família, que tivesse fortuna, isto é, um grande prédio de rendimento com administrador, que fizesse parte de um parentesco importante e que, além disto, possuísse um porte imponente. No seu íntimo, Stepan Nikiforovitch censurava-lhe a imaginação excessiva e a leviandade. O próprio Ivan Iliitch sentia por vezes que tinha um amor-próprio exagerado e mesmo suscetível. Coisa estranha:

acometiam-no de vez em quando uns remorsos doentios e chegava a cair, até, num ligeiro estado de arrependimento. Então, com amargura e uma secreta névoa na alma, confessava a si mesmo que não voava tão alto quanto pensava. Nesses momentos caía até numa espécie de depressão, sobretudo quando se lhe agravavam as hemorroidas, dizendo da sua vida que era une *existence manquée*², deixando até, no fundo, de acreditar nas suas capacidades parlamentares, acusando-se de *parleur*, de fraseador; mas, embora tudo isto seja digno de nota e muito o honre, não o impedia, meia hora depois, de levantar a cabeça e se animar ainda mais e de forma mais arrogante, convencendo-se de que ainda tinha tempo de revelar as suas qualidades e se tornar não só um dignitário, mas até um homem de Estado que perduraria durante muito tempo na memória da Rússia. Por vezes até lhe surgiam monumentos na imaginação. Tudo isto mostra que Ivan Iliitch tinha ambições de grande envergadura, embora escondesse no fundo da alma, com um certo medo, os seus sonhos e as suas indefinidas esperanças. Em resumo, era um homem bondoso e, no seu íntimo, até um poeta. Nos últimos anos, tinha períodos em que os seus momentos doentios de desilusão o visitavam com mais frequência. Tornou-se bastante irritadiço, desconfiado e propenso a considerar insultuosa qualquer objeção que lhe fizessem. Porém, a Rússia, na sua marcha de modernização, deu-lhe de súbito grandes esperanças. A promoção a general incrementou-lhas. Recuperou o ânimo; levantou a cabeça. Recomeçou a discursar muito e com eloquência, abordando os temas mais modernos, que assimilou com uma inesperada e extraordinária rapidez e com um entusiasmo impetuoso. Corria a cidade em busca de fórum para os seus discursos e, em muitos lugares, chegou a ganhar a reputação de temerário liberal, o que muito o lisonjeava. Ora, nesta noite de que falamos, depois do quarto copo, entusiasmou-se sobremaneira. Deu-lhe para converter às suas convicções o próprio Stepan Nikiforovitch, a quem não via há muito e a quem dantes respeitava e, até, obedecia. Pois bem, desta vez considerou-o reacionário e atacou-o com um ardor fora do comum. Stepan Nikiforovitch quase não lhe ripostava, limitava-se a ouvir com uma expressão manhosa, embora o tema lhe interessasse muito. Ivan Iliitch exaltava-se e, no calor de uma imaginária discussão, bebericava do seu copo mais do que era conveniente. Então, logo

Stepan Nikiforovitch voltava a encher o copo de Ivan Iliitch, gentileza que, sabe-se lá porquê, começou de repente a ofender Ivan Iliitch, já que, ainda por cima, Semion Ivánovitch Chipulenko, que desprezava, mas de cuja maldade e cinismo tinha medo, se calava perfidamente ao seu lado e sorria mais vezes do que devia. «Parece que me tomam por um garoto», relampejou na cabeça de Ivan Iliitch.

— Já não era sem tempo, lá isso não — continuou com entusiasmo. — O atraso foi grande, lá isso foi, e para mim o humanismo é o principal, o humanismo para com os subordinados, quero eu dizer, porque eles também são seres humanos. O humanismo é que há de salvar e resolver tudo...

— Ih, ih, ih, ih! — ouviu-se do lado de Semion Ivánovitch.

— Mas por que há de o senhor abespinhar-se tanto contra nós? — acabou por replicar Stepan Nikiforovitch, sorrindo com amabilidade. — Ivan Iliitch, confesso que não consigo perceber aonde é que o senhor quer chegar. Defende o humanismo. O humanismo significa o amor pelo homem, não é?

— Se quiser, o amor pelo homem. Eu...

— Com licença. Na minha modesta opinião, não se trata só disso. O amor pelo homem sempre foi regra. Ora, a reforma não se resume a isso. Foram levantados os problemas dos camponeses, dos tribunais, os problemas económicos, morais, as concessões do Estado e... e... um nunca mais acabar de problemas que, todos juntos, de uma vez, podem gerar, por assim dizer, grandes abalos. É nisso que consistem os nossos receios, não é nas preocupações com o humanismo...

— Pois, é verdade, a questão é mais profunda — observou Semion Ivánovitch.

— Compreendo perfeitamente, e permito-me observar, Semion Ivánovitch, que, decididamente, não aceito ficar atrás do senhor na profundidade da compreensão das questões — replicou Ivan Iliitch, cáustico e com uma rispidez exagerada. — Quanto a si, Stepan Nikiforovitch, tomo a liberdade de observar que também não me compreendeu...

— Pois não, não compreendi.

— Pois saiba que eu sou partidário, e defendo por todo o lado, precisamente a ideia de que o humanismo, e precisamente o humanismo

para com os subordinados, do funcionário até ao escrivão, do escrivão até ao servo doméstico, do servo doméstico até ao mujique, o humanismo, digo eu, pode servir de pedra angular, por assim dizer, para as próximas reformas e, em geral, para a renovação das coisas. E porquê? Pelo seguinte. Vejam o silogismo: sou humanista, logo gostam de mim. Gostam de mim, logo sentem confiança na minha pessoa. Depositam confiança em mim, logo têm fé; têm fé, logo amam... ou seja, não, afirmo que, tendo fé, acreditarão também na reforma, compreenderão, por assim dizer, o cerne da questão, por assim dizer, abraçar-se-ão moralmente e resolverão todos os problemas em pé de amizade e de uma forma fundamentada. Porque se ri, Semion Ivánovitch? Isto é incompreensível para si?

Stepan Nikiforovitch, calado, ergueu o sobrolho, sinal de que se-espantava.

— Parece que bebi um pouco de mais — observou causticamente Semion Ivánovitch —, por isso estou de compreensão lenta. Um certo eclipse mental.

Ivan Iliitch ressentiu-se.

— Não vamos aguentar — disse de repente Stepan Nikiforovitch, depois de refletir um pouco.

— O que quer dizer com isso de «não vamos aguentar»? — perguntou Ivan Iliitch, surpreendido com a súbita e desconexa observação de Stepan Nikiforovitch.

— Só isso, simplesmente: não vamos aguentar. — Não apetecia a Stepan Nikiforovitch, pelos vistos, entrar em mais pormenores.

— Não estará por acaso a referir-se ao vinho novo e aos odres novos³? — objetou com certa ironia Ivan Iliitch. — Mas não, por mim, pelo menos, respondo cabalmente.

O relógio bateu as onze e meia.

— Na visita, há hora de chegar e hora de despedir — disse Semion Ivánovitch e fez menção de se levantar. Mas Ivan Iliitch antecipou-se-lhe: saiu da mesa e pegou no seu gorro de marta zibelina de cima da consola da lareira. Tinha um ar ofendido.

— Então como é, Semion Ivánovitch, vai pensar na minha proposta? — disse Stepan Nikiforovitch, ao despedir-se dos convidados.

— Sobre o apartamento? Vou pensar, vou pensar.

— Quando decidir, avise-me logo.

— Os assuntos práticos em primeiro lugar, não é verdade? — observou amavelmente e com alguma bajulação o senhor Pralínski, a brincar com o seu gorro. Sentia-se menosprezado.

Stepan Nikiforovitch ergueu o sobrolho e ficou calado, em sinal de que não queria atrasar mais os convidados. Semion Ivánovitch fez uma vénia apressada.

«Hã, hã, então... como queira... se não compreende uma simples amabilidade», concluiu mentalmente o senhor Pralínski e, afetando um ar de independência, estendeu a mão a Stepan Nikiforovitch.

No vestíbulo, Ivan Iliitch agasalhou-se na sua peliça cara e leve, tentando não reparar na pele coçada de raposa mão-pelada da peliça de Semion Ivánovitch, e os dois começaram a descer as escadas.

— O nosso velho parece ofendido — disse Ivan Iliitch ao silencioso Semion Ivánovitch.

— Não, porquê? — respondeu este calma e friamente.

«Lacaio!», pensou Ivan Iliitch.

Saíram para a soleira. Aproximara de Semion Ivánovitch o seu trenó, puxado por um cavalicoque maljeitoso.

— Que diabo! Onde é que se meteu o Trífon com o meu coche? — gritou Ivan Iliitch quando não viu a sua carruagem.

Procuraram... O coche não estava em lado nenhum. O criado de Stepan Nikiforovitch não fazia a mínima ideia de onde poderia estar. Perguntaram a Varlam, o cocheiro de Semion Ivánovitch, e a resposta foi a de que Trífon estivera sempre ali, e o coche também, mas que agora não estava.

— É uma história dos diabos! — disse o senhor Chipulenko. — Quer uma boleia?

— Gente velhaca! — gritou, furioso, o senhor Pralínski. — Pediu-me licença para ir a umas bodas de uma comadre dele que se casa, aqui perto, mesmo no Bairro Petersbúrgskaia, raios o partam. É claro que lho proibi terminantemente. Mas posso apostar que ele foi para lá!

— É verdade — confirmou Varlam —, ele foi lá, mas disse que voltava num instantinho, que estaria aqui a horas.

— Pronto! Eu já pressentia uma coisa destas! Eu digo-lhe como é!

— O melhor ainda é mandá-lo para a esquadra, e lá cumprem as suas ordens, dão-lhe um corretivo a chicote — disse Semion Ivánovitch, fechando o avental do seu trenó.

— Por favor, não se preocupe, Semion Ivánovitch!

— Então, não quer boleia?

— Boa viagem, *merci*.

Semion Ivánovitch partiu; Ivan Iliitch, bastante irritado, pôs-se a andar pelo passeio de tábuas.

— Não, tu já vais ver, malandro! Vou de propósito a pé, só para veres, prego-te um susto! Voltas e ficas a saber que o amo teve de ir a pé... canalha!

Nunca Ivan Iliitch praguejara tanto, mas a sua fúria era grande e, além disso, estava zozzo: como não estava habituado a beber, quaisquer cinco ou seis copos lhe faziam um efeito rápido. A noite, porém, estava fascinante: fria mas calma, sem vento. O céu estava limpo e estrelado. A Lua cheia banhava a Terra de um brilho mate e argênteo. Era tão agradável que Ivan Iliitch, depois de cinquenta passos, esqueceu a sua desgraça. Cada vez se sentia melhor. Além disso, as pessoas bebidas mudam rapidamente de estado de espírito. Até começou a gostar das feias casinhas de madeira que ladeavam a rua deserta.

«Ainda bem que vim a pé — pensava ele. — É uma lição para Trífon e um prazer para mim. Sim, é preciso andar mais vezes a pé. Porque não? Na Avenida Bolchói arranjo um coche com facilidade. Que linda noite! E as casinhas que há por aqui! Pelos vistos, é aqui que vive a gente miúda, funcionários... talvez comerciantes... Esse Stepan Nikiforovitch! São todos tão reacionários, esses velhadas! Precisamente, velhadas, *c'est le mot*. Aliás, ele é inteligente, tem aquele *bon sens*, aquela compreensão sóbria e prática das coisas. Mas são velhos, velhos! Não têm... como hei de dizer?, não têm... falta-lhes qualquer coisa... “Não vamos aguentar”! O que é que ele queria dizer com aquilo? Até ficou pensativo quando o disse. Aliás, não me compreendeu. Mas como pôde não compreender? É mais difícil não-compreender do que compreender. O que importa é que eu estou convicto,

convicto com toda a minha alma. Humanismo... amor pelo homem. Devolver o homem a si próprio... fazer renascer a sua dignidade, e então... podem deitar mãos à obra com o material preparado. Parece claro! Pois! Com sua licença, Excelência, veja este silogismo: encontramos um funcionário, por exemplo, um funcionário pobre, embrutecido... “Então... quem és tu?” Resposta: “Funcionário.” Está bem, funcionário; a seguir: “Que funcionário?” Resposta: “Funcionário tal e tal.” “Estás ao serviço?” — “Estou!” — “Queres ser feliz?” — “Quero.” — “De que precisas para seres feliz?” — “Disto e daquilo.” — “Porquê?” — “Porque...” E pronto, o homem compreende-me à primeira palavra; e o homem torna-se meu, o homem é apanhado, por assim dizer, na rede, e faço dele o que quiser, ou seja, para o seu próprio bem. Que má peça é esse Semion Ivánovitch! A cara nojenta que ele tem... Um corretivo a chicote na esquadra... disse-o de propósito. Não, falso, chicoteia tu, eu não chicoteio ninguém; faço com que o Trífon sinta a sua culpa com palavras, com admoestações, ele vai senti-la. Quanto ao açoitamento, humm... é um problema pendente, humm... E se eu for agora a casa de Émérance? Raios, maldito piso! — gritou, tropeçando. — E é isto a capital! E é isto a civilização! Pode-se partir uma perna. Humm. Detesto esse Semion Ivánovitch, tem uma cara nojenta. E aqueles risinhos que ele soltou quando eu disse: vão abraçar-se moralmente. Sim, vão abraçar-se, tens alguma coisa contra? A ti não abraço eu, antes a um mujique... Encontro um mujique e falo com o mujique. Aliás, eu estava bêbado, talvez não me tenha exprimido bem. Agora também, talvez não esteja a exprimir-me bem... Humm. Nunca mais bebo. À noite fartamo-nos de tagarelar, e ao outro dia arrependemo-nos. Mas não estou a cambalear... Aliás, são todos uns malandros!»

Mergulhado nos seus raciocínios soltos e incoerentes, Ivan Iliitch continuava a seguir pelo passeio. O ar fresco teve um certo efeito nele, embalou-o, por assim dizer. Cinco minutos depois já estaria calmo, até sonolento. De repente, porém, a dois passos da Avenida Bolchói, pareceu-lhe ouvir música. Olhou em volta. No outro lado da rua, de uma casa decrépita de madeira, de um só piso mas comprida, jorravam os barulhos de uma grande festa: uivavam os violinos, rangia o contrabaixo e desfazia-se em guinchos a flauta, executando uma quadrilha muito alegre. Do lado de

fora, sob as janelas, havia público, na sua maioria mulheres de casacões forrados a algodão e lenços nas cabeças; esforçavam-se por ver alguma coisa através das frinchas dos guarda-ventos. Pelos vistos, aquilo estava divertido. O barulho dos pés dançantes ouvia-se no outro lado da rua. Ivan Iliitch reparou num polícia ali por perto e foi ter com ele.

— De quem é esta casa? — perguntou, entreabrindo a sua peliça cara, apenas para que o polícia pudesse atentar na condecoração importante que trazia ao pescoço.

— É do funcionário Pseldonímov, *legistrador* — respondeu o polícia, tendo enxergado num instantinho a medalha e pondo-se em posição de sentido.

— Pseldonímov? Ena! O Pseldonímov!... Mas porquê? Casou-se, foi?

— Casou sim, Vossa Alta Senhoria, com a filha de um conselheiro titular... Mlekopitáev, que prestava serviço na administração municipal. Esta casa é o dote da noiva.

— Portanto, a casa agora é do Pseldonímov e não do Mlekopitáev?

— Sim, do Pseldonímov, Vossa Alta Senhoria. Era do Mlekopitáev mas agora é do Pseldonímov.

— Humm. Pergunto-te isto, meu amigo, porque sou chefe dele. Sou general no departamento onde o Pseldonímov está ao serviço.

— É como diz, Excelência. — O polícia endireitou-se mais até ficar esticado, enquanto Ivan Iliitch assumia um ar pensativo. Matutava em qualquer coisa...

De facto, Pseldonímov era do seu departamento, do seu próprio serviço, estava Ivan Iliitch a lembrar-se. Era um subalterno, com um vencimento que rondaria os dez rublos mensais. Como o senhor Pseldonímov ocupava o seu cargo havia muito pouco tempo, era natural que não se lembrasse de todos os seus subordinados, mas de Pseldonímov lembrava-se, por causa do nome. O apelido Pseldonímov chamara-lhe imediatamente a atenção e ficara com curiosidade de conhecer a pessoa a que pertencia. Agora recordava-se: um homem ainda muito jovem, com o nariz comprido e adunco, com o cabelo loiro aos tufos, magrinho, mal alimentado, com a farda num estado lamentável e as calças miseráveis até à indecência. Lembrava-se de que, na altura, lhe passara uma ideia pela cabeça: por

ocasião das festas, oferecer dez rublos ao desgraçado, ao menos para mudar de fato. Mas como o infeliz tinha uma cara de Sexta-feira Santa e um olhar antipático em demasia, chegando a provocar repulsa, a sua ideia generosa foi-se diluindo imperceptivelmente e Pseldonímov ficou sem prêmio. Pois tanto maior foi o espanto de Ivan Iliitch quando, uma semana atrás, o mesmo Pseldonímov lhe apresentou o pedido de autorização para se casar⁴. Ivan Iliitch recordava também que não tivera tempo de aprofundar o problema e que dera a respetiva autorização à pressa, de passagem. Ficara-lhe porém na memória que Pseldonímov receberia como dote da noiva uma casa de madeira e quatrocentos rublos em dinheiro. Esta circunstância surpreendera-o; lembrava-se agora de que até dissera uma piada sobre a união dos nomes Pseldonímov e Mlekopitáeva⁵. Tinha a recordação nítida disso.

Recordava tudo isso e não parava de refletir. É sabido que, por vezes, nos passam pela cabeça séries completas de raciocínios no espaço de um breve instante, na forma de um qualquer tipo de sensações, sem tradução para a linguagem humana corrente e, muito menos, para a língua literária. Tentaremos no entanto traduzir todas essas sensações do nosso herói e apresentar ao leitor nem que seja apenas a sua essência, isto é, o que nelas foi, por assim dizer, o mais importante e verosímil. É que muitas das nossas sensações, traduzidas para a linguagem normal, podem parecer absolutamente inverosímeis. É por isso que nunca surgem à luz do dia, embora cada qual as tenha. As sensações e os pensamentos de Ivan Iliitch eram, evidentemente, um pouco incoerentes. Bom, o leitor já sabe porquê.

«Pois é! — passou-lhe pela cabeça. — Falamos, falamos, mas, na hora da verdade, nada. Por exemplo, este Pseldonímov: chegou a casa, depois da cerimónia do casamento, emocionado, cheio de esperança, à espera do momento delicioso... É um dos dias mais venturosos da sua vida... Agora está a receber os convidados, a fazer a festa... modesto, pobre, mas alegre, feliz, sincero... Então se soubesse que eu, neste preciso momento, eu, o seu chefe, estou aqui, mesmo ao lado de sua casa, a ouvir a sua música! Na verdade, o que sentiria ele? Mais: o que sentiria ele se eu, agora mesmo, entrasse de repente em casa dele? Humm... É claro que a princípio se assustaria, ficaria paralisado de embaraço. Eu ia ser um estorvo, talvez

estragasse tudo... Sim, mas isso era se entrasse ali um outro general qualquer, mas não eu...

«Sim, Stepan Nikiforovitch! O senhor não me compreendeu, mas aqui está um exemplo real.

«Pois. Não paramos de gritar sobre o humanismo, mas somos incapazes do heroísmo, da façanha.

«Qual heroísmo? Veja bem: nas relações atualmente existentes entre todos os membros da sociedade, se eu entrar, eu, depois da meia-noite, nas bodas do meu subordinado, um registador com dez rublos mensais de ordenado, será uma atrapalhão, um turbilhão de ideias, o último dia de Pompeia, o pânico! Ninguém vai compreender. Stepan Nikiforovitch nem por nada deste mundo compreenderá. Não foi ele quem disse: não vamos aguentar? Pois não, mas isso é para vós, os velhos, gente da paralisia e da estagnação. Porque eu, eu AGUENTO! Transformo o último dia de Pompeia no mais doce dos dias para o meu subordinado, transformo um gesto louco num ato normal, patriarcal, elevado e moral. Como? Pois faça o favor de ouvir...

«Bom... eu, digamos, entro; eles ficam espantados, param de dançar, olham-me como bichos do buraco, recuam. É aí, então, que eu me mostro tal como sou: vou direito a Pseldonímov e, com o mais carinhoso dos sorrisos, com as palavras mais simples, com simplíssimas palavras, digo: “Tal e tal, acabo de visitar sua excelência Stepan Nikiforovitch. Suponho que sabes que é perto daqui, na vizinhança...” E conto logo, de uma forma cómica, a minha desventura com Trífon. Depois do Trífon, passo a contar como me meti a pé... “Foi então que ouvi a música, perguntei ao polícia e fiquei a saber, meu amigo, que eram as tuas bodas. “Ora, vou visitar o meu subordinado, pensei, vou ver como é que se divertem os meus funcionários e... como são os casamentos deles. Não me vais expulsar, suponho eu!” Expulsar! Que palavra para um subordinado! Qual expulsar, qual quê! Acho é que vai ficar doido, todo afobado para me chegar uma cadeira, a tremer de exaltação, enfim, no primeiro momento vai ficar de cabeça perdida!...

«O que pode haver de mais simples, de mais elegante do que este procedimento? E porque é que eu entraria lá? Isso já é outro problema.

Trata-se, por assim dizer, do lado moral da questão. É esse o cerne da questão!

«Humm... Onde é que eu ia? Ah, pois!

«Vão com certeza sentar-me ao lado do convidado mais importante, um qualquer conselheiro titular ou parente, um capitão na reserva de nariz vermelho... Gógol descrevia lindamente esses originais. Bom, então apresento-me à noiva, é claro, apresento-lhe os meus cumprimentos, animo os convidados. Peço que não se acanhem, que se divirtam, que continuem a dançar, digo umas piadas, rio, brinco, enfim, sou amável e simpático. Aliás, sou sempre amável e simpático quando estou satisfeito comigo próprio... Humm... Na verdade, parece que ainda estou... enfim, um tanto embriagado, mas só...

«... Evidentemente, eu, como *gentleman*, ponho-me em pé de igualdade com eles e não exijo de modo algum qualquer tratamento de privilégio... Mas, moralmente, moralmente é outra coisa: eles vão compreender e vão dar o devido valor... O meu procedimento ressuscitará neles toda a nobreza... E pronto, fico lá meia hora... Uma hora, vá lá... Saio antes da ceia, evidentemente, mas eles vão azafamar-se a assar coisas, a fritar, depois convidam-me, com muitas vénias, mas eu bebo apenas um copo, dou os parabéns, e recuso-me a cear. Direi: tenho assuntos para tratar. E quando eu pronunciar a palavra “assuntos”, vão fazer todos umas caras de respeito, sisudas. E assim, delicadamente, lembro-lhes que entre mim e eles há uma certa diferença, há sim senhor. Terra e céu. Não é que eu queira impor semelhante ideia, mas é preciso... é uma coisa necessária, até no sentido moral, nada a fazer. Aliás, logo a seguir sorrio, até me rio um pouco, pronto, e toda a gente vai ficar animada... Brinco mais uma vez com a noiva, humm... até pode ser assim: insinuo que volto dentro de nove meses na qualidade de padrinho, ih, ih! De certeza que ela vai dar à luz nesse prazo. É que eles reproduzem-se como coelhos. Então todos se riem, a noiva fica muito corada; eu dou-lhe um beijo sentido na fronte, até a abençoar e... pronto, amanhã já o meu feito é conhecido no serviço. Mas amanhã volto a ser rigoroso, exigente, até implacável, mas entretanto já eles sabem como eu sou, já conhecem a minha alma, a minha essência: “Como chefe é muito rigoroso, mas como pessoa é um anjo!” É esta a minha

vitória: apanhá-los com uma pequena ação que a vós, meus senhores, nem passaria pela cabeça; torná-los meus: eu sou o pai, eles são os filhos... Ora veja lá Vossa Excelência, Stepan Nikiforovitch, se é capaz de fazer o mesmo...

«Será que não sabe, Stepan Nikiforovitch, será que não compreende que o Pseldonímov contará mais tarde aos filhos que nas suas bodas até esteve o general, a beber com ele! Depois os filhos contarão aos seus filhos, e estes aos seus netos, como um caso lendário e sagrado, que um tal dignitário, um homem de Estado (nessa altura serei tudo isso) os honrou, etc., etc. Elevarei moralmente o humilhado, devolvê-lo-ei a si mesmo... É que ele recebe dez rublos mensais de vencimento!... Pois é, e se eu repetir isto cinco ou dez vezes, ou qualquer outra coisa do género, adquireo popularidade por todo o lado... Fico gravado em todos os corações, e só o diabo sabe o que virá depois disso, da popularidade...»

Assim, ou quase assim, raciocinava Ivan Iliitch (é que, meus senhores, a gente às vezes diz cada coisa mentalmente, sobretudo num estado um pouco excêntrico!). Todos estes raciocínios relampejaram na sua cabeça no espaço de uns trinta segundos, e seria de prever que, depois de ter envergonhado mentalmente Stepan Nikiforovitch, Ivan Iliitch iria tranquilamente para casa deitar-se. E faria muito bem! Mas, infelizmente, o momento era mesmo excêntrico.

Nem de propósito, neste momento desenharam-se-lhe de súbito na sua imaginação desconcertada as caras convencidas de Stepan Nikiforovitch e Semion Ivánovitch.

— Não vamos aguentar! — voltava a dizer Stepan Nikiforovitch, sorrindo com altivez.

— Ih, ih, ih! — secundava-o Semion Ivánovitch com o mais abominável dos seus sorrisos.

— Vamos lá a ver se não aguentaremos! — disse resolutamente Ivan Iliitch, e até o calor lhe subiu ao rosto. Saiu do passeio e atravessou em passo firme a rua, a caminho da casa do seu subordinado, o registador Pseldonímov.

Era como se uma estrela o atraísse. Entrou sem hesitações pela cancela aberta e, com desprezo, arredou um pequeno rafeiro felpudo e rouco que, mais por conveniência do que por obrigação de serviço, se lhe atirou aos pés a ladrar. Pelas tábuas de madeira chegou à entrada, sob um patamar coberto que sobressaía em forma de guarita, e subiu por três degraus decrépitos para o átrio minúsculo. Ali, embora ardesse algures num canto um coto de sebo (ou uma qualquer outra luminária rudimentar), tal não impediu que Ivan Iliitch, com as suas galochas, pisasse com o pé esquerdo a galantina que tinham posto ali a arrefecer. Ivan Iliitch inclinou-se e, espreitando com curiosidade, descobriu ao lado mais dois pratos com umas geleias quaisquer, e mais duas formas, pelos vistos com manjar-branco. Num primeiro momento, aquele pisar da galantina envergonhou-o e logo lhe relampejou na cabeça que o melhor era fugir. Porém, considerou que fugir seria demasiado ignóbil. Levando em linha de conta que ninguém o tinha visto e que a ninguém passaria pela cabeça que tinha sido ele o culpado, limpou apressadamente a galocha para esconder as marcas do crime, encontrou às apalpadelas a porta forrada de feltro, abriu-a e viu-se num pequeno vestíbulo. Metade do aposento estava atulhada por capotes, peliças, sobretudos, chapéus, cachecóis e galochas. Na outra metade instalavam-se os músicos: dois violinos, uma flauta e um contrabaixo, ou seja, quatro, arrebanhados, evidentemente, na rua. Estavam sentados a uma mesinha de pau tosco, à luz de uma vela de sebo, executando aplicadamente o último andamento da quadrilha. Através da porta que dava para a sala, entreaberta, viam-se os dançarinos no meio da fumarada de pó, vapores e fumos. Reinava ali uma alegria desvairada, ouviam-se as gargalhadas, os gritos e os guinchos das mulheres. O barulho dos cavalheiros a baterem os pés era como o de todos os cavalos de um esquadrão. Por cima de toda aquela balbúrdia soavam os comandos do mandador das danças, pelos vistos um homem extremamente desembaraçado e até desabotoado: «Cavalheiros à frente, *chaîne de dames, balancez!*», etc., etc. Ivan Iliitch, com certa emoção, tirou a peliça e as galochas, e, com o chapéu na mão, entrou na sala. Aliás, já não raciocinava...

Num primeiro momento, com toda a gente a acabar de dançar a quadrilha, ninguém reparou nele. Como que ensurdecido, Ivan Iliitch estava

ali parado, sem poder enxergar nada claramente no meio daquela confusão. Relanceavam diante dele os vestidos das mulheres, os cavalheiros com os cigarros nos dentes... Voou uma *écharpe* azul-clara de uma senhora e bateu-lhe no nariz. Atrás dela, num arrebatamento louco, galopou um estudante de medicina com o cabelo em turbilhão e, quando passava por Ivan Iliitch, empurrou-o com força. Rasara-lhe também pela frente um oficial (não sabia de que arma), esgrouviado como um poste. Alguém gritou, correndo e batendo com os pés, numa voz esganiçada, pouco natural: «Eh, eh, Pseldonímuchka!» Debaixo dos pés, Ivan Iliitch sentia qualquer coisa peganhenta: pelos vistos, o soalho tinha sido encerado. Na sala, bastante espaçosa, havia uns trinta convidados.

No entanto, a quadrilha não prosseguiu, acabou ali; e, quase de imediato, aconteceu o que Ivan Iliitch imaginara nos seus devaneios no passeio. Perpassou um qualquer rumor, um sussurro fora do comum, pelos dançarinos que ainda não tinham tido tempo de recuperar o fôlego e limpar o suor das caras. Todos os olhos, todos os rostos se iam voltando para o recém-chegado. Depois, houve um movimento de recuo, todos retrocederam. Os que ainda não tinham reparado nele eram puxados pela roupa, para lhes chamar a atenção. Então olhavam e punham-se a recuar como os outros. Ivan Iliitch ainda estava parado à entrada da porta, sem avançar, e entre ele e os convidados ia-se abrindo uma clareira cada vez maior, a deixar ver o chão coberto de papelinhos dos confeitos, bilhetinhos e pontas de cigarros. De repente, entrou neste espaço, timidamente, um jovem com farda de funcionário, o cabelo aos tufo loiros e o nariz aquilino. Avançava curvando-se e olhando para o visitante inesperado tal qual um cão olha para o dono que o chama para lhe dar um pontapé.

— Boa noite, Pseldonímov, não me conheces?... — disse Ivan Iliitch e sentiu no mesmo instante que o dissera sem jeito nenhum; sentiu também que estava, naquele momento, a fazer uma grande asneira.

— V-v-vossa Ex-celência!... — tartamudeou Pseldonímov.

— Ah-ah, assim está bem. Entrei aqui por puro acaso, meu amigo, como tu próprio deves compreender...

Mas Pseldonímov, pelos vistos, estava incapaz de compreender fosse o que fosse. Esbugalhava os olhos, perplexo de todo.

— Não me vais expulsar, suponho eu... Quer queiras quer não, tens de receber o visitante!... — continuou Ivan Iliitch, sentindo que estava a embaraçar-se e a mostrar uma fraqueza indecente, que queria sorrir e não conseguia; que o relato planeado sobre Stepan Nikiforovitch e Trífon se estava a tornar cada vez mais impossível. Quanto a Pseldonímov, nem de propósito, não saía do seu estado de pasmo e continuava a olhar com um ar idiota. Ivan Iliitch estremeceu de desgosto; pressentia que, de um momento para o outro, cairia numa inverosímil situação de confusão.

— Não venho incomodar, por acaso?... Vou-me já embora! — disse com esforço, e uma veia tremeu-lhe na comissura dos lábios...

Mas Pseldonímov já caíra em si...

— Mas, Excelência, por amor de Deus... É uma honra... — murmurava ele, fazendo vénias apressadas —, faça o favor de se sentar... — E, recuperando cada vez mais os sentidos, apontava-lhe com os dois braços o divã, donde tinham afastado a mesa para dar espaço à dança...

Ivan Iliitch, com um alívio na alma, sentou-se no divã; alguém se apressou a arrastar a mesa para o seu lugar. Ivan Iliitch olhou rapidamente à volta e percebeu que só ele estava sentado e que todos os outros estavam de pé, incluindo as senhoras. Mau sinal. Porém, ainda era cedo para as palavras de incentivo e alento. Os convidados ainda continuavam a recuar, e à sua frente só estava Pseldonímov, vergado, sem perceber nada, sem um sorriso. Era, em resumo, um momento péssimo para o nosso herói: sofreu tanta aflição na sua investida *à la* Harun-al-Raschid⁶ à casa do seu subordinado que, em princípio e de facto, ela se poderia considerar um grande feito. De repente, uma pequena figura surgiu ao lado de Pseldonímov e começou a fazer vénias. Para seu prazer, e até felicidade, Ivan Iliitch reconheceu um chefe de secção do seu serviço, Akim Petróvitch Zúbikov, que considerava um funcionário zeloso e obediente (sem nunca ter lidado com ele pessoalmente, como é óbvio). Levantou-se de imediato e estendeu a Akim Petróvitch a mão, toda a mão, e não apenas dois dedos displicentes. Akim Petróvitch recebeu aquela mão com as suas duas e com profundíssimo respeito. O general rejubilava: estava tudo salvo.

De facto, Pseldonímov já não era agora o número dois, por assim dizer, mas o número três. Agora já era possível dirigir-se com o seu discurso ao

chefe de secção, na qualidade de conhecido (à falta de melhor), ou mesmo de intimamente conhecido, enquanto Pseldonímov podia calar-se e limitar-se a tremer de veneração. Seriam, pois, observadas as conveniências. Era necessário contar a sua história, Ivan Iliitch sentia-o; via que todos os convidados estavam à espera de qualquer coisa, que todos os familiares dos noivos se amontoavam para o verem e ouvirem, quase em cima uns dos outros, junto das duas portas da sala. O mal era que o chefe de secção, por estupidez, nunca mais se sentava.

— Então, porque é que o senhor... — disse Ivan Iliitch, apontando-lhe com um gesto canhestro o lugar no divã a seu lado.

— Não se preocupe... fico aqui... — e Akim Petróvitch sentou-se rapidamente na cadeira que Pseldonímov (que persistia de pé) lhe chegara com prontidão.

— Imagine a situação — começou Ivan Iliitch, dirigindo-se exclusivamente a Akim Petróvitch, numa voz tremente mas já desembaraçada. Até esticava e separava as palavras, exagerava os acentos e pronunciava o «a» quase como um «e»; enfim, dava-se ares (ele próprio tinha consciência disso), mas já não se dominava; estava sob influência de uma qualquer força exterior a ele. Neste momento tinha consciência de muita coisa e sofria.

— Imagine que acabo de visitar Stepan Nikiforovitch Nikíforov, o conselheiro privado, se calhar já ouviu falar. Membro daquela comissão... pois...

Akim Petróvitch dobrou respeitosamente todo o corpo para a frente: «Ora pois não, ouvimos falar sim senhor, é claro».

— Ele agora é teu vizinho — continuou Ivan Iliitch, dirigindo-se por um instante a Pseldonímov, por conveniência e para desanuviar a conversa, mas logo desviou dele a atenção ao ler-lhe nos olhos que aquela vizinhança não fazia qualquer diferença a Pseldonímov.

— O velho, como sabe, toda a vida sonhou com uma casa própria... Finalmente, comprou. Uma casa lindíssima. Pois... Por coincidência, foi também o aniversário dele, que dantes ele nunca festejava, até o escondia de nós, esquivava-se por avareza, ih, ih!... mas agora ficou tão contente com

a casa nova que nos convidou, a mim e ao Semion Ivánovitch. Conhece-o: o Chipulenko.

Akim Petróvitch voltou a dobrar-se. A dobrar-se com aplicação! Isso deu um certo consolo a Ivan Iliitch, até porque já lhe passara pela cabeça que o chefe de secção podia perceber que era necessário como ponto de apoio de Sua Excelência. O que seria péssimo.

— Pois é, fizemos um serãozinho os três, ele serviu-nos champanhe, falámos de assuntos de serviço... disto e daquilo... uma das questões até foi... dis-cu-ti-mos até... Eh, eh!

Akim Petróvitch levantou os sobrolhos com respeito.

— Mas isso não interessa. Despeço-me dele finalmente, o velho é pontual, deita-se cedo, sabe como é, na velhice. Saio... o meu Trífon não está no seu posto! Fico preocupado, pergunto por ele: «Onde é que o Trífon meteu o coche?» Afinal, o que aconteceu foi que ele, pensando que eu ia demorar mais, foi ao casamento de uma comadre, ou de uma irmã... sabe-se lá. Também aqui perto, no Bairro Petersbúrgskaia. E levou o coche com ele. — O general, de novo por conveniência, voltou a olhar para Pseldonímov. Este torceu-se de imediato, mas não da maneira que desejaria o general. «Neste não há compreensão nem coração», pensou Ivan Iliitch.

— Não me diga! — pronunciou Akim Petróvitch, profundamente impressionado. Um rumorzinho de espanto percorreu a multidão.

— Imagine então a minha situação... (Ivan Iliitch olhou para todos.) Nada a fazer, vou a pé. Pensei: vou até à Avenida Bolchói e apanho lá um carro de praça... ih, ih!

— Ih, ih, ih! — ecoou respeitosamente Akim Petróvitch. Mais um rumor, mas já com um toque de alegria, correu pela multidão. Nisto, rebentou com ruído o vidro do candeeiro da parede. Alguém se precipitou para o pôr em ordem. Pseldonímov estremeceu e lançou um olhar severo ao candeeiro, mas o general não prestou atenção e tudo se acalmou.

— Então, meto-me ao caminho... a noite está maravilhosa, uma noite calma. De repente oiço a música, o bater dos pés, as danças. Pergunto ao polícia, por curiosidade. É o casamento do Pseldonímov, diz ele. Ena, meu amigo, das bailes para todo o Bairro Petersbúrgskaia! Ah, ah! — voltou a dirigir-se, de chofre, a Pseldonímov.

— Ih, ih, ih! Pois!... — ecoou Akim Petróvitch; os convidados voltaram a agitar-se; mas o mais estúpido era que Pseldonímov, embora voltasse a fazer uma vénia, nem assim sorria, como se fosse de pau. «É imbecil ou quê? — pensou Ivan Iliitch. — Agora convinha que este burro sorrisse, e então tudo correria às mil maravilhas.» Fervilhava a impaciência no coração de Ivan Iliitch.

— Pensei cá para mim: e se eu entrasse em casa do meu subordinado? Seja como for, acho que ele não me vai pôr na rua... quer queira, quer não, tem de receber o visitante. Agora a sério, amigo, desculpa-me, por favor. E se estorvar nalguma coisa, vou-me já embora... Passei aqui só para ver...

Entretanto, a pouco e pouco, recomeçava o movimento geral. Akim Petróvitch olhava com um ar melífluo, a significar: «Como poderia Vossa Excelência estorvar?» Já todos os convidados se mexiam, já davam sinais de à-vontade. As senhoras, quase todas, já estavam sentadas. Era um bom sinal, positivo. As mais atrevidas abanicavam-se com os lenços. Uma delas, de vestido de veludo coçado, disse qualquer coisa numa voz propositadamente alta. O oficial a quem ela se dirigia já queria responder-lhe também em voz alta, mas, como eram apenas dois a falar alto, não ousou. Os homens, na sua maioria escrivães e dois ou três estudantes, trocavam olhares como que a incitarem-se uns aos outros à desenvoltura, tossicavam e houve até quem desse dois ou três passos em vários sentidos. Aliás, ninguém estava muito intimidado, mas tão-só asselvajado, com aquela hostilidade oculta que se tem para a pessoa que irrompe num sítio para estragar a festa. O oficial, envergonhado da sua pusilanimidade, começou a aproximar-se devagarinho da mesa.

— Ouve, amigo, diz-me por favor: qual é o teu nome e patronímico? — perguntou Ivan Iliitch a Pseldonímov.

— Porfíri Petrov⁷, Excelência — respondeu Pseldonímov, esbugalhando os olhos como numa revista militar.

— Então, Porfíri Petróvitch, apresenta-me a tua mulher... Leva-me até ela... e eu...

E manifestou a intenção de se levantar. Mas já Pseldonímov corria a sete pés para a sala de estar. De resto, a noiva estava à porta, mas, mal ouvira que se falava dela, escondera-se. Um minuto depois, Pseldonímov trazia-a

pela mão. Toda a gente se afastou, abrindo caminho. Ivan Iliitch soergueu-se solenemente e dirigiu-se a ela com o mais amável dos sorrisos.

— Muito, muito prazer em conhecê-la — disse e executou uma meia vénia própria da mais alta sociedade —, particularmente num dia como este...

Sorriu com picardia. As senhoras agitaram-se com agrado.

— *Charmée*⁸ — pronunciou quase distintamente a senhora de veludo.

Quanto à noiva, condizia bem com Pseldonímov. Era uma mulherzinha magra, de apenas dezassete anos, pálida, com uma cara muito miúda e um narizinho afiado. Os seus olhos pequenos, céleres e inquietos, não mostravam qualquer timidez, pelo contrário, eram perscrutadores e com um certo toque de maldade. Pelos vistos, Pseldonímov casava-se com ela por causa da beleza. Tinha um vestido de musselina branca com forro cor-de-rosa. O pescoço era magro, o corpo de pintainho, os ossos sobressaíam. À saudação do general não soube responder nada.

— Mas a tua mulher é mesmo linda — continuou o general a meia-voz, como se se dirigisse apenas a Pseldonímov, mas com a clara intenção de ser ouvido também pela noiva. De novo, porém, Pseldonímov nada respondeu e, desta vez, nem sequer se baloiçou para a frente. Pareceu mesmo a Ivan Iliitch que nos olhos do seu subordinado havia qualquer coisa de frio, de oculto, uma segunda intenção qualquer, especial, maligna. Mas era necessário, custasse o que custasse, despertar ali os sentimentos. Tinha sido para isso que ele viera.

«Irra, que casal! — pensou ele. — Aliás...»

Mais uma vez se dirigiu à noiva, que se instalara a seu lado no divã, mas às suas duas ou três perguntas apenas recebeu o «sim» e o «não», e mesmo esses sem ter a certeza.

«Ela podia ao menos envergonhar-se — pensava Ivan Iliitch. — Nesse caso eu poderia gracejar. De outro modo, a minha situação começa a ficar desesperada.» Akim Petróvitch, nem de propósito, também estava calado e, embora o fizesse por estupidez, mesmo assim era imperdoável.

— Meus senhores! Não venho estorvar a vossa festa? — dirigiu-se a todos em geral. Sentia as palmas das mãos a começarem a ficar suadas.

— Não... Não se preocupe, Excelência, já voltamos à função, mas para já... estamos a refrescar-nos — respondeu o oficial. A noiva olhou com prazer para ele: o oficial ainda não era velho e envergava a farda de um batalhão qualquer. Pseldonímov estava ao lado, lançando o corpo para a frente, parecendo que o seu nariz aquilino se destacava ainda mais. Ouvia e olhava como um laçao que, com a peliça nas mãos, espera que os senhores acabem de se despedir. Esta comparação surgiu na cabeça do próprio Ivan Iliitch, que se sentia atrapalhado, terrivelmente desconfortável, com o chão a fugir-lhe debaixo dos pés; tinha a impressão de que se perdera e não encontrava a saída, como que mergulhado na escuridão.

De repente a multidão retrocedeu, abrindo alas a uma senhora de pequena estatura, robusta, já de certa idade, vestida de maneira simples embora com uns toques de atavios, com o xaile pelos ombros, preso com alfinete sob o pescoço, e de touca, coisa a que, pelos vistos, não estava habituada. Trazia nas mãos uma pequena bandeja com uma garrafa de champanhe já aberta e apenas dois copos. Apenas para dois convidados, portanto.

A senhora de certa idade foi direita ao general.

— Queira Vossa Excelência ter a bondade — disse ela com uma vénia —, já que não nos desprezou e nos fez a honra de vir ao casamento do meu filho. Queira então fazer o favor de brindar à saúde dos noivos. Não desdenhe de nós, faça-nos essa honra.

Ivan Iliitch agarrou-se a ela como a uma tábua de salvação. Não era ainda velha, teria os seus quarenta e cinco, quarenta e seis anos, não mais. Mas tinha uma cara redonda, russa, de bochechas coradas tão bondosa e aberta e fazia as vénias com tanta simplicidade que Ivan Iliitch quase se consolou e começou a ter esperanças.

— A se-nho-ra é então a pro-ge-ni-to-ra do seu filho, hã? — perguntou, erguendo-se do divã.

— Progenitora, Excelência — balbuciou Pseldonímov, esticando o longo pescoço e o nariz.

— Ah, muito prazer, muuuito prazer em conhecê-la.

— Não recuse então, Excelência.

— Com enormíssimo prazer.

A bandeja foi pousada na mesa e Pseldonímov apressou-se a encher os copos. Ivan Iliitch, ainda de pé, pegou no copo.

— Estou especialmente contente com esta oportunidade de poder... — começou ele — ... de poder... exprimir... Numa palavra, como chefe... desejo-lhe, minha senhora (dirigiu-se à noiva) e a ti, meu amigo Porfíri... desejo-vos uma felicidade plena, próspera e longa.

E emborcou, até com sentimento, o seu copo, o sétimo da noite. Pseldonímov olhava com ar sério, até soturno. O general começava a ter-lhe um ódio torturante.

«E este esgrouviado (olhou para o oficial) está aqui especado. O que lhe custaria gritar “hurra”? Então isto começaria tudo a compor-se...»

— O senhor também, Akim Petróvitch, beba e brinde — acrescentou a velha, dirigindo-se ao chefe de secção. — O senhor é o chefe dele, ele é seu subordinado. Cuide do meu filho, peço-lhe como mãe. E não nos esqueça também de futuro, nosso querido Akim Petróvitch, homem bondoso.

«Mas que queridas são estas velhas russas! — pensou Ivan Iliitch. — Animou toda a gente. Eu sempre gostei do espírito nacional...»

Chegou à mesa mais uma bandeja, trazida por uma criada de vestido de chita roçagante, porque novo e nunca lavado, e de crinolina. Era tão grande a bandeja que ela mal a abarcava, e continha inúmeros pratinhos com maçãs, com confeitos, com *pastilá*⁹, com marmelada, com nozes, etc., etc. A bandeja estivera até então na sala de estar, destinada a todos os convidados, sobretudo às senhoras. Mas agora traziam-na para o general.

— Não despreze os nossos petiscos, Excelência. É modesto mas é do fundo do coração — dizia a velha, às vénias.

— Por amor de Deus... — disse Ivan Iliitch e, até com prazer, pegou numa noz e partiu-a com os dedos. Resolveu ser popular até ao fim.

A noiva, de súbito, desatou aos risinhos.

— O que é? — perguntou Ivan Iliitch com um sorriso, contente por ver sinais de vida.

— É o Ivan Kostenkínitch que me faz rir — disse ela, baixando a cabeça.

O general tinha de facto reparado num jovem loiro, de cara bastante bonita, que estava meio escondido do outro lado do divã, sentado numa

cadeira, e sussurrava qualquer coisa a *Madame* Pseldonímov. O jovem soergueu-se. Era muito novo e acanhado.

— Estava a falar-lhe do «livro dos sonhos», Excelência — murmurou, como que a desculpar-se.

— Que livro dos sonhos é esse? — perguntou Ivan Iliitch com condescendência.

— Há um livro dos sonhos novo, literário. Estava a dizer-lhe que quem sonhar com o senhor Panáev¹⁰ vai derramar, depois, o café no peitilho.

«Irra, que ingenuidade», pensou Ivan Iliitch com certa raiva. O jovem, embora corado, estava muito contente por ter falado do senhor Panáev.

— Pois, pois, já ouvi falar... — respondeu Sua Excelência.

— Não, não, há ainda melhor — disse outra voz ao lado de Ivan Iliitch. — Está a ser editado um novo léxico, com artigos do senhor Kraévski, de Alferáki... e com literatura *envetivadora*.¹¹

Isto foi dito por um jovem senhor, nada acanhado, pelo contrário, bastante desenvolvido. Estava de luvas, colete branco e chapéu na mão. Não dançava e olhava para tudo com altivez, porque era um dos colaboradores da revista satírica *Tiçãõ*; então, era ele quem dava o tom. Tinha ido parar ao copo-d'água apenas porque Pseldonímov o chamara como convidado emérito: tratavam-se por «tu» e ainda no ano transato viviam juntos na miséria, numa parte de quarto alugada por uma alemã. Apesar de tudo bebia vodca e, para isso, já se ausentara por mais de uma vez para uma saleta escondida do fundo da casa, mas de que toda a gente conhecia o caminho. O general não gostou nada dele.

— É cómico — interrompeu-o, de repente e com alegria, o juvenzinho loiro que falara de peitilhos e para quem o jornalista de colete branco, por causa disso, olhou com ódio —, é cómico, Excelência, porque o autor supõe que o senhor Kraévski é fraco em ortografia e pensa que se escreve «literatura *envetivadora*»...

Porém, foi dificultoso para o pobre jovem acabar o seu discurso. Viu pelos olhos do general que este havia muito o sabia, uma vez que deu também mostras de confusão, talvez porque o sabia. O jovem ficou indizivelmente envergonhado. Apressou-se a desaparecer para qualquer canto e, desde então, manteve-se sempre muito triste. Em compensação, o

colaborador desembaraçado do *Tiçãõ* aproximou-se mais e parecia querer sentar-se muito perto. Tal atrevimento pareceu a Ivan Iliitch um pouco indelicado.

— Ora bem! Diz-me, por favor, Porfíri — começou, para dizer qualquer coisa —, por que razão (sempre quis perguntar-te isto pessoalmente), por que razão te chamas Pseldonímov e não Psevdonímov? Devias ser Psevdonímov, não?

— Não sei dizer, Excelência — respondeu Pseldonímov.

— Pelos vistos fizeram uma confusão qualquer nos papéis do pai dele, quando entrou para o serviço, por isso o filho ficou também Pseldonímov — replicou Akim Petróvitch. — Acontece.

— Com cer-te-za — apoiou com calor o general —, com cer-te-za, porque, veja bem: Psevdonímov é um nome que provém da palavra literária *psevdonim*. Ora, Pseldonímov não significa nada.

— Por estupidez — acrescentou Akim Petróvitch.

— Por estupidez o quê?

— O povo russo, por estupidez, às vezes troca as letras e pronuncia as coisas à sua maneira. Por exemplo, dizem «neválido», quando é preciso dizer «inválido».

— Pois é... neválido, ah, ah, ah...

— Dizem também «múmero», Excelência — disparou o oficial-esgrouviado, que havia muito não escondia a sua impaciência em se exhibir.

— Como assim, «múmero»?

— Múmero em vez de número, Excelência...

— Ah, sim, número... em vez de número... Pois é, pois é... ih, ih, ih!...

— Ivan Iliitch viu-se obrigado a rir também na intenção do oficial.

O oficial ajeitou a gravata.

— Também dizem «memo» — intrometeu-se o colaborador do *Tiçãõ*. Aqui, Sua Excelência fez de conta que não ouviu. Não podia soltar risinhos para todos.

— «Memo» em vez de «mesmo» — insistia o «colaborador» com visível irritação.

Ivan Iliitch olhou severamente para ele.

— Deixa de importunar! — segredou Pseldonímov ao «colaborador».

— Porquê? Também posso conversar. Já não se pode conversar, é? — pôs-se ele a discutir em sussurro; mas calou-se e, com uma fúria contida, saiu da sala.

Passou diretamente para a saleta sedutora do fundo da casa, onde, logo ao fim da tarde, tinham sido postos na intenção dos cavalheiros dançantes, sobre uma mesinha com toalha de Iaroslavl, vodca de duas qualidades, arenque, caviar e uma garrafa de fortíssimo xerez de produção nacional. Já o «colaborador», com a raiva no coração, enchera um copo, quando irrompeu na saleta o estudante de medicina do cabelo desgrenhado (o primeiro dançarino e cancanista do baile de Pseldonímov). Atirou-se ao jarro com uma avidez apressada.

— Já vão começar! — disse ele, despachando a bebida à pressa. — Anda ver: vou fazer solo de pés para cima e, se calhar, depois da ceia arrisco a *ribka*¹². Até fica bem num casamento. É, por assim dizer, uma insinuação amigável ao Pseldonímov... É muito querida, aquela Kleopatra Semiónovna, com ela é possível arriscar tudo.

— É reacionário — respondeu soturnamente o «colaborador», emborcando o copo.

— Quem é reacionário?

— Aquele lá dentro, a personalidade, a quem serviram *pastilá*. Reacionário! Digo-te eu...

— Também, não exageres! — murmurou o estudante e correu para fora, ouvindo o ritornelo da quadrilha.

O «colaborador», vendo-se sozinho, voltou a encher o copo, para relaxamento e independência, bebeu, fez boca com um petisco, e nunca o conselheiro de Estado Ivan Iliitch tinha ainda arranjado inimigo mais furioso e vingador mais implacável do que aquele colaborador do *Tiçã*, que se sentia menosprezado, sobretudo depois dos dois copos de vodca, por Ivan Iliitch. Infelizmente, Ivan Iliitch não desconfiava de nada desse género. Não previa também uma circunstância capital que viria a ter influência sobre toda a ulterior atitude dos convidados para com Sua Excelência. É que, embora Ivan Iliitch tivesse dado uma explicação conveniente e até pormenorizada da sua presença no copo-d'água do

subordinado, na verdade tal explicação não satisfez ninguém, e por isso os convidados continuavam a não estar à vontade. Porém, de repente tudo mudou como por milagre; todos se acalmaram e se dispuseram a divertir-se, a rir, a guinchar e a dançar, como se o visitante inesperado não estivesse na sala. A causa foi o rumor, o murmúrio, a notícia, que se espalhou de maneira desconhecida, de que o visitante estava naquele estado... enfim, com os copos. E, embora a notícia tivesse à primeira vista o aspeto de uma terrível calúnia, a pouco e pouco começou como que a confirmar-se, até que tudo acabou por ficar claro. Então, o ambiente tornou-se extremamente descontraído. Aconteceu isto no momento em que começava a quadrilha, a última antes da ceia, a tal quadrilha para a qual o estudante de medicina correria com tanta pressa.

Então, mal Ivan Iliitch quis dirigir-se de novo à recém-casada, tentando conquistar a sua simpatia com algum trocadilho, surgiu diante dela o oficial esgrouviado e, de chofre, pôs um joelho por terra à frente dela. Ela saltou logo do divã e desapareceu com ele para entrar nas filas da quadrilha. O oficial nem sequer pediu desculpa, e ela, antes de sair, nem sequer olhou para o general, parecendo até contente de se ver livre dele.

«No fundo, ela está no seu direito — pensou Ivan Iliitch —, além de que esta gente não conhece as regras da boa educação.»

— Humm... deixa-te de cerimónias, amigo Porfíri — dirigiu-se a Pseldonímov. — Se calhar tens de tratar lá de alguma coisa... ou outra coisa qualquer... por favor, não te prendas comigo, não te acanhas... — «Está a vigiar-me ou quê?», acrescentou mentalmente.

Pseldonímov, com o seu longo pescoço e o olhar fixo nele, estava a tornar-se insuportável para o general. Em resumo, nada daquilo batia certo, isso é que não, mas Ivan Iliitch estava ainda longe de o reconhecer.

A quadrilha começou.

— Dá-me Vossa Excelência licença? — perguntou Akim Petróvitch, com a garrafa respeitosamente nas mãos e pronto para encher o copo de Sua Excelência.

— Eu... eu, francamente, não sei se...

Mas já Akim Petróvitch, com uma cara radiante e veneradora, lhe servia o champanhe. Depois de encher o copo de Sua Excelência, Akim Petróvitch, torcendo-se e encolhendo-se todo, e à sorrelfa, como se estivesse a roubar, serviu-se também, com a diferença de encher menos o seu copo, a um dedo da borda, o que sempre era mais respeitoso. Sentado ao lado do seu chefe, era como uma mulher em trabalho de parto. De que poderia falar? Já que tinha a honra de fazer companhia a Sua Excelência, devia, por obrigação, diverti-lo. O champanhe era uma saída, e via-se que para Sua Excelência era agradável que Akim Petróvitch lho servisse — não pelo champanhe em si, pois estava quente e na verdade intragável, mas por ser moralmente agradável.

«Apetece-lhe beber, ao velho — pensava Ivan Iliitch —, mas, sem mim, não se atreve. Não posso fazê-lo esperar... Também seria ridículo que a garrafa ficasse aqui, à nossa frente, sem ser bebida.»

Deu um gole; parecia-lhe melhor assim do que ficar sentado sem fazer nada.

— Eu estou aqui — disse ele com pausas e acentos —, estou aqui, por assim dizer, por acaso, e, é claro, talvez haja quem considere... que para mim... por assim dizer, é in-con-ve-ni-ente estar numa sociedade... como esta.

Akim Petróvitch calava-se e ouvia com uma curiosidade tímida.

— Mas o senhor, espero, vai compreender a razão por que estou aqui... É que não vim para beber vinho, pois não? Ih, ih!

Akim Petróvitch já estava pronto a soltar alguns risinhos, secundando Sua Excelência, mas acanhou-se e, mais uma vez, nada fez de consolador.

— Estou aqui... por assim dizer, para animar... para apontar um objetivo, por assim dizer, moral — continuou Ivan Iliitch, descontente com a lorpice de Akim Petróvitch. Mas de repente também se calou. Viu que Akim Petróvitch até baixou os olhos, como se se sentisse culpado. O general, presa de um certo embaraço, apressou-se a dar mais um gole, e Akim Petróvitch, como se fosse nisso que residia a sua salvação, pegou na garrafa e voltou a encher o copo do general.

«Vejo que não tens grandes recursos», pensou Ivan Iliitch, olhando com severidade para o pobre Akim Petróvitch. Este, sentindo o severo olhar do

general, resolveu ficar definitivamente calado e não levantar mais os olhos. Assim ficaram frente a frente durante dois minutos talvez, dois minutos dolorosos para Akim Petróvitch.

Duas palavras sobre Akim Petróvitch. Era submisso como uma galinha, um homem da velha guarda, educado à base do servilismo, mas, no entanto, bondoso e até nobre. Era originário de Petersburgo, ou seja, o pai e o avô tinham nascido, crescido e servido em Petersburgo, não abandonando vez alguma Petersburgo. Faziam parte de um tipo muito especial de russos: não fazem a mínima ideia do que seja a Rússia, e isso não os preocupa. Todos os seus interesses se resumem a Petersburgo e, dentro de Petersburgo, ao seu serviço. Todas as suas preocupações se concentram em volta das cartas em que apostam uns cobres, da loja e do vencimento mensal. Não conhecem qualquer tradição russa, qualquer canção russa além da «Estilha», e esta apenas porque a executam os tocadores de realejo nas ruas. De resto, há dois sinais imutáveis que, em substância, permitem distinguir um verdadeiro russo de um russo de Petersburgo. O primeiro sinal consiste em que todos os russos de Petersburgo dizem, em vez de *Notícias de Petersburgo*, *Notícias Académicas*. O segundo, igualmente substancial, consiste em que o russo de Petersburgo nunca utiliza as expressões «primeiro almoço», mas sempre *Frühstück*, acentuando muito a sílaba *früh*. Por estes sinais radicais e distintivos podemos sempre detetar os de Petersburgo; resumindo, podemos dizer que se trata de um tipo submisso e formado em definitivo muito recentemente: nos últimos trinta e cinco anos. De resto, Akim Petróvitch não era nenhum imbecil. Se tivesse calhado que o general lhe perguntasse alguma coisa que se lhe adequasse, Akim Petróvitch teria respondido cabalmente e mesmo sustentado a conversa; mas, responder àquelas perguntas de Sua Excelência chegava a ser inconveniente para o subalterno que Akim Petróvitch era, embora estivesse morto de curiosidade por saber pormenores sobre as verdadeiras intenções de Sua Excelência...

Entretanto, Ivan Iliitch mergulhava cada vez mais em reflexões, embrulhava-se num turbilhão de ideias e, distraído, ia bebericando do seu copo sem dar por isso, mas sempre. Akim Petróvitch estava sempre a repor-lhe, com prontidão, o líquido no copo. Ambos guardavam silêncio. Ivan

Iliitch observava as danças e não tardou que elas lhe absorvessem a atenção. Sobreveio de repente uma circunstância que até o espantou.

As danças eram realmente alegres. Dançava-se ali com o coração, ingenuamente, para o divertimento e, até, para o desvario. Entre os dançarinos havia poucos com jeito; porém, os desajeitados batiam os pés com tanta força que até se podia tomá-los por hábeis bailarinos. Destacava-se, em primeiro lugar, o oficial: esse gostava sobretudo das figuras em que atuava a solo. Aí, torcia-se espantosamente, isto é: todo ele, direito como um poste, inclinava-se de repente para um lado, dando a impressão de que ia cair; mas não caía e o seu passo seguinte era inclinar-se para o lado oposto, no mesmo ângulo agudo em relação ao chão. Mantinha a expressão do rosto muito séria e dançava plenamente convencido de que todos o admiravam. Outro cavalheiro, depois da segunda figura, adormeceu ao pé da sua dama, de tal maneira se tinha embebedado antes da quadrilha, tendo-se a sua dama visto obrigada a dançar sozinha. Um jovem registador, que dançava com a senhora de *écharpe* azul-clara, fazia sempre o mesmo truque em todas as figuras das cinco quadrilhas que foram dançadas: atrasava-se um pouco da sua dama, apanhava a ponta da sua *écharpe* e, enquanto se fazia a mudança de *vis-à-vis*, conseguia pespegar duas dezenas de beijos na *écharpe*. Ora, a dama, como ia à frente dele, navegava como se não fosse nada com ela. O estudante de medicina executou efetivamente o solo de pernas para o ar e desencadeou um entusiasmo desenfreado, bater de pés ruidoso e guinchos de prazer. Em suma, o *à-vontade* era extraordinário. Ivan Iliitch, sob o efeito da bebida, começava já a sorrir, mas, a pouco e pouco, foi-se-lhe infiltrando na alma uma dúvida amarga: era certo que apreciava muito o *à-vontade* e a desenvoltura, que ansiara por eles quando tinha visto as pessoas a retrair-se, mas agora achava que tal desenvoltura começava a passar das marcas. Uma senhora, por exemplo (a do vestido de veludo coçado, comprado em quarta mão), à sexta figura pregou o vestido com alfinetes, transformando-o numa espécie de calças. Tratava-se da tal Kleopatra Semiónovna, com a qual, segundo a expressão do seu cavalheiro, o estudante de medicina, se podia arriscar tudo. Para já não falar deste estudante: era um verdadeiro Fókin¹³. Como era aquilo possível? Ora se tinham retraído, ora se emancipavam agora de repente! Na aparência, tal

reviravolta nada tinha de especial, mas não deixava de ser um pouco estranha e de prenunciar algo. Era como se todos se tivessem esquecido da existência de Ivan Iliitch. Evidentemente, foi ele o primeiro a rir-se e a arriscar até alguns aplausos. Akim Petróvitch, respeitosamente, soltava os seus risinhos em unísono com os de Ivan Iliitch, embora também com visível prazer, sem desconfiar de que já chocava no coração de Sua Excelência um novo verme.

— Dança lindamente, meu jovem — viu-se Ivan Iliitch obrigado a dizer ao estudante quando este passava a seu lado no final da quadrilha.

O estudante virou-se bruscamente para ele, fez uma careta e, aproximando a sua cara do rosto de Sua Excelência a uma distância indecentemente curta, cucuricou como um galo a plenos pulmões. Já era de mais. Ivan Iliitch levantou-se da mesa. Seguiu-se uma explosão de gargalhadas irrefreáveis, porque o canto do galo tinha sido espantosamente natural e a careta inesperada de todo. Ainda Ivan Iliitch estava mergulhado em perplexidade quando apareceu o próprio Pseldonímov que, às vénias, o convidou para a ceia. A seguir apareceu a mãe de Pseldonímov.

— Paizinho — disse ela desfazendo-se em vénias —, faça-nos Vossa Excelência a honra de aceitar, não despreze a nossa pobreza...

— Eu... eu, francamente, não sei... — começou por dizer Ivan Iliitch — é que não vim para isso... eu... já estava para me ir embora...

De facto, já estava com o chapéu na mão. Mais ainda: no mesmo momento deu a si próprio a palavra de honra de se ir embora dali, custasse o que custasse, de não ficar por nada deste mundo... mas ficou. Um minuto depois já encabeçava a procissão que se dirigia para a mesa. Pseldonímov e a mãe iam à frente dele, abrindo-lhe o caminho. Sentaram-no no lugar de maior honra e logo surgiu ao lado do seu talher uma nova garrafa de champanhe. Havia entradas: arenque e vodca. O general esticou o braço, encheu ele próprio um cálice enorme de vodca e emborcou-o. Nunca tinha bebido vodca na vida. Sentiu-se como que a rolar por um monte abaixo, a voar, a voar, a voar, e sentiu que era preciso parar, agarrar-se a qualquer coisa, mas não podia ser, não tinha onde se agarrar.

A sua situação estava, efetivamente, a tornar-se cada vez mais excêntrica. Não, pior ainda, aquilo era uma qualquer partida que o destino lhe pregava. Acontecera-lhe, no espaço de uma hora, o inconcebível. Quando entrara naquela casa estava, por assim dizer, a estender os braços à humanidade, a toda a humanidade e a todos os seus subordinados; mas, transcorrida apenas uma hora, ele, com o coração dolorido, sentia e sabia que odiava Pseldonímov, amaldiçoava Pseldonímov, a mulher de Pseldonímov, o casamento de Pseldonímov. Pior ainda: pela cara, pelos olhos de Pseldonímov, Ivan Iliitch via que Pseldonímov também o odiava, que o seu olhar dizia: «Raios partam este maldito! Só me faltava esta cruz!...» Havia muito que Ivan Iliitch lera tudo isto no olhar de Pseldonímov.

É evidente que, sentado ali à mesa, Ivan Iliitch antes deixaria que lhe cortassem uma mão do que confessaria sinceramente, não só em voz alta mas mesmo a si próprio, que as coisas se passavam realmente assim. Ainda não chegara o momento para o admitir, ainda havia nele uma certa indecisão moral. Mas o coração, o coração... como lhe doía! O coração pedia liberdade, ar puro, sossego. Porque Ivan Iliitch era um homem demasiado bondoso.

Porque sabia, sabia muito bem que deveria ter-se ido embora havia muito, o que não teria sido apenas ir-se embora, mas salvar-se. Sabia muito bem que tudo aquilo se tornara falso de um momento para o outro, muito diferente do que se lhe apresentara nos seus devaneios ao longo do passeio de madeira.

«É que, foi para isto que eu vim aqui? Será que vim aqui para beber e para comer?», interrogava-se Ivan Iliitch enquanto comia arenque. Atingia o estado de negação. Remexia-se-lhe na alma, por momentos, uma ironia em relação à sua «façanha». Ele próprio começava a não perceber por que raio entrara na casa!

Ir-se embora, mas como? Sair assim, sem acabar o que tinha de acabar, não era possível. «O que vão dizer? Vão dizer que eu me arrasto por sítios indecentes. E, se eu não acabar, isso será mesmo verdade. Por exemplo, o que dirão já amanhã (porque isto vai ser espalhado por toda a parte), Stepan Nikiforovitch, Semion Ivánovitch e os outros, em todas as repartições, em

casa dos Schembel, em casa dos Chúbín? Não, é preciso sair de maneira a que todos compreendam por que razão vim aqui, é preciso que o objetivo moral se revele... — No entanto, o comovedor momento nunca mais chegava. — Eles nem sequer me respeitam — continuava a pensar. — De que se estão a rir? O à-vontade deles é tal que parecem não ter sentimentos... Sim, há muito que desconfio de que a nova geração não tem sentimentos! Tenho de ficar, por mais que me custe!... Há pouco estavam a dançar, mas à mesa vão estar todos juntos... Vou falar-lhes dos problemas, das reformas, da grandeza da Rússia... acho que ainda posso despertar neles o entusiasmo! Sim! Talvez nem tudo esteja ainda perdido... Se calhar é sempre assim que as coisas acontecem na realidade. De que é que devo começar a falar para os cativar? Que é que hei de inventar? Não sei, sinto-me perdido... Do que é que eles precisam, o que é que eles exigem?... Vejo que ali já começaram os risinhos... Será de mim que eles se estão a rir, meu Deus? Mas afinal o que é que eu quero... o que estou aqui a fazer, porque é que não me vou embora, o que é que eu pretendo conseguir aqui?...» Pensava assim, e uma vergonha, uma vergonha profunda, insuportável rasgava-lhe cada vez mais o coração.

As coisas, entretanto, iam-se encaixando umas nas outras inapelavelmente.

Dois minutos somente após se ter sentado à mesa, apoderou-se-lhe de todo o ser uma ideia terrível. Sentiu-se de chofre absolutamente bêbado, isto é, não no estado ébrio anterior, mas definitivamente embriagado. A causa tinha sido o cálice de vodca depois do champanhe, uma mistura que provoca efeito imediato. Sentia com todo o seu ser que estava a enfraquecer irremediavelmente. É certo que isto também lhe aumentava a ousadia, mas não lhe apagava a consciência, e a consciência gritava-lhe: «Está mal, está mal, é uma indecência!» É verdade que os seus instáveis pensamentos ébrios não conseguiam concentrar-se num ponto: na sua mente, bem palpáveis, havia agora dois lados. De um lado estava a ousadia, o desejo de vitória, de derrubar obstáculos, a certeza de que ainda alcançaria o seu objetivo. Do outro lado manifestava-se uma dor torturante na alma e um

aperto no coração: «O que dirão? Como vai acabar tudo isto? Como vai ser amanhã, amanhã?...»

Já antes pressentira vagamente que tinha inimigos entre os convidados. «É porque eu, pelos vistos, já antes estava bêbado», pensou, com uma dúvida torturante. Qual não foi o seu pavor quando, por sinais incontestáveis, se convencia agora de que havia realmente inimigos seus àquela mesa e que já não podia ter dúvidas quanto a isso.

«Mas porquê? Porquê?», pensava ele.

Haviam-se instalado à mesa os trinta convidados, alguns dos quais bêbados de cair. Outros portavam-se com uma independência despreocupada, maligna, gritavam, falavam alto, faziam brindes antes do tempo, travavam guerras de bolinhas de pão com as senhoras. Um deles, personagem deselegante de sobrecasaca ensebada, caiu da cadeira mal se sentou e ficou assim até ao fim da ceia. Outro queria a toda a força subir para cima da mesa e fazer um brinde, e só o oficial, agarrando-o pelas abas da sobrecasaca, moderou o seu entusiasmo precoce. A ceia era perfeitamente vulgar, embora, para a preparar, tivesse sido contratado um cozinheiro, servo de um general. Havia uma galantina, língua de vaca com batatas, costeletas com ervilhas, um ganso e, por fim, o manjar-branco. As bebidas: cerveja, vodca, xerez e, apenas para o general, uma garrafa de champanhe, o que obrigou este a servir também Akim Petróvitch que, durante a ceia, já não se atrevia a tomar a iniciativa. Para os brindes dos restantes convidados estava destinado um qualquer vinho do Cáucaso, ou coisa do género. A mesa fora montada com várias mesas pequenas, entre as quais uma de jogo, e coberta com várias toalhas, entre elas uma de Iaroslavl com ornamentos. Misturavam-se homens e senhoras, lado a lado. A progenitora de Pseldonímov não quis sentar-se à mesa; atarefava-se, dava ordens. Em compensação, apareceu uma maligna figura feminina que ainda não se tinha mostrado, de vestido de seda avermelhada, touca muito alta, ligadura nos dentes. Verificou-se que era a mãe da noiva, que consentira, finalmente, em sair da sala do fundo e em sentar-se à mesa. Recusara até então sair para junto dos outros por causa da sua hostilidade irreconciliável para com a mãe de Pseldonímov; mas disso falaremos mais adiante. A senhora olhava para o general com maldade, até com sarcasmo e, pelos

vistos, não queria ser-lhe apresentada. Tal personagem pareceu extremamente suspeito a Ivan Iliitch. Mas, além dela, havia outras caras suspeitas e que lhe incutiam um receio e uma preocupação involuntários. Parecia mesmo que conspiravam entre si, e precisamente contra Ivan Iliitch. Pelo menos assim pareceu ao próprio e, no decurso da ceia, foi-se convencendo cada vez mais disso. Ou seja: era malévolos o olhar de um senhor com barbicha à artista livre; chegou a deitar umas miradas a Ivan Iliitch e, depois, cochichou qualquer coisa ao seu vizinho do lado. Outro era um dos estudantes, na verdade já completamente bêbado, mas mesmo assim, por certos sinais, muito suspeito. O estudante de medicina também não prometia nada de bom. O próprio oficial não era de confiança. Porém, quem mais irradiava um ódio especial e visível era o colaborador do *Tiçãõ*: repimpado na cadeira, olhava com tanto orgulho e presunção, bufava com um ar tão independente! E, embora os convidados não dessem qualquer atenção ao «colaborador», que apenas escrevera para o *Tiçãõ* quatro versinhos e por isso se tornara liberal, e embora, inclusive, não gostassem dele, quando caiu perto do general uma bolinha de pão que por certo o tinha como alvo, o general estava pronto a apostar a sua própria cabeça em como o autor do lançamento não fora outro senão o colaborador do *Tiçãõ*.

Tudo isto, evidentemente, teve um efeito lamentável sobre Ivan Iliitch.

Era-lhe desagradável, em especial, mais uma observação: Ivan Iliitch percebia claramente que começava a articular as palavras com dificuldade, a ponto de não se perceberem, que lhe apetecia dizer muita coisa, mas a língua não lhe obedecia. Apercebeu-se também de que começava a perder o sentido da realidade e, o pior de tudo, soltava risadas a torto e a direito, sem qualquer motivo. Este estado de espírito alegre desapareceu-lhe porém rapidamente depois do copo de champanhe que já não queria beber (embora o tivesse enchido ele próprio), mas que bebeu de um trago sem querer. Depois deste copo, quase lhe apeteceu chorar. Sentia-se a cair numa sensibilidade muito excêntrica: voltava a amar, a amar toda a gente, mesmo o Pseldonímov, mesmo o colaborador do *Tiçãõ*. Teve uma vontade súbita de os abraçar a todos, de esquecer tudo e fazer as pazes com todos. Mais ainda: contar-lhes tudo com sinceridade, tudo, tudo, a saber: que homem bondoso e querido ele era, que magníficas capacidades possuía, que útil seria à

pátria, como era ótimo a fazer rir o sexo feminino e, sobretudo, que progressista ele era, com que humanismo estava pronto a condescender com todos, com os mais subalternos, e finalmente, para concluir, revelar com toda a sinceridade os motivos que o levaram a entrar, sem ser convidado, na casa de Pseldonímov, a beber duas garrafas de champanhe e a agradecer Pseldonímov com a sua presença.

«A verdade, a mais sagrada das verdades, antes de mais, e a sinceridade! Cativo-os com a sinceridade. Vão acreditar em mim, vejo isso claramente; agora olham-me com hostilidade, mas, quando lhes contar tudo, conquistá-los-ei em definitivo. Vão encher os copos e, aos gritos, vão brindar à minha saúde. O oficial, tenho a certeza, vai partir o seu copo contra a espada. É até possível que eles gritem “hurra!”! Mesmo que se lembrassem de me atirar ao ar, à maneira hussarda, eu não resistiria, acho que até acharia bom. À noiva darei um beijo na testa, é bonitinha. O Akim Petróvitch também é muito boa pessoa. Quanto ao Pseldonímov, de certeza que se vai corrigir no futuro. Falta-lhe, por assim dizer, o polimento da alta sociedade... E, é claro, embora toda esta nova geração não seja dotada de uma delicadeza de coração, vou dizer-lhes... vou falar-lhes sobre a moderna vocação da Rússia como potência entre as outras potências europeias. Menciono também a questão camponesa, e então... então todos eles vão gostar de mim, e sairei daqui em glória!...»

Eram sem dúvida sonhos muito agradáveis, mas, no meio de esperanças tão cor-de-rosa, Ivan Iliitch descobriu em si qualquer coisa de bem mais desagradável e inesperado: a sua capacidade de cuspir. A saliva, contra a sua vontade, começou a soltar-se-lhe da boca. Reparou nisso ao olhar para Akim Petróvitch a quem tinha borrifado a bochecha e que se mantinha sentado sem se atrever, por respeito, a limpar logo a cara. Ivan Iliitch pegou no guardanapo e limpou-lhe ele próprio a cara. Logo a seguir, porém, este gesto pareceu-lhe tão absurdo, tão fora do senso comum, que se calou e ficou com um ar surpreendido. Embora Akim Petróvitch também tivesse bebido bem, estava sentado como se se tivesse escaldado com água a ferver. Só então Ivan Iliitch percebeu que lhe estava a falar havia já um quarto de hora de um tema interessantíssimo, mas que provocava em Akim Petróvitch não só uma reação de embaraço como também de medo. Pseldonímov,

sentado à distância de uma cadeira, também esticava o pescoço na direção de Ivan Iliitch e, com a cabeça inclinada, escutava-o com um ar bastante-desagradável. Na verdade, parecia vigiá-lo. Passando o olhar pelos convidados, descobriu que muitos olhavam para ele e se riam. O mais estranho porém era o facto de não se envergonhar com isso mas, pelo contrário, depois de mais uma golada do seu copo, alçar a voz e começar a falar para que toda a gente o ouvisse.

— Acabei de dizer — começou em voz estentórea —, acabei de dizer a Akim Petróvitch, meus senhores, que a Rússia... sim, precisamente a Rússia... numa palavra, os senhores percebem o que eu quero di... dizer... a Rússia está a viver, na minha profundíssima convicção, o hu... humanismo...

— O hu-humanismo! — ouviu-se na outra ponta da mesa.

— Hu-hu!

— Tiu-tiu!

Ivan Iliitch interrompeu-se. Pseldonímov levantou-se da cadeira e pôs-se à espreita: quem tinha gritado? Akim Petróvitch, sorratamente, abanava a cabeça, como que a aconselhar os convidados a terem juízo. Ivan Iliitch reparou muito bem nisso, mas conteve-se e não disse nada.

— Humanismo! — continuou, teimoso, Ivan Iliitch. — E há pouco... sim, precisamente há pouco, eu tinha dito a Stepan Ni-ki-forovitch... pois... que... que a renovação, por assim dizer, das coisas...

— Excelência! — ouviu-se uma voz alta no outro extremo da mesa.

— Diga, meu amigo! — respondeu o interrompido Ivan Iliitch, tentando ver quem lhe gritara.

— Nada, Excelência, entusiasmei-me, continue! Con-ti-nue! — repetiu a voz.

Ivan Iliitch estremeceu de desgosto.

— A renovação, por assim dizer, dessas coisas...

— Excelência! — voltou a gritar a mesma voz.

— O que deseja o senhor?

— Boa noite!

Então, Ivan Iliitch não aguentou mais. Interrompeu o seu discurso e dirigiu-se ao ofensivo desordeiro. Era um estudante ainda muito novo,

razoavelmente enfrascado e muito suspeito. Havia muito que berrava e chegou a partir um copo e dois pratos, afirmando que eram gestos convenientes numa boda. No momento em que Ivan Iliitch se dirigiu a ele, o oficial pôs-se a admoestar severamente o gritalhão.

— Por que berras tu, diabo? Queres que te ponham no olho da rua?

— Não era consigo, Excelência, não era consigo! Continue! — gritou o estudante, muito divertido, repimpendo-se na cadeira. — Continue, Excelência, estou a ouvir e estou muito, mas muito satisfeito com as suas palavras! Noo-tável, noo-tável!

— É um moncoso bêbado! — segredou-lhe Pseldonímov.

— Bem vejo que está bêbado, mas...

— Eu é que contei um caso cómico, uma coisa engraçada, Excelência! — disse o oficial. — Sobre um tenente do nosso destacamento que falava com os chefes precisamente desta maneira, e este aqui agora está a imitar o tal tenente. Esse tenente, cada vez que o chefe dizia uma palavra, acrescentava: noo-tável, noo-tável! Aliás, há dez anos que foi expulso do exército por causa disso.

— Mas que tee-nente é esse?

— Do nosso destacamento, Excelência, enlouqueceu e ficou com a mania do «noo-tável». Primeiro tentaram levá-lo a bem, com modos brandos, depois enfiaram-no na cadeia... O chefe ralhava-lhe como um pai, mas ele: noo-tável, noo-tável! E era um oficial corajoso, muito alto, isso é que era o mais estranho. Queriam mandá-lo a tribunal, mas viram logo que tinha enlouquecido.

— Portanto... uma garotice. Por uma garotice dessas bem podiam ser menos severos... Se fosse comigo, estava pronto a perdoar-lhe...

— Foi-lhe feito um exame médico, Excelência.

— Como? Au-to-psi-aram-no?

— Por amor de Deus, ele estava perfeitamente vivo.

Os convidados, que de início se mantinham sisudos, rebentaram numa explosão de gargalhadas quase gerais. Ivan Iliitch enfureceu-se.

— Meus senhores, meus senhores! — gritou ele, quase sem titubear neste seu recomeço. — Sou perfeitamente capaz de perceber que não se faz autópsia a uma pessoa viva. Supus que ele, louco, já não estivesse vivo... ou

seja, que tivesse morrido... quer-se dizer que... que os senhores não gostam de mim... No entanto, eu gosto dos senhores todos... sim, e gosto de Por... Porfíri... Falando assim estou a humilhar-me...

Dos lábios de Ivan Iliitch saiu neste momento uma enorme cuspidela, que caiu na toalha, no lugar mais visível. Pseldonímov apressou-se a limpá-la com o guardanapo. Esta última desgraça esmagou definitivamente o general.

— Senhores, isto já é de mais! — gritou, desesperado.

— São uns bêbados, Excelência — voltou a sugerir Pseldonímov.

— Porfíri! Vejo que os senhores... todos... pois! O que eu digo é que tenho esperança... E desafio a que todos me digam: em que foi que eu me humilhei?

Ivan Iliitch quase chorava.

— Excelência, por amor de Deus!

— Porfíri, dirijo-me a ti... Diz-me tu... é que se eu vim... pois... pois, à tua boda, tinha um objetivo. Queria elevar moralmente... queria que sentísseis. Dirijo-me a todos: humilhei-me muito aos vossos olhos ou não?

Um silêncio de morte. Isso mesmo, um silêncio de morte, ainda por cima como resposta a uma pergunta tão categórica. «O que lhes custava, o que lhes custava gritarem, pelo menos neste momento?!», pensou Sua Excelência. Mas os convidados limitavam-se a olhar uns para os outros. Akim Petróvitch estava mais morto do que vivo; a Pseldonímov, mudo de pavor, ecoava na cabeça a terrível pergunta que havia muito se fizera:

«O que me vai acontecer amanhã por causa disto tudo?»

De repente, o colaborador do *Tição*, já muito bêbado e que até ao momento se mantivera num silêncio soturno, dirigiu-se a Ivan Iliitch e, com os olhos coruscantes, começou a responder em nome de toda a sociedade.

— Sim, senhor! — gritou em voz trovejante. — Sim, senhor, humilhou-se, sim, senhor reacionário... Re-a-ci-o-ná-rio!

— Jovem, tome juízo! Com quem julga, por assim dizer, que está a falar? — gritou Ivan Iliitch numa fúria, voltando a saltar do seu lugar.

— Estou a falar consigo, e além disso não sou jovem nenhum... O senhor veio aqui para se exhibir e para procurar popularidade.

— Pseldonímov, mas o que é isto?! — exclamou Ivan Iliitch.

Pseldonímov levantou-se de um pulo, mas estava tão apavorado que ficou petrificado no lugar sem saber de todo o que fazer. Os convidados também se paralisaram. O pintor e o estudante aplaudiam e gritavam: «Bravo, bravo!»

O «colaborador» continuou a gritar com uma fúria irrefreável:

— Sim, o senhor veio aqui para se vangloriar do seu humanismo! Estragou a alegria geral! Bebeu champanhe sem perceber que é uma bebida cara de mais para um funcionário que ganha dez rublos por mês, e desconfio de que é um daqueles chefes amadores das mulheres jovens dos seus subordinados! E mais, tenho a certeza de que é apoiante das concessões de Estado... Sim, sim, sim!

— Pseldonímov, Pseldonímov! — gritava Ivan Iliitch, estendendo as mãos para ele. Sentia que cada palavra do «colaborador» era uma punhalada no seu coração.

— Um momento, Excelência, fique descansado! — gritou energicamente Pseldonímov. Deu um salto na direção do «colaborador», agarrou-o pelos colarinhos e arrastou-o para fora da mesa. Era inesperada esta força física no mirrado Pseldonímov; mas diga-se que o «colaborador» estava muito bêbado e Pseldonímov perfeitamente sóbrio. Depois deu-lhe uns murros nas costas e empurrou-o para trás da porta.

— Sois uns canalhas, vós todos! — gritava o «colaborador». — Amanhã mesmo vou desfazer-vos a todos no *Tiçãõ*!...

Todos saltaram dos seus lugares.

— Excelência, Excelência! — gritavam Pseldonímov, a mãe e alguns dos convidados, amontoando-se em torno do general. — Excelência, acalme-se!

— Não, não! — gritava o general. — Estou desfeito!... vim... queria, por assim dizer, batizar... e em vez de gratidão, de gratidão por tudo...

Deixou-se cair em cima da cadeira, como um saco, pousou as mãos em cima da mesa, caiu-lhe a cabeça em cheio na travessa do manjar-branco. Nem vale a pena descrever o terror geral. Um minuto depois levantou-se, por certo com o desejo de se ir embora para casa, cambaleou, tropeçou na perna da cadeira, caiu redondo no chão e adormeceu.

Estas coisas acontecem às pessoas que por norma não bebem, mas a quem, um dia, calha embebedarem-se. Mantêm a consciência clara até ao

último instante, até ao último limite, mas depois caem como se fossem ceifadas. Ivan Iliitch estava prostrado sem quaisquer sinais de consciência. Pseldonímov deitou as mãos à cabeça e imobilizou-se nesta posição. Os convidados começaram a despedir-se à pressa, cada qual comentando o incidente à sua maneira. Já eram cerca das três horas da manhã.

É de notar que a situação de Pseldonímov, até pelo ambiente nada atrativo em que se via mergulhado naquele momento, era muito mais grave do que parecia. Enquanto Ivan Iliitch está prostrado no chão e Pralínski parado ao lado dele a arrepelar desesperadamente os cabelos, interrompamos a linha de narração que escolhemos e digamos algumas palavras de esclarecimento sobre o nosso Porfíri Petróvitch Pseldonímov.

Apenas um mês antes do seu casamento, encontrava-se numa penúria irremediável. Era originário de uma província, onde o pai prestava serviço e onde morreu enquanto decorria um processo judicial contra ele. Quando, cinco meses antes do casamento, Pseldonímov, que havia já um ano vegetava na mais completa miséria em Petersburgo, arranjou o seu emprego de dez rublos mensais, quase ressuscitou de corpo e alma, mas não tardou a voltar a cair numa situação precária. Haviam ficado sós no mundo dois Pseldonímov: ele e a mãe, que abandonou a província depois da morte do marido. Mãe e filho gelavam de frio e alimentavam-se com géneros duvidosos. Houve dias em que Pseldonímov ia com uma caneca matar a sede ao rio Fontanka. Quando obteve o emprego, conseguiu instalar-se com a mãe num meio-quarto alugado. Ela começou a lavar roupa para fora, enquanto ele, durante quatro meses, poupou tostão a tostão dinheiro para umas botas e um capote. E as mágoas por que passou na repartição! Os chefes perguntavam-lhe há quanto tempo não ia aos banhos. Corriam rumores de que, por baixo da gola da farda, Pseldonímov tinha ninhos de percevejos. Mas Pseldonímov era rijo de carácter. Aparentemente era submisso e acanhado; tinha uma instrução muito limitada, quase nunca o ouviam falar fosse do que fosse. Para falar com franqueza, não sei se ele pensava, se refletia, se concebia planos e sistemas, se sonhava com alguma coisa. Em compensação, fermentava nele a intenção inconsciente mas firme, instintiva, férrea de desbravar um caminho que resolvesse a sua

péssima situação. Tinha a persistência da formiga: quando lhes destroem o ninho, as formigas começam logo a construir outro; destroem-lho mais uma vez, mais uma vez o constroem, e assim por diante, indefinidamente. Pseldonímov era uma criatura com a capacidade de construir e organizar o seu abrigo. Estava-lhe escrito na fronte que abriria um bom caminho, construiria o seu ninho e, até, poria alguma coisa de lado. Em todo o mundo, só a mãe o amava, e amava-o infinitamente. Era uma mulher firme, incansável, laboriosa, e ao mesmo tempo bondosa. Assim teriam vividos nos quartos alugados, talvez mais cinco ou seis anos, até as circunstâncias mudarem, se não tivessem encontrado por acaso Mlekopitáev, conselheiro titular reformado, antigo tesoureiro na província e que, nos últimos tempos, se instalara com a família em Petersburgo. Conhecia Pseldonímov e, dantes, deveria um qualquer favor ao pai deste. Tinha um dinheiro, pouco, mas era dinheiro; qual o montante — ninguém sabia, nem a mulher, nem a filha mais velha, nem os parentes. Tinha duas filhas e, como era um déspota terrível, um bêbado e um tirano doméstico (além de doente), lembrou-se de repente de casar uma das filhas com Pseldonímov: «Conheço-o, o pai era boa pessoa, o filho tem de ser boa pessoa.» Mlekopitáev fazia o que lhe apetecia: dito e feito. Era um déspota muito estranho. A maior parte do seu tempo passava-o sentado na cadeira, já que ficara paralisado das pernas em consequência de uma doença, o que, porém, não o impedia de beber vodca. Bebia dias a fio e praguejava. Era maldoso, precisava obrigatoriamente de alguém para martirizar constantemente. Para tal, mantinha a seu lado várias parentes: a irmã, doente e rabugenta; duas irmãs da mulher, também más e muito linguareiras; uma velha tia que, em certa ocasião, partira uma costela. Além dessas, mantinha em sua casa uma comensal, uma alemã russificada, pelo talento que ela tinha de lhe contar histórias das *Mil e Uma Noites*. O seu principal prazer consistia em vituperar todas estas comensais desgraçadas, insultá-las a cada instante, e nenhuma delas, sem exceção da que veio a este mundo com dores de dentes, se atrevia a dizer palavra diante dele. Ele provocava discórdias entre elas, mexericos, inventava atoardas, e depois rejubilava quando as via engalfinhadas umas com as outras. Ficou muito contente quando a sua filha mais velha, depois de dez anos de um casamento miserável com um oficial, ficou finalmente viúva e se mudou

para casa do pai com três filhos pequenos e doentes. Detestava os netos, mas como, com a sua chegada, aumentava o seu campo de manobras e experiências quotidianas, ficou contente. Toda esta chusma de mulheres maldosas e crianças doentes, na companhia do seu carrasco, apertava-se na casa de madeira do Bairro Petersbúrgskaia, e ali se subalimentava, porque o velho era avarento e dava os cobres contados para a comida, embora não poupasse na vodca para si; ali dormiam todos, mas pouco e mal, porque o velho sofria de insónias e exigia que o divertissem. Resumindo: toda aquela gente vivia em desgraça e amaldiçoava a sua vida. Foi por essa altura que Mlekopitév pôs os olhos em Pseldonímov. Ficou interessado no nariz comprido e no ar submisso dele. A filha mais nova, enfezada e desengraçada, acabava de fazer dezassete anos. Embora tivesse andado durante algum tempo numa *Schule* alemã, só lá aprendera as matérias mais primárias. Depois foi crescendo, escrofulosa e trinca-espinhas, sob a muleta do progenitor bêbado e paraplégico, num manicómio de bisbilhotices, espionagem e calúnias domésticas. Nunca teve amigas nem inteligência. Havia muito que queria casar-se. Com as pessoas de fora parecia muda, mas em casa, ao pé da mãezinha e das comensais, era maldosa e rabugenta como uma verruma. Gostava sobretudo de dar beliscões e socos aos filhos da irmã, denunciá-los pelo pão e açúcar surripiados, pelo que persistia entre ela e a irmã mais velha uma zanga infindável, inesgotável. Foi o próprio velho a oferecê-la como mulher a Pseldonímov. Pseldonímov, por mais grave que fosse a sua miséria, pediu algum tempo para pensar. Refletiram, ele e a mãe, durante bastante tempo. A casa que seria passada para o nome da noiva, embora de madeira, de um só piso e repugnante, tinha algum valor. Além disso, havia em jogo um dote de quatrocentos rublos: quanto tempo demoraria ele a acumular uma quantia dessas? «Para que levo o homem para minha casa? — gritava o arbitrário bêbado. — Em primeiro lugar, porque vós sois mulheres, e eu estou farto de mulherio. Quero que também o Pseldonímov dance conforme eu toque, porque sou benfeitor dele. Em segundo lugar, levo-o, porque vós não quereis que ele vá e vos enraiveceis com isso. Logo, faço-o para vos contrariar. Disse e faço! E tu, Porfíri, arreia-lhe quando ela for tua mulher, porque tem sete diabos dentro dela desde a nascença. Expulsa-os a todos, eu próprio te preparo o pau...»

Pseldonímov calava-se, mas já se decidira.

Ele e a mãe foram instalados lá em casa ainda antes do casamento, lavados, vestidos, calçados, e ainda lhes deram dinheiro para fazer a boda. O velho protegia-os, talvez porque toda a família lhes tinha raiva. A velha Pseldonímova até lhe agradava, por isso nem a chagava muito. Quanto a Pseldonímov, obrigou-o, uma semana antes do casamento, a dançar o *casatchok* diante dele. «Bom, chega, queria apenas ver se não me faltavas ao respeito», disse no fim da dança. Deu o dinheiro para o casamento à justa e convidou todos os seus parentes e conhecidos. Da parte de Pseldonímov apenas foi ao casamento o colaborador do *Tiçãõ* e Akim Petróvitch, convidado de honra. Pseldonímov sabia muito bem que repugnava à sua noiva e que esta gostaria de se casar com o oficial e não com ele; mas Pseldonímov aguentava tudo, tinha sido isso que ficara acordado entre ele e a mãe. Durante todo o dia do casamento e todo o princípio da noite, o velho esteve a embebedar-se e a dizer pragas obscenas. Toda a família, por causa do casamento, foi amontoada nos quartos do fundo e ali ficou apertada num abafado nauseabundo. As salas da frente foram destinadas para o baile e a ceia. Por fim, cerca das onze, quando o velho, a cair de bêbado, adormeceu, a mãe da noiva, ainda mais raivosa para com a mãe de Pseldonímov neste dia de boda, resolveu aplacar-se e sair para o baile e para a mesa. O aparecimento de Ivan Iliitch, porém, deu uma reviravolta a tudo. A Mlekopitéeva ficou confusa, ofendeu-se e pôs-se a ralar: porque não a avisaram de que tinham convidado o próprio general? Tentaram convencê-la de que ele tinha aparecido sem ser convidado, por sua iniciativa, mas a senhora era tão parva que não quis acreditar. Era preciso champanhe para o general. A mãe de Pseldonímov tinha apenas um rublo, o próprio Pseldonímov, nada. Foi necessário implorar à maldosa Mlekopitéeva o dinheiro para uma garrafa, depois para a segunda. Como argumentos para a convencerem, apresentaram-lhe as futuras relações de serviço, a carreira. Por fim lá largou o dinheiro, mas isso custou a Pseldonímov uma taça tão grande de vinagre e fel que, entrando várias vezes no quarto onde já estava preparado o leito nupcial, o noivo, deitando as mãos à cabeça e tremendo de raiva impotente, se atirava para cima daquela cama destinada aos prazeres paradisíacos. Pois é! Ivan Iliitch não

sabia o que tinham custado aquelas duas garrafas de *Jackson* que bebera. E qual não era o terror, a aflição e mesmo o desespero de Pseldonímov provocados pelo desfecho inesperado da desventura de Ivan Iliitch! Mais uma vez o esperavam uma noite de azáfama, os guinchos e as lágrimas da recém-casada, as exprobrações da atoleimada família dela. Já sem isso lhe doía a cabeça, já sem isso lhe cobriam os olhos a névoa e as trevas. Agora Ivan Iliitch precisava de assistência, era preciso procurar, às três da madrugada, um médico; e também um coche, obrigatoriamente um coche, porque não se podia mandar para casa numa carriola qualquer uma personalidade daquelas num preparo daqueles. Mas com que dinheiro, ao menos para o coche? Mlekopitáeva, enfurecida porque o general não lhe dirigira a palavra durante a ceia e nem sequer olhara para ela, declarou que não tinha mais dinheiro. Talvez não tivesse. Onde arranjar dinheiro? Que fazer? Sim, havia razões para arrepiar os cabelos.

Entretanto, Ivan Iliitch foi transferido provisoriamente para um pequeno divã de couro que havia na sala de jantar. Enquanto levantavam as mesas e as arrumavam, Pseldonímov afobava-se, procurava arranjar dinheiro de todas as maneiras, chegou mesmo a pedir emprestado à criadagem, mas ninguém tinha dinheiro. Arriscou, inclusivamente, incomodar Akim Petróvitch, que se demorara em casa dele mais do que os outros convidados. Mas Akim Petróvitch, embora bondoso, quando ouviu falar do dinheiro, ficou tão perplexo, e mesmo assustado, que disse os mais inesperados disparates.

— Noutra altura, com muito prazer — murmurava —, mas agora... francamente, peço desculpa...

E, pegando no chapéu, fugiu apressadamente. Apenas o jovem bondoso, o que falara do livro dos sonhos, deu alguma ajudinha, e mesmo esta inútil. Também ficou mais tempo do que os outros em casa de Pseldonímov, dando-lhe o seu apoio na desgraça de todo o seu coração. Por fim, Pseldonímov, a mãe de Pseldonímov e o jovem deliberaram e decidiram não procurar médico nenhum e ir buscar um coche para levar o doente para casa; e, enquanto o coche não chegasse, experimentar em Sua Excelência os métodos caseiros, como sejam água fria na cabeça, gelo na nuca e nas

fontes, etc. A mãe de Pseldonímov encarregou-se do tratamento. O jovem correu à procura de um coche. Como no Bairro Petersbúrgskaia, a essa hora, nem uma charrete se encontrava, o jovem teve de ir muito longe, a uma hospedaria, e acordar os cocheiros. Regatearam muito, disseram que a uma hora daquelas cinco rublos por um coche ainda seria pouco. Ajustaram porém por três rublos. Mas quando, cerca das quatro da madrugada, chegaram a casa de Pseldonímov, havia muito que a decisão sobre Ivan Iliitch tinha sido mudada. Verificou-se que Akim Petróvitch não havia meio de recuperar e ficara tão doente, gemia e debatia-se de tal maneira que seria um perigo metê-lo no coche naquele estado. «Como vai acabar tudo isto?!», dizia-se Pseldonímov, completamente desanimado. Então, fazer o quê? Novo problema se levantava. Se deixassem o doente em casa, onde iam deitá-lo? Em toda a casa, havia apenas duas camas: uma enorme, de casal, onde dormiam o velho Mlekopitáev e a sua esposa; outra, recém-comprada, imitação de nogueira, também de casal, e destinada aos casados de fresco. Todos os outros moradores, ou melhor, moradoras, dormiam no chão, lado a lado, sobre enxergas, em parte decrépitas e malcheirosas, ou seja, um asco, que davam parcamente para a família, ou nem isso. Onde se poria então o doente? Uma enxerga talvez se encontrasse — em última instância tirava-se de debaixo de alguém —, mas onde se lhe faria a cama? Tinha de ser na sala, o local mais distanciado das profundezas da família e que tinha saída própria. Mas a base para assentar a cama? Cadeiras? É sabido que em cima das cadeiras apenas se fazem camas para os colegiais quando vêm a casa no fim da semana, mas para uma personalidade como Ivan Iliitch seria um grande desrespeito. O que diria ele ao acordar vendo-se em cima de cadeiras? Pseldonímov nem sequer queria pensar nisso. Restava uma solução: levá-lo para o leito matrimonial. Este leito, como já foi dito, foi amanhado num quartinho contíguo à sala de jantar. Constava de cama com colchão de casal recém-comprado e nunca estreado, roupa limpa, quatro almofadas de paninho cor-de-rosa com fronhas de musselina aos folhos. O cobertor era de cetim cor-de-rosa com ornamentos pespontados. De um anel dourado do teto pendiam cortinas de musselina formando dossel. Enfim, era tudo como devia ser, e os convidados que tinham visitado o quarto, quase todos, louvaram muito a cama. A recém-casada, embora detestasse

Pseldonímov, durante o copo-d'água foi ver várias vezes a alcova, quase sempre à sorrelfa. Qual não foi a sua indignação e raiva quando soube que queriam levar para a sua cama nupcial um doente que sofria de uma espécie de colerina! A mãezinha da noiva também se bateu em sua defesa, praguejando, ameaçando queixar-se ao marido; mas Pseldonímov mostrou caráter e levou a melhor: Ivan Iliitch foi levado para ali, enquanto os jovens esposos fizeram a cama na sala em cima de cadeiras. A jovem choramingava, pronta a beliscar alguém, mas não se atreveu a desobedecer: o paizinho tinha uma muleta, muito sua familiar, e ela sabia que no dia seguinte o paizinho exigiria sem falta um relatório pormenorizado. Para a consolar, trouxeram para a sala o cobertor cor-de-rosa e as almofadas com fronhas de musselina. Foi então que chegou o jovem com o coche; ao saber que o coche já não era necessário, assustou-se muitíssimo. Tinha de pagar ele próprio, mas, se nunca avezava sequer dez copeques no bolso... Pseldonímov, por sua parte, declarou a sua falência completa. Tentaram convencer o cocheiro. Mas o cocheiro levantou um alarido muito grande, chegou a pôr-se às punhadas nos guarda-ventos. Não sei bem como as coisas acabaram. Parece que o jovem foi levado no coche, como refém, até Peski, Quarta Rua Rojdestvenskaia, onde tinha a esperança de acordar um estudante que pernoitava em casa de amigos, e ver se ele tinha dinheiro que lhe emprestasse. Já passava portanto das quatro quando os casadinhos de fresco foram deixados sós, fechados na sala. À cabeceira do doente ficou toda a noite a mãe de Pseldonímov. Acomodou-se no chão, em cima de um pequeno tapete, e cobriu-se com o casaquinho de peles, mas não podia dormir, porque era obrigada a levantar-se a cada instante: Ivan Iliitch foi acometido, de repente, por um enorme desarranjo intestinal. Pseldonímova, mulher corajosa e magnânima, despiu-lhe a roupa toda, cuidou dele como se fosse seu filho, passando a noite a levar do quarto de dormir, através do corredor, o bacio, a despejá-lo e a trazê-lo de volta para o quarto. Porém, as desgraças desta noite ainda estavam longe de ter acabado.

Tinham passado menos de dez minutos após o jovem casal se ter fechado a sós na sala quando de súbito se ouviram gritos dilacerantes, não de prazer, mas do género absolutamente funesto. A seguir aos gritos ouviu-se muito

barulho, rangidos, estrépitos como de cadeiras a caírem, e logo ocorreu à sala, ainda escura, toda uma chusma de mulheres assustadas, vociferantes, vestidas com todo o género de *déshabillés*. Estas mulheres eram: a mãe da noiva, a irmã mais velha da noiva, que deixou sozinhas as crianças doentes, as três tias da noiva, que também se arrastaram até à sala, inclusive a que tinha a costela partida; também a cozinheira, também a comensal alemã, debaixo da qual tinham tirado à força o enxergão que era de sua propriedade, o melhor da casa e que constituía, aliás, toda a fortuna da senhora. Todas estas respeitáveis e perspicazes senhoras foram em bicos de pés, havia já um bom quarto de hora, da cozinha para o vestíbulo, pelo corredor, e escutavam, roídas da mais inexplicável curiosidade. Entretanto, alguém se apressou a acender a vela e, diante de todas, deparou-se um espetáculo inesperado. As cadeiras, como não tivessem aguentado o peso do casal e suportassem o largo enxergão apenas nas bordas, deslizaram para os lados, tendo o enxergão caído por entre elas para o chão. A jovem esposa choramingava de raiva, desta vez ofendida, com motivo, até ao fundo do coração. Pseldonímov, moralmente despedaçado, estava ali especado como um criminoso acabado de desmascarar. Nem sequer tentava justificar-se. De todos os lados se ouviam os «ah!» e os guinchos. Ouvindo a barulheira, ocorreu também a mãe de Pseldonímov, mas, desta vez, a mãe da recém-casada tinha levado incontestavelmente a melhor. Cobria Pseldonímov de injúrias estranhas e, na sua maioria, injustas sobre o tema: «Depois de uma coisa destas, que marido és tu, paizinho? Para que serves tu, paizinho, depois desta vergonha?», e assim por diante, até que pegou na filha pela mão e a levou para o seu quarto, para longe daquele marido, assumindo pessoalmente a responsabilidade que no dia seguinte lhe seria pedida aquando da apresentação do relatório ao terrível pai. Atrás dela saíram também as outras mulheres, com muitos «ah!» e abanar de cabeças. Ficou com Pseldonímov apenas a mãe, a tentar consolá-lo. Mas ele expulsou-a de imediato.

Não estava para consolações. Sentou-se no divã como estava, descalço e vestido apenas da mais imprescindível roupa interior, embrenhado nas mais sombrias reflexões. Entrecruzavam-se-lhe e confundiam-se-lhe os pensamentos na cabeça. De vez em quando, maquinalmente, passava o

olhar por naquela sala onde, havia ainda pouco, se desvairavam os dançarinos e pairava no ar o fumo dos cigarros. As pontas de cigarros e os papelinhos de confeitos ainda pejavam o chão encharcado e emporcalhado. As ruínas do leito nupcial e as cadeiras derrubadas testemunhavam da vaidade dos sonhos terrenos das melhores e mais certas esperanças. Passavam-lhe pela cabeça ideias penosas, como, por exemplo: o que o esperava agora no serviço? Tinha a consciência torturante de que era necessário, custasse o que custasse, mudar de serviço, porque, com o que aconteceu durante a noite, tornara-se impossível ficar na mesma repartição. Também lhe surgia na mente Mlekopitáev, bem capaz de, quando acordasse, o fazer dançar de novo o *kasatchok* para pôr à prova a sua submissão. Compreendeu também que, embora Mlekopitáev já lhe tivesse dado cinquenta rublos para os gastos do casamento, consumidos até ao último copeque, não pensaria sequer em entregar-lhe os quatrocentos rublos do dote e que nem sequer se falaria mais disso. Também não existia a escritura formal da oferta da casa. Pensou também na sua mulher, que o abandonara no momento mais crítico da sua vida, e no oficial esgrouviado que se ajoelhava com galhardia num joelho diante da sua mulher. Já tivera oportunidade de reparar nisso. Pensava também nos sete diabos que a sua mulher trazia dentro de si, segundo as palavras do próprio sogro, e no pau preparado para a expulsão deles todos... É claro que se sentia com forças para aguentar muita coisa, mas o destino arranjava-lhe surpresas tais que era possível, afinal, duvidar das suas forças.

Assim se amargurava Pseldonímov. Entretanto, o coto de vela extinguia-se. A luz tremeluzente que se desprendia dele e caía a direito sobre o perfil de Pseldonímov refletia na parede, em dimensão colossal, o seu pescoço esguio, o seu nariz aquilino e os dois tufos de cabelo que se lhe espetavam na testa e na nuca. Por fim, quando já soprava o fresco da manhã, Pseldonímov levantou-se, regelado e inteiriçado espiritualmente, arrastou-se até ao enxergão no meio das cadeiras e, sem pôr nada em ordem, sem apagar o coto da vela, sem meter almofada debaixo da cabeça, gatinhou sobre a cama e adormeceu com aquele sono plúmbeo, de morte, com que dormem os condenados na véspera da execução.

Por outro lado, a que se poderá comparar a noite torturante que Ivan Iliitch Pralínski passou no leito nupcial do desgraçado Pseldonímov? Durante muito tempo, as dores de cabeça, os vômitos e outros ataques desagradáveis não o deixaram em paz por um instante. Foram sofrimentos infernais. A consciência, embora apenas lhe relampejasse fraquinha na cabeça, iluminava abismos de terror, quadros tão sombrios e abomináveis que mais valera não recuperasse de todo a consciência. Era ainda grande a confusão na sua cabeça. Reconhecia, por exemplo, a mãe de Pseldonímov — ouvia as suas consolações bondosas, do género: «Aguenta, meu querido, aguenta, paizinho, tem paciência» —, reconhecia-a, sim, mas não conseguia descobrir a lógica da sua presença junto dele. Surgiam fantasmas abomináveis na sua imaginação: o mais frequente era o de Semion Ivánovitch, mas, olhando com mais atenção, via que não era Semion Ivánovitch mas o nariz de Pseldonímov. Também lhe relanceavam à frente dos olhos o artista livre, o oficial esgrouviado, a velha com a ligadura na bochecha. O que mais lhe chamava a atenção era o anel dourado por cima da sua cabeça, donde pendiam as cortinas. À luz do coto de vela que alumia tenuemente o quarto, distinguia nitidamente aquele anel, e não parava de fazer esforços para perceber: para que servia aquele anel, o que estava ali a fazer, o que significava? Várias vezes o perguntou à velha, mas pelos vistos não articulava exatamente o que queria dizer, e ela, por mais que se esforçasse a explicar-lhe, talvez não pudesse compreendê-lo. Por fim, já de madrugada, os ataques cessaram, e ele adormeceu, caiu num sono profundo, sem sonhos. Dormiu uma hora e, quando acordou, já recuperara quase por completo a consciência, mas com uma dor de cabeça insuportável e com um sabor abominável na língua (que tinha a consistência de uma tira de pano). Soergueu-se na cama, olhou em volta e pôs-se a pensar. A luz pálida do dia nascente infiltrava-se pelas frinchas dos guarda-ventos e caía no quarto na forma de uma faixa estreitinha a tremeluzir na parede. Eram perto das sete da manhã. Mas quando Ivan Iliitch, de chofre, recordou tudo o que lhe acontecera à noite; quando a memória lhe restituiu todas as desventuras da ceia, a sua boa ação falhada, o seu discurso à mesa; quando imaginou de rompante, com uma nitidez assustadora, tudo o que disso poderia agora resultar, tudo o que diriam e pensariam dele; quando, por

último, olhou e viu o estado monstruoso e deplorável em que tinha posto o pacífico leito nupcial do seu subordinado — oh, a vergonha foi tão torturante e o sofrimento que lhe pejou o coração foi tal que soltou um grito, tapou a cara com as mãos e deixou cair a cabeça, desesperado, na almofada. Um minuto depois saltou da cama, viu a sua roupa numa cadeira, já limpa e posta numa ordem cuidadosa, pegou nela e, à pressa, deitando olhares para trás, com um medo terrível não sabia de quê, começou a enfiá-la no corpo. Noutra cadeira estava a peliça, o chapéu e, dentro do chapéu, as luvas. Queria esgueirar-se sorratamente. Mas, de súbito, a porta abriu-se e entrou a senhora Pseldonímova com um alguidar de barro e um gomil. Do ombro pendia-lhe uma toalha. Pousou o gomil e, sem mais conversas, declarou que era indispensável lavar a cara.

— Como, paizinho? Lava-te, a pessoa não deve sair sem se lavar...

Neste instante Ivan Iliitch percebeu que, a haver uma criatura no mundo de quem podia não ter vergonha nem medo, tal criatura era esta mulher. Lavou a cara. Mais tarde, durante muito tempo, nos momentos penosos da sua vida e no meio de outros remorsos e do ambiente de toda aquela manhã, recordaria aquele alguidar de barro, aquele gomil de faiança cheio de água fria onde nadavam ainda bocadinhos de gelo, aquele sabonete oval embrulhado no papelinho cor-de-rosa com umas inscrições impressas, um sabonete de quinze copeques que deve ter sido comprado para os recém-casados, mas que calhou a Ivan Iliitch estrear, e aquela velha com a toalha de linho no ombro. A água fria refrescou-o. Limpou a cara e, sem uma palavra de agradecimento à sua irmã de misericórdia, pegou no chapéu, recebeu nos ombros a peliça que Pseldonímova lhe chegou e saiu para o corredor, do corredor para a cozinha, onde já miava a gata e a cozinheira se soerguia na sua esteira e lhe olhava com ávida curiosidade para as costas, da cozinha saiu para o quintal e, do quintal, precipitou-se para a rua e para dentro de um coche de praça que passava. A manhã estava fria, o nevoeiro amarelado e gélido envolvia ainda os prédios e os objetos. Ivan Iliitch levantou a gola. Parecia que toda a gente olhava para ele, que todos o reconheciam...

* * *

Durante oito dias não saiu de casa, não foi para o serviço. Estava doente, gravemente enfermo, mas mais moral do que fisicamente. Viveu um verdadeiro inferno naqueles oito dias, é muito provável que eles lhe venham a ser descontados no outro mundo. Houve momentos em que pensou tomar hábito, fazer-se monge. A sério. A sua imaginação excedia-se naqueles momentos. Imaginava um canto num subterrâneo, de teto baixinho, um caixão aberto, a vida numa cela solitária, florestas e cavernas. Logo caía em si e reconhecia o terrível absurdo e exagero que era aquilo tudo e tinha vergonha. Depois, por causa da sua *existence manquée*, assediavam-no os sobressaltos morais. Depois voltava a acender-se-lhe a vergonha na alma, a atear-se e a queimar-lha, a reduzir-lha a cinzas. Estremecia imaginando diversos cenários. O que diriam dele, o que pensariam dele, como entraria no escritório, que sussurro o perseguiria durante um ano inteiro, dez anos, toda a vida. O seu caso seria transmitido de geração em geração. Nestes dias, Ivan Iliitch chegava por vezes a um ponto tal que estava disposto a ir de imediato a casa de Semion Ivánovitch pedir-lhe perdão e amizade. Não encontrava justificação para si próprio, censurava-se de uma vez por todas, não arranjava desculpas, tinha vergonha delas.

Chegava a pensar pedir imediatamente a demissão e, de uma forma singela e solitária, dedicar-se à felicidade da humanidade. Fosse como fosse, era imprescindível mudar de conhecidos e amigos, de tal maneira que fosse erradicada qualquer lembrança dele. Depois passava-lhe pela cabeça que também isso era um disparate e que, reforçando a severidade para com os subordinados, ainda era possível remediar tudo. Então, começava a recuperar o ânimo e a esperança voltava. Por fim, ao cabo de oito dias de hesitações e tormentos, sentiu que não aguentava mais a incerteza e, *un beau matin*¹⁴, decidiu ir à repartição.

Quando estava metido em casa, aflito, imaginou mil vezes como entraria no gabinete do seu serviço. Pensava, aterrado, que ouviria infalivelmente nas suas costas sussurros ambíguos, que veria sorrisos estranhos, que surpreenderia sorrisos malignos. Qual não foi o seu espanto quando, afinal, não aconteceu nada disso! Receberam-no com respeito, dobraram-se em vénias, estavam todos sérios, todos entregues às suas tarefas. Enchia-se-lhe o coração de alegria quando passou para o seu gabinete.

Começou a trabalhar de imediato e a sério, ouviu alguns relatórios e esclarecimentos, tomou algumas decisões. Sentia que nunca houvera raciocinado nem tomado decisões tão sensatas e pragmáticas como naquela manhã. Via que estavam contentes com ele, que o estimavam, que o respeitavam. A mais sensível desconfiança de que usasse não lhe daria azo a ver nada de suspeito. Corria tudo às mil maravilhas.

Por fim, entrou também Akim Petróvitch com uns papéis. Ao vê-lo, Ivan Iliitch sentiu uma picada no coração, mas foi coisa de um instante. Pôs-se a tratar dos papéis de Akim Petróvitch, falando com ar digno, indicando-lhe o que era preciso fazer, explicando-lhe de que forma. Apenas sentia que evitava olhar muito para Akim Petróvitch, ou antes, era Akim Petróvitch que parecia ter medo de olhar para ele. Terminado o expediente de Akim Petróvitch, este começou a arrumar os papéis.

— Há também um pedido do funcionário Pseldonímov — começou Akim Petróvitch da maneira mais seca que lhe foi possível — de transferência para o departamento... Sua Excelência Semion Ivánovitch Chipulenko prometeu-lhe um lugar. O funcionário Pseldonímov pede encarecidamente o seu apoio, Excelência.

— Hã, hã, com que então ele vai ser transferido — disse Ivan Iliitch e sentiu que alijava um peso enorme do coração. Levantou os olhos para Akim Petróvitch, os olhares dos dois cruzaram-se.

— Pela minha parte, está bem... farei o necessário, estou de acordo — respondeu Ivan Iliitch.

Akim Petróvitch, pelos vistos, queria escapar-se dali o mais depressa possível. Mas Ivan Iliitch, de repente, num impulso de generosidade, resolveu falar de uma vez por todas. A inspiração voltava a descer sobre ele.

— Transmita-lhe — começou ele, dirigindo um olhar claro e profundamente significativo a Akim Petróvitch —, transmita a Pseldonímov que não lhe desejo mal, não, não desejo!... Que, pelo contrário, estou pronto, inclusive, a esquecer tudo o que se passou, tudo, tudo...

De repente, Ivan Iliitch titubeou ao olhar, com espanto, para a estranha conduta de Akim Petróvitch que, sabia-se lá porquê, em vez de homem sensato passou a mostrar-se um néscio terrível. Em vez de ouvir o chefe até ao fim, corou de repente de forma idiota, começou a fazer umas vénias

muito rápidas e curtas, umas vérias muito inconvenientes, enquanto recuava até à porta. Todo o seu ar exprimia o desejo enorme de que o chão o engolisse, ou melhor, de chegar o mais depressa possível à sua secretária. Ivan Iliitch, ficando sozinho, levantou-se, perplexo, da cadeira. Olhou-se no espelho e não reconheceu o seu rosto.

— Não, rigor, rigor e apenas rigor! — murmurou para si, quase sem a consciência de que o estava a dizer e, de súbito, um vermelho forte inundou-lhe as faces. Invadiu-o de rompante uma vergonha enorme e sentiu-se tão mal como nunca se sentira nos momentos mais insuportáveis dos seus oito dias de reclusão. «Não aguentei!», pensou, e deixou-se cair, sem forças, na cadeira.

[1](#) As estrelas de general. (NT)

[2](#) Vida falhada (fr.). (NT)

[3](#) Alusão às palavras do Evangelho: «Nem se deita vinho novo em odres velhos.» (S. Mateus 9, 17). (NT)

[4](#) Os funcionários que desejassem casar-se eram obrigados a pedir autorização aos chefes para tal. (NT)

[5](#) Pseldonímov é um apelido formado a partir da palavra (deformada) «pseudonim» («pseudónimo»); Mlekopitáev(a) provém do verbo «mlekopitat» («amamentar»), em desuso: em russo, ambos os apelidos soam artificial e comicamente. (NT)

[6](#) Num conto tradicional árabe, o califa Harun-al-Raschid vestia um traje modesto e ia visitar as casas pobres. (NT)

[7](#) Pseldonímov nomeia aqui o seu patronímico simples, «burocrático» (filho de Petrov), forma de patronímico que era utilizada nos documentos oficiais da época; no trato social educado era conveniente o patronímico com a terminação -óvitch, -évitch, -ovna, -evna, -itchna. (NT)

[8](#) Encantada (fr.). (NT)

[9](#) Guloseima feita de polpa e sumo de fruta cozida com mel e condensada por secagem. (NT)

[10](#) Ivan Panáev (1812-1862), escritor russo. O *Novo Livro dos Sonhos da Literatura Russa* era uma obra humorística de Nikolai Cherbina (1821-1869) divulgada em cópias manuscritas na década de 1850. (NT)

[11](#) Em 1861, começou a ser editado o *Dicionário Enciclopédico, composto por cientistas e literatos russos*, financiado pelo governo. A revisão geral foi assumida por A. Kraévski, o que provocou indignação entre os jornalistas, porque este era um empresário editor e não um literato. N. Alferáki era um comerciante de Taganrog. (NT)

[12](#) *Ribka* («peixinho») é uma dança popular no fim da qual o dançarino cai no chão e imita os movimentos de um peixe tirado da água. (NT)

[13](#) Fókin era um dançarino de cançã, muito popular em Petersburgo no início dos anos 60. (NT)

[14](#) Uma bela manhã (fr.). (NT)

APONTAMENTOS DE INVERNO SOBRE
IMPRESSÕES DE VERÃO

À laia de prefácio

Há já vários meses, meus amigos, que não parais de insistir comigo para que vos descreva as minhas impressões do estrangeiro, sem sequer suspeitardes de que, com esse pedido, me colocais num beco sem saída. O que escrever? Que coisas novas, inéditas e desconhecidas vos posso contar? Para qual de nós, russos (pelo menos os que leem os jornais), a Europa não é conhecida duas vezes melhor do que a Rússia? Escrevi «duas vezes» por delicadeza, mas é com certeza dez vezes. Além disso, meus amigos, para além dessas considerações de ordem geral, sabeis muito bem que eu não tenho nada de particular para dizer, e ainda menos para sistematizar por escrito, porque não vi nada por ordem, e mesmo que visse, não teria tempo de observar bem as coisas. Fui a Berlim, a Dresden, a Wiesbaden, a Baden-Baden, a Colónia, a Paris, a Londres, a Lucerna, a Genebra, a Génova, a Florença, a Milão, a Veneza, a Viena, a alguns lugares por duas vezes, e tudo isso, tudo, em dois meses e meio! Será possível ver-se alguma coisa de jeito fazendo tanto caminho em dois meses e meio? Se bem vos lembrais, planeei a minha viagem com antecedência, ainda em Petersburgo. Nunca tinha ido ao estrangeiro e ansiava por viajar para lá desde a minha mais longínqua infância, ainda quando, nos longos fins de tarde inverniais, não sabendo ler, ouvia boquiaberto e hirto de admiração e terror os meus pais a lerem em voz alta, antes de irem para a cama, os romances de Radcliffe¹⁵, que chegavam a dar-me febres delirantes enquanto dormia. Finalmente-arranquei para o estrangeiro aos quarenta anos, e, como é evidente, queria ver não só o máximo, mas tudo, tudo, sem falhar nada, apesar das-limitações de tempo. Além disso, sentia-me incapaz de seleccionar lugares assim, a frio. Meu Deus, quanta coisa eu esperava desta viagem! «Não interessa que não veja nada em pormenor — pensava eu —, mas em compensação verei tudo, passarei por todo o lado; e de tudo o que vir

formarei um quadro geral, um panorama. Um só “país de maravilhas sagradas” vai erguer-se diante de mim como um todo, como que *à vol d’oiseau*, como a terra prometida vista em perspetiva do cimo de um monte. Em suma, o resultado será uma visão nova, divina, forte.» Agora, em casa, o que me entristece mais quando recordo as minhas viagens de verão? Não é o facto de não ter visto nada em pormenor, mas o facto de ter ido a quase todo o lado e não ter ido a Roma. E, em Roma, talvez não tivesse visto o papa... Em resumo, apoderou-se de mim uma ânsia insaciável do novo, de mudança de lugar, de impressões gerais, sintéticas, panorâmicas, de longa perspetiva. Depois destas confissões, o que podeis esperar de mim? O que vos hei de contar, descrever? O panorama, a perspetiva? Uma coisa que eu vi das alturas? Penso que sereis os primeiros a dizer-me que voei alto de mais. Além disso, considero-me uma pessoa conscienciosa, e não me apeteceria nada mentir, mesmo na qualidade de viajante. Ora, se começar a descrever-vos nem que seja só o panorama, mentirei inevitavelmente, e não porque sou viajante, mas pura e simplesmente porque na minha situação é impossível evitar as mentiras. Vede só: Berlim, por exemplo, causou-me a mais tristonha das impressões, e só lá passei um dia. Sei agora que sou culpado para com Berlim, que não tenho o direito de afirmar que ela causa uma impressão triste e azeda. Pelo menos, deve tratar-se de uma impressão agridoce, e não apenas azeda. Mas donde provém o meu erro nefasto? Evidentemente do facto de eu, um homem doente, com problemas de fígado, ter feito dois dias de comboio, por entre chuva e nevoeiro, antes de chegar a Berlim e, quando cheguei, todo alquebrado, amarelento, mal dormido e cansado, ter reparado logo, a um primeiro olhar, que Berlim era incrivelmente parecida com Petersburgo. As mesmas artérias retas, os mesmos cheiros, os mesmos... (aliás, não faz sentido enumerar as mesmas coisas!). Credo, pensava eu: terá valido a pena sofrer dois dias seguidos de comboio para ver a mesma coisa de que fugi? Nem sequer as tílias¹⁶ me agradaram, embora um berlinense, pela preservação daquelas tílias, sacrificasse o que tem de mais precioso, talvez até a sua Constituição; e haverá algo de mais querido para um berlinense do que a sua Constituição? Além disso, todos os berlinenses, do primeiro ao último, pareciam tão alemães que eu, sem atentar sequer contra os frescos de Kaulbach¹⁷ (oh,

que horror!), fugi rapidamente para Dresden, com a profundíssima convicção de que é necessário fazer um esforço muito especial para nos habituarmos ao que é alemão e que, sem esse hábito, é difícil suportá-lo em grandes quantidades. Ora, em Dresden, fui mau até para com as mulheres alemãs: mal saí à rua, afigurou-se-me que não havia nada de mais repugnante do que o tipo das mulheres de Dresden, e que o próprio bardo do amor Vsévolod Krestóvski, o mais convencido e alegre dos poetas russos, ficaria confuso de todo em Dresden e talvez viesse mesmo a duvidar da sua vocação. É claro que, no mesmo momento, senti que estava a disparatar e que ele não poderia duvidar da sua vocação em circunstâncias nenhuma. Ainda nem duas horas tinham passado e já encontrara a explicação: de regresso ao meu quarto, tirando a língua de fora diante do espelho, fiquei a saber que a minha opinião sobre as senhoras de Dresden atingia as raias da mais negra calúnia. A minha língua estava de um amarelo doentio... «Será que o homem, o tão famigerado rei da natureza, depende a tal ponto do seu fígado? — pensei. — Que baixeza!» Com estes pensamentos consoladores, dirigi-me a Colónia. Confesso que depositava grandes esperanças na Catedral; ainda na juventude, quando estudava arquitetura, desenhava a Catedral com veneração. Quando atravessava Colónia no caminho de regresso, isto é, um mês depois, vindo de Paris, vi a Catedral pela segunda vez, já que lhe queria «pedir desculpa de joelhos» por não ter entendido a sua beleza da primeira vez que a visitei, do mesmo modo que Karamzin¹⁸, com a mesma intenção, se havia ajoelhado diante da cascata do Reno. Fosse como fosse, da primeira vez não gostei mesmo nada da Catedral: pareceu-me aquilo rendas, rendinhas e rendilhados, um objeto decorativo do género pesa-papéis para secretária com setenta braças de altura. «Há pouca majestade nisto», concluí, da mesma forma que, antigamente, os nossos avós sentenciavam sobre Púchkin: «Versifica levianamente, há pouco sublime nele.» Desconfio de que este meu primeiro juízo foi influenciado por duas circunstâncias, sendo a primeira: águas de colónia. A empresa Jean-Marie Farina¹⁹ encontra-se ao lado da Catedral e, seja qual for o hotel em que nos hospedemos, seja qual for o nosso estado de espírito, sejam quais forem os nossos esforços para nos escondermos dos nossos inimigos em geral e de Jean-Marie Farina em particular, os súbditos

dele encontrar-nos-ão sempre e, então: «Eau de Cologne ou la vie», das duas uma, não há escolha. Não posso afirmar com certeza que eles gritam precisamente «eau de Cologne ou la vie», mas, quem sabe? Lembro-me de que, naquela altura, parecia-me, afigurava-se-me, imaginava sempre qualquer coisa. A segunda circunstância que me enraiveceu e fez com que me tornasse injusto foi a ponte nova de Colónia. A ponte é sem dúvida excelente, e a cidade orgulha-se dela com toda a justiça, mas pareceu-me exagerado aquele orgulho. É evidente que me enraiveci com isso de imediato. Acresce ainda que o cobrador de tostões postado à entrada da ponte maravilhosa não tinha nada que me cobrar esse tributo razoável com o ar de quem me multa pela transgressão de uma lei desconhecida para mim. Não sei, mas pareceu-me que o alemão estava a escarnecer. «Pelos vistos, adivinhou que eu era estrangeiro e precisamente russo», pensei. Pelo menos, era como se os olhos dele me dissessem: «Estás a ver a nossa ponte, seu russo miserável, então fica sabendo que, perante a nossa ponte e perante qualquer homem alemão, és um verme, porque não tens uma ponte como esta.» Tendes de concordar que é ofensivo, amigos. É evidente que o alemão não o disse, e talvez até nem tivesse nada disso na cabeça, mas não importa: eu estava com tanta certeza de que era precisamente isso que ele queria dizer que explodi. «C'os diabos — pensava eu —, nós também inventámos o samovar... temos revistas... fabricam-se no nosso país coisas para os oficiais... nós...», enfim, zanguei-me e, depois de comprar um frasco de água de colónia (o que não pude evitar), parti de imediato para Paris, com a esperança de que os franceses fossem muito mais simpáticos e engraçados. Agora, julgai por vós: se eu tivesse conseguido ultrapassar-me, se tivesse ficado em Berlim uma semana e não um dia, e outro tanto em Dresden, e se tivesse reservado pelo menos três dias para Colónia, enfim, dois... então olharia de certeza uma segunda e uma terceira vez para os mesmos objetos já com outros olhos e formaria deles uma opinião mais conveniente. Mesmo um raio de sol, um simples raio de sol significaria muito: se brilhasse por cima da Catedral, como aconteceu na minha segunda visita à cidade de Colónia, o edifício seguramente se me apresentaria sob o seu verdadeiro aspeto, e não como naquela manhã sombria e até um pouco chuvosa que apenas pôde provocar em mim uma

explosão de patriotismo ofendido. De modo nenhum se concluirá daqui, no entanto, que o patriotismo se manifeste apenas nos dias de mau tempo. Portanto, bem vedes, meus amigos: em dois meses e meio é impossível ver as coisas de maneira correta, pelo que não posso facultar-vos informações exatas. Tenho de dizer, involuntariamente, algumas mentiras, e por isso...

Neste ponto podereis vós interromper-me e dizer que, neste caso, nem sequer precisais dela, da informação exata, e que, se precisardes, a encontrareis facilmente no guia de Reichard²⁰, e que, pelo contrário, não seria nada mau se todos os viajantes perseguissem não tanto a exatidão absoluta (que quase nunca se adrega alcançar) mas a sinceridade; se não receassem revelar de vez em quando, em vez de esconder, algumas impressões ou aventuras pessoais, mesmo quando elas não os cobrissem de grande glória; e se não consultassem as célebres autoridades para averiguarem as suas conclusões. Podereis pois dizer, meus amigos, que preferis as minhas observações próprias, pessoais, mas sinceras.

— Ah, pois! — exclamo eu. — Significa que preferis a simples tagarelice, o ensaio ligeiro, a impressão pessoal apanhada no ar de passagem. Pois bem, com isso estou de acordo e vou já consultar o meu caderno de notas. E tentarei, na medida do possível, ser ingénuo. Peço apenas que não esqueçais que muito do que ides ler a seguir talvez tenha erros. Mas nem tudo, evidentemente. Não é possível enganarmo-nos, por exemplo, quanto ao facto de existirem em Paris a Notre-Dame e o Bal Mabille²¹. Este último, principalmente, é de tal modo testemunhado por todos os russos que escrevem sobre Paris que já se torna quase impossível duvidar-se dele. Neste particular, talvez nem eu me engane, embora, rigorosamente falando, nem disso se possa ter a certeza. Porque, por exemplo, dizem que é impossível ir-se a Roma e não ver a Catedral de São Pedro. Mas vede: eu fui a Londres e não vi São Paulo. Palavra de honra, não vi. Não vi a Catedral de São Paulo. É claro que entre Pedro e Paulo há diferença, mesmo assim é uma lacuna um pouco inconveniente para um viajante. É esta então a minha primeira aventura a não me trazer grande glória (na verdade, eu vi-a, mas de longe, a cerca de duzentas braças de distância, mas, como estava com pressa de ir a Pentonville, desisti e passei ao lado). Mas vamos ao que interessa! Ficai sabendo de uma coisa: eu nem

sempre andei de um lado para o outro a olhar as coisas *à vol d'oiseau* (*à vol d'oiseau* significa do alto, mas não *de alto*. É um termo arquitetónico, bem sabeis). Fiquei um mês em Paris, menos os oito dias dedicados a Londres. Portanto, vou contar-vos alguma coisa sobre Paris, porque, em qualquer caso, estudei Paris melhor do que a Catedral de São Paulo ou as senhoras de Dresden. Vou, então, começar.

[15](#) Anne Radcliffe (1764-1823), escritora inglesa, autora de romances de mistério e terror muito populares. (NT)

[16](#) Referência a um das ruas centrais de Berlim, Unter den Linden («Sob as Tílias»), ladeada destas árvores. (NT)

[17](#) W. Kaulbach (1805-1874), pintor alemão; os frescos referidos, de conteúdo histórico e alegórico, estavam no edifício do Museu Novo de Berlim. (NT)

[18](#) Nikolai Karamzin (1766-1826), escritor e historiador russo. (NT)

[19](#) Jean-Marie (Giovanni Maria) Farina (1686-1766), fundador da empresa de perfumaria italiana em Colónia. (NT)

[20](#) Heinrich Reichard (1751-1828), escritor alemão, autor de um guia turístico da Alemanha. (NT)

[21](#) Estabelecimento de dança e diversão (na Avenida Montaigne), pertença dos irmãos Mabile, que durante muitos anos da segunda metade do século XIX foi o mais conceituado de Paris, com entradas bastante caras, pelo que era frequentado por franceses e turistas ricos. (NT)

No comboio

«O francês não tem bom senso e, se o tivesse, consideraria isso a maior desgraça da sua vida.» Esta frase é já do século passado, escrita por Fonvísin²², e, santo Deus, com que alegria ele a escreveu! Posso apostar que ele tinha mesmo comichões de prazer no coração quando a compunha. E, quem sabe?, talvez nós, depois de Fonvísin, durante três ou quatro gerações, a leiamos com deleite. Semelhantes frases que escarneçam dos estrangeiros, transportam em si, para nós, os russos, qualquer coisa de incomparavelmente agradável. Isso passa-se, é evidente, em profundo segredo, por vezes no segredo de nós próprios. Sente-se nisto uma vingança qualquer por qualquer coisa má que nos fizemos no passado. Sem dúvida que tal sentimento é mau, mas tenho a certeza de que existe em quase todos nós. É claro que nos insurgimos quando suspeitam disso em nós e, quando o fazemos, estamos a ser sinceros; no entanto, penso que até o próprio Belínski era, neste particular, um secreto eslavófilo²³. Lembro-me bem, quinze anos atrás, quando conheci Belínski, com que veneração, chegando a atingir as raias da singularidade maníaca, todo aquele círculo se inclinava perante o Ocidente, principalmente perante a França. Naquela altura, a França estava na moda — falo do ano quarenta e seis. Não que se venerassem nomes como, por exemplo, George Sand, Proudhon, etc., ou que se respeitassem nomes como Louis Blanc, Ledru-Rollin, etc. Não, não eram esses, mais míseros, aqueles que, na hora da verdade, se acobardavam sempre. E esperava-se dessas figurinhas quaisquer grandes feitos em futuros serviços à humanidade. De algumas delas falava-se num sussurro especial de veneração... Pois bem, nunca na vida vi homem mais apaixonadamente russo do que Belínski, embora, antes dele, um Tchaadáev²⁴, e apenas ele, se indignasse com a mesma ousadia, às vezes cega, e desprezando talvez muitas coisas nossas, russas. Há sinais, dados

avulsos, que me fazem agora lembrar e perceber tudo isso. Ora bem, quem sabe? Talvez aquelas palavras de Fonvísin não tenham parecido demasiado escandalosas a Belínski. Porque há momentos em que não agrada muito ser tutorado, por mais honrosa e legítima que seja a tutela. Oh, por amor de Deus, não penseis que amar a Pátria significa criticar os estrangeiros e que o meu ponto de vista possa ser precisamente esse. Não penso nada disso nem tenciono vir a pensar, pelo contrário. Aliás, é pena que eu não tenha tempo de esclarecer melhor as minhas ideias.

A propósito: não estareis a pensar que, em vez de falar de Paris, me estou a desviar para o tema da literatura russa? Que estou a escrever um artigo de crítica literária? Não, foi apenas porque não me dominei, foi sem querer.

De acordo com o meu caderno de notas, estou agora na carruagem do comboio e preparo-me para Eidkunen, ou seja, para as minhas primeiras impressões estrangeiras, e até o coração me chega a estremecer. Verei finalmente a Europa, e como a verei, eu, que venho sonhando com ela, em vão, desde há quarenta anos, eu, que desde os meus dezasseis, e muito a sério, tal como o Belopiátkin do poema de Nekrássov²⁵,

Gostava de fugir para a Suíça

mas não fugi? E eis-me agora a entrar na «terra dos milagres sagrados», na terra dos meus tão longos anseios e expetativas, das tão persistentes crenças minhas. «Meu Deus, mas que russos somos nós? — passou-me pela cabeça nessa hora, sempre naquela carruagem. — Seremos realmente russos? Porque nos causará a Europa, sejamos nós quem formos, uma impressão tão forte e sedutora? Não falo daqueles russos que ficaram na Rússia, daqueles russos cujo nome é cinquenta milhões²⁶, e a quem nós, os cem mil restantes, até aos dias de hoje e muito a sério, consideramos ninguém, e de quem as nossas muito profundas revistas satíricas escarnecem, até aos dias de hoje, porque eles não rapam as barbas. Não, falo do nosso círculo privilegiado e patenteado. Porque tudo, absolutamente tudo o que temos no sentido do desenvolvimento, da ciência, da cidadania, do humanismo, tudo isso provém de lá, da mesma terra dos milagres sagrados! É que toda a nossa vida, desde a primeira infância, se formou de acordo com os sistemas europeus. E algum de nós seria capaz de resistir a

uma tal influência, a um tal clamor e a uma tal pressão? Como é que não nos transformámos ainda, definitivamente, em europeus? Que não nos transfigurámos, toda a gente estará de acordo, acho eu, uns com alegria, outros com raiva por não termos *amadurecido* até essa metamorfose. Mas isso já é outro assunto. Agora falo apenas do facto de não nos termos transfigurado, apesar de tão irresistíveis influências, e de eu não conseguir compreender este facto. Porque não é possível que tenham sido as nossas amas-secas que nos protegeram da transfiguração. É que, afinal, é triste e ridículo pensar que, se não tivesse existido Arina Rodiónovna²⁷, a ama-seca de Púchkin, talvez não tivéssemos Púchkin. Não é absurdo? Não será mesmo absurdo? Mas se, na verdade, não for absurdo? Por exemplo, hoje em dia muitas crianças russas são levadas para França, para serem educadas lá; imaginemos que levaram para lá outro Púchkin e que ele não vai ter lá, desde o berço, nem Arina Rodiónovna nem a fala russa. E será que Púchkin não era um verdadeiro russo? Ele, um fidalgo, percebeu Pugatchov e entrou na alma dele, ainda por cima numa altura em que ninguém penetrava em nada. Ele, um aristocrata, recebeu na sua alma o Bélkin. Com a sua força artística, rejeitou o seu próprio ambiente fidalgo e, do ponto de vista do espírito do povo, julgou esse ambiente com grande discernimento em *Evguéni Onéguin*.²⁸ Porque é profeta e precursor. Existirá realmente alguma ligação química do espírito humano com a terra materna, tão forte que seja impossível desligarmo-nos dela e que, mesmo que nos desliguemos, voltemos a ela? Porque, francamente, não foi do céu que nos caiu a ideologia eslavófila e, embora com o correr dos tempos esta ideologia se tenha transformado num passatempo moscovita, o fundamento desta ideia é mais amplo do que a fórmula moscovita e, se calhar, mora mais fundo nalguns corações do que parece à primeira vista. Aliás, talvez entre a gente de Moscovo seja mais amplo do que a sua fórmula. É mesmo difícil exprimirmo-nos claramente logo à primeira, nem que seja perante nós próprios. Há ideias fortes e resistentes que não chegam a esclarecimento antes de três gerações, pelo que o final, por vezes, em nada se parece com o início...» Pois bem, todos estes ocos pensamentos me assediavam involuntariamente no comboio, a caminho da Europa, em parte por tédio, por não ter mais nada que fazer. Sejamos sinceros: até hoje, entre

nós, apenas reflete nestas matérias quem não tem mais nada que fazer. Ah, que aborrecimento viajarmos de comboio, ali, de braços cruzados; é tão aborrecido como viver na nossa Rússia sem uma ocupação. Embora nos transportem, embora cuidem de nós, embora nos embalem de tal forma que, na aparência, nada mais teríamos que desejar, é sempre uma angústia, sim, uma angústia, porque não fica nada para fazermos nós próprios, fazem-nos tudo, os cuidados para conosco são tantos que só nos resta ficar sentados à espera do termo do infundável caminho. A sério, às vezes apetecia-me saltar da carruagem e correr ao lado do comboio! Digam-me que isso é pior, que é cansativo por causa da falta de hábito, que posso tropeçar — não faz mal! Em compensação, sentir-me-ia em cima dos meus próprios pés, a fazer as minhas próprias tarefas; e, em compensação, se acontecesse uma colisão de comboios e eles se virassem de rodas para o ar, já não ficaria preso dentro da carruagem, de braços cruzados, respondendo com as minhas costelas pelas culpas dos outros...

Deus do céu, que ideias nos vêm por vezes à cabeça por causa do ócio!

Entretanto, escurecia. Começavam a acender as luzes nas carruagens. À minha frente estava um casal já idoso de proprietários rurais; boa gente, ao que parecia. Iam para a exposição de Londres, apenas por alguns dias, tendo deixado toda a família em casa. À minha direita sentava-se um russo que vivia há dez anos em Londres a tratar dos negócios de uma empresa; tinha ido ao escritório da firma em Petersburgo, somente por duas semanas, e agora regressava, tendo pelos vistos perdido toda a noção de saudades da pátria. À minha esquerda ia um inglês puro, de gema, ruivo, com uma risca inglesa no cabelo, acentuadamente sério. Durante todo o percurso não dirigiu qualquer palavrinha a nenhum de nós em língua nenhuma; durante o dia, sem erguer os olhos, leu um livro com aquela impressão de letra minúscula que só os ingleses suportam (e são capazes ainda de a gabar como muito cómoda); às dez em ponto tirou as botas e calçou as pantufas (por certo um hábito de toda uma vida que não queria mudar por ir de comboio). Não tardou a que todos adormecessem: o trincolear e o sibilo do comboio embalavam, davam uma modorra invencível. E eu pensava, pensava e foi então que, nas minhas cogitações, cheguei àquela de que «o francês não tem bom senso», com que encetei este capítulo. A propósito:

qualquer coisa me incita, enquanto chegamos e não chegamos a Paris, a relatar-vos as minhas reflexões tão-só por uma questão de justiça: já que me aborrecia no comboio, aborrecei-vos vós também. Mas como considero que devo poupar os outros leitores, vou apartar todas as minhas reflexões e incluí-las num capítulo específico a que chamarei *desnecessário*. Assim, amigos, aborrecei-vos; vós, os outros, podeis omitir o capítulo como desnecessário. É que o leitor tem de ser tratado com cautela e delicadeza, mas com os amigos é possível mais familiaridade. Portanto:

[22](#) Trata-se de uma citação inexata de uma passagem de uma carta de Denis Fonvísin (1744-1792), escritor russo. (NT)

[23](#) Vissarion Belínski (1811-1848), escritor, publicista e crítico literário russo; a sua atitude em relação à ideologia eslavófila foi sempre de repúdio. (NT)

[24](#) Piotr Tchaadáev (1794-1856), pensador, publicista e escritor russo. (NT)

[25](#) Nikolai Nekrássov (1821-1877), poeta russo; é citado aqui um seu poema satírico. (NT)

[26](#) Paráfrase de uma frase do Evangelho segundo São Marcos 5,9 («Legião é o meu nome, porque somos muitos.») (NT)

[27](#) A ama-seca do famoso poeta familiarizou-o, na tenra infância, com as histórias tradicionais e com a língua popular russas. (NT)

[28](#) Pugatchov: no seu livro *A Filha do Capitão*, Aleksandr Púchkin cria a imagem do líder da guerra camponesa Emelian Pugatchov (1742-1775) com as características que lhe atribuía a tradição popular.

Bélkin: Nos *Contos do Falecido Ivan Petróvitch Bélkin*, Púchkin recorre à figura do «narrador», homem simples, sincero e ingénuo.

No romance em verso *Evguéni Onéguin*, é satirizada a imagem da fidalguia e aristocracia russas. (NT)

Capítulo absolutamente desnecessário

Aliás, os meus pensamentos nem sequer eram reflexões, mas uma espécie de contemplações, de imagens espontâneas, e mesmo devaneios sobre «isto, aquilo e não sei que mais». Primeiro, desviei-me para os tempos antigos e pus-me a pensar no homem que criou o aforismo atrás referido sobre o bom senso francês, refletindo sem querer e sem motivo sobre o tal aforismo. Este homem, para o seu tempo, era um grande liberal. No entanto, embora toda a sua vida usasse, não se sabia porquê, o cafetã francês, o pó de arroz e a espadinha atrás, para assinalar a sua origem cavaleiresca (uma coisa que entre nós nunca existiu) e também para defender a sua honra pessoal no vestíbulo de Potiômkin²⁹, bastou-lhe meter a ponta do nariz no estrangeiro para abdicar de Paris recorrendo a todos os textos bíblicos e para concluir que «o francês não tem bom senso e, se o tivesse, consideraria isso a maior desgraça da sua vida». A propósito, não estareis a pensar que falei da espadinha e do cafetã de veludo para criticar Fonvísin? Nada disso! É que ele de modo nenhum podia vestir o *zipun*³⁰, ainda por cima naqueles tempos, quando ainda hoje alguns senhores com pretensões de *serem russos* e de se fundirem com o povo também não-vestem o *zipun*, preferindo o trajo teatral que inventaram para si, quase o mesmo com que aparecem em palco, nas óperas nacionais russas, os Uslades apaixonados pelas suas Liudmilas com o *kokóchnik* na cabeça³¹. Não, pelo menos o cafetã francês era mais compreensível para o povo. «Vê-se logo que é o senhor, não ia usar um *zipun*, o senhor.» Há algum tempo, ouvi dizer que um senhor proprietário rural moderno, para se fundir com o povo, também começou a usar o *trajo russo* e a comparecer, assim vestido, nas assembleias dos camponeses; então, estes, mal ele aparecia, diziam entre si: «O que vem cá cheirar este mascarado?» Como consequência, o proprietário rural não se fundiu com o povo.

— Eu não — disse-me um outro senhor —, eu não vou ceder em nada. Vou fazer a barba de propósito e, se for preciso, até visto casaca. Vou tratar da minha propriedade como deve ser, mas nunca lhes vou mostrar que me quero fundir. Serei bom proprietário, poupado e calculista, até avarento, e se for preciso extorquir umas coisas, pois vou extorquir. Assim vão ter mais respeito por mim, e o principal consiste em, antes de mais, infundir respeito, um verdadeiro respeito.

«Irra, diabo do homem! — pensei. — Parece que se prepara para atacar um povo estrangeiro. Um conselho de guerra, sem tirar nem pôr.»

— Pois é — disse-me um terceiro, simpaticíssimo senhor, aliás —, suponhamos que me inscrevia numa dessas comunidades deles, e na assembleia eles decidiam açoitar-me para castigo de uma qualquer culpa minha. Como é que era?

— E depois, qual era o problema? — apeteceu-me de repente dizer-lhe, mas não disse por cobardia. — Porquê, por que razão, ainda hoje, temos medo de exprimir certas ideias? — continuava eu a dizer mentalmente. — Pois que seja, que te açoitem, qual é o problema? Estes incidentes da vida são chamados, entre os professores de estética, o trágico da vida, e nada mais. E então, por causa apenas disso, vamos viver isolados de todos? Não, se estamos juntos, estamos juntos todos; se estamos separados, separados por completo. Há lugares onde as pessoas sofrem muito mais, inclusive as mulheres fracas e as crianças!

— Por amor de Deus, quais mulheres e crianças! — gritar-me-ia o meu oponente. — A comunidade dos camponeses ia açoitar-me assim sem mais nem menos por causa de uma vaca qualquer que se enfiasse na horta errada, e para si isto também é a causa comum.

— Pois, é claro que é ridículo, o próprio assunto é ridículo, ignóbil, e não nos apetece sujar as mãos com ele. Até falar dele é indecente. Que se amolem todos: que os açoitem, o principal é que não seja a mim. Por mim, estou pronto a garantir outra sentença da parte da comunidade: não haveria açoitamento nenhum, querido oponente, mesmo que tivesse de sujeitar-se a uma sentença. «Vamos aplicar-lhe uma multa em dinheiro, amigos, porque é nobre. Não está habituado. Gente como nós é que tem os traseiros

adequados para a chicotada», assim decidiria a comunidade pela boca do regedor num dos ensaios provinciais do Chedrin³²...

— Mentalidade retrógrada! — gritará alguém ao ler tudo isto. — Defender a chicotada! (Juro por Deus que alguém haveria de deduzir disto que eu sou defensor do castigo pelo chicote.)

— Por amor de Deus, do que é que está a falar? — dirá outro. — Queria falar de Paris e descambou para os açoites. Onde é que está Paris no meio disso tudo?

— Mas o que é isto? — acrescentará um terceiro. — Diz que ouviu isso há pouco, mas a sua viagem foi no verão. Como é que o pode ter então pensado naquele comboio?

— Isso poderia ser um problema — respondo —, mas desculpe: são recordações de inverno sobre as impressões de verão. Por isso, com o inverno misturaram-se as ideias de inverno. Além disso, ao aproximar-me de Eidkunen (lembro-me), refleti muito sobre tudo o que era nosso, nacional, e que eu estava a abandonar pela Europa, e lembro-me de que alguns dos meus devaneios iam neste sentido. Refletia, precisamente, sobre o tema seguinte: como foi que, nas várias épocas, a Europa se refletiu em nós, assaltando-nos constantemente a casa com a sua civilização? E até que ponto nos civilizámos? E quantos de nós, numericamente, se civilizaram até hoje? Agora, eu próprio vejo que é desnecessário falar disso aqui. Mas se eu avisei os meus amigos de que todo o capítulo é desnecessário!? Bom, onde é que eu ia? Ah, sim! O cafetã francês. Foi com ele que tudo começou!

Ora bem, foi um desses cafetãs franceses que, naquele tempo, escreveu *O Brigadeiro*³³. Foi uma obra espantosa para aquele tempo e causou um efeito extraordinário. «Nunca hás de escrever nada melhor, Denis, nem que te mates», dizia o próprio Potiômkin. Com esta obra, todos se começaram a mexer, como se acordassem. Então, será que também naquela época — continuava eu nas minhas especulações espontâneas — as pessoas já estavam fartas de não fazer nada e de ser guiadas pelas andadeiras de fora? Não falo apenas das andadeiras francesas daquela época e acrescento, a propósito, que somos uma nação muito crédula e que tudo isso provém do nosso feitio bom-serás. Estamos todos de braços cruzados, por exemplo, e de repente parece-nos que alguém disse qualquer coisa ou fez qualquer

coisa que nos cheirou a coisa nossa, nacional, que se vislumbra uma atividade para nós, e então logo deitamos mãos à obra e ficamos com a certeza de que alguma coisa vai começar. Voa uma mosca, e nós já pensamos que passou um elefante. É a inexperiência da juventude, também a fome. Isto começou entre nós ainda antes de *O Brigadeiro*, ainda em dimensões microscópicas, é claro; e continua imutavelmente até hoje: encontrámos indícios de uma atividade e guinchamos de entusiasmo. Guinchar e gritar de entusiasmo até ao paroxismo é o principal para nós; depois, decorridos dois anos, cada qual vai para seu lado, de orelha murcha. Mas não nos cansamos, podemos recomeçar cem vezes que sejam. Quanto às outras andadeiras que nos guiavam no tempo de Fonvísin, a maioria não duvidava de que eram as mais sagradas e as mais europeias das andadeiras, a mais querida das tutelas. É claro que ainda hoje há poucos que duvidam. Todo o nosso partido extremamente progressista defende com fúria as andadeiras de fora. Mas naqueles tempos, oh, naqueles tempos havia tanta fé em todo o género de guias que é de admirar como não removíamos montanhas e como é que os nossos planaltos de Alaun, os cumes de Pargolovo e os picos de Valdai ainda estão nos seus lugares. Aliás, um poeta daquele tempo disse uma coisa assim sobre um herói:

Sobre os montes se deita, e eles rangem

e também:

Lança por sobre as nuvens as torres.³⁴

Não passariam, contudo, de metáforas. A propósito, meus senhores, agora estou a falar apenas em termos de literatura, mais precisamente de belas-letas. Quero seguir pelo exemplo da literatura a influência paulatina e benéfica da Europa sobre a nossa Rússia. Ou seja, que livros (antes de *O Brigadeiro* e coincidentes com *O Brigadeiro*) se editavam e liam... mas isso é impossível de imaginar sem uma certa altivez alegre da nossa parte! Temos agora um espantoso escritor, orgulho do nosso tempo, um tal Kozmá Prutkov³⁵. O seu único defeito é uma modéstia inconcebível: até hoje ainda não editou a sua obra completa. Pois Kozmá Prutkov publicou um dia na

secção «Miscelâneas» da revista *Sovreménnik* (há já muito tempo) «Os Cadernos do Meu Avô». Imaginai que tipo de apontamentos poderia escrever aquele velho do tempo de Catarina, um gordo de setenta anos, que, depois de ver tanta coisa, de assistir aos Courtag, de estar em Otchákov³⁶, voltou para a sua herdade para escrever as memórias. Como era interessante registrar tudo isso! O que não viu este homem! Pois todas as suas memórias são historietas deste género:

«Uma resposta espirituosa do cavaleiro de Monbazon. Uma ocasião, uma moça jovem e assaz bonita, na presença do rei, perguntou com todo o sangue-frio ao cavaleiro de Monbazon: “O que é que, meu senhor, está pendurado a quê: o cão ao rabo, ou o rabo ao cão?” Ao que o sobredito cavaleiro, assaz hábil nas refutações, respondeu em voz nada alterada, ao invés bem regular: “Nem uma coisa nem outra, minha senhora, porque não é proibido pegar no cão tanto pela cabeça como pelo rabo.” Como esta resposta houvera grande aprazimento por banda do sobredito rei, não ficou o cavaleiro sem gratificação.»

Pensais que tudo isto é aldrabice, disparate, que nunca existiu um avô destes no mundo. Mas juro, eu, pessoalmente, que na minha infância (teria uns dez anos), li um livro dos tempos de Catarina em que vinha a historieta que ides ler. Gostei tanto dela que a decorei e até hoje a não esqueci:

«Uma resposta espirituosa do cavaleiro de Rohan. É sabido que o cavaleiro de Rohan cheirava assaz mal da boca. Um dia, assistindo ao despertar do príncipe de Condé, disse-lhe este último: “Afastai-vos, cavaleiro de Rohan, pois cheirais assaz mal.” Ao que o sobredito cavaleiro respondeu: “Não sou eu, meu graciosíssimo príncipe, mas vós, porque vos estais agora levantando do leito.”»

Imaginai aquele proprietário rural, antigo militar, talvez maneta, com a sua velha esposa, uma centena de servos domésticos e todos os filhos Mitrofánuchkas³⁷; aos sábados vai aos banhos e derrete-se de vapor até à embriaguez; e ei-lo, com os óculos no nariz, a ler, imponente e solene, sílaba a sílaba, aquelas historietas, considerando-as ainda por cima uma coisa essencial, quase uma obrigação de serviço. Que fé ingénua na utilidade e na necessidade de tais notícias europeias! «É sabido que o cavaleiro de Rohan cheirava assaz mal da boca»... Sabido por quem, sabido para quê, sabido por que ursos da província de Tambov? E quem quereria

saber semelhante coisa? Mas não são tais perguntas provindas do livre-pensamento que preocupam o avô. Com a mais infantil das crenças, considera que, uma vez que essa «coletânea de ditos espirituosos» é conhecida na corte, para ele basta. Pois é, sem dúvida naquele tempo assimilávamos com facilidade a Europa, no sentido físico, evidentemente. No sentido moral, é claro, não passávamos sem a açoitada. Enfiávamos meias de seda nas pernas, púnhamos perucas, prendíamos espadinhas à cinta: e pronto, aí está um europeu. Não só não era um empecilho como até agradava. Mas na prática continuava tudo na mesma: posto de lado o de Rohan (do qual, aliás, apenas se sabia que cheirava mal da boca) e tirados os óculos, tirávamos os servos, tratávamos sempre da mesma forma patriarcal a família, chicoteávamos na cavaliariça um vizinho pobre que nos faltasse ao respeito, bajulávamos o superior. Para o mujique, éramos mais compreensíveis: desprezávamo-lo menos, tínhamos menos repugnância pelos costumes dele, conhecíamos-lo melhor, éramos menos estranhos para ele, menos alemães aos olhos dele. E se éramos arrogantes com ele, isso era-lhe natural: pois se era o senhor! Embora chicoteássemos um homem até à morte, éramos mais queridos para o povo do que os atuais, porque estávamos mais próximos, éramos mais russos. Enfim, todos esses senhores eram gente simples, rústica; gente que não procurava ir ao fundo das coisas, que aceitava o suborno, que chicoteava, que roubava, que também se dobrava com enternecimento diante dos grandes, que passava a vida, serena e fartamente, na sua «conscienciosa depravação infantil»³⁸. Até me parece, às vezes, que todos esses avôs não eram assim tão ingénuos, mesmo em relação aos de Rohan e de Monbazon.

É mesmo possível que tenham sido todos uns grandes malandros e espertalhões no que se refere às influências estrangeiras, vindas de cima, que imperavam naquela época. Toda essa fantasmagoria, todo esse carnaval, todos esses cafetãs franceses, todos esses punhos, perucas, espadinhas, todas essas pernas gordas e deselegantes que se enfiavam nas meias de seda; esses soldadinhos com perucas e polainas alemãs — todos esses, quer parecer-me, eram uns terríveis malandrecos, usavam, de baixo para cima, a aldrabice servil de lacaios, a ponto de o próprio povo compreender isso, se aperceber. É claro que era possível um amanuense, um malandro, um

brigadeiro terem ao mesmo tempo toda a certeza, com uma ingenuidade comovente, de que o cavaleiro de Rohan era do mais *subtível superflu*³⁹. Mas este facto não impedia nada: os Gvozdílov⁴⁰ continuavam a espancar pessoas como dantes, pouco faltava para que os nossos de Rohan fossem açoitados nas cavalariações pelos nossos Potiômkin e quejandos, os de Monbazon esfolavam o vivo e o morto, as mãos com punhos rendados e as pernas com meias de seda davam sopapos e pontapés, os marqueses caíam de bêbados nos *courtag*, «sacrificando destemidamente a nuca»⁴¹.

Em poucas palavras: toda essa Europa por encomenda e por ordem adaptava-se incrivelmente bem entre nós, a partir de Petersburgo — a mais fantástica das cidades, com a mais fantástica das histórias entre todas as cidades do globo terrestre.

Pois bem, a coisa agora é outra, e Petersburgo conseguiu o que pretendia. Agora já somos completamente europeus, amadurecemos. Agora o próprio Gvozdílov é hábil, observa as conveniências quando tem de aplicar uma sova, está a transformar-se num *bourgeois* francês e pouco lhe falta para que, como um sulista da América do Norte, comece a escrever textos em defesa da necessidade do tráfico de negros. De resto, este género de textos já está em vias de transferência da América para a Europa. Quando eu chegar à Europa — pensava —, vou vê-lo com os meus próprios olhos. Nos livros nunca se aprende tanto como vendo com os nossos próprios olhos. A propósito de Gvozdílov: porque é que, no seu *O Brigadeiro*, Fonvísin não põe uma das mais notáveis frases da sua comédia na boca de Sófia, representante do desenvolvimento nobre, humanista e europeu, mas a atribui à mulher do brigadeiro, tão estúpida e mostrada tão exageradamente estúpida, além de retrógrada, que a frase soa a mal alinhavada e parece não ser dita por ela, mas por alguém que se esconde atrás das suas costas? Quando era preciso dizer a verdade, esta não foi dita por Sófia, mas pela brigadeira. Fonvísin não só a fez estúpida como um armário, mas ainda por cima má; e, mesmo assim, como que tinha medo e considerasse artisticamente impossível que uma tal frase saísse da boca de uma Sófia bem-educada, uma menina de estufa, achando mais natural que fosse dita por uma mulher simplória e estúpida. Eis o fragmento, vale a pena recordá-lo. É curiosíssimo, porque, precisamente, foi escrito sem quaisquer

segundos propósitos ou intenções, ingenuamente e é possível que por acaso. A brigadeira diz então a Sófia:

[...] Havia no nosso regimento um capitão da primeira companhia, chamava-se Gvozdílov; a mulher dele era uma jovem bem bonita. Então, às vezes, o homem zangava-se com qualquer coisa, ou, a maior parte das vezes, estava bêbado; e, juro por Deus, mãezinha, dava-lhe umas sovas tão grandes que por pouco a desgraçada não entregava a alma ao Criador, sem se saber qual era a culpa dela. Não era connosco, não tínhamos nada que ver com isso, mas só de olhar para ela dava vontade de chorar.

Sófia: Por favor, minha senhora, deixe de falar de coisas que indignam o sentimento humanista.

Brigadeira: Vês, mãezinha, não queres sequer ouvir, agora imagina o quanto custava àquela senhora *aguentá-lo!*

E assim foi arrasada a educadíssima Sófia, com a sua sensibilidade de estufa, por uma mulher simples. Esta é uma espantosa *repartie* (ou seja, contradita) na obra de Fonvísin, e não há nada mais certo, humanista e *espontâneo* do que isto. E, até aos nossos dias, quantos progressistas de estufa não temos entre os nossos maiores vanguardistas, contentíssimos com a sua condição de plantas de estufa, sem mais nada ambicionarem. Mas o mais notável é o facto de Gvozdílov continuar a espancar até hoje a sua mulher, talvez ainda com maior conforto do que antes. Palavra de honra. Dizem que antes isso se fazia com mais alma, com mais coração! Que é como quem diz: a quem amo é a quem bato. Dizem que as mulheres até começavam a ficar preocupadas quando os maridos não lhes batiam: se não bate, não ama. Mas tudo isso é pré-histórico, instintivo, tradicional. Agora também neste particular se verifica desenvolvimento. Agora Gvozdílov espanca quase por princípio, e apenas porque continua parvo, isto é, homem caduco que ainda não conhece bem as novas regras. De acordo com as novas regras, é possível maltratar uma pessoa ainda com mais eficácia sem recorrer aos punhos. Estou para aqui com um tão longo discurso sobre Gvozdílov, porque, ainda hoje em dia, se escrevem entre nós frases superidiotas e super-humanistas sobre ele. E tais frases são tantas que o público já se fartou delas. Entre nós, o Gvozdílov é um tão bom sobrevivente que se tornou quase imortal, apesar de todos os artigos. Pois é,

cá anda, são e salvo, cevado e bêbado. Agora é um aleijado maneta e pernetta, e, como o capitão Kopéikin⁴², «em certo sentido derramou o seu sangue». A mulher dele há muito que não é «uma jovem bem bonita». Envelheceu, mirrou de cara, agora branca e sulcada de rugas e sofrimentos. Mas quando o seu marido e capitão estava de cama, doente, ela não se afastava da sua cabeceira, passava noites em claro à beira dele, consolava-o, banhava-se em lágrimas amargas, chamava-lhe querido, o seu audaz valentão, seu corajoso soldadinho. Pois bem, que esta maneira de agir indigne os corações, seja! Mas, por outro lado: honra à mulher russa, não há em todo o mundo nada melhor do que o seu amor infinitamente compassivo. Não é assim? Não é verdade? Até porque agora Gvozdílov, em estado sóbrio, às vezes não bate à mulher, isto é, fá-lo menos vezes, observa as conveniências, até é capaz de lhe dizer de quando em quando uma palavra carinhosa. É que chegou à velhice e descobriu que já não podia passar sem ela; é calculista, é *bourgeois*, e agora, se lhe bate, é tão-só porque está bêbado e por velho hábito, por saudades dos tempos passados. Tendes de concordar que, seja como for, é um progresso, que é consolador. Pois, nós adoramos consolar-nos...

Pois é, já nos consolámos o bastante, e consolámo-nos connosco próprios. Não interessa que tudo à nossa volta continue a não ser muito, -mas nós, em compensação, somos tão belos, tão civilizados, tão europeus que metemos nojo ao povo quando o povo olha para nós. Agora o povo considera-nos definitivamente estrangeiros, não compreende uma palavra do que dizemos, nenhum livro que escrevemos, nenhuma ideia que temos — o que é um progresso, digam o que disserem. Agora desprezamos o povo e as raízes do povo a um ponto tal, que alimentamos por ele uma repulsa nova, nunca vista, que nem sequer no tempo de De Monbazon e de De Rohan existia, o que é sem dúvida um progresso. Em contrapartida, quanta certeza agora temos na nossa vocação civilizadora, com que altivez resolvemos os problemas, e que problemas: não existem raízes, não existe o povo, o nacional é apenas um sistema determinado de tributação, a alma é uma *tabula rasa*, é o bocado de cera de que se pode esculpir num instante um verdadeiro homem, um ser unificado e universal, um homúnculo — basta aplicar os frutos da civilização europeia, e ler dois ou três livros. Em

contrapartida, que tranquilos, que majestosamente tranquilos estamos agora, porque não duvidamos de nada, porque temos tudo resolvido e assinado. Com que presunção tranquila, por exemplo, zurzimos o Turguénev por ele ter ousado não se acalmar juntamente connosco e não se satisfazer com as nossas personalidades majestosas, recusando-se a assimilá-las como seu ideal e procurando qualquer coisa melhor do que nós!⁴³ Melhor do que nós? Por amor de Deus! Neste mundo, o que pode ser mais belo e impecável do que nós? Irra, a grande sova que ele levou por causa do seu Bazárov inquieto e angustiado (sinal de um grande coração), apesar de todo o seu niilismo. Esbofeteámo-lo também por causa da sua Kúkchina, esse piolho progressista que Turguénev catou da realidade russa para no-lo mostrar, e ainda acrescentámos que ele era inimigo da emancipação da mulher. Pois tudo isto, ficai sabendo, é progresso! Agora erguemo-nos acima do povo com uma tal arrogância de sargento, armados em vagemestres da civilização, que é um espetáculo: as mãos nas ancas, o olhar galhardo, todos aperaltados, olhamos para ele e cuspiamos: «O quê, seu campónio, achas que podemos aprender alguma coisa contigo, quando todo o espírito nacional e popular não passa, no fundo, de ideologia retrógrada e de distribuição do tributo, e não mais do que isso!?» Não se pode conceder perdão aos preconceitos, Deus nos livre! Ah, meu Deus, agora a propósito de... Meus senhores, suponhamos por um momento que já terminei a minha viagem e regressei à Rússia. Permitti que vos conte uma historieta. Um dia, neste outono, pego num jornal, dos mais progressistas. Vejo: uma notícia de Moscovo. O título: «Mais vestígios de barbárie» (ou qualquer coisa do género, só que muito forte. É pena que não tenha agora o jornal comigo). E lá se conta a história: um dia, neste mesmo outono, de manhã, viram uma charrete em Moscovo; na charrete estava uma casamenteira bêbada, toda ataviada e cheia de fitas, cantando uma cantiga. O cocheiro também estava com laçarotes, também bêbado e também cantarolando qualquer coisa! O próprio cavalo estava enfeitado de laços, apenas não sei se estava bêbado... com certeza que estava. A casamenteira levava nas mãos uma trouxa, por certo os panos íntimos provenientes de uma noite de núpcias feliz de uns quaisquer recém-casados. Tratava-se, obviamente, da roupa interior que, entre o povo simples, é costume mostrar no dia seguinte aos pais da noiva.

O povo, olhando para a casamenteira, ria: sim, era matéria brejeira. O jornal, com indignação, com empáfia, cuspinhando, falava desta barbárie indizível «que se mantém até aos nossos dias, apesar de todos os êxitos da civilização!» Confesso, meus senhores, que me desfiz em gargalhadas! Oh, por favor, não penseis que estou a defender o canibalismo pré-histórico, as roupas íntimas, os véus, etc. Isso é péssimo, é indecente, é uma selvajaria, é coisa eslava, eu sei, de acordo, embora feito sem más intenções mas, pelo contrário, em prol do triunfo da recém-casada, por ingenuidade, por falta de conhecimento do melhor, do superior, do europeu. Não foi por isso que me ri. É que, simplesmente, lembrei-me de chofre das nossas fidalgas e das lojas de moda. É evidente que as senhoras civilizadas já não mandam a roupa íntima aos pais, mas quando, por exemplo, têm de encomendar um vestido à modista, com que delicadeza, com que fino cálculo e conhecimento de causa sabem acrescentar algodão em determinadas partes do seu encantador vestuário europeu! Algodão para quê? Obviamente para a elegância, a estética, *pour paraître*... Mais ainda: as suas filhas, inocentes criaturas de dezassete anos, logo após terminarem o internato também já sabem tudo sobre o algodão, tudo: para que serve, onde exactamente se aplica, em que partes da roupa, com que fim... Então — pensei, sufocado de riso — essas preocupações, essas diligências (diligências *conscientes*) com os acrescentos de algodão serão mais puras, morais e castas do que a desgraçada roupa interior mandada aos pais com uma convicção ingénua, com a convicção de que é assim que deve ser, que assim é que é moral?...

Por amor de Deus, meus amigos, não penseis que eu pretendo agora apregoar que a civilização não é desenvolvimento e que, pelo contrário, nos últimos tempos até tem ameaçado com o chicote e a prisão qualquer desenvolvimento! Não penseis que eu queira provar que, entre nós, se confundem barbaramente a civilização e as leis do desenvolvimento normal, verdadeiro! Que eu queira provar que a civilização vem sendo censurada há muito no próprio Ocidente e defendida apenas pelo proprietário de lá (embora lá todos sejam proprietários ou queiram ser-proprietários) para salvaguardar o seu dinheiro. Não penseis também que eu vá provar que a alma humana não é uma *tabula rasa*, que a alma humana não é um bocado de cera de que é possível esculpir-se um homem

unificado; que é necessária acima de tudo a natureza e, só depois, a ciência, e só depois a vida independente, natural, livre da opressão e a fé nas nossas forças nacionais próprias. Não penseis que vos vá dizer que, supostamente, não sei que os nossos progressistas (mas nem todos) não defendem o algodão e o vilipendiam da mesma forma que a roupa interior. Não, o que eu quero agora dizer é só isto: não é por acaso que no artigo do jornal estigmatizam e amaldiçoam a roupa interior e não dizem simplesmente que se trata de barbárie, mas censuram com toda a evidência a barbárie, precisamente nacional, a espontânea, do povo simples, em oposição à civilização europeia da nossa nobre e superior sociedade. O artigo fanfarronava, o artigo como que não queria saber que entre os próprios invetivadores os hábitos podem ser mil vezes mais repugnantes, que nos limitámos a trocar uns preconceitos e umas ignomínias por outros ainda piores. O artigo como que fechava os olhos aos nossos próprios preconceitos e ignomínias. Valerá a pena fazermos diante do povo esta figura aperaltada de mãos nas ancas e cuspinhando?... É que é ridícula, é mesmo ridícula esta nossa convicção de que não temos pecados e podemos fazer estes desmascaramentos. Esta convicção ou é, simplesmente, fazer escárnio do povo, ou é a veneração irracional, servil das formas europeias da civilização; esta última coisa é ainda mais ridícula.

Meu Deus! Deparamos com coisas destas todos os dias. Peço desculpa pela *anedocte*.

Mas porque estou a mentir? Pois estou. É porque me precipitei e saltei dos avós para os netos. No entanto, houve uma época intermédia. Lembrai-vos de Tchátski⁴⁴. Esse já não é o avô ingénuo nem o malandro, nem o ascendente convencido, presunçoso e com todos os problemas já resolvidos. Tchátski é um tipo especialíssimo da nossa Europa russa, um tipo simpático, exaltado, sofredor, que apela a que se volte à Rússia e às raízes, mas que, apesar disso, parte para a Europa quando precisa de encontrar

um cantinho para o sentimento ferido...

Em suma, trata-se de um tipo que no nosso tempo é perfeitamente inútil, mas que, outrora, foi muitíssimo útil. É um fraseador, um loquaz, mas fraseador de coração que se entristece sinceramente com a sua inutilidade.

Agora, na nova geração, transfigurou-se, e acreditamos nas forças jovens, acreditamos que, em breve, ele reaparecerá, mas não em estado de histeria, como no baile de Fámussov⁴⁵, e sim como vencedor, orgulhoso, forte, meigo e cheio de amor. Além disso, ganhará consciência de que o cantinho para o sentimento ferido não está na Europa, mas, talvez, à frente do seu nariz, e encontrará para si atividade, e começará a trabalhar. E ficai sabendo: tenho a certeza de que, mesmo hoje, não temos somente aqui vagomestres da civilização e arbitrários europeus; tenho a certeza e defendo a ideia de que o homem novo já nasceu... mas disso falarei depois. Apetece-me agora dizer mais duas palavras sobre Tchátски. Há uma coisa, a única, que não compreendo: como foi que Tchátски, sendo um homem tão inteligente, não arranjou uma atividade para si? Aliás, nenhum deles encontrou ocupação, e não a encontrou durante duas ou três gerações. É um facto, e contra factos não há nada a dizer, mas é lícito fazer a pergunta, por curiosidade. É que não compreendo como um homem inteligente, seja em que tempo for, sejam quais forem as circunstâncias, não arranje uma atividade. Este ponto, ao que dizem, é discutível, mas no fundo do meu coração não acredito. Temos a inteligência precisamente para conseguirmos o que pretendemos. Se não é possível avançar-se uma verstá, avance-se pelo menos cem passos, sempre é melhor, sempre é mais perto do objetivo, no caso de se perseguir um objetivo, é claro. Mas quem quiser alcançar o seu objetivo no impulso de um passo, esse, na minha opinião, não é grande inteligência. É, como quem diz, um mãozinhas mimadas. Não gostamos de trabalhar, não temos o hábito de avançar passo a passo, preferimos atingir o objetivo de uma vez, ou tornarmo-nos uma espécie de Régulos. É esta precisamente a pretensão dos mãozinhas mimadas. No entanto, Tchátски fez muito bem ao fugir de novo para o estrangeiro: se esperasse um pouco mais, em vez do Ocidente iria parar ao Oriente⁴⁶. Entre nós gosta-se do Ocidente, gosta-se muito e, chegados a certo ponto extremo, vamos todos lá. Pois eu também fui. «*Mais moi c'est autre chose.*» Encontrei-os todos lá, isto é, muitos, inúmeros, e todos eles, ao que parecia, procurando um cantinho para o sentimento ferido. Pelo menos, de alguma coisa andavam de certeza à procura. A geração dos Tchátски de ambos os sexos, depois do baile em casa de Fámussov, e em geral quando acabou o baile, multiplicou-

se lá na Europa como areias do mar, e não só dos Tchátski: de Moscovo, todos foram para lá. Quantos Repetílov, quantos Skalozub em fim de carreira e recambiados para as termas por já não prestarem para nada! Natália Dmítrievna com o marido, que é membro obrigatório desta sociedade. A própria condessa Khlestova é levada para lá todos os anos. Toda esta gente ficou farta de Moscovo. O único que não vai é Moltchálin⁴⁷: tem outros planos e ficou em casa sozinho. É que dedicou a sua vida à pátria, à sua terra-mãe, por assim dizer... Agora é inatingível; o Fámussov não terá autorização de entrar sequer no seu vestíbulo: «São vizinhos da aldeia, na cidade não os cumprimentamos.» É um homem prático e encontrou a sua atividade. Vive em Petersburgo e... subiu na vida. «Conhece a Rússia, e a Rússia conhece-o.» Pois é, conhece-o bem e não se esquecerá dele por muito tempo. Não se cala, agora, pelo contrário, ele é que fala. Está em condições de falar... Mas basta quanto a ele. Pus-me a falar de todos eles, dos que procuram o seu lugarzinho confortável na Europa, e, palavra, achando que eles se sentem melhor lá. Entretanto, nas suas caras há tanta amargura... Coitados! Que eterna inquietude, que angustiada e doentia incapacidade de ficarem quietos! Munidos dos guias, em cada cidade se atiram avidamente às raridades, e fazem-no como que por obrigação, como se continuassem no serviço pátrio: não deixarão passar qualquer palacetezinho de três janelas se vier mencionado no guia, qualquer casa de burgomestre, em tudo semelhante a uma casa vulgar de Moscovo ou Petersburgo; pasmam com a carne de vaca de Rubens e acreditam que sejam as três Graças, porque o guia os manda acreditar nisso; precipitam-se para a Madona Sistina e ficam especados diante dela numa expectativa lorpa: à espera de que a qualquer momento aconteça alguma coisa, alguém surja de baixo do chão e lhes dissipe a angústia e o cansaço sem motivo. Depois afastam-se, espantados por não ter acontecido nada. Não é a curiosidade presunçosa e absolutamente maquinal dos turistas ingleses que olham mais para o guia do que para as raridades e que não esperam nada de novo nem de assombroso e que apenas verificam se está certo o que diz o guia: o objeto tem tantos palmos, pesa tantas libras... Não, a nossa curiosidade é de certo modo selvagem, nervosa, ansiosa, mas, no fundo da alma, sempre com a convicção de que nunca acontecerá nada... até que, evidentemente,

apareça a primeira mosca; é quanto basta para ficarmos com a certeza de que vão começar as coisas... Estou a falar apenas dos inteligentes. Com os outros não vale a pena preocuparmo-nos: Deus toma conta deles sempre. Também não falo dos que lá se instalaram definitivamente e já começam a esquecer a sua língua e a ouvir os padres católicos. Alias, de comum a todos eles apenas podemos dizer o seguinte: todos nós, passando Eidkunen, nos assemelhamos muitíssimo àqueles desgraçados cachorritos que correm à toa procurando o dono perdido. Achais que estou a escrever na zombaria? Que estou a censurar alguém? Do género: «Num momento destes, quando... etc., etc., e vocês no estrangeiro! Está em curso a questão camponesa, e vocês no estrangeiro!» E assim por diante. Oh, nada disso. Além disso, quem sou eu para censurar? Censurar quem e porquê? «Gostaríamos de ter uma atividade, mas tal não existe, e a que existe passa bem sem nós. Os lugares estão todos ocupados, não estão previstas vagas. Para que iríamos meter o nariz onde não somos chamados?» É esta a desculpa, e acabou-se. Conhecemo-la de cor e salteado. Mas o que é isto? Que desvio é este que eu fiz? Onde foi que eu já tive oportunidade de ver os russos no estrangeiro? Se apenas agora nos aproximamos de Eidkunen... Ou já passámos Eidkunen? É verdade: Berlim, Dresden, Colónia... já passámos isso tudo. Embora eu esteja ainda dentro do comboio, em vez de Eidkunen, já tenho diante dos olhos o Arcelin, estamos quase a entrar em França... Paris, Paris... era de Paris que eu queria falar, mas esqueci-me! Porque me embrenhei demasiado nas reflexões sobre a nossa Europa russa; ora, isso é perdoável para quem só agora visita a Europa europeia. De resto, são desnecessárias tantas desculpas, tal como era desnecessário este capítulo.

[29](#) Grigóri Potiômkin (1739-1791), estadista, militar e diplomata russo, marechal-de-campo, favorito de Catarina II. (NT)

[30](#) Cafetã dos camponeses russos, de pano grosso e rústico, normalmente sem gola. (NT)

[31](#) *Uslad e Liudmila*: ópera de N. Daleirac, baseada no poema em verso de Vassíli Púchkin (1770-1830), tio do grande poeta nacional Aleksandr Púchkin. O *kokóchnik* era um enfeite em forma de coroa ornamentada que as mulheres punham na cabeça. (NT)

[32](#) Mikhail Saltikov-Chedrin (1826-1889), escritor russo, autor do livro *Ensaio Provinciais*. (NT)

[33](#) Comédia de Denis Fonvísin. (NT)

[34](#) Citações inexatas de um poema de Gavrila Derjávín (1743-1816), poeta russo. (NT)

[35](#) Kozmá Prutkov é um «autor» inventado pelos escritores A. K. Tolstói e irmãos Jemtchújnikov. As suas «obras» consistem em todo o género de paródias literárias e de

sátiras. (NT)

[36](#) *Courtag* — do fr. *cour* e al. *tag*, dia de receção na corte. Otchákov — fortaleza turca na Crimeia, tomada de assalto, em 1788, pelo exército russo comandado por G. Potiômkin. (NT)

[37](#) Mitrofánuchka é o nome de um personagem da comédia *O Fidalgo Adolescente* de Fonvísin; é uma encarnação do mimo, da estupidez e do analfabetismo. (NT)

[38](#) Citação de um poema de Mikhail Lérmontov (1814-1841). (NT)

[39](#) Expressão retirada de *Almas Mortas* de Nikolai Gógol. Esta expressão analfabeta foi utilizada no romance de Gógol pelo personagem Nozdriov, um vigarista folgazão, que lhe atribuía certamente o sentido de «o ponto mais alto do esmero». (NT)

[40](#) De *O Brigadeiro* de Fonvísin. (NT)

[41](#) Citação de *A Desgraça de Ser Inteligente*, de Aleksandr Griboiédov (1795-1829). (NT)

[42](#) Personagem de *Almas Mortas* de Nikolai Gógol. (NT)

[43](#) Alusão a um artigo publicado em 1862 na revista *Sovreménnik* em que o escritor russo Ivan Turguénev era acusado de caluniar a jovem geração. (NT)

[44](#) Personagem central da comédia *A Desgraça de Ser Inteligente*, de Aleksandr Griboiédov. (NT)

[45](#) Outro personagem de *A Desgraça de Ser Inteligente*, de Aleksandr Griboiédov. (NT)

[46](#) Ou seja, à Sibéria, deportado. (NT)

[47](#) Todos estes nomes são de personagens da comédia *A Desgraça de Ser Inteligente*, de Aleksandr Griboiédov, representantes da sociedade fidalga moscovita, conservadora e obscurantista (na caracterização deste escritor). Entre estes, destaca-se Moltchálin, que não possui outros talentos além de ser um carreirista e saber bajular os superiores e influentes, subindo assim na vida. (NT)

Capítulo nada desnecessário para o viajante

Conclusão definitiva: será verdade que «o francês não tem bom senso»?

— Pois é, como é que o francês não terá bom senso? — interrogava-me ao observar os novos passageiros, quatro franceses que acabavam de entrar na nossa carruagem. Eram os primeiros franceses que eu encontrava na sua própria terra, se não contarmos os alfandegários em Arcelin, donde partíramos havia pouco. O pessoal aduaneiro tinha sido muito simpático, tinha despachado rapidamente o que era preciso despachar, e eu regressara à carruagem muito satisfeito com o meu primeiro passo em França. Antes de Arcelin, no nosso compartimento de oito lugares, só estávamos dois na altura, eu e um senhor suíço, homem simples e modesto, de meia-idade, um interlocutor amabilíssimo com quem conversei duas horas sem parar. Agora éramos seis e, para minha surpresa, com a entrada dos nossos novos companheiros de viagem, o suíço tornou-se de repente muito taciturno. Tentei continuar a conversa com ele, mas ele, visivelmente, apressou-se a dá-la por finda, respondendo-me com segura evasiva, quase com repulsa; virou-se para a janela e pôs-se a contemplar a paisagem; não tardou a pegar no seu guia alemão e a mergulhar nele. Deixei-o em paz e centrei a atenção nos meus novos companheiros de viagem. Era gente um pouco estranha. Sem bagagem, sem uma trouxa sequer, um pacote, sem estarem vestidos de maneira a que minimamente os identificássemos como viajantes. Nem pareciam viajantes. Todos envergavam sobrecasacas ligeiras, muito gastas, coçadas, pouco melhores do que as que usam entre nós os impedidos dos oficiais ou os servos domésticos dos proprietários rurais médios. Camisas sujas, gravatas de cores berrantes e também bastante sujas; um deles tinha no pescoço uns restos de lenço de seda, daqueles lenços que nunca se tiram e acabam por se impregnar de uma libra de gordura depois de quinze anos de contacto permanente com o pescoço do seu portador. O mesmo portador

tinha ainda botões de punho com diamantes falsos do tamanho de avelãs. Por outro lado, tinham todos um certo chique, um ar donairoso. Pareciam os quatro da mesma idade, talvez dos seus trinta e cinco anos, e, embora de fisionomias muito diferentes, eram contudo muito parecidos: as caras gastas, as formais barbichas francesas, todas elas talhadas de maneira bastante semelhante. Via-se logo que era gente que passou por tudo e para todo o sempre adotou uma expressão azeda mas extremamente prática. Pareceu-me também que todos se conheciam, mas não tenho lembrança de que tenham trocado entre eles uma palavra sequer. Para mim e para o suíço não queriam olhar, e assobiavam com indiferença, acomodavam-se ao lugar com indiferença, olhavam pela janela da carruagem com a mesma indiferença persistente. Acendi um cigarro e, por não ter mais nada que fazer, comecei a observá-los. Veio-me à cabeça a pergunta: afinal, que gente é esta? Trabalhadores não eram, *bourgeois*⁴⁸ também não. Seriam militares na reserva, uns quaisquer *demi-solde*⁴⁹ ou coisa do género? Aliás, não me preocupava muito com eles. Uns dez minutos depois, chegados à estação seguinte, todos os quatro, um após outro, saltaram do comboio, a porta fechou-se e arrancámos. Neste percurso, o comboio não demora quase nada nas estações: dois ou três minutos e logo se põe a andar, e bem, velozmente.

Mal ficámos sozinhos, o suíço fechou o seu guia, pô-lo de lado e olhou para mim com satisfação e evidente desejo de continuar a conversa.

— Aqueles senhores não fizeram uma viagem lá muito grande — comecei, olhando para ele com curiosidade.

— Porque já estava previsto fazerem só de estação a estação.

— Conhece-os?

— Conheço-os?... Mas são polícias...

— Como? Que género de polícias? — perguntei, espantado.

— Pois é... eu vi logo que o senhor não ia desconfiar.

— Acha... que são espiões? (Custava-me ainda a acreditar.)

— São, e estiveram aqui por causa de nós.

— Tem a certeza?

— Oh, absoluta! Já passei por aqui várias vezes. Indicaram-nos a eles logo na alfândega, quando viam os nossos passaportes, comunicaram-lhes

os nossos nomes, etc. A seguir, eles entraram no comboio para nos seguirem.

— Mas para que precisavam eles de nos seguir se já nos tinham visto? O senhor não acaba de dizer que lhes deram os nossos dados na estação anterior?

— Deram, e os nossos nomes. Mas não era suficiente. Agora, puderam observar-nos em pormenor: a cara, a roupa, o saco de viagem, enfim, todos os pormenores do nosso aspeto. Repararam de certeza nos seus botões de punho. O senhor sacou da cigareira, então pode ter a certeza de que notaram também a cigareira, com todas as minúcias, sabe como é, com o máximo de particularidades, todas as particularidades. É que o senhor, em Paris, poderia desaparecer, mudar de nome (isto é, se fosse suspeito). Pois bem, todos esses pormenores podem ser úteis à instrução. Tudo isso, desde os primeiros dados logo naquela estação, são comunicados por telégrafo para Paris. E, em Paris, é tudo guardado nos arquivos para o que der e vier. Além disso, todos os hoteleiros têm de comunicar à polícia todos os dados sobre os hóspedes estrangeiros, também em pormenor.

— Mas tantos porquê, logo quatro? — perguntei, ainda um pouco perplexo.

— Oh, eles têm-nos cá em grandíssimo número. Pelos vistos, desta vez há poucos estrangeiros, se houvesse mais eles distribuíam-se pelas carruagens.

— Mas, por amor de Deus, eles nem sequer olharam para nós. Estavam sempre a olhar para a janela.

— Não se preocupe, viram tudo... Foi por causa de nós que eles entraram.

«Ora, ora — pensei —, e ainda dizem que “o francês não tem bom senso”» — e (confesso-o com vergonha) olhei com desconfiança para o suíço: «E tu, meu amigo, não serás da mesma comandita? Não estarás agora a fazer teatro?» — passou-me pela cabeça, mas só por um instante, acreditai. É absurdo, mas nada a fazer: estão sempre a passar-nos pela cabeça, involuntariamente, certas coisas...

O suíço não estava a enganar-me. No hotel onde me hospedei registaram de imediato todos os meus dados, até aos mínimos sinais particulares, e

comunicaram-nos para quem de direito. Pela prontidão e minúcia com que nos observam para a descrição dos sinais particulares pode concluir-se que também toda a nossa vida posterior no hotel, todos os nossos passos, por assim dizer, serão registados escrupulosamente. No entanto, desta minha primeira vez, a mim, pessoalmente, não incomodaram muito e fizeram o meu registo discretamente, não deixando porém de me fazer as perguntas habituais que constam do livro de hóspedes: quem é, como é, donde vem, com que fim, etc. No segundo hotel em que tive de me hospedar por já não ter encontrado vaga no meu anterior Hôtel Coquillière, após a minha ausência de oito dias por ter ido a Londres, trataram-me com mais franqueza. Este segundo hotel, o Hôtel des Empéteurs, tinha um aspeto mais patriarcal, em todos os sentidos. O dono e a dona eram de facto pessoas muito boas e extremamente delicadas; tratava-se de um casal já idoso, incrivelmente atento aos seus hóspedes. No próprio dia da minha instalação no hotel, à noite, a hoteleira apanhou-me no átrio e pediu-me para ir ao escritório. O marido também lá estava, mas a mulher, pelos vistos, era quem punha e dispunha no negócio.

— Desculpe — começou ela, muito educada —, precisamos dos seus sinais particulares.

— Mas já os dei... têm o meu passaporte.

— Sim, mas... *votre état*⁵⁰?

Este «*votre état*» é uma coisa bastante confusa e nunca me agradou. O que poderia escrever? Viajante? — é demasiado abstrato. *Homme de lettres*⁵¹? — não me teriam qualquer respeito.

— Vamos escrever «*propriétaire*», o que acha? — propôs a hoteleira. — Será melhor.

— Oh, sim, será o melhor — apoiou o marido.

— Está escrito. Agora: qual o objetivo da sua vinda a Paris?

— Como viajante, de passagem.

— Humm, pois, *pour voir Paris*. Desculpe, *monsieur*, a sua estatura?

— Estatura como?

— Que altura tem?

— É como vê, média.

— Com certeza que é média, *monsieur*... Mas é desejável saber-se com mais precisão... Acho, acho... — continuava ela, duvidando e aconselhando-se, com os olhos, com o marido.

— Acho que *tantos* centímetros — decidiu o marido, determinando a olho a minha altura.

— Mas para que precisam disso? — perguntei.

— Oh, é ne-ces-sário — respondeu a hoteleira, esticando amavelmente a palavra «necessário» e apontando a minha altura no livro. — Agora, *monsieur*, cabelo? Loiro, humm... bastante claro... liso...

Apontou também as características do meu cabelo.

— Se me permite, *monsieur* — continuou, largando a pena, levantando-se da cadeira e aproximando-se de mim com um ar muito amável —, ponha-se aqui, dê só dois passos, mais perto da janela. Tenho de ver a cor dos seus olhos. Humm, claros...

E de novo, com o olhar, pediu o conselho do marido. Pelos vistos, amavam-se muito.

— Mais para o acinzentado — observou o marido. — *Voilà*. — Piscou o olho à mulher, apontando para qualquer coisa acima do seu sobrolho, mas percebi muito bem o que ele tinha em mente: é que tenho uma pequena cicatriz na testa, e o homem queria que a mulher apontasse também este meu sinal particular.

— Permita-me agora uma pergunta — disse eu à hoteleira quando o exame acabou —, será que vos exigem toda essa informação?

— Oh, *monsieur*, é mesmo ne-ces-sária!...

— *Monsieur!* — apoiou-a o marido com um ar muitíssimo grave.

— Mas no Hôtel Coquillière não me interrogaram sequer.

— Não pode ser — disse a hoteleira com vivacidade. — Eles podem ser responsabilizados por isso. Ou então observaram-no sem dizerem nada, mas de certeza que observaram. Ora, nós aqui somos mais simples e sinceros com os nossos hóspedes, acolhemo-los aqui como em família. O senhor vai ficar satisfeito connosco. Vai ver...

— Oh, *monsieur!*... — confirmou o marido solenemente, e até se lhe pintou uma certa ternura na cara.

Sim, era um casal honestíssimo e amabilíssimo, pelo menos nas minhas relações ulteriores com eles. Mas a palavra «ne-ces-sá-rio» não era dita em tom de desculpa ou de carinho, mas no sentido literal de necessidade e quase em conformidade com as suas convicções.

Estou, pois, em Paris...

[48](#) Burgueses (fr.). (NT)

[49](#) Oficiais de meio soldo (fr.). (NT)

[50](#) A sua profissão, posição (fr.). (NT)

[51](#) Homem de letras (fr.). (NT)

Baal

Estou, pois, em Paris... Não penseis, porém, que vos contarei muito de Paris enquanto cidade. Acho que já lestes tanto sobre Paris em russo que estais fartos. Além disso, já lá fostes e, com certeza, vistes tudo melhor do que eu. Além de que eu, no estrangeiro, detestava guiar-me pelo guia, ver as coisas por encomenda, por obrigação do viajante, por isso, nalguns sítios, deixei passar curiosidades tão importantes que até tenho vergonha de o dizer. Em Paris passou-se o mesmo. Por isso não vou especificar as minhas falhas, mas antes dar uma definição geral de Paris, um epíteto, e insisto neste termo de epíteto. Ei-lo: Paris é a mais moral e virtuosa cidade de todo o globo terrestre. Que ordem! Que sensatez, que relações definidas e firmes ali se estabeleceram! Como tudo está bem garantido e regularizado! Como toda a gente anda contente, como todos tentam convencer-se de que estão contentes e felizes! Por fim, até que ponto toda a gente se tem esforçado que chega mesmo a ter certeza de estar feliz e contente, e que... e que... chegou ao ponto final! Mais adiante já não é possível, não há sequer caminho. Não ides acreditar que eles tenham parado, gritareis que eu exagero, que tudo isto é uma biliosa calúnia patriótica, que, francamente, nem tudo poderia passar assim por completo. Mas, meus amigos: logo no primeiro capítulo avisei-vos de que talvez viesse a dizer-vos mentiras terríveis. Deixai-me, então, à vontade. Também já sabeis por certo que, ao mentir, o faço com a convicção de que estou a dizer a verdade. A meu ver, isso é quanto basta. Portanto, deixai-me falar à vontade.

Sim, Paris é uma cidade surpreendente. E que conforto, que comodidades de todo o género para quem tem direito às comodidades, e, repito, que ordem em tudo, a ponto de se poder dizer que a cidade é toda uma *calmaria de ordem*. Volto sempre a esta ordem. A sério, mais um pouco e Paris, com o seu milhão e meio de habitantes, transforma-se numa

universitária cidadezinha alemã, petrificada na calma e na ordem, do gênero de uma qualquer Heidelberg. Tem toda a tendência para isso. Quem disse que não pode existir uma Heidelberg em formato gigantesco? Que regulamentação em tudo! Compreendi-me bem: não é tanto uma regulamentação exterior, que nesse aspeto é insignificante (de uma insignificância relativa, é claro), mas uma regulamentação interior, espiritual, que provém da alma. Paris estreita-se, de boa vontade se humilha, encolhe-se enternecidamente. Neste sentido não tem comparação, por exemplo, com Londres! Estive em Londres apenas oito dias, e, pelo menos na sua aparência, oferece-nos cenários amplos, perspectivas vivas, peculiares e sem regulamentação; assim se gravou Londres na minha memória! Nesta cidade é tudo gigantesco e nítido na sua originalidade. É possível até iludirmo-nos no meio desta originalidade. Cada traço forte, cada contradição, convive com a sua antítese, caminhando a par, mas contradizendo-se sem se excluïrem mutuamente. Ao que parece, toda esta diversidade insiste em existir e vive a sua vida própria; e, pelos vistos, as facetas contrastantes não criam obstáculos umas às outras. No entanto, também aqui decorre a mesma luta persistente, surda e já inveterada, a luta de morte do princípio pessoal, comum a todo o Ocidente, com a necessidade de conviver, de formar comunidade, seja de que maneira for, de se acomodar no formigueiro comum; nem que seja assim: transformando-se em formigueiro, mas acomodar-se de modo a que os indivíduos não se devorem uns aos outros — para não se chegar à antropofagia! Neste sentido, observa-se a mesma coisa que em Paris: a mesma vontade desesperada de, por desespero, a pessoa se agarrar ao *statu quo*, de arrancar do seu ser, pela raiz, todos os desejos e esperanças, de amaldiçoar o futuro, em que tem pouca fé (talvez mesmo os próprios guias do progresso), e venerar Baal. Por favor, sobretudo não vos deixeis porém arrebatados pelo estilo elevado: tudo isto apenas se consciencializa na alma dos intelectos de vanguarda, mas nota-se, por instinto, inconscientemente, na atividade quotidiana de toda a massa. Mas o *bourgeois* de Paris, por exemplo, está quase satisfeito, conscientemente, e tem a certeza de que tudo está a correr como deve, e é mesmo capaz de nos dar uma sova se duvidarmos de que as coisas têm de ser assim, e bate-nos, porque, até hoje, ele receia qualquer

coisa, apesar de estar convencido de que tudo está bem. Em Londres é igual, mas, em contrapartida, que cenários amplos, esmagadores! O próprio aspeto exterior é diferente do de Paris. Esta cidade em azáfama dia e noite, inabarcável como o mar, os uivos e os guinchos das máquinas, as vias-férreas por cima dos prédios (e em breve também por debaixo dos prédios⁵²), toda aquela ousadia de empreendimento, toda aquela aparente desordem que, na sua essência, é a ordem burguesa no seu grau superior, aquele Tamisa poluído, aquele ar impregnado de pó de carvão; aqueles magníficos bulevares e parques, aqueles cantos terríveis da cidade, como Whitechapel, com a sua população seminua, selvagem e faminta. A City com os seus milhões e o comércio internacional, o palácio de cristal, a exposição universal... Sim, a exposição é impressionante. Sentimos ali o poder formidável que juntou todo aquele sem-fim de pessoas, vindas de todo o mundo para se unirem num único rebanho; temos a consciência de uma gigantesca ideia; sentimos que ali já tinha sido alcançada alguma coisa, que ali havia vitória, triunfo. É como se começássemos até a ter medo de qualquer coisa. Por mais independentes que sejamos, por vezes sentimos um medo súbito e incompreensível. Não será isto, realmente, o ideal alcançado? — pensamos. — Não será o fim procurado? Não será isto, de facto, um «rebanho único»⁵³? Não deveremos tomá-lo pela verdade absoluta e imobilizarmo-nos definitivamente? Tudo isto é tão solene, triunfante e orgulhoso que nos corta a respiração. Olhamos para estas centenas de milhares, para estes milhões de pessoas que, obedientemente, afluem aqui de todo o globo terrestre — pessoas que vieram com uma única ideia e que, silenciosas e persistentes, se apertam neste palácio gigantesco, e sentimos que aqui aconteceu qualquer coisa de definitivo, que qualquer coisa aconteceu e terminou. É uma espécie de quadro bíblico, uma Babilónia, uma profecia do Apocalipse desenrolando-se aos nossos olhos. Sentimos que é necessária muita resistência e negação espiritual para não cedermos, para não nos curvamos perante o facto, para não obedecermos a esta sensação e não divinizarmos Baal, ou seja, não tomarmos o que existe e vemos por nosso ideal...

Mas é absurdo, direis, de uma absurdez doentia, são nervos, é exagero. Ninguém vai chegar a este ponto, ninguém vai tomar isto por seu ideal.

Além disso, a fome e a escravidão não perdoam e vão, mais e melhor do que tudo, trazer a negação e conceber o ceticismo. Ora, os cevados diletantes que passeiam aqui por divertimento podem, evidentemente, criar à vontade cenas apocalíticas e irritar os próprios nervos, exagerando e espremendo bem de cada fenómeno, em prol de alguma autossatisfação, sensações fortes...

— Sim — respondo —, admitamos que fui influenciado pela decoração, não o contesto. Mas se vísseis como era orgulhoso o espírito potente que criou esta gigantesca decoração e com que soberba este espírito estava convicto da sua vitória, do seu triunfo, também tremeríeis de medo por aqueles sobre quem paira e reina este espírito orgulhoso, com a sua soberba, teimosia e cegueira. Sob o poder desta grandeza enorme, deste orgulho gigantesco do espírito reinante, da perfeição solene das suas criações, também a alma faminta se resigna, se submete, e procura a salvação na genebra e na depravação, e começa a acreditar que as coisas têm de ser mesmo assim. O facto oprime, as massas ficam empedernidas e assimilam o «chinesismo»⁵⁴, ou então, se o ceticismo as toca, procuram com soturnidade e maldições a salvação em algo do género do mormonismo. Ora, em Londres, podemos ver massas populares em números e ambientes como não se veem em mais lado algum do planeta. Disseram-me, por exemplo, que nas noites de sábado se derrama e espalha por toda a cidade, como um mar, meio milhão de operários e de operárias fabris, concentrando-se nalguns bairros, e durante toda a noite, até às cinco da manhã, desvairam-se num sabat, ou seja, empanturram-se e embebedam-se como porcos para toda a semana. Gastam nisso todas as poupanças da semana, tudo o que, entre maldições, ganharam com o seu trabalho duro. Os feixes grossos de candeeiros a gás dos talhos e das mercearias iluminam as ruas. Organiza-se uma espécie de baile para esses escravos brancos. O povo aperta-se nas tabernas abertas e nas ruas. As cervejarias estão enfeitadas como palácios. Está tudo bêbado mas sem alegria, é tudo soturno, sombrio e estranhamente tácito. O silêncio suspeito e triste somente é interrompido de vez em quando pelas pragas e pelas rixas sangrentas. Toda a gente tem pressa de se embebedar até à perda dos sentidos... As mulheres não ficam atrás dos homens e embebedam-se com eles; as crianças correm e gatinham

no meio dos adultos. Numa dessas noites, já passava da uma da manhã, perdi-me e vi-me a vaguear demoradamente pelas ruas no meio da infindável multidão deste povo soturno, perguntando pelo caminho quase só por gestos, porque não conheço uma palavra de inglês. Consegui que me indicassem o caminho, mas a impressão do que vi iria atormentar-me ainda por três dias. Povo é povo, por todo o lado, mas aqui era tudo tão gigantesco, tão gritante, que se me tornou palpável o que antes eu apenas imaginava. Não é tanto o povo que vemos aqui, mas mais a perda sistemática, obediente e estimulada da consciência. E sentimos, olhando para esses párias da sociedade, que, durante muito tempo ainda, não se cumprirá para eles a profecia, não lhes serão estendidos os ramos de palmeira e as vestes brancas, e que, durante muito tempo ainda, eles vão clamar em direção do trono do Todo-Poderoso: «Até quando, Senhor?» E eles próprios o sabem e, entretanto, vão-se vingando da sociedade com os seus mórmones, tremedores⁵⁵, peregrinos... Espantamo-nos com a estupidez das gentes por se tornarem «tremedoras» ou peregrinas, mas não percebemos que há nisso o afastamento da nossa fórmula social, um afastamento persistente e inconsciente; um afastamento instintivo, custe o que custar, em prol da salvação; o afastamento de nós todos, com repugnância e pavor. Esses milhões de indivíduos, abandonados e expulsos do banquete humano, apertando-se e atropelando-se nas trevas do subterrâneo para onde foram lançados pelos irmãos mais velhos, batem às portas, às apalpadelas (sejam quais forem as portas), e procuram a saída para não sufocarem na cave escura. Há aqui uma última, uma desesperada tentativa de se unirem no seu grupo, na sua própria massa, e de se separarem de tudo, nem que seja da imagem humana, apenas para viverem à sua maneira, para não estarem connosco...

Vi em Londres mais uma multidão semelhante a esta, uma multidão que não poderemos ver em lado nenhum senão em Londres. O cenário também era *sui generis*. Quem já esteve em Londres foi, pelo menos uma vez, a High Market. É um quarteirão onde de noite, nalgumas ruas, se concentram milhares de prostitutas. As ruas são iluminadas por feixes de lampiões de gás, coisa de que entre nós não se faz a mínima ideia. Os magníficos cafés pululam, ornamentados de espelhos e ouro. É aqui que elas se juntam, e é

aqui que elas também encontram abrigo. É medonho entrarmos no meio daquela multidão de estranhíssima composição. Há velhas e há jovens beldades em frente das quais paramos, pasmados. Não há em todo o mundo mulheres tão belas como as inglesas. São tantas que quase não cabem nas ruas, o aperto é grande. A multidão não cabe nos passeios e invade a calçada. Alguém anseia constantemente por caçar alguém, alguém que se atira ao primeiro passante que aparece com um cinismo desavergonhado. As roupas, aqui, vão dos brilhantes trajos caros aos farrapos; as diferenças de idades são bruscas: tudo junto. Nesta multidão monstruosa tanto se incorpora um vagabundo como um ricaço titular. Ouvem-se pragas, altercações, vozes que convidam e, baixinho, o sussurro de uma beldade ainda tímida. E, aqui e ali, que belezas! Rostos como os dos *keepsake*⁵⁶. Lembro-me de que uma vez entrei num «Casino» ribombante de música. Dançava-se, a multidão era enorme. A decoração era magnífica. Porém, mesmo no meio da festa, a soturnidade nunca abandona os ingleses: dançam muito sérios, até sombrios, executando os passos como que por obrigação. Em cima, na galeria, vi uma rapariga e parei, espantado: nunca vira nada de semelhante àquela beleza ideal. Estava sentada a uma mesinha na companhia de um jovem que parecia um *gentleman* rico e, por todos os indícios, nada *habitué* dos casinos. Talvez o jovem apenas a quisesse ver e o encontro tivesse sido combinado para ali. Ele falava pouco, sempre em frases sacudidas, como se não dissesse o que lhe apetecia dizer. Silêncios longos interrompiam a conversa. Ela também estava muito triste. Os seus traços de rosto eram ternos, finos, havia qualquer coisa de oculto e triste no seu olhar belo e um pouco orgulhoso, alguma coisa de pensador e angustiado. Dava ares de tísica. Pelo seu porte era com certeza de um desenvolvimento superior ao de todas as desgraçadas mulheres que ali estavam: senão, que significado tem o rosto humano? Entretanto, bebia a genebra que o jovem lhe pagara. Por fim, ele levantou-se, apertou-lhe a mão, despediram-se. O jovem saiu do casino, e ela, com manchas espessas de vermelho que se lhe acenderam nas faces por causa do álcool que bebeu, entrou na multidão de mulheres à procura de cliente e desapareceu entre ela. Em High Market vi mães que traziam para o negócio as suas filhas menores. Garotas de doze anos apanham-nos pela mão e insistem que

vamos com elas. Lembro-me de ter visto na multidão da rua uma menina de seis anos, não mais, esfarrapada, suja, descalça, exausta e espancada; viam-se-lhe as nódoas negras no corpinho através dos farrapos que lhe serviam de roupa. Andava ali como que inconsciente, sem pressa, vagueando entre a multidão sabia-se lá para quê; talvez tivesse fome. Mas o que mais me pasmou foi o ar dela: a amargura e o desespero na carinha daquela pequena criatura eram tamanhos, a maldição que carregava em si era tanta e tão antinatural que era muito doloroso olhar para ela. Ia meneando a cabeça desgrenhada, como se raciocinasse consigo mesma, abria os braços, gesticulava, depois juntava as mãos e apertava-as contra o corpinho nu. Voltei atrás e dei-lhe meio xelim. Pegou na moedinha de prata, olhou-me nos olhos como uma demente, com um espanto assustado, e logo fugiu de mim, como se tivesse medo de que eu lhe tirasse o dinheiro. Em geral, matéria brejeira...

Então, uma noite, na multidão dessas mulheres perdidas e de homens depravados, uma senhora furou apressadamente de entre a multidão e fez-me parar. Estava toda de preto, com um chapéu que lhe cobria quase toda a cara; não consegui vê-la bem, lembro-me apenas do seu olhar perscrutador. Disse qualquer coisa que não percebi, num francês macarrónico, meteu-me na mão um papelinho e seguiu rapidamente em frente. Perto da janela iluminada de um café, olhei para o papel: era um pequeno quadrado de papel; de um lado estava impresso: «*Crois-tu cela?*»⁵⁷. Do outro lado, também em francês: «*Eu sou a ressurreição e a vida...*»⁵⁸, etc., e várias outras linhas conhecidas. Tendes de concordar que é um episódio original. Mais tarde explicar-me-iam que aquilo era propaganda católica, que pulula por todo o lado, persistente, incansável. Eles ora distribuem estes papelinhos nas ruas, ora livrinhos com excertos do Novo e do Velho Testamento. Dão-nos aquilo tudo de graça, impingem-no-lo, metem-no-lo à força nas mãos. São muitos os propagandistas, homens e mulheres. A propaganda deles é sofisticada, bem calculada. Um padre católico descobre uma família operária pobre e mete-se lá dentro. Encontra um doente deitado, por exemplo, no meio dos seus andrajos, no chão húmido, rodeado de filhos asselvajados pela fome e pelo frio, a mulher faminta, muitas vezes bêbada. O padre dá de comer a todos, veste-os, aquece-os, trata do doente,

compra os medicamentos, torna-se amigo da casa e, por fim, converte-os a todos ao catolicismo. Por vezes, aliás, também acontece que, recuperado o doente, o padre seja corrido à pancada e aos insultos. Mas o padre não desiste, vai a outros. Expulsam-no de lá também; aguentará tudo, mas por fim há de apanhar alguém. O pastor anglicano, esse, não visita os pobres. Os pobres não podem entrar na igreja, porque não têm dinheiro para pagar o lugar no banco. Os casamentos entre operários e entre os pobres em geral reduzem-se, muitas vezes, a uniões de facto, porque o casamento legítimo fica caro. A este propósito, direi que muitos maridos batem terrivelmente nas mulheres, mutilam-nas, e fazem-no normalmente com os atizadores com que mexem as brasas nas lareiras. O atizador, entre eles, é já um instrumento consagrado de espancamento. Pelo menos, nos jornais, quando se noticiam brigas nas famílias, mutilações e assassínios, o atizador é sempre mencionado. Os filhos, mal crescem um pouco, vão para a rua e misturam-se com a multidão, acabando muitas vezes por não voltar para junto dos pais. Os sacerdotes e os bispos anglicanos são orgulhosos e ricos, como ricas são as suas paróquias, e engordam de consciência perfeitamente tranquila. São grandes pedantes, muito cultos, e acreditam a sério e com solenidade na sua dignidade moral, no seu direito de pregarem sermões de uma moral calma e convencida, e de engordarem e viverem para os ricos do país. É a religião dos ricos, e já sem máscara. Pelo menos tudo é racional e sem disfarces. Estes professores de religião e moral, convencidos até à estupidez, têm uma espécie de divertimento: o missionarismo. Fazem as suas andanças por todo o globo terráqueo, entram no interior de África para converterem um selvagem e descuram o milhão de selvagens que há em Londres, porque estes não têm dinheiro para lhes pagar. Ora, os ingleses ricos e, em geral, todos os bezerros de ouro de lá, são extremamente religiosos, sombria, tenebrosa e originalmente religiosos. Os poetas ingleses, desde os primórdios dos tempos, gostam de cantar a beleza das residências dos sacerdotes de província, as suas casas sombreadas pelos carvalhos e pelos castanheiros centenários, as suas esposas virtuosas e as suas filhas dotadas da beleza ideal, loiras e de olhos azul-celestes.

Quando passa a noite e desponta o dia, o mesmo espírito orgulhoso e sombrio volta a voar majestosamente por sobre a cidade gigantesca. A

cidade não se preocupa com o que se passou de noite nem vê o que à sua volta se passa de dia. Baal reina e nem sequer exige obediência, tão seguro está dela. A fé em si próprio é nele infinita; com desprezo e calma, só para se desfazer dos importunos, distribui uma esmola organizada, e depois disso é impossível abalar a sua presunção. Baal não desvia (ao contrário do que se passa em Paris), não desvia os olhos de certos fenómenos selvagens, suspeitos e preocupantes da vida. A pobreza, o sofrimento, o protesto e o embrutecimento das massas não o preocupam minimamente. Com desdém, deixa que todos esses fenómenos suspeitos e sinistros medrem ao lado da sua vida, perto, à vista. Não tenta, como um parisiense, convencer-se e animar-se a si mesmo, cobarde e forçadamente, e dizer a si próprio que está tudo bem e calmo. Não esconde os pobres em qualquer lado, como se faz em Paris, para que não o incomodem e não lhe perturbem o sono sem necessidade. O parisiense, como o avestruz, gosta de enfiar a cabeça na areia para não ver os caçadores que se aproximam. Em Paris... Mas, credo, o que estou eu a fazer? Não estou em Paris... Mas quando, meus senhores, quando é que eu, finalmente, aprendo a ser disciplinado?...

[52](#) O primeiro caminho de ferro subterrâneo (metropolitano) foi construído em Londres de 1860 a 1863. (NT)

[53](#) «[...] e haverá um só rebanho e um só Pastor», S. João 10,16. (NT)

[54](#) Nos meados do século XIX, o termo «chinesismo» utilizava-se para a definição da estagnação política, quando os estratos mais baixos da população obedeciam servilmente ao despotismo dos detentores do poder. (NT)

[55](#) Os *tremedores* (*triassuni*) são uma seita religiosa que pratica nos seus rituais os métodos extáticos de oração: «tremem» e «profetizam» com palavras incompreensíveis (apareceram na Rússia na segunda metade do século XIX). (NT)

[56](#) *Keepsake* (ing.), álbum de gravuras com bustozinhos femininos representando belezas ideais. (NT)

[57](#) «Acreditas nisso?» (fr.). (NT)

[58](#) Evangelho segundo S. João 11, 25. (NT)

Um ensaio sobre o bourgeois

Porque é que se enrosca todo enroscadinho, porque é que se quer trocar por moedinhas de cobre, encolher-se, apagar-se? «Não existo, não existo no mundo; escondi-me, por favor, passem ao lado e não reparem em mim, façam de conta que não me veem, passem, passem!»

— Mas de quem está a falar, quem é que se encolhe?

— O *bourgeois*.

— Por amor de Deus, ele é rei, ele é tudo, *le tiers état c'est tout*⁵⁹, e o senhor a dizer que ele se encolhe!

— E é verdade; se não, porque se esconderia ele debaixo do capote do imperador Napoleão? Porque se esqueceria ele do seu estilo elevado na câmara dos deputados, um estilo que outrora ele tanto apreciava? Então porque não se quer lembrar de nada e abana as mãos quando lhe lembram alguma coisa de antigamente? Porque mostraria de imediato na cabeça, nos olhos e na língua sinais de preocupação quando alguém se atreve a desejar qualquer coisa na presença dele? Porque será que ele, por força de um qualquer capricho, se põe a desejar qualquer coisa mas logo a seguir estremece e começa a desdizer-se: «Meu Deus, mas o que estou para aqui a fazer?», e depois, durante muito tempo se esforça, envergonhado, por corrigir a sua falta com zelo e obediência? Porque é que tem o ar de dizer: «Faço hoje o meu comerciozinho na loja e, se Deus quiser, amanhã também, e também o faça talvez depois de amanhã, se for essa a grande vontade de Deus... E depois, e depois, só quero acumular alguma... coisinha... e *après moi le déluge*⁶⁰!»? Porque é que ele escondeu sabe-se lá onde todos os pobres e afirma que eles não existem? Porque se contenta com a literatura oficial? Porque deseja convencer a si mesmo de que as suas revistas são incorruptíveis? Porque aceita contribuir com tanto dinheiro para a espionagem? Porque não se atreve a dizer uma palavrinha que seja sobre a

expedição mexicana⁶¹? Porque é que, no palco do teatro, os maridos são apresentados como nobilíssimos senhores cheios de dinheiro, e os amantes como maltrapilhos, sem emprego nem proteção, todos eles encarregados de lojas ou pintores, uns autênticos sem-préstimo? Porque é que se lhe afigura que as *épouses*⁶² são todas absolutamente fiéis, que o lar prospera, que o *pot-au-feu*⁶³ se coze no mais virtuoso dos lumes, e que os penteados⁶⁴ têm um dos melhores aspetos que imaginar se possa? Quanto ao penteado, é verdade, porque assim foi convencionado, decidido de uma vez por todas, sem mais conversas, porque assim foi estabelecido; quanto ao resto, embora a cada instante passem pelos bulevares os fiacres com os estores corridos, embora por todo o lado haja abrigos para certas atividades interessantes, embora as *toilettes* das *épouses* muitas vezes sejam mais caras do que seria de esperar a julgar pelos bolsos dos esposos, também tudo foi assim decidido e selado. O que mais querieis vós? E porque é que foi assim decidido e selado? Compreende-se: se assim não fosse, poderiam pensar, Deus nos livre, que o ideal não foi atingido, que Paris não é o perfeito paraíso na Terra, que se calhar é possível desejar ainda alguma coisa, que, por conseguinte, o próprio *bourgeois* não está contente de todo com o regime que defende e impinge a toda a gente; que na sociedade há buracos que é preciso remendar. Por isso mesmo o *bourgeois* disfarça os buracos das botas com tinta, só para que não reparem (Deus nos livre) em nada! Entretanto, as *épouses* comem confeitos, enlulam-se, pelo que as senhoras russas, na longínqua Petersburgo, as invejam até à histeria; põem os pezinhos à mostra e levantam graciosamente as fímbrias das saias nos bulevares. Que mais se pode desejar para uma felicidade perfeita? É por isso que, nas condições atuais, já são impossíveis títulos de romances como *A mulher, o marido e o amante*⁶⁵, porque os amantes já não existem nem podem existir. E, mesmo que haja tantos em Paris quantas as areias da praia (talvez muitos mais até), não existem nem podem existir, porque assim foi decidido e selado, porque tudo brilha de virtude. É preciso que tudo brilhe de virtudes. Se olharmos para o grande terreiro do Palais Royal à noite, até às onze horas, não evitaremos uma lágrima de ternura. São inúmeros os maridos que se passeiam pelo braço das inúmeras *épouses*, à sua volta brincam os seus filhinhos queridos e educados, o pequeno repuxo esguicha

e, com o monótono rumor dos seus esguichos, evoca-nos algo de sossegado, de calmo, de permanente, de heidelberguesco. Reparai que não é este o único repuxo que barulha deste modo em Paris, há muitos mais, e é a mesma coisa por todo o lado: um bálsamo para o coração.

A necessidade de virtude em Paris é indelével. Hoje em dia o francês é sisudo, solene e, muitas vezes, até pode permitir-se ternuras de coração; por isso não compreendo porque continua, até hoje, a ter medo de qualquer coisa, a ter medo apesar de toda a *gloire militaire*⁶⁶ que floresce em França e pela qual o Jacques Bonhomme⁶⁷ paga tão caro. O parisiense adora fazer comércio, mas, ao que parece, mesmo a fazer comércio e a esfolar-nos na sua loja, fá-lo não só para obter lucro, como acontecia dantes, mas também por virtude, por uma qualquer necessidade sagrada. Acumular uma fortuna e ter o máximo de bens transformou-se no principal código moral, na catequese do parisiense. Também dantes era assim, mas agora... agora isso reveste-se de uma forma por assim dizer sagrada. Dantes ainda se reconhecia o valor de algumas coisas, pelo menos, além do dinheiro, pelo que uma pessoa sem dinheiro mas com outras qualidades podia contar com algum respeito; mas, hoje em dia, nem pensar. Agora só é possível contar-se com algum respeito acumulando dinheiro, arranjando o máximo de bens. E não é só a possibilidade de se contar com algum respeito dos outros que está em causa, mas também o respeito por si próprio é impensável a não ser desta forma. O parisiense não dá qualquer valor a si mesmo quando tem os bolsos vazios, e é assim em consciência, com sinceridade, com plena convicção. São permitidas as coisas mais espantosas a quem tem dinheiro. O pobretana do Sócrates, aqui, não passa de um fraseador estúpido e nocivo, e talvez só goze de algum respeito no teatro, porque o *bourgeois* ainda gosta de respeitar a virtude no teatro. Homem estranho, este *bourgeois*: proclama frontalmente que o dinheiro é a virtude humana suprema e a obrigação humana suprema, e, entretanto, também gosta muitíssimo de brincar à suprema nobreza de alma. Todos os franceses têm um ar espantosamente nobre. O mais vil francesinho, que por vinte e cinco francos nos venderá o pai e ainda acrescentará, por sua própria vontade, uma oferta, tem ao mesmo tempo, naquele exato momento em que nos vende o pai, uma postura tão imponente que ficamos perplexos. Entrai

numa loja para comprardes qualquer coisa, e o último dos empregados de balcão vos esmagará, literalmente, com a sua nobreza indescritível. São esses mesmos que servem de modelo ao nosso teatro Mikháilovski⁶⁸ para o mais *subtível superflu*. Ficamos esmagados, sentimo-nos literalmente culpados de alguma coisa para com este empregado de balcão. Se entramos na loja para gastarmos, digamos, dez francos, recebem-nos como se fôssemos um lorde Devonshire. Sentimo-nos de imediato muitíssimo confusos, tentamos convencer o senhor de que não somos nenhum lorde Devonshire, mas apenas um modesto viajante, e que entrámos apenas para fazermos uma compra de dez francos. Mas o jovem, com a mais aprazível das aparências e com uma nobreza de alma indescritível, à vista do qual estamos prontos a considerar-nos quase uns canalhas (a tal ponto ele é nobre!), começa a expor diante de nós mercadorias de milhares de francos. Num minuto cobre com a sua mercadoria todo o balcão, e quando pensamos nas tantas coisas que o coitado, por nossa culpa, deverá voltar a arrumar — ele, Grandison, Alcibíades, Montmorency — e ainda por cima, por causa de quem? — por causa de nós, que, com o nosso aspeto físico nada invejável, com os nossos defeitos e vícios, com os nossos abomináveis dez francos, tivemos a ousadia de incomodar um marquês como ele — quando pensamos em tudo isto, começamos involuntariamente, ali mesmo ao balcão, a desprezar-nos infinitamente. Arrepentemo-nos e amaldiçoamos o destino por termos no bolso apenas cem francos; lançamo-los para cima do balcão, pedindo desculpa com o olhar. Ele, porém, embrulha-nos magnanimamente a compra que nos custou cem francos miseráveis, perdoanos todo o incómodo que causámos na loja, e nós apressamo-nos a desaparecer. De volta a casa espantamo-nos muito por termos planeado gastar apenas dez francos e acabado por gastar cem. Quantas vezes, ao passar pelos bulevares ou pela Rua Vivienne, onde há um sem-fim de lojas de quinquilharia, eu sonhava: que bom seria mandar cá as senhoras russas e... mas o que daí resultaria sabem-no melhor os feitores e regedores das províncias de Orlov, Tambov e outras. Os russos, em geral, têm muita vontade de mostrar nas lojas que têm muitíssimo dinheiro. Em compensação, existe no mundo a falta de vergonha, como, por exemplo, a das inglesas que não só não se deixam embaraçar porque qualquer Adónis

ou Guilherme Tell amontoou para elas no balcão a mercadoria e revirou para elas toda a loja, mas ainda se põem — oh, horror! — a regatear por uns miseráveis dez francos. Mas o Guilherme Tell também é um rapaz esperto: consegue vingar-se ao sacar à *milady*, por um xaile de mil e quinhentos francos, alguns doze mil, e com uma arte tal que esta ainda se mostrará satisfeita. Apesar disso, o *bourgeois* gosta, com uma paixão indescritível, da nobreza de alma. No teatro, quer que lhe apresentem obrigatoriamente heróis desinteressados. Gustave tem de brilhar pela nobreza e, aí, o *bourgeois* chora de enternecimento. Sem uma indescritível nobreza, ele é incapaz de dormir sossegado. Ora, se cobrou doze mil em vez de mil e quinhentos, foi até por obrigação: cobrou-os por virtude! Roubar é abominável, ignóbil: por isso, galeras com os ladrões; o *bourgeois* está pronto a perdoar muita coisa, mas o roubo não, mesmo que o ladrão e os filhos estejam a morrer de fome. Porém, se roubarmos por virtude, oh, tudo nos será perdoado. É assim porque, neste caso, queremos tão-só *faire fortune*⁶⁹, acumular muitos bens, ou seja, cumprir um dever da natureza e humano. É por isso que no Código estão claramente definidos os tipos de roubo: com fins ignóbeis, ou seja, por uma fatia de pão; e com fins de alta virtude. Este último tipo está bem garantido, é incentivado e está organizado com uma firmeza extraordinária.

Finalmente, porque é que — volto a insistir neste outro ponto — o *bourgeois*, até hoje, parece ter medo de alguma coisa, como se sentisse desconforto? Com que poderá ele preocupar-se? Com os *parleurs*, os fraseadores? Mas a esses, agora, pode o *bourgeois* mandá-los prò diabo com um pontapé no traseiro! Com os argumentos da razão pura? Mas a razão tem-se mostrado inconsistente perante a realidade; ainda por cima, os próprios sábios, os próprios cientistas começam a ensinar que não há argumentos da razão pura, que a razão pura nem sequer existe neste mundo, que uma lógica abstrata não é viável em relação à humanidade, que existe a razão dos Ivan, dos Piotr, dos Gustave, e não uma razão pura, essa nunca existiu; que não passa de uma invenção infundada do século XVIII⁷⁰. De que poderá então ter medo o *bourgeois*? Dos trabalhadores? Mas os trabalhadores, no fundo das suas almas, também são proprietários: o ideal deles é tornarem-se proprietários e acumularem o máximo de bens: é esta a

sua natureza. Ora, a natureza não surge espontaneamente, foi cultivada e educada durante séculos. O caráter nacional não é fácil de mudar, não são fáceis de abandonar hábitos seculares que já entraram no corpo e no sangue. Medo dos agricultores? Mas os agricultores franceses são arquiproprietários, são os mais obstinados dos proprietários, isto é, constituem o melhor e mais completo ideal de proprietário que imaginar se possa. Medo dos comunistas? Dos socialistas? Mas essa gente, no seu tempo, perdeu o jogo, e a sério, e o *bourgeois*, no fundo da sua alma, despreza-a; despreza-a e, no entanto, tem-lhe medo. Pois é: é mesmo desta gente que o *bourgeois* continua, até hoje, a ter medo. Mas de que poderá, aparentemente, ter medo? Então o abade Sieyès⁷¹, no seu famoso panfleto, não vaticinou de uma vez por todas que o *bourgeois* seria tudo? «O que é o *tiers état*? Nada. O que tem ele de ser? Tudo.» E é verdade, tudo aconteceu tal qual ele dissera. Aliás, de entre todas as palavras ditas naquele tempo, foram as únicas que se realizaram; apenas elas ficaram. Mas o *bourgeois* ainda não acredita por completo nisso, apesar de tudo o que foi dito depois de Sieyès ter falhado e reventado como bola de sabão. De facto, proclamaram: *liberté, égalité, fraternité*. Muito bem. O que é *liberté*? Liberdade. Que liberdade? Liberdade, igual para todos, de cada qual fazer o que quiser dentro dos limites da lei. E quando se pode fazer o que se quiser? Quando se tem um milhão. E a liberdade dá um milhão a cada um? Não. O que é o homem sem um milhão? O homem sem um milhão não é aquele que faz o que quer, mas aquele de quem se faz o que se quer. Qual é a consequência disto? A consequência é que, além da liberdade há ainda a igualdade, ou seja, a igualdade perante a lei. Sobre esta igualdade perante a lei apenas se pode dizer que, na forma em que está a ser aplicada agora, cada francês pode e deve tomá-la por uma ofensa pessoal. Então, o que resta da fórmula? A fraternidade. Pois bem, este ponto é o mais curioso, e, é de reconhecer, continua a constituir a principal pedra de tropeço no Ocidente. O homem ocidental fala da fraternidade como da grande força motriz da humanidade e não percebe que não se pode alcançar a fraternidade se ela não existe. Então, que fazer? É preciso criar a fraternidade custe o que custar. Mas verifica-se que é impossível criar a fraternidade, porque ela se cria sozinha, é um dom, está na natureza. Ora, na

natureza francesa, e ocidental em geral, como se verificou, a fraternidade não está presente; o que está presente é o princípio pessoal, individualista, de autoconservação, de autoabastecimento e de autodeterminação, no limite do próprio *ego*, e a oposição deste *ego* a toda a natureza e a todos os outros homens enquanto princípio individual com direito à opinião absolutamente igual e de valor igual em relação a tudo o resto. Ora bem, desta autoafirmação não poderia nunca provir a fraternidade. Porquê? Porque na fraternidade, na verdadeira fraternidade, não é um indivíduo, um *ego*, que deve solicitar o direito da sua igualdade em valor e peso relativamente a *tudo o resto*, mas este *tudo o resto* teria de chegar, por *si próprio*, a este indivíduo que reivindica os seus direitos, a este *ego* particular, e teria de o reconhecer igual em valor e direitos a tudo o que existisse no mundo, sem a solicitação dele. Mais ainda, o próprio indivíduo que se revolta e apresenta reivindicações teria, antes de mais, de sacrificar todo o seu *ego*, toda a sua personalidade, à sociedade, e não só não exigir os seus direitos, como, pelo contrário, prescindir deles, incondicionalmente, em prol da sociedade. Porém, o indivíduo ocidental não está habituado a esta maneira de agir: exige os seus direitos, quer tomá-los de assalto, quer que sejam *repartidos* — então, não há fraternidade. É claro que é possível a regeneração, mas leva milénios a concretizar-se, porque as ideias têm de entrar primeiro no corpo e no sangue para se tornarem realidade. Então, direis vós, meus senhores, significa que, para se ser feliz, é necessário perder a individualidade? Será que a salvação está na ausência de individualidade? Pelo contrário, pelo contrário, digo eu, não só não devemos perder a individualidade como é fundamental sermos indivíduos, e de forma muito superior à que se estabeleceu agora no Ocidente. Tentai compreender-me: o autossacrifício voluntário, consciente e sem imposição por parte de ninguém para o bem de todos é, a meu ver, o sinal do mais alto desenvolvimento da personalidade, da sua potência superior, do autodomínio superior, da liberdade superior da vontade individual. Sacrificar voluntariamente a sua vida por todos, subir por todos à fogueira e à cruz, apenas é possível com o mais forte dos desenvolvimentos da personalidade. O indivíduo altamente desenvolvido, com a plena convicção do seu direito de ser indivíduo, já sem qualquer medo por si próprio, não

pode fazer de si, ou seja, da sua individualidade, outra coisa ou outro aproveitamento que não seja entregá-la a todos, para que todos os outros sejam também indivíduos com direito a opinião e felizes. É a lei da natureza; o homem, de forma natural, é atraído para isso. Ora, há aqui um cabelo, um cabelinho finíssimo, mas que, se cair dentro da máquina, faz rebentar e ruir tudo. Ou seja: neste caso, cuidado com o mínimo cálculo no sentido do proveito próprio. Por exemplo: se me sacrifico plenamente em prol de todos, isso significa que é necessário um sacrifício completo, definitivo, sem pensar nos meus interesses, sem pensar que, como me sacrifico pela sociedade, esta também deve entregar-se a mim por completo. O sacrifício deve ser feito de modo a entregar tudo e a não desejar qualquer recompensa, que não se queira que alguém pague por isso. Como é possível fazê-lo? É que é a mesma coisa que não pensar no urso branco. Tentai mandar em vós mesmos, não vos lembreis do urso branco, e vereis que ele, o maldito, vos surgirá na memória a cada instante. Então, como fazer? Não se pode fazer nada intencionalmente, é preciso *fazê-lo espontaneamente, naturalmente*, que na natureza de toda a tribo haja uma palavra: o princípio fraterno, do amor — é preciso amar. É preciso que o homem aspire por instinto à fraternidade, à comunidade, à concórdia, que aspire a elas apesar dos sofrimentos seculares da nação, apesar das bárbaras grosseria e ignorância, apesar da escravidão de muitos séculos, da invasão das tribos estrangeiras — em suma, é preciso que a necessidade da comunidade fraterna esteja na natureza do homem, que nasça com isto ou que adote este hábito desde os primórdios dos tempos. Em que consistiria esta fraternidade se fosse traduzível para uma linguagem razoável, consciente? Que cada indivíduo, de sua livre vontade, sem coerção, sem qualquer interesse pessoal, diga à sociedade: «Apenas somos fortes quando unidos; tomai-me então, todo, se disso tiverdes necessidade, não penseis em mim quando escreveis as vossas leis, não vos preocupeis comigo, cedo-vos todos os meus direitos, por favor, disponde de mim. E a minha felicidade suprema é sacrificar-vos tudo e que não tenhais qualquer gasto com isso. Apago-me, fundo-me com toda a massa sem distinções, apenas para que a vossa irmandade floresça e perdure.» A irmandade, por sua vez, tem de dizer: «Entregas-nos demasiado. Não temos o direito de recusar o que nos dás,

porque tu próprio dizes que nisso reside toda a tua felicidade; mas não podemos evitar: dói-nos sempre o coração por ti, pela tua felicidade. Aceita, então, também tudo de nós. Vamos esforçar-nos a cada momento para que tenhas o máximo de liberdade pessoal, o máximo de automanifestação. Não tenhas medo de quaisquer inimigos, sejam pessoas, sejam da natureza. Somos todos teus defensores, garantimos a tua segurança, cuidamos de ti constantemente, porque somos irmãos, somos todos teus irmãos, e somos muitos e fortes; sê pois tranquilo e anima-te, não tenhas medo de nada, confia em nós.»

Nesta situação, obviamente, não é necessário pensar em partilhar, já que tudo se partilha espontaneamente. Amai-vos uns aos outros e tudo vos será dado.

Mas que utopia, meus senhores, francamente! Tudo assenta no sentimento, na natureza, e não na razão. Isto até parece humilhante para a razão. O que pensais vós, meus senhores? É ou não é uma utopia?

Entretanto, o que pode fazer o socialista se o homem ocidental não tem em si o princípio fraternal, mas, pelo contrário, um princípio individualista, pessoal, se não para de isolar-se e se exige com a espada na mão os seus direitos? O socialista, vendo a ausência de fraternidade, tenta convencer os homens de que devem ser irmãos. Vendo tal ausência de fraternidade, deseja criá-la, construí-la. Para preparar um guisado de lebre, é necessário em primeiro lugar a lebre. Mas não há lebre, ou seja, não há natureza capaz de fraternidade, com tendência natural para a fraternidade. Desesperado, o socialista começa a construir, a definir a futura fraternidade, calcula com peso e medida, seduz com vantagens, explica, ensina, diz dos benefícios que cada um colherá com essa fraternidade, quem e quanto ganhará com ela; determina a qualidade de cada indivíduo, o peso que tem, define de antemão o cálculo de distribuição dos bens terrenos: em que medida cada um os merecerá e quanto deverá cada um pagar, em prejuízo da sua personalidade, à comunidade. Mas que fraternidade é esta, se se partilha de antemão e se se determina quem merece ganhar e o que tem de fazer? Foi proclamada a fórmula: «Um por todos, todos por um.» Melhor do que isto era impossível inventar, lá isso é verdade, até porque a fórmula foi retirada na íntegra de um livro conhecido⁷². Mas começaram a pôr em prática esta

fórmula e, seis meses transcorridos, os irmãos levaram Cabet, fundador da irmandade, a tribunal⁷³. Os fourieristas, ao que dizem, investiram os seus últimos novecentos mil francos, mas ainda tentam, ainda não conseguiram ultimar a sua fraternidade⁷⁴. Não resulta. É claro que existe a grande tentação de se viver, se não nos princípios fraternais, pelo menos na base racional, ou seja, é bom quando nos garantem tudo e nos exigem apenas o trabalho e a concórdia. Mas aqui surge de novo um problema: parece que já está tudo garantido ao homem, prometeram alimentá-lo, dar-lhe trabalho, exigindo-lhe por isso tudo uma gota apenas da sua liberdade pessoal em prol do bem comum, uma migalha das mais pequenas. Não, o homem não quer viver assim, esta migalha também lhe parece pesada. Parece-lhe sempre uma prisão, a este parvo, e acha que é sempre melhor desvencilhar-se sozinho, porque, isso sim, é a plena liberdade. E note-se que nesta liberdade lhe batem, não lhe dão trabalho, que ele morre de fome, não tem liberdade nenhuma — mas não, mesmo assim parece-lhe melhor. Evidentemente, resta ao socialista cuspir de desprezo e dizer que ele, o imbecil, ainda não amadureceu, não compreende as vantagens que recusa; que uma formiga, uma qualquer formiga sem fala, miserável, é mais inteligente do que ele, porque no formigueiro tudo funciona bem, está tudo bem organizado, todos comem, são felizes, cada qual conhece as suas obrigações, em suma: o homem ainda tem muito que crescer para chegar ao formigueiro!

Por outras palavras: mesmo que seja possível o socialismo, será noutro lugar, e não em França!

Então, no seu último desespero, o socialista proclama por fim: *liberté, égalité, fraternité ou la mort*. Bom, palavras para quê, o *bourgeois* triunfa definitivamente.

Mas se o *bourgeois* triunfa, tal significa que se concretiza a fórmula de Sieyès, literal e exatamente. Portanto, se o *bourgeois* é tudo, porque se confunde, porque se encolhe, de que tem medo? Todos falharam, todos se tornaram inconsistentes perante ele. Outrora, nos tempos de Luís Filipe, por exemplo, o *bourgeois* não se confundia nem tinha tanto medo; no entanto, já naquela altura reinava. Pois é, mas naquele tempo ele ainda lutava, pressentia que tinha inimigos, inimigos que derrubou de uma vez por todas

à espingarda e à baioneta nas barricadas de junho. Ora, acabada a batalha, o *bourgeois* viu que estava sozinho na terra, que não havia ninguém melhor do que ele, que era o ideal e que já não tinha, como antes, de convencer toda a gente de que era o ideal, mas simplesmente exhibir-se perante todo o mundo, calma e majestosamente, como modelo da beleza suprema e de todo o género de perfeições humanas. A situação, em qualquer caso, é embaraçosa. Valeu-lhe Napoleão III. Foi como se caísse do céu como única saída da situação difícil, como a única possibilidade daquele momento. Desde então, o *bourgeois* prospera, paga um alto preço pela sua prosperidade e é precisamente porque conseguiu tudo que tem medo de tudo. Quando conseguimos tudo, é muito penoso perdê-lo. Daqui se conclui, meus amigos, que quem tem mais medo é, por consequência, o mais próspero. Não vos ride, por favor. Sim, o que é, hoje em dia, o *bourgeois*?

[59](#) O terceiro estado é tudo (fr.). (NT)

[60](#) Depois de mim, o dilúvio (fr.). (NT)

[61](#) Em 1861, a Inglaterra, a Espanha e a França mandaram tropas para o México, para obrigarem o governo mexicano a continuar a pagar a dívida externa. A expedição mexicana foi muito dispendiosa e nada popular entre o povo francês. (NT)

[62](#) Esposas (fr.). (NT)

[63](#) Cozido [prato] (fr.). (NT)

[64](#) Estes «penteados» (termo muito datado e localizado) correspondem às nossas «armações», eufemismo para as infidelidades conjugais. (NT)

[65](#) *La femme, le mari et l'amant*, de Paul de Kock (1829). Paul de Kock, escritor francês (1793-1871), retratava satiricamente os *milieux bourgeois*.

[66](#) Glória militar (fr.). (NT)

[67](#) Zé-povinho, cidadão comum. (NT)

[68](#) Teatro de Petersburgo em que trabalhava um elenco francês. (NT)

[69](#) Fazer fortuna (fr.). (NT)

[70](#) Nas décadas de 40 a 60 do século XIX, a doutrina idealista de I. Kant (1724-1804), desenvolvida na sua obra *Crítica da Razão Pura*, foi alvo de contestação implacável por parte dos filósofos positivistas. (NT)

[71](#) Emmanuel Joseph Sieyès (1748-1836), político francês dos tempos da Revolução Francesa, escreveu *O que é o terceiro Estado?*. (NT)

[72](#) *Voyage en Icarie* (1842), romance utópico de Étienne Cabet. (NT)

[73](#) Cabet, em 1847, organizou uma recolha de fundos para criar uma comunidade comunista, «Icária», no Texas. O governo francês acusou-o de burla; passado pouco tempo foi ilibado. (NT)

[74](#) Trata-se da comuna fourierista criada por Victor Considérant (1808-1893) em 1853, no Texas, e que se dissolveu durante a guerra civil de 1861-1864. (NT)

Continuação do anterior

Ora então, porque é que entre os *bourgeois* há tantos lacaios, ainda por cima com uma aparência tão nobre? Por favor, não me acuseis, não griteis que exagero, que calunio, que fala em mim o ódio. Ódio por quê, por quem? Para quê? Simplesmente, há muitos lacaios, é um facto. O servilismo impregna a natureza burguesa cada vez mais, e é considerado cada vez mais uma virtude. Na situação atual, é lógico. É uma consequência natural. Mas, sobretudo, sobretudo, contribui para tal a sua natureza. Já não falo, por exemplo, de que o *bourgeois* é um espião inato. A minha opinião consiste precisamente em que o extraordinário desenvolvimento da espionagem em França, uma espionagem de mestria perfeita e não de simples mestria, uma espionagem por vocação que se torna arte e que tem os seus métodos científicos, provém entre eles do servilismo inato. Qual o Gustave, esse ideal de nobreza, que, se ainda não tiver bens pessoais, não entregará sem hesitações, por dez mil francos, as cartas da sua amante e não a trairá ao marido dela? Talvez exagere, mas também talvez fale com base nalguns factos. O francês gosta muito de se pôr à frente dos olhos dos superiores, de lhes mostrar o seu servilismo, às vezes até desinteressado, mesmo sem esperar recompensa imediata, apostando no prémio de reserva, a crédito. Lembrai-vos de todos aqueles pedinchões de cargos, por exemplo, que as frequentes mudanças de governo em França proporcionam. Lembrai-vos dos truques e malabarismos que têm feito e que confessam de *motu proprio*. Lembrai-vos de um dos iampos de Barbier⁷⁵ a este propósito. Uma ocasião, num café, peguei num jornal de 3 de julho. Vejo: notícias de Vichy. Em Vichy, naqueles dias, estava de visita o imperador com a corte, é claro: cavalgadas, festas. O correspondente descreve tudo isso. Começa assim:

«Muitos e excelentes cavaleiros. É evidente que o leitor já descobriu qual era o mais brilhante. Sua Majestade passeia-se todos os dias a cavalo,

acompanhado pela sua comitiva, etc.»

É natural que ele se entusiasme à vontade pelas qualidades brilhantes do seu imperador. É possível que ele venere o intelecto, o espírito prático, as perfeições, etc. do seu imperador. A um senhor tão entusiasmado não se pode dizer na cara que está a fingir. «É a minha convicção, e ponto final», logo ele nos responde, tal qual responderão alguns dos nossos jornalistas russos modernos. Vede: ele joga pelo seguro, tem uma resposta que nos cala a boca. A liberdade de consciência e de convicção é a principal liberdade do mundo. Mas aqui, neste caso, o que pode ele alegar? Aqui, ele não olha para as leis da realidade, espezinha qualquer verosimilhança e fá-lo intencionalmente. Mas para quê fazê-lo intencionalmente? Ninguém vai acreditar nas palavras dele. O próprio cavaleiro, com certeza, nem o vai ler, e, mesmo que lesse, será que o franciú que escreve a *correspondance* e o jornal que a publica, assim como o corpo redatorial, será que todos eles são a tal ponto estúpidos que não percebem que o grande potentado não precisa para nada da glória de ser o melhor cavalgador de França, que na sua velhice ele já não conta de maneira nenhuma com essa glória e que, sem dúvida (dizem que é inteligente), não acreditará quando o apelidam de o mais hábil ginete de toda a França? Não, o cálculo é outro: deixa lá, pois que seja inverosímil, ridículo, que o próprio potentado o veja com repugnância e um riso de desprezo, que seja assim; mas, em compensação, verá a obediência cega, verá um infinito «rojo-me aos vossos pés», e é isso o principal. Agora pensai: se isso não correspondesse ao espírito da nação, se essa bajulação ignóbil não fosse considerada natural, normal, consagrada e até conveniente, seria possível publicar esta correspondência num jornal parisiense? Onde, fora de França, poderemos encontrar na imprensa semelhantes bajulações? Estou a falar do espírito da nação, porque não é um só jornal que escreve assim, mas quase todos, com exceção de duas ou três publicações que são menos dependentes.

Uma ocasião, estava eu sentado a uma *table d'hôte* — não era em França, em Itália —, e havia muitos franceses à mesa. Falava-se de Garibaldi. Naquela altura falava-se por todo o lado de Garibaldi. Era duas semanas antes de Aspromonte⁷⁶. Falava-se, é claro, de maneira enigmática; alguns não queriam opinar, calavam-se; outros abanavam as cabeças. O

sentido geral da conversa era o de que Garibaldi empreendera uma coisa arriscada, até insensata; mas, é claro, exprimiam esta opinião com reticências, porque, sendo Garibaldi uma pessoa tão superior ao nível geral, poderia resultar sensato mesmo aquilo que, de acordo com as considerações vulgares, era demasiado arriscado. A pouco e pouco, passou a falar-se das características pessoais de Garibaldi. Enumeraram-se as qualidades dele, com a balança a pender bastante favoravelmente para o lado do herói italiano.

— Só há uma coisa que me surpreende nele — disse em voz alta um francês, de aparência agradável e imponente, homem para os seus trinta anos e com um toque, no rosto, daquela nobreza extraordinária que salta à vista, até ao descaramento, em todos os franceses. — Surpreende-me nele, mais do que tudo, uma circunstância...

É claro que todos se viraram com curiosidade para o orador.

Uma nova qualidade descoberta em Garibaldi devia ser interessante para todos.

— No ano sessenta, em Nápoles, ele teve durante algum tempo poder ilimitado e sem qualquer controlo. Tinha nas mãos vinte milhões em dinheiro público! Não tinha de prestar contas a ninguém relativamente a esse dinheiro! Podia apropriar-se de quanto quisesse que ninguém o chamaria à responsabilidade! Mas não tirou um tostão e entregou ao governo tudo, até ao último *sou*. É quase inacreditável!!

Os olhos dele alumiam-se quando começou a falar dos vinte milhões de francos.

Sobre Garibaldi pode contar-se tudo o que se quiser, é claro. Mas pôr o nome de Garibaldi num contexto de roubalheira do saco público, isso, é óbvio, só podia ser feito por um francês.

E com que ingenuidade, com que sinceridade falou disso! Pela sinceridade, sem dúvida perdoa-se tudo, mesmo a capacidade perdida de compreender e sentir a verdadeira honra; porém, quando olhei para a cara que se iluminara ao pensamento dos vinte milhões, pensei sem querer:

«Como seria, amigo, se, em vez de Garibaldi, tivesses tu ao teu dispor o saco do dinheiro público?»

Direis de novo, meus amigos, que não é verdade, que são casos tão-só particulares, que entre nós acontece a mesmíssima coisa e que não posso acusar todos os franceses. É justo, mas também não estou a falar de todos. Por todo o lado há a tal nobreza indescritível, e talvez entre nós aconteçam talvez coisas ainda piores. O que eu digo: para quê elevar aquilo a virtude? Sabeis uma coisa? É possível ser-se um canalha sem se perder o sentimento da honra, mas aqui há muitas pessoas honestas que perderam por completo o sentido da honra e, por isso, fazem canalhices sem saberem que as fazem, por virtude. A primeira situação é evidentemente mais defeituosa, mas a segunda, seja como for, é mais desprezível. Semelhante catequese das virtudes constitui um mau sintoma na vida da nação. Quanto aos casos particulares, não quero discutir. Toda a nação se compõe de casos particulares, não é verdade?

Penso, inclusivamente, o seguinte: talvez me tenha enganado também ao dizer que o *bourgeois* se encolhe, que continua com medo de alguma coisa. Encolhe-se, pois, é um facto, e também tem medo; mas, no fim de contas, o *bourgeois* prospera em absoluto. Embora engane constantemente a si mesmo, embora se force a dizer a cada instante que as coisas correm bem, nada disso impede minimamente a sua presunção exterior. Mais ainda: no seu fundo, também é terrivelmente convencido nos momentos de entusiasmo. Como tudo isto consegue conviver nele é, realmente, um problema, mas o facto é este. Em geral, o *bourgeois* não é nada parvo, mas o seu intelecto é, digamos, curtinho, como que fragmentado. Tem de reserva um ror de ideias feitas, como lenha para o inverno, e tenciona, com toda a seriedade, viver delas nem que seja mil anos. Aliás, mil anos porquê? É que raramente o *bourgeois* fala de mil anos, a não ser nos seus acessos de eloquência... *Après moi le déluge* está muito mais em voga e utiliza-se muito mais. E que indiferença por tudo, que interesses momentâneos, ocios! Aconteceu-me em Paris visitar uma casa por onde, no meu tempo, muita gente passou de visita. Ali, a impressão era de que todos eles como que tinham medo de travar qualquer conversa que fugisse ao quotidiano, de falar de qualquer coisa menos mesquinha, de alguns interesses gerais, digamos que de quaisquer interesses sociais, fossem eles quais fossem. Não há nisto, ao que me parece, o medo dos delatores, mas simplesmente o facto

de que todos desaprenderam a pensar e a falar de coisas mais sérias. Aliás, encontravam-se lá pessoas que se interessavam muito pela impressão que me causava Paris, até que ponto ia a minha veneração, o meu espanto, até que ponto me sentia esmagado, aniquilado. O francês continua a pensar que é capaz de esmagar e aniquilar moralmente. É também uma característica bastante engraçada dele. Lembro-me sobretudo de um velhinho muito simpático, amável e bondosíssimo de que gostei muito. Espreitava-me para os olhos querendo saber a minha opinião sobre Paris e amargurou-se muito quando eu não dei mostras de grande admiração. Pintou-se-lhe mesmo um certo sofrimento na cara bondosa: um sofrimento, literalmente, não exagero. Oh, querido *Monsieur Le M...re!* É impossível dissuadir um francês, ou seja, um parisiense (já que todos os franceses são, na essência, parisienses) de que ele não é o homem mais importante de todo o globo terrestre. Aliás, além de Paris, ele sabe bastante pouco de todo o globo terrestre. Nem sequer deseja saber muito. É já uma particularidade nacional, e das mais características. Mas o traço mais característico do francês é a eloquência. O amor pela eloquência é indelével nele e, com a passagem dos anos, cada vez se lhe atíça mais. Eu gostaria muito de saber quando foi que se iniciou em França este amor pela eloquência. Foi de certeza principalmente com Luís XIV. É curioso que, em França, tudo começa com Luís XIV. É verdade. Mas o mais curioso é o facto de também na Europa tudo ter começado com Luís XIV. Como se tornou tão influente este rei: não faço ideia! Afinal não era assim tão superior a todos os reis precedentes! A não ser porque foi o primeiro a dizer: *L'État c'est moi*⁷⁷. Gostou-se muito disso, foi divulgado por toda a Europa. Acho que bastaram estas palavras para ficar famoso. Mesmo entre nós, rapidamente ficaram conhecidas. Era um monarca extremamente nacional, este Luís XIV, de pleno espírito francês, pelo que me é incompreensível como puderam acontecer em França todas aquelas pequenas traquinices... essas do final do século passado. Parece que desatinaram, brincaram um bocadinho e logo voltaram ao espírito antigo; tudo tende para isso; mas a eloquência, a eloquência, oh, é mesmo um grande problema para o parisiense. Está pronto a esquecer todo o passado, tudo, tudo, está pronto a travar as mais sensatas conversas e ser o mais obediente e lindo menino, mas a eloquência... a eloquência, pura

e simplesmente, é incapaz de a esquecer. Tem saudades da eloquência, suspira pela eloquência; recorda Thiers, Guizot, Odilon Barrot⁷⁸. Quanta eloquência havia naqueles tempos — diz às vezes o parisiense para si mesmo e fica pensativo. Napoleão III compreendeu-o e decidiu de imediato que Jacques Bonhomme não devia ficar pensativo e, a pouco e pouco, reintroduziu a eloquência. Para este fim se mantêm no corpo legislativo seis deputados liberais, permanentes, imutáveis, mas verdadeiros deputados liberais, ou seja do género talvez incorruptível no caso de alguém tentar suborná-los, mas, no entanto, apenas seis — eram seis, são seis, manter-se-ão apenas seis. Sem tirar nem pôr, ficai descansados. Isto, à primeira vista, é uma coisa sofisticadíssima. Na realidade é muito mais simples do que parece e faz-se mediante o *suffrage universel*. É claro que, para que eles não falem de mais, foram tomadas todas as medidas necessárias. Deixam-nos, porém, tagarelar. Todos os anos, na altura determinada, são discutidos os mais importantes problemas estatais, e o parisiense emociona-se com delícia. Sabe que haverá eloquência, está feliz. É claro que sabe muito bem que não haverá mais do que eloquência, que haverá tão-só palavras, palavras e mais palavras, e que de tantas palavras não resultará absolutamente nada. Mas isso também o faz muito feliz. E é o primeiro a achar tudo isso o máximo da sensatez. Os discursos de alguns dessa meia dúzia de representantes gozam de uma popularidade especial. E o representante está sempre pronto a fazer discursos para divertir o público. Coisa estranha: ele próprio tem a certeza absoluta de que dos seus discursos nada resultará, que tudo é apenas brincadeira, jogo e mais nada, um jogo inocente, um carnaval; no entanto fala, fala vários anos seguidos, e fala com excelência, até com muito prazer. E a todos os membros que o ouvem cresce água na boca de prazer. «Fala bem, o homem!», e cresce água na boca do presidente e de toda a França. Mas, eis que o representante acabou o discurso e, depois dele, levanta-se também o preceptor de todas aquelas crianças queridas e bem-educadas. Declara solenemente que a redação do tema proposto, «O Amanhecer», foi perfeitamente elaborada e desenvolvida pelo respeitável representante. Admirámos o talento do respeitável orador — diz ele —, as suas ideias e o comportamento decoroso com que foram exprimidas essas ideias, todos nos deliciámos, todos... Ora, embora o

respeitável membro merecesse sem dúvida ser premiado com um livro com a inscrição «bom comportamento e bom aproveitamento nos estudos», apesar disso, meus senhores, o comportamento do respeitável representante, por certas considerações de ordem superior, não presta para nada. Espero bem, meus senhores, que concordem plenamente comigo. Dirige-se então a todos os representantes da câmara e o seu olhar começa a brilhar severamente. Os representantes aos quais tinha crescido a água na boca põem-se de imediato a aplaudir o precetor com louco entusiasmo e, ao mesmo tempo, agradecem e apertam a mão também ao representante liberal pelo prazer que ele lhes proporcionou, pedindo que ele lhes faça de novo a graça desse prazer liberal, com autorização do precetor, também numa próxima vez. O precetor condescende e concede a autorização, o autor de «O Amanhecer» vai-se embora, orgulhoso com o seu êxito, os representantes vários vão-se embora, lambendo os beiços, para o seio das suas famílias e, à noite, para sua felicidade, passeiam de braço dado com as suas *épouses* no Palais-Royal, escutando o estralejar dos jorros dos benéficos repuxos, enquanto o precetor, depois de feito o relatório completo a quem de direito, anuncia a toda a França que tudo corre pelo melhor.

Por vezes, no entanto, levantam-se uns problemas mais importantes e entra-se também num jogo mais importante. A uma das sessões comparece o próprio príncipe Napoleão. O príncipe Napoleão, de repente, começa a entrar em oposição, para pânico total de todos os jovens estudantes. Na aula reina um silêncio solene. O príncipe Napoleão mostra-se liberal, o príncipe Napoleão está em desacordo com o governo, na sua opinião é preciso fazer tais e tais coisas. O príncipe Napoleão censura o governo, enfim, diz (supostamente) o que diriam todos os lindos meninos se o precetor saísse por um minutinho da sala. É evidente que mesmo nisso não há que exagerar, até porque se trata de uma suposição absurda, porque todos os lindos meninos são tão lindamente educados que não se mexeriam mesmo que o precetor se ausentasse por uma semana. Então, quando o príncipe Napoleão acaba o discurso, levanta-se o precetor e anuncia solenemente que a redação sobre o tema proposto «O Amanhecer» foi excelentemente elaborada e desenvolvida pelo respeitável orador. Admiramos o talento, as ideias eloquentes e a boa educação do príncipe misericordioso... Estamos

prontos a oferecer-lhe um livro pela aplicação e pelo bom aproveitamento nos estudos, mas... etc., ou seja, o mesmo que foi dito antes; evidentemente, toda a turma bate palmas com um entusiasmo que atinge o frenesi, o príncipe Napoleão é levado a casa, os alunos bem-comportados vão-se embora como verdadeiros lindos meninos, e à noite passeiam com as *épouses* no Palais-Royal, escutando o estralejar dos benéficos repuxos, etc., etc., em resumo, a ordem estabelecida é admirável.

Uma vez perdemo-nos na *Salle des Pas Perdus*⁷⁹ e, em vez da repartição onde se faz o julgamento dos crimes comuns, fomos parar à dos processos cíveis. Um advogado de cabelo encaracolado, toga e barrete fazia o seu discurso e espalhava pérolas de eloquência. O presidente, os juízes, os advogados e o público derretiam-se de admiração. Reinava um silêncio religioso; entrámos em bicos de pés. Tratava-se de um processo de herança; eram parte no caso uns monges eremitas. Os monges, hoje em dia, veem-se a cada passo metidos em processos judiciais, sobretudo por motivo de direito sucessório. Incidentes dos mais escandalosos e repugnantes saem à luz do dia; mas o público cala-se e escandaliza-se pouco, porque os monges eremitas têm agora muito poder e o *bourgeois* é extremamente decoroso. Os monges estão chegando cada vez mais à conclusão de que o capital é que é bom, é melhor do que todos esses sonhos, etc., e que com o dinheirinho acumulado também é possível ter poder, pois a eloquência não vale nada! Hoje em dia, só com a eloquência não se ganha a vida. Quanto a isso, na minha opinião, eles estão um pouco enganados. Não há dúvida de que o capital é uma excelente coisa, mas também com a eloquência é possível conseguir muito do francês. As *épouses*, na sua maioria, deixam-se convencer pelos monges, e hoje muito mais do que dantes. Há a esperança de que o *bourgeois* também se volte para esse lado. No processo frisava-se que os monges, por meio de uma pressão de muitos anos, uma pressão manhosa e até científica (eles têm uma ciência para isso) oprimiam a alma de uma senhora maravilhosa e muito endinheirada, que a aliciaram a mudar-se para um convento e a lá viver, e que a tolheram de medo a um ponto tal que a levaram à doença, à histeria acompanhada de terrores vários, e tudo feito com calculismo, de forma gradual. Teria sido assim que a senhora caiu definitivamente na doença e na idiotia, tendo-a convencido por fim de que

era um grande pecado aos olhos de Deus se ela continuasse a ver os seus parentes, conseguindo com isso afastá-la deles por completo. «Até a sobrinha de quinze anos, uma alma casta de criança, um anjo de pureza e inocência, mesmo essa não tinha o direito de entrar na cela da sua adorada tia, de quem gostava mais do que tudo no mundo, sendo a senhora impedida, com pérfidas artimanhas, de beijar o *front virginal* coroado pelo anjo branco da inocência...» Enfim, tudo deste género, e espantosamente bem apresentado. O próprio advogado, no decorrer do seu discurso, se derretia de deleite ao sentir que estava a discursar tão bem, e o presidente derretia-se de deleite, e o público derretia-se de deleite. Os monges perderam a batalha precisamente no campo da eloquência. Mas, evidentemente, não se apoquentam. Perderam uma, ganham quinze.

— Quem é o advogado? — perguntei a uma das pessoas que assistiam ao julgamento em veneração, um jovem estudante. Sim, havia ali muitíssimos estudantes, todos muito bem-comportados. O jovem olhou para mim com o pasmo na cara.

— Mas é Jules Favre! — respondeu finalmente, com uma pena de mim tão desdenhosa que eu, evidentemente, embarcei-me. Foi assim que tive a oportunidade de conhecer as flores da eloquência francesa, por assim dizer na sua fonte principal.

Porém, tais fontes de eloquência são incontáveis. O *bourgeois* está corroído pela eloquência até à ponta das unhas. Um dia entrámos no Panteão dos grandes homens. Como era fora das horas de visita, cobraram-nos dois francos de entrada. Depois, um militar veterano decrépito e respeitável pegou nas chaves e levou-nos aos túmulos da igreja. Pelo caminho ainda falava de forma humana normal, apenas ciciando um pouco por causa da falta de dentes; mas, logo que descemos para as sepulturas, começou de imediato a cantar loas, logo em frente da primeira sepultura:

— *Ci-gît Voltaire...* Voltaire, este grande génio da bela França. Arrancou os preconceitos pela raiz, eliminou a ignorância, lutou contra o anjo das trevas e empunhou o archote da iluminação. Alcançou grandes alturas nas suas tragédias, embora a França já tivesse Corneille.

Debitava aquilo de cor, pelos vistos. Alguém lhe escrevera uma vez o discurso num papelinho, e o homem decorou-o para toda a vida. Luzia-lhe o

prazer na cara velha e bondosa quando se exhibia no seu estilo elevado.

— *Ci-gît Jean-Jacques Rousseau* — continuava, aproximando-se de outro túmulo. — *Jean-Jacques, l’homme de la nature et de la vérité!*⁸⁰

De repente deu-me vontade de rir. Com o estilo elevado é possível banalizar-se tudo. Também se via que o pobre velho, ao falar de *nature* e de *vérité*, não percebia absolutamente nada do que se tratava.

— É estranho! — disse-lhe eu. — Durante toda a vida destes dois grandes homens, um sempre chamou mentiroso e má pessoa ao outro, enquanto o outro sempre chamou ao primeiro simplesmente parvo. E agora ei-los aqui lado a lado.

— *Monsieur, monsieur!* — observou o veterano, querendo objetar, mas não encontrando nada; apressou-se então a levar-nos para o túmulo seguinte.

— *Ci-gît Lannes*, marechal Lannes — voltou a entoar —, um dos maiores heróis que a França teve, rica como é em heróis. Não foi apenas o grande marechal, o mais hábil comandante de tropas que tivemos, sem contar com o grande imperador, mas ainda gozava dos mais altos favores. Era amigo...

— Pois, pois, era amigo de Napoleão — disse eu, desejando abreviar-lhe o discurso.

— *Monsieur!* Deixe que seja eu a falar — interrompeu-me o veterano num tom de voz um pouco ofendido.

— Fale, fale, estou a ouvir.

— ... mas ainda gozava dos mais altos favores. Era amigo do grande imperador. Nenhum outro marechal teve a felicidade de se tornar amigo do grande homem. Só o marechal Lannes mereceu essa grande honra. Quando ele estava a morrer no campo de batalha pela sua pátria...

— Pois, uma bala de canhão arrancou-lhe as duas pernas.

— *Monsieur, monsieur!* Deixe-me falar! — exclamou o veterano numa voz quase lastimosa. — Talvez o senhor saiba tudo isso... mas permita que seja eu a explicar!

O pobre do homem queria muito explicar tudo pessoalmente, mesmo que já soubéssemos todas aquelas histórias.

— Quando ele estava a morrer no campo de batalha pela sua pátria... —
recomeçou o veterano —, o imperador, com o coração despedaçado e
chorando a grande perda...

— Foi junto dele dar-lhe o último adeus — não me contive e interrompi-
o, mas logo senti que tinha feito mal; até tive vergonha.

— *Monsieur, monsieur!* — disse o velho, olhando-me nos olhos com
uma censura lamentosa e abanando a cabeça cã. — *Monsieur, monsieur!* Eu
sei, eu tenho a certeza de que o senhor sabe tudo isso, até talvez melhor do
que eu. Mas é o senhor mesmo quem quer acompanhar-me para que eu lho
mostre, por isso, deixe-me então falar. Falta pouco... Então, o imperador,
com o coração despedaçado e chorando (oh, em vão!) a grande perda que
sofreram ele próprio, o exército e toda a França, aproximou-se do leito de
morte do marechal e, com o bálsamo das suas palavras de despedida,
suavizou os sofrimentos insuportáveis do cabo de guerra, que soltou o
último suspiro quase na presença dele... *C'est fini, messieurs!*⁸¹ —
acrescentou, lançando-me um olhar de censura, e seguiu para diante. —
Aqui há mais uns túmulos... bom, são... *quelques sénateurs*⁸² — disse com
indiferença e apontou com a cabeça, de passagem, para uns túmulos por
onde passávamos. Toda a sua eloquência se esgotara em Voltaire, Jean-
Jacques Rousseau e o marechal Lannes. Era um exemplo de amor
espontâneo pela eloquência, por assim dizer, popular. Seria que todos
aqueles discursos dos oradores da assembleia nacional, da Convenção
Nacional e dos clubes, em que o povo participava quase diretamente e
assim se reeducava, apenas tinham deixado no veterano um leve vestígio: o
amor da eloquência pela eloquência?

⁷⁵ Auguste Barbier (1805-1882), poeta francês; aqui, a referência é um dos livros de Barbier, *Iambos*, em que ele critica a cobardia e a cobiça dos *bourgeois* manifestadas nos dias do motim de 1830. (NT)

⁷⁶ Trata-se da batalha travada junto aos montes de Aspromonte, em agosto de 1862, e em que Giuseppe Garibaldi (1807-1882), lutador pela libertação de Itália dos ocupantes franceses, foi ferido, feito prisioneiro e deportado para a ilha de Caprera. (NT)

⁷⁷ «O Estado sou eu» (fr.). (NT)

⁷⁸ Enumeração dos oradores do parlamento mais populares entre a burguesia: A. Thiers (1797-1877) e F. Guizot (1787-1874) foram homens de Estado e historiadores; Odilon Barrot (1791-1873) foi um político francês. (NT)

⁷⁹ Sala dos Passos Perdidos (fr.). (NT)

⁸⁰ Jean-Jacques, o homem da natureza e da verdade! (fr.). (NT)

[81](#) Acabou, meus senhores! (fr.) (NT)

[82](#) [...] alguns senadores (fr.) (NT)

Bribri e Mabiche

Então, e as *épouses*? Como já dissemos, as *épouses* prosperam. A propósito, perguntareis vós, meus senhores: porque escrevo «*épouses*» em vez de «mulheres»? É o estilo elevado, meus senhores, é por isso. O *bourgeois*, quando começa a falar em estilo elevado, diz sempre: *mon épouse*. Embora noutros estratos da população se diga simplesmente, como por todo o lado, *ma femme* (a minha mulher), é melhor seguirmos o espírito nacional maioritário e o estilo elevado. É mais característico. Além disso, há outras denominações. Quando o *bourgeois* se entenece ou quer enganar a mulher, trata-a sempre por *ma biche*⁸³. E, em retorno, a terna esposa, num ataque de jocosidade graciosa, chama ao seu querido *bourgeois* de *bribri*⁸⁴, diminutivo com que o seu *bourgeois*, por seu lado, fica todo contente. O Bribri e a sua Mabiche prosperam hoje em dia como nunca. Além de estar consagrado (sem palavras desnecessárias) que a Mabiche e o Bribri têm de servir, nos nossos tempos inquietos, de modelo de virtude, concórdia e estado de graça paradisíaco da sociedade como resposta e desafio aos disparates infames dos vagabundos comunistas, além disto, portanto, Bribri vai-se tornando, a cada ano que passa, mais complacente no aspeto conjugal. Compreende que, apesar de todas as conversas e esforços, se torna impossível conter a sua Mabiche, que a parisiense foi criada para ter amante, que ao marido se torna quase impossível não ostentar um adorno na cabeça. Então, enquanto não acumula dinheiro bastante e bens, cala-se. Quando o consegue, Bribri torna-se mais exigente, porque passa a conquistar um grande respeito por si próprio. Então, começa a olhar com outros modos para Gustave, sobretudo se este, para cúmulo, for um maltrapilho que não possui o bastante de bens. Em geral, o parisiense, logo que se apanha com algum dinheirinho, deseja casar-se e escolhe uma noiva também com dinheiro. Mais ainda: fazem-se previamente as contas e, se se

verificar que os francos e os bens das duas partes são idênticos, dá-se a comunhão. Acontece assim também por todo o lado, mas, aqui, esta lei da igualdade de bolsa tornou-se mesmo um costume sólido. Se, por exemplo, a noiva tiver nem que seja um centavo a mais, não a darão ao respetivo pretendente, irão procurar um Bribri mais jeitoso. Além disso, os casamentos por amor foram-se tornando cada vez menos possíveis e são considerados quase indecentes. Este costume sensato da obrigatoriedade de igualdade de bolsas e da comunhão de bens e capitais raramente é violado, em qualquer caso muito menos do que em qualquer outro lado. O *bourgeois* faz um muito bom aproveitamento da possibilidade de dispor do dinheirinho da esposa. É por isso que está pronto, em muitos casos, a fazer vista grossa às aventuras de Mabiche e a deixar passar por alto alguns momentos desagradáveis, porque em caso de discórdia pode surgir um problema indesejável sobre o dote. Além disso, no caso de Mabiche, por vezes, começa a aparecer ataviada em desconformidade com os recursos do casal, Bribri, embora repare em tudo, resigna-se; enfim, tanto menos dinheiro lhe pedirá a esposa para vestidos. Mabiche, nestes casos, torna-se muito mais tratável. Finalmente, como o matrimónio é, na maioria dos casos, um casamento de capitais e tem muito pouco a ver com uma atração mútua, Bribri também não tem nada contra uma ou outra escapadela. Por isso, o melhor será não porem obstáculos um ao outro. Assim haverá mais-concórdia em casa, e é por isso que o querido murmúrio das palavras queridas — *bribri, ma biche* — se ouve cada vez mais entre os esposos. Finalmente, para dizer tudo, reparai que Bribri, também para estes casos, assegurou, salvaguardou tudo muito bem: o comissário da polícia está ao seu dispor a qualquer momento. É assim pelas leis que ele próprio estabeleceu para si mesmo. Em casos extremos, ao apanhar os amantes em *flagrant délit*, pode matá-los a ambos sem que lhe seja assacada qualquer responsabilidade pelo ato. A Mabiche sabe isso e aceita-o. Os mimos de longo prazo levaram Mabiche até um estado tal que não protesta e, como acontece, por exemplo, nalgumas terras bárbaras e ridículas, não sonha em estudar nas universidades, nem em participar nas reuniões dos clubes ou nos parlamentos. Prefere continuar no seu etéreo estado atual, um estado, por assim dizer, de canário. Vestem-na, calçam-lhe as luvas, levam-na a

passar, ela dança, ela come doces, ela, aparentemente, é recebida em todo o lado como uma rainha e, por todo o lado, o homem roxa-se, aparentemente, aos pés dela. Esta forma de relações está elaborada para garantir o êxito e observar todas as espantosas conveniências. Em resumo, observam-se as relações cavaleirescas e, a partir daqui, o que mais se pode desejar? É que ninguém lhe tira o seu Gustavo. Além disso, também não precisa para nada de quaisquer objetivos de vida virtuosos, elevados, etc., etc., porque, na sua essência, é a mesma capitalista forreta que o seu esposo. Quando os seus anos de canário passam, isto é, quando já não arranja maneira de se enganar a si mesma vendo-se como um canário, quando a possibilidade de arranjar um novo Gustavo se torna um absurdo absoluto, mesmo com a mais fogosa e presunçosa imaginação, Mabiche, de supetão, transforma-se rápida e abominavelmente. Onde param a sua dengue, os atavios, a jocosidade? Torna-se, na maioria dos casos, mazinha, uma verdadeira patroa. Frequenta as igrejas, amontoa dinheiro juntamente com o marido, e, de súbito, em tudo nela transparece o cinismo: advêm-lhe o cansaço, o desgosto, instintos grosseiros, leva uma vida sem sentido, só tem conversas cínicas. Algumas até se tornam desleixadas. É evidente que nem todas são assim; é evidente que acontecem fenómenos, mais puros, digamos; é evidente que relações deste tipo se observam por todo o lado, mas... mas aqui o solo é muito mais próprio, tudo é mais de origem, castiço, mais pleno, aqui tudo isso é mais nacional. É aqui a fonte e o embrião da forma social burguesa que reina agora em todo o mundo em imitação eterna da grande nação.

Sim, exteriormente Mabiche é rainha. É espantosa a delicadeza esmerada, as atenções reforçadas que a rodeiam por todo o lado, tanto em sociedade como na rua. É de facto um *subtível superflue*; às vezes chega mesmo a um manilovismo⁸⁵ tal que uma alma honesta não o suportaria, sentindo-se profundamente ofendida com uma falsidade tão evidente. Mas Mabiche também é uma grande malandrecinha, e... é disso que precisa... Nunca deixará escapar o que quer e preferirá sempre as artimanhas a um caminho reto e honesto; é um caminho mais certo, na opinião dela, e há mais jogo nisso. Pois, o jogo, a intriga: é nisto que, para Mabiche, está tudo; é nisto que reside o principal. Em compensação, como elas se vestem, como

andam na rua! Mabiche é afetada, requebrada, nada natural, mas é isso que fascina nela, sobretudo os homens *blasés*⁸⁶ e, em parte, depravados, que já perderam o gosto da beleza fresca, natural. Mabiche é dotada de um desenvolvimento bastante reduzido; tem uma mente e um coração de passarinho, mas em compensação é graciosa, tem o segredo de uns truques e de umas fintas tais que os homens obedecem-lhe e vão atrás dela como atrás de uma novidade picante. Embora seja raro que possua grande beleza. Tem mesmo qualquer coisa de maldoso na cara. Mas não faz mal: o seu rosto é ágil, jocoso e tem a arte de fingir maravilhosamente a naturalidade e o sentimento. O que nos agrada nela talvez não seja tanto o facto de saber imitar a natureza na perfeição, mas será o próprio processo que nos fascina, a arte que nos encanta. Para o parisiense, na maior parte dos casos, uma boa imitação do amor é igual a um verdadeiro amor. Talvez goste ainda mais da imitação. Em Paris revela-se cada vez mais uma atitude oriental para com a mulher. A camélia⁸⁷ entra cada vez mais na moda. «Leva dinheiro e aldraba, ou seja, finge o amor», e é tudo o que se exige da camélia. Pouco mais se exige também da *épouse*, pelo menos isso basta para satisfazer, e é por isso que o Gustave é autorizado de forma tácita e condescendente. O *bourgeois* sabe, além disso, que Mabiche, chegada à velhice, se embrenhará completamente nos interesses dele e será a sua mais aplicada ajudante na acumulação de dinheiro. Mesmo na juventude, já ajuda muito. Trata sempre do comércio, atrai os compradores, resumindo, é o braço direito, o encarregado-chefe. Como não lhe perdoar então um Gustave qualquer? Na rua, a mulher possui imunidade. Ninguém a insulta, toda a gente lhe dá passagem, lhe abre caminho, não é como entre nós, em que uma mulher mais ou menos jovem não pode dar dois passos na rua sem que uma fisionomia belicosa ou lasciva se interponha, lhe espreite para debaixo do chapéu e tente travar conhecimento com ela.

De resto, apesar da possibilidade de um Gustave, a forma quotidiana e ritual das relações entre Bribri e Mabiche é bastante simpática e, muitas vezes, até ingénuas. Em geral, os estrangeiros — isso saltou-me mesmo à vista — são quase todos incomparavelmente mais ingénuos do que os russos. É difícil explicar isto em pormenor, só vendo. *Le Russe est sceptique et moqueur*⁸⁸ — dizem de nós os franceses, e é verdade. Somos

mais cínicos, damos menos valor ao que é nosso, não gostamos mesmo do que é nosso, pelo menos não lhe temos grande respeito, quando não compreendemos o que se passa; sem pertencermos a nação nenhuma, metemo-nos nos interesses europeus e universais, e, por isso, temos naturalmente uma atitude mais fria para com tudo, como que por obrigação e, em qualquer caso, de forma mais abstrata. Ora pois, mas já estou também a abstrair-me do assunto. Por vezes Bribri é muito ingénuo. Por exemplo, passeando em torno das fontes de repuxo, põe-se a explicar à sua Mabiche porque é que as fontes jorram para cima, isto é, explica-lhe as leis da natureza, e também se orgulha diante de Mabiche, com orgulho nacional, da beleza do Bosque de Boulogne, da iluminação, do jogo das *grandes eaux*⁸⁹ de Versalhes, dos êxitos do imperador Napoleão e da *gloire militaire* em geral, e delicia-se com a curiosidade e o prazer de Mabiche, e fica muito contente com isso. E toda a Mabiche, por mais marota que seja, também é bastante meiga para com o esposo, e isto sem qualquer fingimento, mas de forma desinteressada e terna, apesar dos cornos. É evidente que eu não pretendo, como o diabo de Lesage, tirar as telhas dos telhados⁹⁰. Estou apenas a contar o que me saltou à vista, o que me pareceu. «*Mon mari n'a pas encore vu la mer*»⁹¹, diz-nos uma Mabiche, e a sua voz exprime uma sincera e ingénua compaixão. Significa isso que o marido ainda não se deslocou algures para Brest ou Boulogne-sur-Mer para ver o mar. É de referir que o *bourgeois* tem algumas necessidades muito ingénuas e sérias que quase se transformaram em hábitos generalizados burgueses. O *bourgeois*, por exemplo, além da necessidade de acumular dinheiro e da eloquência, tem mais duas necessidades, duas legítimas necessidades, consagradas pelo hábito geral e que ele encara muito a sério, quase enfaticamente. A primeira delas é *voir la mer*, ver o mar. O parisiense, às vezes, habita e faz o seu comércio em Paris durante toda a vida, e não vê o mar. Para que precisa de ver o mar? Ele próprio não sabe, mas deseja-o com todas as forças, sentidamente; no entanto, vai-o adiando de ano para ano, os negócios empatam-no, anda angustiado, e a mulher partilha com sinceridade da tristeza dele. Existe nisto, é um facto, muito sentimento, o que eu respeito. Por fim, ele consegue arranjar tempo e dinheiro; faz as malas e, por alguns dias, vai «ver o mar». De volta, conta com grande

pompa e entusiasmo as suas impressões à mulher, aos parentes, aos amigos e, durante o resto da sua vida, deliciar-se-á com as recordações da visão do mar. Outra necessidade legítima e não menos forte do *bourgeois*, sobretudo do *bourgeois* de Paris, é *se rouler dans l'herbe*⁹². É que o parisiense, mal sai fora de portas, gosta muitíssimo e até considera seu dever deitar-se na erva, e executa este ato com dignidade, sentindo que assim se une *avec la nature*⁹³; e apraz-lhe, sobretudo, que alguém esteja a olhar para ele nesse momento. De uma maneira geral, o parisiense fora de portas considera como sua imediata obrigação tornar-se mais desenvolvido, mais jocosos, mais galhardo, enfim, ter um ar mais natural, mais próximo *de la nature*. *L'homme de la nature et de la vérité*⁹⁴! Não terá sido com Jean-Jacques que começou a revelar-se no *bourgeois* este respeito acentuado por *la nature*? De resto, ambas as necessidades — *voir la mer* e *se rouler dans l'herbe* — irá o parisiense permiti-las a si mesmo apenas quando juntar uma fortuna, em poucas palavras, quando começar a revelar respeito e orgulho por si próprio e a ver-se a si próprio como um ser humano. *Se rouler dans l'herbe* torna-se ainda duas vezes ou dez vezes mais delicioso quando se faz em terreno próprio, adquirido com dinheiro proveniente do duro labor. Aliás, o *bourgeois*, quando abandona os negócios, gosta, na sua recente situação de reformado, de comprar algures uma terrinha, de cuidar ele próprio da casinha, do pomar, da cerca, da criação, da vaca. E mesmo que tudo isso seja de dimensões microscópicas, não importa: o *bourgeois* entusiasma-se sempre do mesmo modo infantil e enternecedor: «*Mon arbre, mon mur*»⁹⁵, repete a si mesmo e a todos os convidados e não deixa de o repetir a cada instante no resto da sua vida. É essa a parte mais deliciosa do *se rouler dans l'herbe*. Para cumprir esta obrigação abre inevitavelmente uma clareira em frente da casa. Alguém contou que, na propriedade de um *bourgeois*, no sítio em que fora aberta a clareira, a erva nunca mais crescia. Ele ora semeava e regava, ora colocava relva já feita tirada de canteiros: nada resultava, nada pegava naquele sítio arenoso. Calhara-lhe um lugar assim estéril diante de sua casa. Então, segundo dizem, comprou relva artificial: foi de propósito a Paris, encomendou lá um círculo de relva de uma braça de diâmetro e colocava todos os dias, depois do almoço, este tapete com relva alta para, pelo menos, enganando-se a si mesmo, satisfazer a sua

necessidade legítima de se estender na erva. O *bourgeois*, nos primeiros tempos de enlevo com a sua nova propriedade legitimamente adquirida, é, com certeza, homem para isso, portanto, no sentido moral, nada há de inverosímil nesta história.

Duas palavrinhas agora sobre Gustave. Gustave é, com certeza, a mesma coisa que o *bourgeois*, ou seja, um empregado de balcão, um comerciante, um funcionário público, um *homme de lettres*, um oficial. Gustave é solteiro, mas também é Bribri. Mas não é isso o que interessa, o que interessa é de que maneira se disfarça e se atavia o Gustave, que ar ele tem, que plumas ostenta. O ideal de Gustave muda consoante as épocas e, no teatro, reflete-se sempre na mesma forma em que existe na sociedade. O *bourgeois* gosta muito do *vaudeville*, mas ainda mais do melodrama. Um *vaudeville* modesto e alegre é a única obra de arte que é quase intransplantável para outro solo e apenas pode medrar onde nasceu — em Paris —, e este *vaudeville*, embora atraia o *bourgeois*, não o satisfaz inteiramente. O *bourgeois* continua a achá-lo uma futilidade. Precisa da elevada e indescritível nobreza, precisa de sentimentalismo, coisas que o melodrama tem. Sem o melodrama, o parisiense é incapaz de viver. O melodrama não morre enquanto estiver vivo o *bourgeois*. É curioso que o próprio *vaudeville* esteja a modificar-se hoje em dia. Embora seja ainda divertido e terrivelmente cómico como antes, já começa a misturar-se com ele um outro elemento: o didático. O *bourgeois* gosta supinamente de ler sermões, para si próprio e para a sua Mabiche, considerando agora isso coisa sagrada e indispensável. Além disso, o *bourgeois* tem agora um poder ilimitado: ele é a força; ora, os fabricantes de *vaudevilles* e melodramas são sempre lacaios e lisonjeiam sempre o poder. É por isso que o *bourgeois* agora triunfa no teatro, mesmo apresentado numa forma cómica, e no desenlace relatam-lhe sempre que tudo corre pelo melhor. Torna-se possível pensar que tais relatos acalmam mesmo, a sério, o *bourgeois*. Qualquer pessoa pusilânime que não esteja absolutamente convencida do êxito da sua causa tem sempre a necessidade torturante de se persuadir, de se acalmar a si mesma. Começa até a acreditar em presságios. Aqui acontece a mesma coisa: o melodrama canta agora as altas virtudes e as lições sublimes. Aqui já não reina o humorismo, aqui já se impõe o triunfo enfático de tudo o que

agrada a Bribri, que corresponde aos seus gostos. Ora, do que ele gosta acima de tudo é da calma política e do direito de acumular dinheiro, com o objetivo de organizar o seu ninho com o maior conforto. É também neste sentido que agora se escrevem os melodramas. É também com este caráter que agora surge no palco o Gustave. Através de Gustave é sempre possível verificar-se o que, no respetivo momento, Bribri considera o ideal de nobreza indescritível. Dantes, mas já lá vai tanto tempo, Gustave era apresentado como poeta, artista, génio não reconhecido, vexado, extenuado por perseguições e injustiças. Lutava com garbo e, no final, acontecia sempre que a viscondessa, secretamente apaixonada por ele, mas pela qual ele não alimentava mais do que desprezo e indiferença, juntava-o à educanda sua protegida, Cécile, que não tinha um tostão, mas que afinal, inesperadamente, se verificava ser possuidora de uma imensa fortuna. Gustave, por norma, revoltava-se e recusava-se a aceitar dinheiro. Mas eis que, numa exposição, uma obra dele teve êxito. Irrompem de imediato no seu apartamento três milordes cómicos que lhe propõem, cada um deles, cem mil francos pelo seu próximo quadro. Gustave ri-se deles com desprezo e declara, num desespero amargo, que todos os homens são uns canalhas, indignos do seu pincel, que não entregará a sua arte, que a sua arte é sagrada e não pode ser profanada por pigmeus que até àquele instante não haviam reparado na sua grandeza. Nisto irrompe por ali adentro a viscondessa e anuncia que Cécile morre de amor por ele e que, por isso, é preciso pintar esses quadros. Então, Gustave adivinha que a viscondessa, sua ex-inimiga, por culpa da qual nenhuma das suas obras tinha sido exibida até àquela exposição, que a viscondessa, afinal, o ama; que se vingava dele por ciúmes de amor. Evidentemente, Gustave aceita de imediato o dinheiro dos três milordes, insultando-os mesmo assim mais uma vez, com o que eles ficam muito contentes, depois corre para junto de Cécile, concorda em aceitar o milhão dela, perdoa à viscondessa que se vai embora, recolher-se na sua herdade, e depois, contraído o matrimónio legítimo, ele começa a procriar, arranja uma camisola de flanela, um *bonnet de coton*⁹⁶ e passeia-se com a sua Mabiche, à noite, junto a fontes de repuxo benfazejas que, com o terno estralejar dos seus jorros, lhe lembram, obviamente, a estabilidade, a firmeza e o sossego da sua felicidade terrena.

Às vezes Gustave não é empregado de balcão, mas um órfão oprimido e embrutecido, embora, no fundo da alma, cheio de uma nobreza indescritível. De repente descobre-se que não é órfão nenhum, mas filho legítimo de Rothschild. E que tem milhões a receber. Porém, Gustave, com orgulho e desprezo, rejeita os milhões. E rejeita-os porquê? Porque é necessário para a eloquência. Mas nisto entra por ali dentro *Madame* Beaupré, uma banqueira apaixonada por Gustave e cujo marido é o patrão dele. Declara ela que Cécile morre de amores por ele e pede-lhe que vá salvá-la. Gustave adivinha que *Madame* Beaupré está apaixonada por ele, pega nos milhões e, tendo insultado os outros com as palavras mais feias, porque em todo o género humano não há nobreza tão indescritível como a dele, vai ter com Cécile e junta o seu destino com o dela. A banqueira vai-se embora recolher-se na sua herdade. *Monsieur* Beaupré rejubila, porque a sua mulher, que estava à beira da perdição, continua pura e inocente; Gustave procria e, à noite, passeia-se com a sua Mabiche, junto às fontes de repuxo benfazejas que, com o terno estralejar dos seus jorros, lhe lembram, etc., etc.

Ora, hoje em dia, a nobreza indescritível é, na maioria das vezes, representada ou por um oficial do exército, ou por um engenheiro militar, ou por alguém deste género, mas terá de ser da área militar e com a roseta da Legião de Honra, roseta que ele «pagou com o seu próprio sangue». A propósito, esta roseta é terrível. O seu portador ufana-se dela de tal maneira que é impossível alguém encontrar-se com ele, ir com ele no comboio, estar ao pé dele no teatro ou no restaurante. Por pouco não nos cospe em cima; fanfarroneia desavergonhadamente, resfolega, sufoca de arrogância, até que, por fim, ficamos enjoados, temos um ataque de icterícia e somos obrigados a chamar o médico. Porém, os franceses gostam muito disso. É curioso também que no teatro, agora, se dá especial atenção a *Monsieur* Beaupré, pelo menos muito mais atenção do que antes. Beaupré, como é evidente, acumulou muito dinheiro e muitos bens. É um homem frontal, simples, um pouco cómico nos seus hábitos burgueses e na sua condição de marido; mas é bondoso, honesto, magnânimo e indescritivelmente nobre no ato em que tem de sofrer das suspeitas de que a sua Mabiche lhe é infiel. Resolve, por magnanimidade, perdoar-lhe. Vem a descobrir-se, é claro, que

ela está inocente como uma pombinha, que apenas fez uma pequena traquinice apaixonando-se por Gustave, e que Bribri, que a esmaga com a sua magnanimidade, é para ela o bem mais precioso. Cécile, é claro, continua sem um tostão, mas apenas no primeiro ato; não tarda a aparecer na posse de um milhão. Gustave, como sempre, é orgulhoso e dotado de um nobre desprezo, somente com mais fanfarronice, uma vez que tem uma costela militar. Para ele, a coisa mais preciosa no mundo é a sua condecoração paga com o seu sangue e «*l'épée de mon père*»⁹⁷. Fala a cada minuto desta espada do seu pai, a despropósito, por tudo e por nada; nem sequer percebemos do que se trata; ele pragueja, cospe, mas toda a gente se inclina diante dele, o público chora e aplaude (o público chora no sentido literal). É evidente que não tem um tostão no bolso, isso é condição *sine qua non*. *Madame* Beaupré, é claro, está apaixonada por ele, Cécile-também, mas ele não suspeita do amor de Cécile. Cécile geme de amor durante cinco atos. Por fim, está a nevar, ou qualquer coisa do género. Cécile quer atirar-se da janela abaixo. Mas debaixo da janela soam dois tiros, toda a gente acorre; Gustave, pálido, com um braço ao peito numa charpa, entra lentamente no palco. A roseta paga com o seu sangue brilha na sua sobrecasaca. O caluniador e sedutor de Cécile fora castigado. Gustave esquece-se, por fim, de que Cécile o ama e que tudo aquilo são artimanhas de *Madame* Beaupré. Mas *Madame* Beaupré está pálida e assustada, e Gustave percebe que ela o ama. Mas eis que soa mais um tiro. É Beaupré que, por desespero, se mata. *Madame* Beaupré solta um grito, precipita-se para a porta, mas aparece o próprio Beaupré, trazendo uma raposa morta ou qualquer coisa do género. A lição tinha sido dada, Mabile nunca mais a esquecerá. Abraça Bribri, que lhe perdoa tudo. Mas de repente aparece um milhão que é a fortuna de Cécile e Gustave volta a amotinar-se. Não se quer casar. Gustave exhibe-se, requebra-se, profere pragas feias. É indispensável que Gustave pragueje com palavras feias e cuspa no milhão, de outra maneira o *bourgeois* não lhe perdoa: seria um caso de pouca nobreza indescritível. Por favor, sobretudo não penseis que o *bourgeois* entra em contradição consigo próprio. Ficai descansados: o milhão não fugirá do casal feliz, é inevitável e, no final, aparece sempre como a compensação para a virtude. O *bourgeois* manter-se-á fiel a si mesmo.

Gustave, por fim, aceita o milhão de Cécile, e logo começam os infalíveis repuxos, os barretes de algodão, o estralejar dos jorros de água, etc., etc. Assim, há muitos sentimentos e há nobreza indescritível à farta, e Beaupré, triunfante, esmaga toda a gente com as suas virtudes matrimoniais mas, o principal, o principal é: o milhão enquanto *fatum*, lei da natureza, a que se presta toda a honra, glória, veneração, etc., etc. Bribri e Mabiche saem do teatro totalmente satisfeitos, calmos e consolados. Gustave acompanha-os e, ajudando a Mabiche do outro a entrar no fiacre, beija-lhe sorratamente a mãozinha... Tudo corre como deve correr.

[83](#) Minha cabrita (fr.). (NT)

[84](#) Passarinho (fr.). (NT)

[85](#) Do personagem Manílov, de *Almas Mortas* de Gógol; uma das características desta figura gogoliana são os modos afetados e melífluos. (NT)

[86](#) [...] Calejados (fr.). (NT)

[87](#) No sentido de «meretriz». (NT)

[88](#) O Russo é cético e zombeteiro (fr.). (NT)

[89](#) Grandes águas (fr.). (NT)

[90](#) No romance *O Diabo Coxo* de A. R. Lesage (1668-1747), escritor francês, o diabo arreda as telhas dos telhados e mostra ao herói como vivem dentro de suas casas os habitantes de Madrid. (NT)

[91](#) O meu marido ainda não viu o mar (fr.). (NT)

[92](#) Rebolar-se na erva (fr.). (NT)

[93](#) Com a natureza (fr.). (NT)

[94](#) Da natureza. O homem da natureza e da verdade (fr.). (NT)

[95](#) A minha árvore, o meu muro (fr.). (NT)

[96](#) Barrete de algodão (fr.). (NT)

[97](#) A espada do meu pai (fr.). (NT)

O CROCODILO

UM ACONTECIMENTO EXTRAORDINÁRIO, OU UM INCIDENTE ESCANDALOSO NO PASSAGE⁹⁸

Narração verídica de como um senhor, de certa idade e de certo aspeto físico, foi engolido vivo, inteirinho, por um crocodilo, e o que daí resultou.

Ohé, Lambert! Oû est Lambert?
As-tu vu Lambert?

⁹⁸ *Passage* é um nome genérico para «centro comercial»; no princípio dos anos 60 do século XIX, no *Passage* de Petersburgo, além das lojas, havia espaços para conferências públicas, concertos e exposições. (NT)

1

Nesse treze de janeiro do ano de sessenta e cinco em curso, ao meio-dia e meia, Elena Ivánovna, esposa de Ivan Matvéitch, meu amigo iluminado, meu colega e, em parte, meu parente afastado, desejou ver o crocodilo exposto no *Passage* para, mediante pagamento, ser visto por quem quisesse. Tendo já no bolso o seu bilhete de viagem ao estrangeiro (não tanto para fins de tratamento de doença quanto por curiosidade) e, por consequência, considerado já em gozo de férias no serviço e, portanto, absolutamente livre nessa manhã, Ivan Matvéitch não só não se opôs ao desejo insuperável de sua esposa como ainda ardeu ele próprio de curiosidade. «Excelente ideia — disse ele todo contente —, observemos o crocodilo! Preparando-nos para uma viagem ao estrangeiro, não é mal nenhum conhecermos ainda em casa os aborígenes que a povoam» e, com estas palavras, dando o braço à esposa, logo se encaminhou com ela para o *Passage*. Ora, e eu, pelo meu hábito, impus-lhes a minha companhia, na condição de amigo da casa. Nunca antes eu vira Ivan Matvéitch num estado de espírito tão agradável como nessa manhã memorável para mim: é mesmo verdade que não conhecemos de antemão o nosso destino! Ao entrar no *Passage*, Ivan Matvéitch pôs-se de imediato a enaltecer a beleza do edifício e, quando se aproximou da loja onde se exibia o monstro recém-trazido à capital, ofereceu-se para pagar por mim ao dono da loja a entrada de vinte e cinco copeques: o que nunca dantes sucedera. Entrando nós numa pequena sala, reparámos que ali, além do crocodilo, havia papagaios da espécie estrangeira catatua e, também, um grupo de macacos num armário acondicionado para o efeito num nicho. Logo à entrada, encostado à parede do lado esquerdo, havia um grande reservatório de lata em forma de banheira, coberto com uma rede sólida de arame, contendo o fundo do reservatório duas polegadas de água. Era naquele charco que se guardava um enorme crocodilo imóvel como um tronco e, pelos vistos, já privado de todas as suas capacidades em virtude do nosso clima húmido e inóspito para os estrangeiros. O monstro, num primeiro momento, não nos provocou qualquer curiosidade.

— Então, é isto o crocodilo! — disse Elena Ivánovna numa voz cantante e desiludida. — Eu pensava, que, enfim... era diferente, sei lá!

O mais provável era que ela pensasse que ele era feito de diamantes. O alemão que veio ter connosco, dono do crocodilo, olhou para nós com um ar de extremo orgulho na cara.

— Ele tem razão para isso — sussurrou-me Ivan Matvéitch —, porque sabe que é o único em toda a Rússia que tem neste momento um crocodilo em exibição.

Atribuo esta observação de todo inútil também ao estado de espírito extremamente benévolo de Ivan Matvéitch, homem que, noutras situações, era bastante invejoso.

— Parece-me que o seu crocodilo não está vivo — disse Elena Ivánovna, picada pelo ar imperturbável do dono do animal, dirigindo-lhe um sorriso gracioso que esmagasse aquele grosseirão: uma manobra muito própria das mulheres.

— Oh, não, *Madame* — disse ele num russo abastardado e, logo a seguir, tendo levantado até metade a rede do reservatório, pôs-se a mexer na cabeça do crocodilo com um pauzinho.

Então o pérfido monstro, para mostrar sinais de vida, mexeu ao de leve as patas e a cauda, levantou o focinho e emitiu uma espécie de fungadela prolongada.

— Bem, não te zangues, *Karlchen!* — disse-lhe carinhosamente o alemão, com o amor-próprio satisfeito.

— Que repugnante é este crocodilo! Até me assustei! — balbuciou Elena Ivánovna com uma garridice ainda maior. — Agora vou sonhar com ele.

— Mas ele não a vai morder no sonho, *Madame* — replicou com galantaria o alemão e, antes de toda a gente, riu da graça das suas palavras, mas ninguém o secundou.

— Vamo-nos embora daqui, Semion Semiónitch — continuou Elena Ivánovna, dirigindo-se exclusivamente a mim —, vamos ver os macacos, é melhor. Gosto imenso de macacos, são tão queridos... e o crocodilo é horrível.

— Oh, não tenhas medo, minha amiga — gritou por trás de nós Ivan Matvéitch, agrado por se poder armar em valente aos olhos da esposa. —

Este sonolento habitante do reino dos faraós não nos fará mal nenhum. — E continuou ao lado da caixa de lata. Mais ainda: pegou na luva e, com ela, pôs-se a fazer cócegas no focinho do crocodilo, com a intenção (como viria a confessar mais tarde) de o fazer fungar mais uma vez. O dono da loja foi atrás de Elena Ivánovna (como era senhora) até ao armário dos macacos.

Tudo corria assim maravilhosamente e era impossível prever qualquer coisa. Elena Ivánovna divertia-se de uma maneira quase traquinas com os macacos e parecia estar toda entregue a eles. Soltava gritinhos de prazer, volta e meia dirigia-se a mim, como se não quisesse dar qualquer atenção ao dono da loja, e ria-se às gargalhadas ao descobrir parecenças entre os macacos e conhecidos e amigos dela. Também eu me divertia, porque, na verdade, as parecenças eram indubitáveis. O alemão não sabia se se devia rir e, na dúvida, acabou por ficar completamente carrancudo. E foi neste momento que um grito terrível, diria até antinatural, abalou a sala. Num primeiro instante, sem saber o que pensar, fiquei petrificado; porém, ao ver que também Elena Ivánovna já estava a gritar, virei-me rapidamente e... o que vi?! Vi — meu Deus! — vi o desgraçado do Ivan Matvéitch nas terríveis mandíbulas do crocodilo, preso pelo corpo de través, já levantado ao ar naquela posição horizontal e a estrebuchar desesperadamente com as pernas. Depois, mais um instante e Ivan Matvéitch desapareceu. Mas vou descrever o processo em pormenor, porque eu, ali petrificado, consegui observar tudo, com uma atenção e uma curiosidade que nunca antes tinha tido. «Porque — pensava eu naquele momento — fatal como seria se, em vez de Ivan Matvéitch, isto acontecesse comigo?... Que desgosto seria para mim!» Mas vamos ao que interessa. O crocodilo, filado o pobre Ivan Matvéitch, virou-o verticalmente para si, com as pernas para as fauces, começando por lhe engolir as pernas; depois, tendo-o expelido um pouco, porque Ivan Matvéitch tentava libertar-se e fincar as mãos no reservatório, voltou a chupá-lo para dentro de si já até acima da cintura. Depois de mais uma eructação para fora, deglutiou-o mais e mais. Deste modo, Ivan Matvéitch estava a desaparecer a olhos vistos. Por fim, dando uma derradeira engolidela, o crocodilo absorveu todo o meu iluminado amigo, desta vez sem deixar nada de fora. Era possível ver-se por fora do corpo do crocodilo como lhe passava pelas entranhas o Ivan Matvéitch com todas as

suas formas. Já me preparava para gritar de novo quando o destino quis brincar connosco mais uma vez: o crocodilo, num esforço engasgado, pelos vistos devido ao volume do objeto engolido, abriu as fauces terríveis e, com este último arrote, assomou por um segundo a cabeça de Ivan Matvéitch, com uma expressão de muito desespero na cara; os óculos caíram-lhe do nariz e foram parar ao fundo da lata. Parecia que aquela cabeça desesperada assomara cá fora apenas para lançar um último olhar a todas as coisas e se despedir de todos os prazeres mundanos. Mas nem teve tempo de realizar o seu propósito: o crocodilo reuniu de novo as suas forças, deglutiu de novo — e a cabeça de Ivan Matvéitch num instante desapareceu mais uma vez e para todo o sempre. Este aparecimento e desaparecimento da cabeça humana ainda viva foi terrível, mas, ao mesmo tempo — fosse pela rapidez e inesperado da ação, fosse como resultado da queda dos óculos do nariz —, continha em si algo de tão cómico que eu, repentina e inesperadamente, soltei uma risada; mas como logo me lembrei de que era inconveniente rir-me naquele momento, na minha qualidade de amigo da casa, dirigi-me de imediato a Elena Ivánovna e, com um ar simpático, disse-lhe:

— Parece que o nosso Ivan Matvéitch lá bateu a bota!

Não sou capaz de exprimir até que ponto era forte a emoção de Elena Ivánovna durante todo o processo. A princípio, depois do primeiro grito, ela como que ficou paralisada e olhava para aquela azáfama toda com indiferença, pelo menos aparentemente, mas com os olhos esbugalhadíssimos; depois, de repente, desatou aos berros lancinantes, mas eu agarrei-lhe nas mãos. Neste momento, também o dono do crocodilo, que primeiro ficara também paralisado de pavor, ergueu os braços e gritou, revirando os olhos:

— Oh, meu crocotilo, *o mein allerliebster Karlchen! Mutter, Mutter, Mutter!*⁹⁹

Com este grito, abriu-se a porta do fundo e apareceu a *Mutter*, de touca, faces rosadas, uma senhora de certa idade, mas desgrenhada, e precipitou-se, guinchando, para o seu filho alemão.

Armou-se então a confusão: Elena Ivánovna, como uma histérica, gritava repetidamente uma só palavra: «Rachá-lo! Rachá-lo!», e atirava-se ao lojista e à *Mutter*, implorando pelos vistos — e pelos vistos num estado de

desvario — que rachassem alguém. Ora, o lojista e a *Mutter* não davam qualquer atenção a nenhum de nós: ambos estavam ao lado da lata do crocodilo a mugir como vitelos.

— Estar perdit ele, rebentar porque engolir *ganz*¹⁰⁰ funzionario! — gritava o lojista.

— *Unser Karlchen, unser allerliebster Karlchen wird sterben!*¹⁰¹ — uivava a *Mutter*.

— Ficámos órfãos e sem pão! — secundava o alemão.

— Rachá-lo, rachá-lo, rachá-lo! — vociferava Elena Ivánovna, agarrando-se à sobrecasaca do alemão.

— Ele é que provocar crocotilo!... Para que seu marido provocar crocotilo? — gritava o alemão, debatendo-se. — Senhora pagar se Karlchen rebentar... *das war mein Sohn, das war mein einziger Sohn!*¹⁰²

Confesso que estava terrivelmente indignado por ver um tal egoísmo da parte do alemão em digressão e ao ver a secura de coração da sua *Mutter* desgrenhada; porém, os gritos ininterruptos de Elena Ivánovna: «Rachá-lo! Rachá-lo!» exacerbavam a minha preocupação e, por fim, prenderam toda a minha atenção, ao ponto de acabar por ficar assustado... Direi de antemão: aquelas estranhas exclamações de Elena Ivánovna foram entendidas por mim de maneira errada, pareceu-me que Elena Ivánovna perdera momentaneamente o juízo e que, como vingança pelo perecimento do seu Ivan Matvéitch, ela queria uma satisfação legítima: castigar o crocodilo com uma tarefa, um açoitamento. No entanto, ela queria uma coisa muito diferente. Lançando eu, com certo embaraço, olhares para a porta, pus-me a pedir a Elena Ivánovna que se acalmasse e, sobretudo, sobretudo que não utilizasse aquela delicada palavra «rachar». Porque um desejo tão retrógrado, ali em pleno *Passage* e no centro da sociedade culta, a dois passos da sala onde talvez o senhor Lavrov¹⁰³ estivesse a dar uma conferência pública, não só era impossível mas até impensável, e de um momento para o outro podia provocar apupos das mentes iluminadas e as caricaturas do senhor Stepánov¹⁰⁴. Para meu terror, descobri de imediato que os meus receios eram fundados: de repente abriu-se o reposteiro que separava a sala do crocodilo da antecâmara de entrada, onde cobravam

vinte e cinco copeques, e apareceu uma figura de bigode, barba e boné na mão, que inclinou muito para a frente o tronco e, com muita prudência, manteve os pés atrás da entrada da sala do crocodilo para defender o direito de não pagar entrada.

— Esse desejo retrógrado, minha senhora — disse o desconhecido, tentando não cambalear para a frente e ficar atrás da linha de entrada —, não honra o seu desenvolvimento e é condicionado pela falta de fósforo no seu cérebro. A senhora será implacavelmente criticada na crónica do progresso e nos nossos folhetos satíricos...

Não acabou, porém: o alemão, caindo em si e vendo, aterrorizado, um homem que discursava dentro da sala do crocodilo sem ter pago a entrada, atirou-se com fúria ao desconhecido progressista e expulsou-o à força de punhos. Por um instante ambos desapareceram da nossa vista por trás do reposteiro, e só então percebi, finalmente, que toda aquela azáfama era por nada; Elena Ivánovna estava perfeitamente inocente: não pensava sequer — como já mencionei acima — submeter o crocodilo ao castigo humilhante e retrógrado do chicote, mas queria, pura e simplesmente que lhe abrissem a barriga com uma faca e, desse modo, libertassem das suas entranhas Ivan Matvéitch.

— Como?! Vossa quer que meu crocotilo perece!? — gritou o alemão, que entrava. — Não, que vosso marido antes perece, e tepois crocotilo!... *Mein Vater* mostrar crocotilo, *mein Grossvater* mostrar crocotilo, *mein Sohn*¹⁰⁵ vai mostrar crocotilo, e eu vou mostrar crocotilo! Todos mostra crocotilo! Eu conhecido *ganz* Europa e vossa pagar multa para mim.

— *Ja, ja!* — apoiou a maldosa alemã. — Vossa não sair, nossa não deixar, pagar multa quando Karlchen rebentar!

— Também é inútil rachá-lo ao meio — acrescentei eu calmamente, tentando levar Elena Ivánovna para casa o mais depressa possível —, porque o mais provável é que o nosso querido Ivan Matvéitch já esteja a pairar algures no empíreo.

— Meu amigo — ouviu-se inesperadamente a voz de Ivan Matvéitch, o que nos espantou extremamente —, meu amigo, a minha opinião é de que é preciso agir através da esquadra policial, porque o alemão não compreende a verdade sem a ajuda da polícia.

Estas palavras, pronunciadas com firmeza e gravidade, revelando um autodomínio extraordinário, a princípio surpreenderam-nos tanto que todos nos recusámos a acreditar nos nossos ouvidos. Mas, evidentemente, aproximámo-nos todos da lata do crocodilo e ouvimos o desgraçado prisioneiro com tanta veneração quanta desconfiança. A voz dele chegava-nos abafada, fininha e até forçada, como se viesse de um lugar muito distante de nós. Era como quando algum brincalhão, saindo para outra sala e tapando a boca com uma vulgar almofada de cama, se põe a gritar para exemplificar ao público que ficou na outra sala como gritam um ao outro dois mujiques no deserto ou separados por um barranco profundo — como eu tivera o prazer de ouvir por alturas do Natal em casa de amigos meus.

— Ivan Matvéitch, meu amigo, estás vivo! — balbuciava Elena Ivánovna.

— São e salvo — respondeu Ivan Matvéitch — e, graças ao Todo-Poderoso, engolido sem qualquer prejuízo. Ora, eu estou preocupado unicamente com a opinião dos meus chefes relativamente a este episódio; porque, tendo recebido o bilhete para ir ao estrangeiro, vim parar ao crocodilo, o que nem sequer é espirituoso...

— Ah, meu amigo, não te preocupes com o espírito. Antes de mais, o que é preciso é desentranhar-te daí a qualquer custo — interrompeu-o Elena Ivánovna.

— Desentranhar! — exclamou o alemão. — Eu não permite desentranhar crocotilo. Agora publicum vai antar muito mais e *fünzig*¹⁰⁶ copeques vou pedir, e Karlchen não rebentar.

— *Gott sei dank!*¹⁰⁷ — apoiou a Mutter.

— Têm razão — observou Ivan Matvéitch calmamente —, antes de mais, o princípio económico.

— Meu amigo! — gritei. — Vou imediatamente falar com os superiores e apresentar uma queixa, porque pressinto que sozinhos não nos desenvencilhamos.

— Estou de acordo — disse Ivan Matvéitch —, porém, é difícil neste nosso século de crise comercial abrir a barriga de um crocodilo sem uma compensação económica; entretanto, surge uma questão inevitável: quanto

levará o proprietário pelo seu crocodilo? E, também, outra questão: quem pagará? Porque, como sabes, eu não tenho recursos...

— Talvez pedindo um adiantamento de ordenado — propus eu timidamente, mas o alemão interrompeu-me:

— Eu não vente crocotilo, eu vente crocotilo três mil, vente crocotilo quatro mil! Agora publicum antar muito. Eu vente crocotilo cinco mil!

Resumindo, o alemão bazofiava insuportavelmente; brilhavam-lhe alegremente nos olhos uma cobiça e avidez abomináveis.

— Eu vou lá! — gritei com indignação.

— Eu também! Eu também! Vou falar com o próprio Andrei Óssipitch e comovê-lo com as minhas lágrimas — choramingou Elena Ivánovna.

— Não faças isso, minha amiga — interrompeu-a apressadamente Ivan Matvéitch, porque, havia muito, tinha ciúmes, pela sua esposa, de Andrei Óssipitch e sabia que ela aproveitaria com contentamento a oportunidade de ir chorar diante de um homem iluminado, porque sabia que as lágrimas lhe ficavam bem. — Também a ti, meu amigo, não to aconselho — continuou, dirigindo-se a mim. — Não vale a pena ires lá assim sem mais nem menos: não se sabe o que pode resultar disso. O melhor é ires ainda hoje, como quem vai de visita particular, a casa de Timofei Semiónitch. É um homem à moda antiga e pouco atilado, mas importante e, sobretudo, frontal. Dá-lhe cumprimentos da minha parte e descreve-lhe as circunstâncias deste caso. Como lhe fiquei a dever sete rublos do último jogo de *eralache*, esta é uma boa ocasião para lhos devolveres: isso vai amaciar o velho. Em qualquer caso, o conselho dele poderá servir-nos de orientação. Agora, por favor, leva daqui Elena Ivánovna... Acalma-te, minha amiga — disse-lhe ele —, estou cansado com esta gritaria toda e com estas cenas femininas, quero é fazer uma soneca. Aqui está quentinho e macio, embora ainda não tenha tido tempo de observar este meu abrigo inesperado.

— Observar! Será que tens luz aí dentro? — exclamou Elena Ivánovna, animada.

— Rodeia-me a noite cerrada — respondeu o pobre prisioneiro —, mas tenho a possibilidade de apalpar e, por assim dizer, observar pelo tato... Até logo, não te preocupes e não deixes de te divertir. Até amanhã! Quanto a ti,

Semion Semiónitch, visita-me à noite, mas como és distraído e capaz de te esqueceres, ata um nó...

Confesso que estava contente por poder ir-me embora, já que me sentia muito cansado e, em parte, farto daquilo. Tomei pelo braço Elena Ivánovna, triste, mas a quem a emoção fazia ainda mais bela, e levei-a rapidamente da sala do crocodilo.

— À noite, pagar outros vinte e cinco copeques por entrada! — gritou-nos às costas o proprietário.

— Oh, meu Deus, que avarentos eles são! — disse Elena Ivánovna, olhando para cada espelho colocado entre as janelas do *Passage* e, pelos vistos, apercebendo-se de que estava mais bonita.

— Princípio económico — respondi com alguma emoção na voz e orgulhando-me da minha dama perante os transeuntes.

— Princípio económico... — repetiu ela na sua simpática voz arrastada. — Não percebi nada do que disse agora Ivan Matvéitch sobre este horrível princípio económico.

— Eu vou explicar-lhe — disse eu, e comecei de imediato a falar-lhe sobre os resultados benéficos da captação de capitais estrangeiros para a nossa pátria, tema sobre que lera ainda de manhã qualquer coisa no *Notícias de Petersburgo* e em *O Cabelo*¹⁰⁸.

— Que estranho é tudo isso! — interrompeu-me depois de me ter ouvido durante algum tempo. — Não seja maçador, cale-se com isso, não diga disparates... Diga-me: estou muito vermelha?

— Não está vermelha, está um deslumbramento! — declarei eu, aproveitando a oportunidade para lhe fazer um cumprimento.

— Seu malandreco! — balbuciou ela, toda contente. — Pobre Ivan Matvéitch — acrescentou um minuto depois, reclinando com elegância a cabeça sobre o ombro —, tenho tanta pena dele... Ah, meu Deus! — exclamou de repente. — Diga-me, como é que ele vai almoçar lá e... e... como é que ele fará... se sentir alguma necessidade?

— É um problema imprevisto — respondi, também atrapalhado. Na verdade, nunca tal me passou pela cabeça, o que prova como as mulheres são muito mais práticas do que nós, homens, na solução dos problemas quotidianos!

— Coitado, mas que azar... nenhum divertimento, e tão escuro... que pena eu não ter uma fotografia dele... Portanto, agora sou como se fosse viúva — acrescentou com um sorriso encantador, pelos vistos muito interessada na sua nova situação. — Humm... no entanto, tenho pena dele!...

Em resumo: exprimia pelo esposo perecido a tristeza muito compreensível e natural da mulher jovem e interessante. Levei-a finalmente a casa, acalmei-a e, depois de termos almoçado juntos e tomado uma chávena de café aromático, fui, às seis horas, visitar Timofei Semiónitch, tendo em conta que, a esta hora, todos os homens casados de determinada condição social estão em casa, sentados ou deitados.

Agora que escrevi o primeiro capítulo no estilo adequado ao acontecimento, tenciono, a seguir, utilizar um estilo menos elevado, mas mais natural, intenção de que tenho a honra de prevenir o leitor.

[99](#) Oh, meu queridíssimo Carlinhos! Mãezinha, mãezinha, mãezinha! (al.) (NT)

[100](#) Inteiro (al.). (NT)

[101](#) O nosso Karlchen, o nosso queridíssimo Carlinhos vai morrer! (al.). (NT)

[102](#) Era o meu filho, o meu único filho! (al.) (NT)

[103](#) Piotr Lavrov (1823-1900), homem público que, naquela época, era muito popular nos círculos democráticos; fez no *Passage*, em 1860, três conferências a favor da Fundação Literária. (NT)

[104](#) N. Stepánov (1807-1877), artista gráfico, famoso pelas suas caricaturas. (NT)

[105](#) O meu pai [...] o meu avô [...] o meu filho (al.). (NT)

[106](#) Cinquenta (al.). (NT)

[107](#) Graças a Deus! (al.). (NT)

[108](#) *O Cabelo* (*Vóloss*), jornal inexistente, mas existia *Góloss* (*A Voz*). (NT)

2

O respeitável Timofei Semiólnitch recebeu-me de uma forma um tanto inquieta e como se estivesse um pouco embaraçado. Levou-me para o seu gabinete estreito e fechou muito bem a porta: «Para as crianças não estorvarem», disse ele com visível inquietação. Depois de me ter convidado a sentar-me na cadeira ao lado da secretária, sentou-se no cadeirão, fechou as abas do seu velho robe forrado de algodão e tomou, para o que desse e viesse, um ar oficial, quase severo, embora não fosse meu chefe nem o de Ivan Matvéitch, considerando-se até ao momento nosso colega e, até, nosso conhecido.

— Antes de mais — começou ele —, tenha em conta que eu não sou chefe, mas um subordinado igual ao senhor ou a Ivan Matvéitch... Não tenho nada a ver nem tenciono meter-me seja no que for.

Surpreendi-me com o facto de ele, pelos vistos, já estar a par de tudo. Apesar disso, contei-lhe toda a história em pormenor. Falei com certa emoção, já que estava a cumprir uma obrigação de verdadeiro amigo. Ouviu-me sem grande espanto, mas com evidentes sinais de desconfiança.

— Imagine que eu sempre desconfiei de que um dia lhe ia acontecer uma coisa destas — disse ele depois de me ouvir.

— Mas como, Timofei Semiólnitch? O caso é bastante extraordinário...

— De acordo. Mas note que o Ivan Matvéitch, durante toda a sua carreira, teve tendência para isto. É muito despachado, é mesmo arrogante. Sempre com isso do «progresso» e das ideias, e agora veja lá aonde é que leva o progresso!

— Mas é um caso absolutamente extraordinário, e não é possível encará-lo como regra geral para todos os progressistas...

— Não, olhe que é mesmo isso. É o resultado de instrução a mais, acredite em mim. Porque as pessoas demasiado cultas metem-se por todo o lado, e sobretudo onde não são chamadas. Aliás, o senhor sabe-o melhor do que eu — acrescentou, como que ofendido. — Não sou muito instruído e sou velho; comecei a carreira como filho de soldado e, neste momento, atinjo o cinquentenário do meu serviço.

— Oh, não, Timofei Semiónitch, acredite. Pelo contrário, Ivan Matvéitch anseia pelo seu conselho, pela sua orientação. Com lágrimas nos olhos, pode dizer-se.

— «Com lágrimas nos olhos, pode dizer-se.» Humm. São, digamos, lágrimas de crocodilo, não se pode acreditar muito nelas. Porque foi que ele, diga-me lá, quis ir ao estrangeiro? E com que dinheiro? Se não tem recursos?

— Com o dinheiro que poupou, Timofei Semiónitch, com o dinheiro dos últimos prémios — respondi em tom de súplica. — Queria ir apenas por três meses... à Suíça... pátria de Guilherme Tell.

— Guilherme Tell? Humm!

— Queria apanhar a primavera de Nápoles. Ver o museu, os costumes, os animais...

— Humm! Os animais? Para mim, era simplesmente por orgulho. Quais animais? Animais? E nós, será que nós temos cá poucos animais? Temos bestiários, museus, camelos. Vivem ursos nos arredores da própria Petersburgo. Ele próprio está enfiado dentro de um crocodilo...

— Timofei Semiónitch, por amor de Deus! O homem está metido numa desgraça, o homem recorre ao senhor como a um amigo, como a um parente mais velho, anseia pelo seu conselho, e o senhor ainda o censura... Ao menos tenha pena da pobre Elena Ivánovna!

— Está a falar da esposa? É uma dama interessante — disse Timofei Semiónitch, mais brando e cheirando, com apetite, o rapé. — Uma senhora subtil. E bem cheinha, e põe sempre a cabecinha assim de lado, de lado... muito agradável. O Andrei Óssipitch ainda anteontem se lembrou dela.

— Lembrou-se dela?

— Foi, e com expressões assaz lisonjeiras. O busto, disse ele, o olhar, o penteado... É um confeito, disse ele, e riu-se. É ainda jovem, o Andrei Óssipitch. — Timofei Semiónitch assoou estrondosamente o nariz. — É ainda jovem, mas veja que carreira já está a fazer...

— Mas isso é uma coisa completamente diferente, Timofei Semiónitch.

— É claro, é claro.

— Então, como é, Timofei Semiónitch?

— Mas o que posso eu fazer?

— Dê o seu conselho, como homem experiente, como parente! O que é preciso fazer? Dirigir-nos aos superiores? Ou...

— Aos superiores? Nunca, isso não — disse apressadamente Timofei Semiólnitch. — Se quer o meu conselho, é este: é preciso, antes de mais, abafar o caso e agir como, por assim dizer, uma pessoa particular. O caso é fora do comum e também suspeito. O pior é que é fora do comum, não há exemplo de semelhante, e desacredita muito... Por isso, antes de mais, prudência... Que ele se deixe lá estar algum tempo. É preciso aguardar, dar tempo ao tempo...

— Mas aguardar como, Timofei Semiólnitch? E se ele se asfixiar lá dentro?

— Mas porquê? O senhor mesmo disse que ele se tinha acomodado lá com bastante conforto.

Contei tudo mais uma vez. Timofei Semiólnitch ficou pensativo.

— Humm! — disse, dando voltas nas mãos à tabaqueira. — A meu ver, até é bom que ele se deixe lá estar algum tempo, em vez de ir para o estrangeiro. Entretanto que reflita, que pense. É claro que não deve deixar-se asfixiar, tem de tomar as medidas necessárias para cuidar da saúde; por exemplo, que se proteja da tosse e assim por diante... Quanto ao alemão, a meu ver está no seu direito e até mais do que a outra parte, porque foi no crocodilo *dele* que entraram sem autorização, e não foi ele que entrou sem autorização no crocodilo de Ivan Matvéitch que, aliás, se a memória não me falha, nunca teve crocodilo. Ora, o crocodilo é uma propriedade, logo não pode ser danificado sem a respetiva compensação.

— Trata-se da salvação de uma vida humana, Timofei Semiólnitch.

— Isso já é assunto de polícia. É a ela que é preciso dirigir-se.

— Além disso, Ivan Matvéitch é capaz de fazer falta no departamento. Podem chamá-lo.

— O Ivan Matvéitch fazer falta? Eh, eh! Além disso, considera-se que está de férias, logo não vale a pena contar com ele, que observe à vontade as terras europeias. Já é outra coisa se ele não se apresentar ao serviço a tempo e horas depois das férias; aí vamos então informar-nos...

— Mas, três meses! Por amor de Deus, Timofei Semiólnitch!

— A culpa é dele. Quem o mandou meter-se lá? Deste modo, seria preciso arranjar-lhe uma ama-seca oficial, o que não está previsto no regulamento. Mas o principal é que o crocodilo é propriedade, portanto deve funcionar aqui o chamado princípio económico. Ora, o princípio económico sobrepõe-se a tudo. Ainda ontem, no serão de Luká Andreitch, o Ignáti Prokófitch disse... Conhece Ignáti Prokófitch? É capitalista, tem negócios e, note, fala tão bem: «Precisamos da indústria — diz ele —, temos pouca indústria. É preciso gerá-la. É preciso gerar capitais, portanto é o terceiro estado que é preciso gerar, a chamada burguesia. Mas como não temos capitais, temos de os atrair do estrangeiro. É preciso, em primeiro lugar, abrir possibilidades às companhias estrangeiras de comprarem os nossos terrenos, como já está estabelecido em toda a parte no estrangeiro. A propriedade comunitária — diz ele — é um veneno, é a morte!» E, sabe, fala com ardor. Bom, para ele isso é muito conveniente: é capitalista... e não funcionário público. Com a comunidade camponesa, diz ele, não se desenvolverão a indústria nem a agricultura. É preciso, diz ele, que as companhias estrangeiras comprem, na medida do possível, toda a nossa terra por partes, e depois: dividir, dividir, dividi-la em lotes o mais pequenos possível... e, sabe, ele pronunciava assim mesmo, com garra, divi-dirrr... e depois vendê-los aos particulares. Nem sequer vender, mas arrendar. Quando toda a terra estiver nas mãos das companhias estrangeiras, diz ele, será possível encarecer o arrendamento e, então, o mujique vai ter de trabalhar três vezes mais para comer, e pode correr-se com ele a qualquer momento. E, então, o mujique vai senti-lo na pele, e vai ser obediente, laborioso e fará três vezes mais pelo mesmo preço. Agora, na comunidade, ele vive de costas folgadas! Sabe que não morrerá à fome, por isso é preguiçoso e bêbado. Entretanto, como será atraído dinheiro para o nosso país, vão aparecer os capitalistas e vai crescer a burguesia. O jornal político e literário inglês *Times*, debruçando-se sobre as nossas finanças, conclui que as nossas finanças não crescem precisamente porque não temos classe média, não temos grandes bolsas nem proletários servis... Fala bem, o Ignáti Prokófitch. É orador. Quer, ele próprio, entregar o seu parecer às autoridades e depois publicá-lo no jornal *Notícias*. Não são uns versinhos quaisquer, como o Ivan Matvéitch...

— Pois, mas, afinal, como será com Ivan Matvéitch? — interrompi eu, tendo deixado o velho tagarelar um pouco. Gostava às vezes de tagarelar, o velho Timofei Semiónitch, e mostrar que também ele estava a par das coisas e não se atrasava em relação à vida moderna.

— Ivan Matvéitch? Mas é aí que eu quero chegar. Nós próprios atarefamo-nos para atrair os capitais estrangeiros para a nossa pátria, mas veja: mal o capital do crocodilista atraído foi duplicado por causa de Ivan Matvéitch, nós, em vez de protegermos o proprietário estrangeiro, tentamos pelo contrário rachar a barriga ao capital fixo. É coerente, isso? Na minha opinião, Ivan Matvéitch, como verdadeiro filho da pátria, tem de se orgulhar e se alegrar pelo facto de ter duplicado com a sua pessoa o valor do crocodilo estrangeiro, ou mesmo de o ter triplicado. Isto é necessário para atrair capitais. Se há um que tem êxito, então, olha, logo vem outro com um crocodilo, e depois outro, que arrastará atrás de si mais dois ou três, e em volta deles vão concentrar-se os capitais. E pronto, aí está instalada a burguesia. É preciso incentivar.

— Por amor de Deus, Timofei Semiónitch! — gritei. — Está a exigir um autossacrifício quase sobre-humano ao pobre Ivan Matvéitch!

— Não exijo nada e, antes de mais, peço ao senhor (tal como já lhe pedi antes) que compreenda que não pertença à chefia e que, por conseguinte, não posso exigir nada seja a quem for. Falo como filho da pátria, ou seja, não como esse *Filho da Pátria*¹⁰⁹, mas simplesmente como filho da pátria. Mais uma vez, pergunto eu: quem o mandou enfiar-se na boca do crocodilo? Um homem sério, com uma graduação na função pública, legitimamente casado, e de repente... um passo destes! Será coerente?

— Mas foi um passo que aconteceu casualmente.

— Quem sabe!? Além disso, onde se arranja o dinheiro para pagar ao crocodilista?

— Pedindo um adiantamento de ordenados, não?

— Acha que isso chega?

— Não chega, Timofei Semiónitch — respondi com tristeza. — O crocodilista, a princípio, assustou-se muito, pensando que o crocodilo ia rebentar, mas logo que se convenceu de que estava tudo bem, ficou arrogante e muito satisfeito por poder duplicar os preços.

— Triplicar, talvez quadruplicar! O público agora vai afluir, olhe que os crocodilistas são gente esperta. Além disso, estamos na época dos dias gordos, em que o público tem vontade de se divertir, por isso repito: que Ivan Matvéitch, antes de mais nada, mantenha o incógnito, que não se apresse. Nem que toda a gente saiba que está dentro do crocodilo, mas que não o saiba oficialmente. Neste sentido, Ivan Matvéitch está numa situação especialmente favorável, porque se pensa que está de férias no estrangeiro. Vão dizer: está no crocodilo, e nós não acreditamos. É possível fazer isso. O principal é que ele aguarde; afinal, qual é a pressa dele?

— Mas se...

— Não se preocupe, ele tem uma compleição robusta...

— Está bem, ele aguarda, e depois?

— Depois... olhe, digo-lhe com toda a franqueza que o caso é extremamente complicado. É difícil de resolver, mas o mais prejudicial é que ainda não houve outro exemplo semelhante. Se houvesse um precedente, ainda teríamos ponta por onde lhe pegar. Mas, assim, que decisão se pode tomar? Quando se tem de refletir numa coisa a partir do zero, pode ser um processo demorado.

Uma ideia feliz cintilou na minha cabeça.

— Uma vez que lhe foi destinado permanecer nas entranhas do monstro e, por vontade da Providência, com vida, não seria possível organizar as coisas de tal maneira que ele apresentasse o pedido de ser considerado ao serviço? — sugeri eu.

— Humm... só se for em situação de gozo de férias e sem ordenado...

— Não, mas com ordenado?

— Com que fundamento?

— Situação de comissão de serviço.

— Qual e onde?

— Nessas mesmas entranhas, as entranhas do crocodilo... Para fins de informação, por assim dizer, para analisar os factos no terreno. É claro que seria uma inovação, mas é progressista e, ao mesmo tempo, mostraria o interesse pela iluminação...

Timofei Semiónitch ficou pensativo.

— Mandar um funcionário em comissão de serviço às entranhas de um crocodilo — disse por fim —, com uma missão específica, pois bem, isso, na minha opinião, é absurdo. Não existe qualquer regulamentação nesse sentido. Além disso, que missões pode haver lá?

— Estudos da natureza, por assim dizer, no terreno, ao vivo. Hoje em dia estão em voga as ciências naturais, a botânica... Ele poderia viver lá e elaborar comunicações... sei lá, sobre a digestão, ou, simplesmente, sobre os costumes. Recolha de materiais, de factos.

— Ou seja, no âmbito da estatística. Bom, eu nisso não sou muito forte, e também não sou filósofo! Diz o senhor: os factos... Já estamos bem servidos de factos e não sabemos o que fazer com eles. Além disso, a estatística é perigosa...

— Porquê?

— É perigosa, sim. Além disso, ele comunicará os factos, por assim dizer, deitado. Será possível estar-se deitado no serviço? Seria mais uma inovação, ainda por cima perigosa; e, mais uma vez, não haveria precedentes. Se tivéssemos pelo menos um precedente, então sim, talvez pudéssemos arranjar uma comissão de serviço para ele.

— Mas também nunca tinham cá trazido crocodilos vivos, Timofei Semiónitch.

— Humm, pois!... — Timofei Semiónitch voltou a refletir. — De acordo, esta sua objeção é justa e até poderia servir de base para o desenvolvimento ulterior do caso. Mas tenha em consideração que, se com o aparecimento dos crocodilos vivos comesçassem a desaparecer funcionários e se, depois de se encontrarem lá, no quentinho, comesçassem a exigir comissões de serviço só para estarem deitados... tem de concordar que isso seria um mau exemplo. Às tantas, todos tentavam meter-se lá para receber o ordenado sem fazer nada.

— Interceda por ele, Timofei Semiónitch! A propósito: o Ivan Matvéitch pediu que eu devolvesse ao senhor os sete rublos que ele lhe ficou a dever do jogo do *eralache*...

— Ah, sim, foi o que perdeu há dias, em casa de Nikífor Nikíforitch! Lembro-me. E que animado ele estava, dizia piadas, e agora, olha!...

O velho ficou sinceramente comovido.

— Vou tentar. Vou fazer umas diligências particulares, como que para me informar. Para já, tente saber, de modo não oficial, indiretamente, que preço o proprietário pediria pelo seu crocodilo.

Timofei Semiónitch estava notoriamente mais bondoso.

— Vou fazer isso, sem falta — respondi —, e logo informo o senhor.

— E a esposa... está sozinha? Aborrece-se?

— Podia visitá-la, Timofei Semiónitch.

— Visito, pois, já antes tinha pensado nisso, e agora a ocasião é boa... Mas para quê, para que teve ele aquela ideia de ir ver o crocodilo? Aliás, eu também gostava de o ver.

— Visite o pobrezinho, Timofei Semiónitch.

— Visito. É claro que, com a minha visita, não quero dar-lhe falsas esperanças. Vou lá como particular... Bom, até breve, agora vou de novo a casa de Nikífor Nikíforitch; o senhor estará lá?

— Não, vou ver o preso.

— Pois, ele agora é um preso!... Ah, leviandade!

Despedi-me do velho. Giravam pela minha cabeça as ideias mais variadas. Era um homem bondoso e honestíssimo, este Timofei Semiónitch; no entanto, quando saía de casa dele, estava contente por ele fazer o cinquentenário de serviço e pelo facto de os Timofei Semiónitch serem já uma raridade entre nós. Corri de imediato ao *Passage*, é claro, para contar tudo ao pobre do Ivan Matvéitch. Estava também cheio de curiosidade: como se teria ele instalado dentro do crocodilo, como é possível viver-se num crocodilo? Francamente, aquilo chegava a parecer-me um sonho monstruoso, ainda por cima porque se tratava de um monstro...

[109](#) *Filho da Pátria* (Sin Otétchestva), era um jornal de tendência liberal moderada (1862-1900). (NT)

3

No entanto, não era um sonho, mas a verdadeira realidade. De outro modo nem pensaria em contar esta história! Mas adiante...

Cheguei ao *Passage* já tarde, cerca das nove, e fui obrigado a entrar na sala do crocodilo pelas traseiras, porque o alemão, desta vez, fechara a loja antes da hora habitual. Passeava-se pela sala vestido como em casa, com uma sobrecasaca velha e ensebada, porém três vezes mais contente do que de manhã. Via-se que já não tinha medo de nada e que «a publicum antar muito». A *Mutter* entrou mais tarde, pelos vistos para me vigiar. O alemão e a *Mutter* punham-se muitas vezes a cochichar. Apesar de a loja já estar fechada, sacou-me os vinte e cinco copeques. Que meticulosidade despropositada!

— Vosso paga cada vez; publicum paga rublo, vosso vinte cinco-copeques, porque amico de seu bom amico, e eu respeita amico...

— Está vivo, ainda está vivo, ó meu amigo iluminado? — gritei alto, aproximando-me do crocodilo, e esperando que as minhas palavras chegassem ainda de longe a Ivan Matvéitch e fossem lisonjeiras para o seu amor-próprio.

— São e salvo — respondeu este, como que de longe, ou como se as palavras saíssem de baixo da cama, embora eu estivesse mesmo ao pé dele. — São e salvo, mas isso depois... Como correm as coisas?

Como se não tivesse ouvido a pergunta dele, comecei por informar-me, com prontidão preocupada: como estava, como se sentia dentro do crocodilo, e o que, em geral, havia lá dentro. Exigia-o a nossa amizade e também a regra da delicadeza. Mas ele interrompeu-me, caprichoso e desgostoso:

— Como vão as coisas? — gritou, autoritário comigo, como sempre, na sua voz esganiçada, desta vez bastante repulsiva.

Contei-lhe a minha conversa com Timofei Semiónitch até aos mais ínfimos pormenores. Enquanto lhe contava, tentava fazê-lo num tom um pouco ofendido.

— O velho tem razão — decidiu Ivan Matvéitch de modo ríspido, como era seu costume nas suas conversas comigo. — Gosto de gente prática e detesto os molengões melífluos. Estou decidido a reconhecer, contudo, que também a tua ideia sobre a comissão de serviço não é de todo absurda. De facto, posso comunicar muita coisa a partir daqui, tanto no sentido científico como no moral. Porém, tudo isto toma agora um aspeto novo e inesperado, e não vale a pena andar com pedidos apenas por causa do ordenado. Ouve com atenção. Estás sentado?

— Não, estou de pé.

— Senta-te, mesmo no chão, e ouve com atenção.

Peguei, com raiva, numa cadeira e, irritado, bati com ela no chão.

— Ouve — disse ele, autoritário —, hoje caiu aqui um nunca mais acabar de público. À noite isto estava à cunha, já não cabiam mais pessoas, teve de vir a polícia para manter a ordem. Às oito, ou seja, mais cedo do que o costume, o proprietário achou até necessário fechar a loja e interromper a exibição, para contar o dinheiro e se preparar melhor para amanhã. Sei que amanhã isto vai ser uma romaria. Por isso é provável que passem por aqui as pessoas mais cultas da capital, as senhoras da alta sociedade, embaixadores estrangeiros, juristas e outros. Mais ainda: vai começar a vir aqui gente de todas as províncias do nosso vasto e curioso império. Como consequência disso, estarei à vista de toda a gente e, embora escondido, a primazia será para mim. Começarei a dar lições a essa multidão ociosa. Escorado pela experiência, falarei do exemplo de grandeza e resignação perante o destino! Serei, por assim dizer, uma cátedra de ensinamentos para a humanidade. Na área da ciência natural, a informação que poderei dar sobre o monstro que habito é, por si só, preciosa. Por isso, não só não me queixo do que me aconteceu, mas ainda tenho a firme esperança de fazer uma brilhantíssima carreira.

— Olha, vê lá não te aborreças! — observei causticamente.

O que mais me enraivecia era o facto de ele quase ter deixado de utilizar pronomes pessoais, de tal modo ficara arrogante. No entanto, tudo isso me fazia confusão. «Porquê, porque é que este cabeça oca se enfatua tanto? — rangia eu os dentes em pensamento. — Devia estar a chorar, e não a dar-se ares.»

— Não! — respondeu, brusco, à minha observação. — Porque agora estou impregnado de grandes ideias e só agora posso, com calma, sonhar com a melhoria do destino de toda a humanidade. Do crocodilo sairá agora a verdade e a luz. Conceberei agora, sem dúvida, a minha teoria nova sobre as novas relações económicas e terei muito orgulho nela (o que dantes não podia por falta de tempo no serviço e de todos os divertimentos vulgares da sociedade). Refutarei tudo e todos e serei um novo Fourier. A propósito, devolveste os sete rublos a Timofei Semiónitch?

— Sim, paguei-lhe, do meu próprio bolso — respondi, procurando acentuar com o tom de voz que tinha pago do meu bolso.

— Depois faremos contas — respondeu com altivez. — Não duvido do aumento do meu ordenado, porque a quem podem eles aumentar senão a mim? A minha utilidade, agora, não tem preço. Mas vamos ao que interessa. A mulher?

— Estás a perguntar talvez pela Elena Ivánovna, não?

— A mulher?! — gritou ele, desta vez quase a guinchar.

Nada a fazer! Resignado, mas rangendo de novo os dentes em pensamento, contei-lhe como deixara Elena Ivánovna. Ele nem sequer me deixou acabar.

— Tenho planos especiais para ela — disse ele com impaciência. — Se eu for famoso *aqui*, desejo que ela seja famosa *lá*. Cientistas, poetas, filósofos, mineralogistas estrangeiros, homens de Estado, depois da conversa matinal comigo, irão visitar à noite o salão dela. A partir da próxima semana, deve começar a funcionar o salão dela, todas as noites. A duplicação do meu ordenado fornecerá meios para as receções, e como as receções devem resumir-se apenas a mesa de chá e lacaios de fora, será suficiente. Aqui e lá vão falar de mim. Há muito que anseio pela ocasião em que todos falem de mim, mas estava limitado pela minha graduação baixa, insuficiente. Agora tudo isso foi ultrapassado por uma simples deglutição de crocodilo. Cada palavra minha será ouvida, cada máxima minha será analisada, transmitida, publicada. E farei com que me conheçam! Compreenderão finalmente que talento eles deixaram desaparecer nas entranhas do monstro! «Este homem podia ser ministro estrangeiro e governar um reino», dirão. «E este homem não governava um reino

estrangeiro!», espantar-se-ão outros. Em quê, em que é que eu sou pior do que um Garnier-Pagès¹¹⁰, ou lá como ele se chama?... A mulher tem de constituir o meu *pendant*¹¹¹... eu tenho o intelecto, ela tem a beleza e a amabilidade. «É bela, por isso é a mulher dele», dirão alguns. «É bela, porque é mulher dele», emendarão outros. Para o que der e vier, que Elena Ivánovna compre amanhã mesmo o dicionário enciclopédico editado sob a direção de Andrei Kraévski, para saber falar de todas as matérias. Que leia, antes de mais, o *premier-politique* de *Notícias de S. Petersburgo*, confrontando-o todos os dias com *O Cabelo*. Suponho que o proprietário estará de acordo em levar-me também de vez em quando, juntamente com o crocodilo, ao brilhante salão da minha mulher. Estarei, dentro da lata, no centro da magnífica sala de estar dizendo palavras espirituosas que inventarei de manhã. Ao homem de Estado darei conta dos meus projetos; com o poeta vou conversar em verso rimado; com as senhoras serei divertido e simpático, mas moralmente correto, até porque sou absolutamente inofensivo em relação aos maridos delas. Para todos os outros, vou servir de exemplo de resignação perante o destino e a vontade da Providência. Faço da minha mulher uma brilhante dama literária; vou promovê-la e explicá-la ao público; como minha mulher, tem de ter inúmeras das qualidades mais elevadas, e já que Andrei Aleksândrovitch é justamente apelidado o Alfred de Musset russo, será ainda mais justo quando ela for chamada a Evguénia Tour russa¹¹².

Embora todos estes disparates lembrassem um pouco as conversas habituais de Ivan Matvéitch, passou-me pela cabeça, francamente, que ele estivesse a delirar de febre. Era o Ivan Matvéitch de sempre, mas como se fosse visto por uma lente de aumentar vinte vezes.

— Meu amigo — perguntei-lhe —, tens esperança de longa vida aqui? E, no geral: estás bem? Como te alimentas, como dormes, como respiras? Sou teu amigo, e tens de concordar que o teu caso é demasiado sobrenatural, pelo que a minha curiosidade é demasiado natural.

— É uma curiosidade fútil, e mais nada — respondeu ele sentenciosamente —, mas vou satisfazê-la. Perguntas-me como me acomodei nas entranhas do monstro? Em primeiro lugar, o crocodilo, para minha surpresa, é absolutamente oco. O interior dele consiste numa espécie de grande saco

vazio de borracha, semelhante aos artigos de cauchu que estão à venda na Rua Gorókhovaia, na Morskaia e, se não me engano, na Avenida Voznessênski. Se não fosse assim, pensa: como poderia eu caber aqui?

— Como é possível?! — gritei num espanto muito compreensível. — Será possível que o crocodilo seja absolutamente vazio?

— Absolutamente — confirmou Ivan Matvéitch, severo e grave. — E, por certo, tem esta constituição pelas leis da natureza. O crocodilo possui apenas a boca provida de dentes agudos e, em complemento, uma cauda consideravelmente longa... e, na verdade, é tudo. Ora, entre estas duas extremidades, encontra-se um espaço vazio dentro de um invólucro semelhante a cauchu, ou que é muito provavelmente o autêntico cauchu.

— E as costelas, o estômago, os intestinos, o fígado, o coração? — interrompi-o com raiva.

— Na-da, não há absolutamente nada disso e, pelos vistos, nunca houve. Tudo isso é fantasia fútil de viajantes levianos. À semelhança de como se enche uma almofada para as hemorroidas, eu encho agora, comigo mesmo, o crocodilo. É incrivelmente elástico. Mesmo tu, na condição de amigo da casa, poderias caber a meu lado, se fosses magnânimo, é claro... e ainda sobraria espaço. Estou a pensar, em último caso, chamar cá a Elena Ivánovna. Aliás, esta estrutura vazia do crocodilo está em plena conformidade com as ciências naturais. É-te proposto, digamos, criar um novo crocodilo; então levanta-se, perante ti, uma questão: qual é a característica principal de um crocodilo? A resposta é óbvia: engolir pessoas. E como é que se constrói um crocodilo de maneira a poder engolir pessoas? A resposta é ainda mais óbvia: fazendo-o oco. Há muito que a física chegou à conclusão de que a natureza não tolera o vazio. De acordo com isso, também o interior do crocodilo tem de ser precisamente vazio para não poder tolerar o vazio e, conseqüentemente, engolir a cada instante e encher-se com tudo o que lhe cai no dente. É esta a única causa razoável pela qual os crocodilos engolem os nossos semelhantes. Já o mesmo não se passa com a estrutura humana: por exemplo, quanto mais vazia for uma cabeça humana, tanto menos sentirá sede de se encher, o que constitui uma exceção à regra geral. Tudo isto é agora tão claro para mim como a luz do dia, cheguei a todas estas conclusões pelo meu próprio raciocínio e pela

minha própria experiência, encontrando-me, por assim dizer, nas entranhas da natureza, na sua retorta, ouvindo o bater do seu pulso. A própria etimologia está de acordo comigo, porque a denominação de crocodilo significa «voracidade». Crocodilo, *Crocodillo*, é uma palavra italiana, talvez contemporânea dos antigos faraós do Egito, ou de raiz francesa: *croquer*, o que significa comer, papar e, em geral, utilizar como alimento. Tenho a intenção de ler tudo isso ao público no salão de Elena Ivánovna, como primeira conferência, quando me levarem lá, dentro desta lata.

— Meu amigo, não queres tomar agora, pelo menos, um purgante? — gritei involuntariamente. «Está com febre, com febre, tem febre alta!», repetia eu mentalmente, cheio de terror.

— Disparate! — respondeu com desprezo. — Além disso, na minha atual situação é muito incómodo. Aliás, eu já sabia que ias falar do purgante.

— Meu amigo, mas como... como é que consegues alimentar-te? Por exemplo, hoje, almoçaste ou não?

— Não, mas não tenho fome, e o mais provável é que nunca mais vá precisar de alimentos. O que também é perfeitamente compreensível: enchendo comigo todo o interior do crocodilo, torno-o farto para sempre. Agora não é preciso alimentá-lo durante anos. Ele, por seu lado, farto comigo, transmite-me naturalmente todos os sucos vitais do seu corpo; é qualquer coisa parecida com o método de certas coquetes esmeradas que aplicam por todo o corpo, antes de se deitarem, cataplasmas de costeletas cruas e, depois do banho da manhã, ficam frescas, elásticas, cheias e sedutoras. É assim que se passa: alimentando comigo o crocodilo, recebo dele, em troca, o meu alimento, ou seja, alimentamo-nos reciprocamente. Porém, é difícil, até para um crocodilo, digerir um homem como eu, é óbvio que ele tem de sentir algum peso no estômago (estômago que, aliás, ele não tem), e é por isso que eu, para não causar dores adicionais ao monstro, raramente me viro de um lado para o outro, embora o pudesse fazer; mas não o faço por humanismo. É este o único revés da minha situação actual, e, no sentido alegórico, Timofei Semiónitch tem toda a razão ao dizer que trabalho como um cão deitado. Mas vou provar que, mesmo deitado... mais ainda: apenas deitados podemos dar uma reviravolta ao destino da

humanidade. Todas as grandes ideias e tendências dos nossos jornais e revistas foram produzidas por mandriões; é por isso que lhes chamam ideias de gabinete; aliás, estou-me nas tintas para isso! Basta isolarmo-nos num cantinho, ou, por exemplo, cair dentro de um crocodilo, fechar os olhos... e logo se inventa todo um paraíso para a humanidade. De manhã, quando vocês se foram embora, pus-me de imediato a inventar coisas, e já inventei três sistemas; estou agora a acabar de inventar o quarto. O que é preciso fazer, em primeiro lugar, é negar tudo; ora, das entranhas de um crocodilo é muito fácil negar; mais ainda: das entranhas de um crocodilo parece que se vê tudo melhor... De resto, na minha situação, existem ainda outros incómodos, embora pequenos: dentro do crocodilo é um pouco húmido e tudo está coberto de uma espécie de muco, ainda por cima com um leve cheiro a borracha, exatamente igual ao cheiro das minhas galochas do ano passado. Mas é só isto, não há mais inconvenientes.

— Ivan Matvéitch — interrompi-o —, tudo isso são milagres em que mal posso acreditar. E... será que tencionas não almoçar durante toda a vida?

— Ah, com que insignificâncias te preocupas, cabeça leviana e fútil! Eu a falar-te de grandes ideias, e tu... Fica sabendo que as grandes ideias me saciam a fome e me alumiam a noite que me rodeia. Aliás, o benevolente proprietário do crocodilo e a bondosíssima *Mutter* decidiram há pouco que, todas as manhãs, vão enfiar na goela do crocodilo um tubinho metálico curvo, como uma flauta, por onde posso sorver café ou canja e sopinhas de pão branco. O tubinho já foi encomendado aqui perto, mas, no meu entender, é um luxo inútil. Ora, eu tenho a esperança de viver pelo menos mil anos, se for verdade que os crocodilos vivem assim tantos anos, e ainda bem que mo lembraste: consulta amanhã uma história natural e depois diz-me, porque eu sou capaz de estar enganado e a confundir o crocodilo com outro fóssil qualquer. Há só um pormenor que me preocupa um pouco: como estou vestido de pano e tenho botas nos pés, o crocodilo, pelos vistos, não me pode digerir. Ainda por cima estou vivo e, por isso, resisto com toda a minha força de vontade a que me digiram, porque, obviamente, não quero transformar-me no que se transforma qualquer alimento, pois isso seria demasiado humilhante para mim. Mas tenho medo de que, num prazo de

mil anos, o pano da minha sobrecasaca, infelizmente de fabrico russo, possa apodrecer, e depois, desprovido de roupa, e apesar da minha indignação, possa começar a ser digerido; e, embora nas horas do dia, eu nunca admita isso nem o permita de maneira nenhuma, é muito provável que, durante o sono, quando a vontade abandona o ser humano, possa atingir-me o mais humilhante destino das batatas, crepes ou carne de vitela. Esta ideia enfurece-me. É por isso mesmo que é necessário mudar a tarifa e incentivar desde já a importação de panos ingleses, que são mais sólidos e, conseqüentemente, resistirão por mais tempo à natureza quando acontece a alguém ir parar dentro de um crocodilo. Na primeira ocasião vou comunicar a minha ideia a um homem de Estado e também aos observadores políticos dos nossos diários petersburguenses. Que eles gritem esta ideia para todo o mundo. Espero bem que esta não seja a única ideia que eles vão receber de mim. Prevejo que, todas as manhãs, uma multidão deles, munidos dos respetivos vinte e cinco copeques (pagos pela redação), se apertem à minha volta para beberem as minhas ideias relativamente às correspondências jornalísticas do dia anterior. Enfim, o futuro antevê-se a uma luz cor-de-rosa.

«Febres, febres!», sussurrava eu em pensamento.

— Meu amigo, e a liberdade? — perguntei, querendo conhecer na íntegra a opinião dele. — É que tu, por assim dizer, estás preso no calabouço, quando o ser humano deve deliciar-se com a liberdade.

— És parvo! — respondeu Ivan Matvéitch. — Os homens selvagens gostam da independência, os homens sábios gostam da ordem, mas não há ordem...

— Ivan Matvéitch, tem juízo, por amor de Deus!

— Cala-te e ouve! — guinchou ele, irritado por eu o ter interrompido. — Nunca me elevei em espírito como agora. No meu abrigo apertado só tenho medo de uma coisa: da crítica literária das revistas e das zombarias dos nossos jornais satíricos. Tenho medo de que os visitantes levianos, os parvos e os invejosos, e em geral os niilistas, me ridicularizem. Mas vou tomar medidas. Espero com impaciência a reação de amanhã do público, sobretudo a opinião da imprensa. Quanto à imprensa, informas-me tu amanhã mesmo.

— Está bem, amanhã trago-te uma boa braçada de jornais.

— Amanhã ainda será cedo para a reação dos jornais, porque os anúncios só costumam sair ao quarto dia. Mas, a partir de hoje, vem todos os dias pela entrada interior. Tenciono utilizar-te como meu secretário. Lê-me os jornais e as revistas, eu dito-te as minhas ideias e marco-te as missões. Antes de mais, não te esqueças dos telegramas. Quero todos os dias aqui os telegramas da Europa, todos. Por hoje basta, parece que já estás com sono. Vai para casa e não penses no que te acabei de dizer sobre a crítica: não tenho medo dela, porque ela própria está numa situação crítica. Basta sermos bondosos e virtuosos para, inevitavelmente, subirmos ao pedestal. Se não for um Sócrates, serei um Diógenes, ou ambos ao mesmo tempo: eis o meu futuro papel na humanidade.

Assim, desta forma leviana e impertinente (e também febril), se exprimia diante de mim Ivan Matvéitch, à semelhança daquelas mulheres de caráter fraco de quem diz o ditado que não sabem guardar um segredo. Além disso, tudo o que ele me contou sobre o crocodilo me pareceu suspeito. Como era possível que o crocodilo fosse completamente oco? Posso apostar que, neste ponto, ele se gabou por vaidade e, em parte, para me humilhar. Por outro lado, também é verdade que Ivan Matvéitch está doente, e um doente precisa de condescendência; porém, confesso que sempre detestei Ivan Matvéitch. Durante toda a minha vida, desde a infância, sonhei, e não consegui, libertar-me do seu domínio. Mil vezes desejei romper com ele definitivamente, mas, de cada vez, sentia-me atraído para ele, como se ainda esperasse provar-lhe qualquer coisa e vingar-me dele. A amizade é um coisa estranha! Posso dizer, positivamente, que noventa por cento da razão por que travei amizade com ele foi a raiva. Desta vez, porém, despedimo-nos cordialmente.

— Amico vosso muito esperto — disse-me o alemão a meia-voz, ao acompanhar-me à porta; estivera a ouvir com atenção a nossa conversa.

— *A propos* — disse eu —, antes que me esqueça: quanto pediria o senhor pelo seu crocodilo se alguém quisesse comprar-lho?

Ivan Matvéitch, que ouviu a pergunta, esperava a resposta com curiosidade. Era evidente que lhe agradaria que o alemão não pedisse

pouco; pelo menos, pigarreou de maneira especial ao ouvir a minha pergunta.

A princípio, o alemão nem queria falar disso, até se zangou.

— Ninguém atreve comprar meu crocotilo próprio! — gritou com fúria e enrubesceu como uma lagosta. — Eu não vender crocotilo. Nem por milhão de táler dou crocotilo. Publicum renteu hoje cento trinta táler, amanhã rente dez mil táler, depois cem mil táler todos dias vai renter. Não vento!

Ivan Matvéitch soltou lá de dentro risinhos de prazer.

Contrariado, mas com sangue-frio e sensatez — porque estava a cumprir as obrigações de um verdadeiro amigo —, insinuei ao voluntarioso alemão que os seus cálculos não estavam de todo corretos, que se todos os dias o crocodilo lhe rendesse cem mil, em quatro dias já teria sido visitado por toda a cidade de Petersburgo e, depois disso, já não haveria mais ninguém a quem cobrar qualquer dinheiro, que para a vida e para a morte mandava a vontade de Deus, que o crocodilo era capaz de rebentar e Ivan Matvéitch adoecer e morrer, etc.

O alemão ficou pensativo.

— Gotas de farmácia dou-lhe — disse ele, por fim —, e seu amico não morre.

— Gotas são gotas — contrapuz-lhe eu —, mas tome em linha de conta que pode desencadear-se um processo judicial. A esposa de Ivan Matvéitch é capaz de exigir-lhe que lhe devolvam o legítimo esposo. Que os senhores tenham a intenção de enriquecer, muito bem; mas tencionam atribuir uma pensão a Elena Ivánovna?

— Não, não tenciono! — respondeu o alemão com decisão e rigor.

— N-não, não tencionar! — secundou, com raiva, a *Mutter*.

— Portanto, não será melhor ganharem alguma coisa agora, por atacado, nem que seja uma quantia moderada mas certa e sólida, em vez de estarem a apostar em incertezas? Considero meu dever acrescentar que não lhes faço estas perguntas apenas por curiosidade fútil.

O alemão levou a *Mutter* para o canto onde estava o armário do macaco maior e mais feio de toda a coleção.

— Já vais ver! — disse-me Ivan Matvéitch.

Quanto a mim, no momento ardia no desejo de, em primeiro lugar, espancar cruelmente o alemão e, em segundo lugar, espancar ainda mais cruelmente a *Mutter*; em terceiro lugar, espancar ainda mais implacavelmente que aos outros dois o Ivan Matvéitch, pela sua vaidade ilimitada. Mas tudo isto era uma insignificância em comparação com a resposta do cobiçoso alemão.

Tendo-se aconselhado com a sua *Mutter*, exigia pelo crocodilo cinquenta mil rublos em títulos do tesouro da última emissão do Estado, um prédio de pedra na Rua Gorokhovaia e, além dele, uma farmácia e a patente de coronel russo.

— Estás a ver! — gritou Ivan Matvéitch, triunfante. — Eu não te disse? Sem contar com o último desejo maluco de ser promovido a coronel, tem toda a razão, porque compreende plenamente o valor atual do monstro que tem para exibição. O que conta, antes de mais, é o princípio económico!

— Tenha juízo! — gritei com fúria ao alemão. — Porque haveriam de lhe dar a patente de coronel? Que foi que o senhor fez de grandioso, que serviço prestou, que glória militar mereceu? É maluco ou quê?

— Maluco?! — gritou o alemão, ofendido. — Não, homem inteligente, eu, e vosso imbecil! Merece coronel, eu, porque mostra crocotilo e dentro *Hofrat*¹¹³ vivo, e russo não pode mostrar crocotilo e dentro *Hofrat* vivo! Extremamente inteligente, eu, gosta muito ser coronel!

— Então, adeus, Ivan Matvéitch! — gritei, a tremer de fúria, e saí quase a correr da sala do crocodilo. Sentia que, mais um minuto, e já não me controlaria. As esperanças antinaturais daqueles dois imbecis eram insuportáveis. O ar frio, refrescando-me a cabeça, moderou um pouco a minha indignação. Por fim, cuspiendo energicamente umas quinze vezes para ambos os lados, tomei um coche, fui para casa, despi-me e atirei-me para cima da cama. O meu maior desgosto era tornar-me secretário dele. Agora teria de ir matar-me lá de tédio todas as noites, cumprindo as obrigações do verdadeiro amigo! Estava disposto a espancar a mim próprio por isso e, de facto, depois de apagar a vela e me cobrir com o cobertor, bati-me várias vezes com o punho na cabeça e noutras partes do corpo. Fiquei um pouco aliviado com isso e, por fim, adormeci profundamente,

porque estava muito cansado. Durante toda a noite sonhei apenas com macacos, mas, antes do amanhecer, com Elena Ivánovna...

[110](#) Louis Garnier-Pagès (1803-1878), político francês, republicano moderado, membro do Governo Provisório em 1848. (NT)

[111](#) Parelha (fr.). (NT)

[112](#) O autor compara ironicamente Andrei Kraévski, homem de negócios, ao poeta romântico francês Alfred de Musset. Evguénia Tour (1815-1892) é já escritora russa. (NT)

[113](#) Aqui, «funcionário» (al.). (NT)

4

Com macacos, suponho eu, sonhei, porque eles estavam no armário do crocodilista; ora, sonhar com Elena Ivánovna era um caso especial.

Direi desde já: eu gostava da senhora; mas apresso-me — a todo o vapor — a fazer uma ressalva: gostava dela como um pai, nem mais nem menos. Chego a esta conclusão porque muitas vezes me aconteceu o desejo insuperável de a beijar na cabecinha ou na bochechinha corada. E, embora nunca o tenha posto em prática, confesso que não me recusaria a beijá-la também na boca. E nem tanto na boca quanto nos dentes que ela exibia sempre encantadoramente, como duas fieiras de pérolas lindas, bem selecionadas, quando ela se ria. Ora, ela ria-se com muitíssima frequência. Ivan Matvéitch chamava-lhe, nos momentos carinhosos, a sua «querida patacoada», denominação extremamente justa e característica. Ela era um confeito de senhora, mais nada. Por isso não compreendia de todo porque se lembrara agora o Ivan Matvéitch de imaginar a sua esposa como a Evguénia Tour russa! Em qualquer caso, o meu sonho, se não tomarmos em consideração os macacos, causou-me uma impressão agradável e, recapitulando na cabeça todos os acontecimentos do dia anterior, decidi visitar imediatamente Elena Ivánovna a caminho do serviço, o que, aliás, tinha obrigação de fazer na minha qualidade de amigo da família.

Numa minúscula saleta que dava para o quarto de dormir, antecâmara a que eles chamavam a sala de estar pequena, embora, em casa deles, a sala de estar grande também fosse pequena, num pequeno divã muito bonitinho, sentada à pequenina mesinha de chá, estava Elena Ivánovna coberta com um airoso penteador matinal, tomando café por uma pequenina chávena em que molhava a minúscula tosta. Estava sedutoramente bela, mas pareceu-me também um pouco pensativa.

— Ah, é você, seu maroto! — Com estas palavras e um sorriso distraído me recebeu. — Sente-se, homem leviano, tome café. Então, o que fez ontem? Foi ao baile de máscaras?

— Será que a senhora foi lá? Eu não vou a essas coisas... Além disso, ontem fui visitar o nosso preso...

Suspirei e, pegando na chávena do café, fiz uma cara piedosa.

— Visitou quem? Que preso? Ah, sim! Coitadinho! E então, como está ele, aborrece-se? Sabe uma coisa?... Queria perguntar-lhe... Acha que posso pedir o divórcio agora?

— Divórcio?! — exclamei com indignação, não derramando por pouco o café. «É aquele moreno!», pensei com raiva.

Existia um tal moreno de bigodinho, que prestava serviço na área das construções e que visitava muitas vezes a casa deles, sabendo muito bem fazer rir Elena Ivánovna. Confesso que o odiava, e não tinha dúvidas de que, na véspera, ele tivera tempo de se encontrar com Elena Ivánovna, fosse no baile de máscaras ou, então, fosse mesmo ali, dizendo-lhe todo o género de tolices!

— Mas como não? — apressou-se Elena Ivánovna a dizer, como se tivesse sido ensinada por alguém. — Ele vai ficar ali no crocodilo toda a sua vida, é capaz de nunca mais voltar para casa, e eu tenho de ficar aqui à espera dele!? Um marido é para estar em casa, e não num crocodilo...

— Mas trata-se de um caso imprevisto — comecei eu, tomado de compreensível emoção.

— Ah, não, não me diga isso, não quero, não quero! — gritou ela, já zangada. — O senhor está sempre a contradizer-me, é mau! Consigo é impossível falar-se, já sei que não me dará nenhum conselho! Pessoas de fora já me disseram que o divórcio me será concedido com facilidade, porque Ivan Matvéitch, agora, vai deixar de receber ordenado.

— Elena Ivánovna, Elena Ivánovna! Será mesmo a si que estou a ouvir? — gritei com ênfase. — Que pessoa maldosa lhe pode ter sugerido uma coisa dessas? Além disso, a falta de ordenado como motivo de divórcio não tem qualquer fundamento, é impossível. Ora, o pobre coitado do Ivan Matvéitch arde de amor, por assim dizer, pela sua mulher, mesmo metido nas entranhas daquele monstro. Mais ainda: derrete-se de amor como um pedacinho de açúcar. Ainda ontem à noite, enquanto a senhora se divertia no baile de máscaras, ele mencionou que, em última instância, talvez ele resolvesse, na sua qualidade de legítimo esposo, chamá-la para junto de si, para as entranhas, até porque, ainda por cima, o crocodilo afinal é bastante espaçoso e dá não só para duas pessoas, mas até para três...

Contei-lhe então toda esta parte interessante da minha última conversa com Ivan Matvéitch.

— Como, como?! — exclamou ela, espantada. — O senhor quer que eu me enfie também no buraco onde está o Ivan Matvéitch? Que fantasias! E como é que eu podia entrar lá dentro de chapéu e crinolina? Meu Deus, que estupidez! E que figura é que eu faria se alguém estivesse a olhar quando eu entrasse lá?!... É ridículo! E o que iria eu comer lá dentro?... E... e como faria eu quando... ah, meu Deus, o que eles inventaram!... E que divertimentos há lá?... Diz-me o senhor que lá dentro cheira à goma elástica? E o que faria eu se nos zangássemos lá dentro? Continuava deitada ao lado dele, era? Fu, que nojo!

— De acordo, até estou de acordo com todos esses seus argumentos, minha cara Elena Ivánovna — interrompi-a, desejando exprimir-me com aquele entusiasmo natural que se apodera sempre da pessoa que sente ter a verdade do seu lado —, mas, no meio disso tudo, a senhora não considerou uma coisa: não considerou, não apreciou o facto de ele não poder viver sem a senhora, uma vez que a quer chamar para lá; o que significa amor, amor louco, fiel, ansioso... A senhora não deu valor ao amor, querida Elena Ivánovna, ao amor!

— Não quero, não quero, nem quero ouvir! — Ela abanava a mãozinha bonita em que brilhavam unhas róseas acabadas de lavar e polir com a escovinha. — Mau! Quer que eu chore. Se lhe agrada, meta-se lá o senhor. É amigo dele, então deite-se lá com ele por amizade, e passem o resto da vida a discutir sobre essas ciências aborrecidas...

— A senhora ri-se dessa suposição, mas sem razão — interrompi, com gravidade, a mulher leviana. — Ivan Matvéitch já me convidou para lá. É claro que a senhora é chamada para lá pelo dever, e eu apenas por generosidade; porém, ao falar-me ontem da extraordinária elasticidade do crocodilo, Ivan Matvéitch fez uma insinuação muito clara de que haveria espaço não só para vocês os dois, mas também para mim, na minha qualidade de amigo da família, que caberíamos os três muito bem, bastava eu querer, por isso...

— Como?! Os três?! — gritou Elena Ivánovna, olhando para mim com espanto. — Mas como era que nós... viveríamos lá os três juntos? Ah, ah,

ah! Que estúpidos são os dois! Ah, ah, ah! Eu não ia parar de o beliscar lá dentro, sim, seu mau, ah, ah, ah! Ah, ah, ah!

E, reclinando-se para o espaldar do divã, riu-se até às lágrimas. Tudo aquilo, o riso e as lágrimas, era tão sedutor que eu não aguentei e me lancei a beijar as mãozinhas dela; e ela não resistia, embora me puxasse ligeiramente as orelhas, em sinal de pazes feitas.

Depois ficámos ambos muito animados e eu contei-lhe em pormenor todos os planos explicitados por Ivan Matvéitch no dia anterior. A ideia das receções e do salão aberto agradou-lhe muito.

— Só que vou precisar de muitíssimos vestidos novos — observou —, por isso é necessário que Ivan Matvéitch me mande o mais depressa possível o máximo de dinheiro do ordenado. Só que... só que, como será? — acrescentou, pensativa. — Como é que vão trazê-lo para aqui naquela lata? É muito ridículo. Não quero que me tragam o marido na lata. Ia ter muita vergonha dos convidados... Não quero, não quero, não.

— A propósito, antes que me esqueça: o Timofei Semiónitch visitou-a ontem?

— Ah, sim, visitou, veio consolar-me, e, imagine, passámos o tempo a jogar às cartas. Ele, quando perdia, pagava-me com confeitos, e, quando perdia eu, beijava-me as mãos. Tão maroto, e, imagine, por pouco não foi comigo ao baile! Juro!

— Estava fascinado! — observei. — Também, quem não ficaria fascinado consigo, sua sedutora!

— Calma. Já começou com os seus cumprimentos! Deixe lá que, à despedida, eu belisco-o. Aprendi a beliscar muito bem. Bem vê, não é! Uma coisa: diz o senhor que Ivan Matvéitch falou ontem muitas vezes em mim?

— N-não, nem por isso... Para falar verdade, ele agora pensa mais nos destinos de toda a humanidade e quer...

— Bom, que pense! Não continue! Seria com certeza um tédio terrível. Um dia vou lá visitá-lo. Vou amanhã, sem falta. Hoje não, dói-me a cabeça, e além disso vai estar lá tanto público... E todos a dizerem: é a mulher dele... ia envergonhar-me muito... Até breve. À noite... o senhor vai lá?

— Vou, vou, ele disse-me para eu aparecer e levar os jornais.

— Ainda bem. Vá ter com ele e leia para ele. Não me visite hoje. Estou adoentada, ou talvez vá eu própria fazer alguma visita. Até breve, maroto!

«Hoje à noite vem cá ter com ela o moreno», pensei.

É evidente que, no escritório, não mostrei a ninguém que estava dominado por tantas preocupações e problemas. Não tardei porém em reparar que alguns dos jornais mais progressistas circulavam muito entre os meus colegas, passando rapidamente de mão em mão, e os meus colegas liam-nos com expressões seriíssimas. O primeiro jornal que me veio parar às mãos foi *A Folha*¹¹⁴, jornal sem qualquer tendência especial, tratando humanismo em geral, pelo que era desprezado por quase todos, embora o fossem lendo. Com bastante espanto, li nele o seguinte:

«Ontem, na nossa ampla capital, embelezada por magníficos edifícios, propagaram-se rumores extraordinários. Um tal N..., conhecido gastrónomo da alta sociedade, pelos vistos farto da cozinha do Borel¹¹⁵ e do Clube de ..., entrou no edifício do *Passage* e deparou com um lugar onde se exibia um enorme crocodilo trazido há pouco até à nossa capital, e exigiu que lho cozinhassem para o seu almoço. Chegando a acordo com o proprietário do animal, terá começado logo a devorá-lo (ou seja, não o proprietário, um alemão calmo e propício à exatidão e meticulosidade, mas sim o crocodilo) ainda vivo, cortando fatias suculentas com o canivete e engolindo-as com grande rapidez. A pouco e pouco, todo o crocodilo desapareceu na enorme barriga do senhor, pelo que este já se preparava para comer também o mangusto, permanente companheiro do crocodilo, supondo pelos vistos que aquele seria igualmente saboroso. Não temos nada contra este novo género alimentício, há muito apreciado pelos gastrónomos estrangeiros. Já o tínhamos previsto, inclusivamente. Os lordes e os viajantes ingleses caçam no Egipto muitos crocodilos de uma vez e fazem dos lombos do réptil bifes que comem com mostarda, cebola e batatas. Os franceses, por seu lado, foram para lá com Lessepse¹¹⁶ e preferem as patas assadas nas cinzas quentes, o que, aliás, fazem para aborrecer os ingleses, que se riem deles. Pelos vistos, entre nós apreciar-se-ão ambas as iguarias. Pela nossa parte, estamos contentes com o aparecimento deste novo ramo da indústria, de que tanto carece a nossa poderosa e variada pátria. A seguir a este primeiro crocodilo desaparecido nas entranhas do gastrónomo petersburguense, ser-

nos-ão trazidos centenas deles, dentro de menos de um ano. E, também, porque não aclimatizarmos o crocodilo à nossa Rússia? Se a água do Nevá for demasiado fria para estes interessantes estrangeiros, temos lagos artificiais na capital, e fora de portas há outros rios e lagos. Porque não se pode, por exemplo, fazer a criação de crocodilos em Pargolovo ou em Pávlovsk? Ou em Moscovo, nos lagos artificiais de Préssnia ou no rio Samotioka? Fornecendo pratos agradáveis e saudáveis aos nossos gastrónomos esmerados, poderiam ao mesmo tempo divertir as senhoras que se passeiam nas margens desses lagos e ser edificantes para as crianças em matéria de história natural. Da pele do crocodilo seria possível fabricar estojos, malas, cigarreras e carteiras, e talvez mais de um milhar de rublos em notas enebadas (as preferidas das comerciantes russas) caberia na pele de crocodilo. Esperamos voltar ainda mais uma vez a este tema curioso.»

Embora já pressentisse qualquer coisa neste sentido, o carácter irrefletido da notícia embaraçou-me. Sem ter com quem partilhar as minhas impressões, dirigi-me a Prókhor Sávvitch, sentado à minha frente, depois de ter notado também que este, com *O Cabelo* nas mãos, como que a preparar-se para mo entregar, me seguia com os olhos havia muito tempo. Pegou em *A Folha* e, entregando-me *O Cabelo*, vincou fortemente com a unha o artigo para que, pelos vistos, queria chamar a minha atenção. Este nosso Prókhor Sávvitch era um esquisito: taciturno, velho solteirão, não mantinha qualquer convívio com nenhum de nós, quase não falava com ninguém do escritório, e tinha sempre uma opinião muito própria sobre todas as coisas, opinião que, porém, detestava expor fosse a quem fosse. Vivia sozinho. Quase nenhum de nós ia a casa dele.

Eis o que li na notícia de *O Cabelo* que ele marcara com a unha:

«Todos sabem que somos progressistas e humanistas, e que queremos seguir, neste sentido, a Europa. Porém, apesar de todas as nossas tentativas e dos esforços do nosso jornal, ainda estamos longe da maturidade, como testemunha um facto revoltante ocorrido ontem no *Passage* e que, aliás, já antes tínhamos previsto. Chega à nossa capital um proprietário estrangeiro e traz um crocodilo que exhibe no *Passage*. O nosso jornal saudou de imediato o novo ramo de indústria útil que, em geral, faltava à nossa poderosa e

variada pátria. Mas, de repente, às quatro e trinta da tarde de ontem, entra na loja do proprietário estrangeiro um indivíduo de corpulência extraordinária e, em estado de embriaguez, paga a entrada e, logo a seguir, sem qualquer aviso, mete-se na boca do crocodilo que, obviamente, se vê obrigado a engoli-lo, quanto mais não fosse por razões de sobrevivência, ou seja, para não se engasgar. Tendo caído nas entranhas do crocodilo, o desconhecido adormece de imediato. Nem os gritos do proprietário estrangeiro, nem os berros da assustada família deste, nem as ameaças de recurso à polícia surtem qualquer efeito. De dentro do crocodilo ouvem-se apenas as gargalhadas e a promessa de o submeter a açoitamento (*sic*), enquanto o desgraçado mamífero, obrigado a engolir um volume daqueles, verte lágrimas em vão. Quem não é convidado é pior que o tártaro, diz o povo, mas, apesar do provérbio, o descarado visitante não quer sair. Nem sabemos como explicar semelhantes factos bárbaros que testemunham a nossa imaturidade e nos denigrem aos olhos dos estrangeiros. A bravura da natureza russa tinha encontrado uma digna aplicação para seu proveito. Pergunta-se: o que pretendia o indesejável visitante? Um alojamento quente e confortável? Mas existem na nossa capital muitos prédios excelentes, com apartamentos baratos e muito confortáveis, com água do Nevá canalizada e com as escadas alumiadas a gás, onde os proprietários, não raro, têm um porteiro. Chamamos ainda a atenção dos nossos leitores para a forma bárbara como são tratados os animais domésticos: para o crocodilo forasteiro, é claro, é difícil digerir de uma só vez semelhante massa, e agora está prostrado, inchado como um monte e em sofrimento insuportável, esperando a morte. Desde há muito que na Europa se processa judicialmente o tratamento desumano dos animais domésticos. Porém, apesar da iluminação europeia, dos passeios europeus, da construção europeia das casas, demoraremos ainda muito a libertar-nos dos nossos preconceitos enraizados.

As casas são novas, os preconceitos são velhos...

Aliás, as casas também não são novas, pelo menos as escadas. Por mais de uma vez mencionámos no nosso jornal que no Bairro Peterbúrgskaia, em casa do comerciante Lukiánov, os degraus nas viragens das escadas

apodreceram, caíram e há muito que são um perigo para a mulher do soldado Afímia Skapidárova, criada do comerciante, obrigada a subir inúmeras vezes a escada com água ou braçados de lenha. Por fim, as nossas previsões concretizaram-se: ontem à noite, às oito e meia, a mulher do soldado Afímia Skapidárova caiu no buraco com uma tigela de sopa nas mãos e partiu uma perna. Não sabemos se Lukiánov fará agora reparações nas suas escadas; o russo toma as boas decisões quando já é tarde demais, quando a vítima do “ao deus-dará” russo já foi levada para o hospital. Da mesma forma, não nos cansaremos de afirmar que os varredores que limpam os passeios de madeira no Bairro Viborgskaia não devem enlamear os pés dos transeuntes, mas juntar a lama em montículos, da mesma forma que na Europa, quando se limpam as botas...», etc., etc.

— Como pode ser? — disse eu, olhando com certa perplexidade para Prókhor Sávvitch. — O que significa isto?

— O quê?

— Por amor de Deus, em vez de terem compaixão por Ivan Matvéitch, têm pena do crocodilo.

— Porque não? Tiveram pena até do animal, do *mamífero*. Não somos como a Europa? Lá também têm pena dos crocodilos. Ih, ih, ih!

Dizendo isto, o esquisitão do Prókhor Sávvitch mergulhou nos seus papéis e não proferiu nem mais uma palavra.

Guardei no bolso *O Cabelo* e *A Folha*, e, para divertimento noturno de Ivan Matvéitch, arranjei velhos números do *Notícias* e de *O Cabelo*, tantos quantos consegui encontrar e, embora faltasse ainda muito para chegar à noite, escapei-me do escritório o mais cedo que me foi possível para ir ao *Passage* e ver, mesmo de longe, o que lá se passava, escutando várias opiniões e ideias. Pressentia que ia haver lá um grande aperto e, para o que desse e viesse, escondia melhor a cara atrás da gola levantada do meu capote, porque sentia alguma vergonha não sei de quê — a tal ponto nos falta o hábito de estar em público. Ora bem, mas sinto que não tenho o direito de falar das minhas sensações pessoais e prosaicas por motivo de um acontecimento tão notável e inédito.

[114](#) Em russo, *Listok*. Trata-se da *Folha de Petersburgo*, que começou a ser editado em 1864 e se especializou nas notícias e acontecimentos locais da cidade. (NT)

[115](#) Proprietário de um restaurante caro em Petersburgo. (NT)

[116](#) Ferdinand-Marie Lessepse (1805-1894), engenheiro, homem de negócios e diplomata francês que estava em África em 1854 por motivo da construção do Canal de Suez. (NT)

BOBOK

CADERNOS DE UMA CERTA PESSOA

Trago a público, desta feita, os «cadernos de uma certa pessoa». Não sou eu, é absolutamente outra pessoa. Penso que não é necessário mais qualquer preâmbulo.

Semion Ardaliónovitch disse-me anteontem:

— Diz-me, por favor, alguma vez estarás sóbrio, Ivan Ivánitch?

Estranha exigência. Não me ofendo, sou um homem tímido; no entanto, agora também me tomam por louco. Um pintor, por acaso, fez o meu retrato: «Seja como for, és um literato.» Eu deixei-o pintar-me o retrato e, vejam só, ele exibiu-o em público. Leio: «Venham ver este rosto próximo da loucura.»

Não me importo, mas porque tem de acontecer uma coisa assim, e logo na imprensa? Na imprensa tem de ser tudo digno; exigem-se ideais, enquanto aqui...

Se ao menos dissessem as coisas por alusões, já que têm o estilo para isso. Mas não, já não querem ir por alusões. Hoje em dia estão a desaparecer o humor e o bom estilo, e os insultos são tomados por piadas. Não me ofendo, não sou um literato dos grandes para perder a cabeça com isso. Escrevi uma novela — não ma publicaram. Escrevi um artigo satírico — recusaram-mo. Tenho passado pelas várias redações com artigos satíricos do mesmo género e, por todo o lado, rejeitam-mos: o senhor, dizem eles, não tem sal.

— De que sal precisas? — pergunto eu com ironia. — Talvez ático¹¹⁷?

Nem sequer percebeu. O que eu faço, principalmente, é traduzir do francês para os livreiros. Escrevo também reclamos para os comerciantes: «Uma raridade! Chá vermelho de plantações próprias...» Pelo panegírico a Sua Excelência o falecido Piotr Matvéevitch ganhei uma bolada. Escrevi *A Arte de Ser Amado pelas Senhoras*, por encomenda de um livreiro. Durante

a minha vida lancei seis livrinhos desses. Planeio organizar uma coletânea de *bons mots*¹¹⁸ de Voltaire, mas receio que os nossos vão achar isso inosso. Que Voltaire poderá singrar hoje em dia? Hoje é a moca que vale, não é Voltaire! Partiram os últimos dentes uns aos outros! Pois, é esta toda a minha atividade literária. Sem contar com as cartas que, gratuitamente, mando para as redações, assinadas com o meu nome completo. Faço sermões e dou conselhos, critico e indico o caminho. Na semana passada mandei para uma redação a quadragésima carta no espaço de dois anos; só em selos postais gastei quatro rublos. Tenho um caráter que não presta, é isso.

Acho que o pintor não reproduziu a minha fisionomia tendo em conta a literatura, mas, antes, as duas verrugas que tenho na testa, como se fossem um fenómeno raro. Como não há ideias, eles agora desenvencilham-se com o recurso aos fenómenos. E que bem lhe saíram as minhas verrugas no retrato — como que vivas! Chamam realismo a isso.

Quanto à loucura, no ano passado houve muitos, aqui, que foram inscritos no rol dos malucos. E em que estilo! «Com um talento tão original... e eis que, finalmente, se verificou... aliás, há já muito que era possível prever...» E isto é ainda bastante esmerado; do ponto de vista da arte pura, merece até louvores. Pois é, mas voltaram à carga, ainda mais inteligentes. Isso mesmo, acusar de louco é fácil, mas ainda não tornou ninguém mais inteligente.

O mais inteligente, na minha opinião, é aquele que, pelo menos uma vez por mês, se considera a si mesmo parvo — capacidade inédita nos nossos dias! Dantes, pelo menos, um parvo, nem que fosse uma vez por ano, sabia que era parvo, mas hoje — nada! As coisas até se confundiram a um ponto tal que é impossível distinguir-se quem é parvo e quem é inteligente. Fizeram isso de propósito.

Estou agora a lembrar-me de uma piada espanhola, quando os franceses, dois séculos e meio atrás, construíram lá na terra deles o primeiro manicómio: «Fecharam todos os seus tolinhos numa casa especial para se convencerem a eles mesmos de que eram inteligentes.» É uma perfeita verdade: fechando o outro no manicómio, não provamos a nossa

inteligência. «K. enlouqueceu, o que significa que agora somos inteligentes.» Não, não significa.

Aliás, que diabo... mastigar este meu intelecto para quê? Resmungo, resmungo. Até a criada está farta de mim. Ontem veio cá um companheiro meu que disse: «O teu estilo está a mudar, a ficar entrecortado. Zás, zás... uma oração intercalada, outra intercalada logo agarrada a ela, depois mais qualquer coisa entre parênteses, e outra vez zás, zás...»

O meu companheiro tem razão. Passa-se qualquer coisa estranha comigo. O meu carácter está a mudar, a cabeça dói-me. Começo a ver e a ouvir coisas estranhas. Não são propriamente vozes, é como se estivesse alguém ao meu lado: «Bobok, bobok, bobok!» Qual bobok? Acho que preciso de alguma distração.

Saí para me distrair, mas fui parar a um funeral. De um parente afastado. Conselheiro, aliás, de colégio. Viúva, cinco filhas — todas solteiras. Considerando apenas os sapatos, que despesona! O falecido sabia arranjar meios, mas agora existe apenas uma mísera pensão. Vão meter o rabo entre as pernas. Eu nunca era bem-vindo em casa deles. Nem lá iria hoje, se não fosse esta situação excecional. Acompanhei-as, no meio dos outros, até ao cemitério; elas arredavam-se de mim, muito altivas. A minha farda, de facto, está uma miséria. Há já vinte e cinco anos, acho eu, que não ia a um cemitério; irra, que lugarzinho!

Em primeiro lugar, o cheiro. Enterravam quinze mortos, ou coisa assim. Mantos de vários preços; havia, inclusive, catafalcos: de um general e de uma senhora qualquer. Muitas caras tristes, muita tristeza fingida também, mais ainda muita alegria não disfarçada. O clero não tem de que se queixar: lucra! Mas o cheiro, o cheiro! Eu é que não gostaria de ser padre ali.

Eu espreitava para as caras dos mortos, receoso da minha impressionabilidade. Há expressões meigas, mas há-as também desagradáveis. De uma maneira geral, os sorrisos não são bons, alguns até nem são mesmo nada bons. Não gosto, sonho com eles.

Durante a missa saí da igreja para o ar livre; o dia estava um pouco cinzento mas seco. Também estava frio; mas é Outubro, compreende-se. Passei-me pelo meio dos túmulos. Várias categorias. A terceira categoria é

a trinta rublos: decente e não muito cara. As duas primeiras categorias são dentro da igreja e no adro e, bolas, custam os olhos da cara. Na terceira categoria estavam a ser enterradas desta vez seis pessoas, incluindo o general e a senhora.

Olhei para dentro das campas — um horror: água, e que água! Perfeitamente verde... palavras para quê! O coveiro, a cada instante, tirava a água com o alcatruz. A missa continuava, saí pelo portão, para passear. Ao lado do cemitério há um asilo, um pouco mais longe um restaurante. Razoável, nada mal: petiscos e tudo o resto. Estavam lá muitos do cortejo fúnebre. Reparei que havia bastante animação e uma alegria sincera. Petisquei e bebi um copo.

Depois participei pessoalmente, ajudando a transportar o caixão da igreja até ao túmulo. Por que razão os mortos se tornam tão pesados nos caixões? Dizem que é por causa de uma inércia qualquer, porque o próprio já não controla o corpo... ou outro disparate do género; contradiz a mecânica e o senso comum. Uma coisa de que eu não gosto nada é quando, entre nós, tendo as pessoas apenas o ensino geral, se metem a falar de questões especializadas; isto, entre nós, está muito divulgado. Os civis gostam de opinar sobre matérias militares e, inclusive, sobre os marechais-de-campo, enquanto os diplomados em engenharia opinam sobre filosofia e economia política.

Não assisti ao ofício, celebrado em casa, pela alma do morto. Tenho o meu orgulho, e se eles só me recebem por motivos de força maior, para que haveria de ir aos banquetes deles, mesmo sendo em memória do defunto? Apenas não compreendo porque me deixei ficar no cemitério; sentei-me na pedra de um jazigo e mergulhei nas respetivas reflexões.

Comecei pela exposição de Moscovo, terminei com pensamentos sobre o espanto, sendo este um bom tema em si. Sobre o «espanto» cheguei às seguintes conclusões:

«Espantar-se a gente com tudo é, sem dúvida, uma estupidez; não se espantar com nada é muito mais bonito e, sabe-se lá porquê, é considerado de bom-tom. Porém, no fundo, é improvável que assim seja. Na minha opinião, não se espantar com nada é muito mais estúpido do que espantar-se

com tudo. Além disso: não se espantar com nada é quase o mesmo que não respeitar nada. Também um estúpido é incapaz de respeitar.»

— Antes de mais, desejo respeitar. *Anseio* respeitar — disse-me, há dias, um conhecido meu.

Anseia respeitar! Meu Deus, pensei, o que te aconteceria se te atrevesse a publicá-lo!

Nisto, deu-me o sono. Não gosto de ler inscrições tumulares, são sempre a mesma coisa. Sobre a laje, a meu lado, estavam restos de sandes: que estupidez e que despropósito. Deitei aquilo para o chão, porque não era pão, apenas sandes. De resto, deitar migalhas de pão para a terra não é pecado, se não me engano, mas já para o soalho é pecado. Consultar o calendário de Suvórin.

Pelos vistos, demorei muito tempo sentado ali, até demais; ou seja, até me deitei em cima da laje comprida em forma de caixão de mármore. Como foi que sucedeu que eu comecei a ouvir vozes? A princípio, desprezei aquilo, nem prestei atenção. Porém, a conversa continuou. Pus-me à escuta: os sons eram abafados, como se as bocas estivessem tapadas com almofadas; porém, eram distintas e muito próximas. Acordei, sentei-me e pus-me a ouvir com atenção.

— Não, Excelência, assim é completamente impossível. Vossa Excelência anunciou copas, eu jogo em conformidade, mas de repente vejo que tem o sete de ouros. Quanto aos ouros, era preciso ter combinado comigo antecipadamente.

— Então, como é, jogar ao deus-dará? Qual é a piada?

— É impossível, Excelência, é absolutamente impossível, sem garantias. É necessário ter obrigatoriamente o *joker*, e dar as cartas no escuro.

— Pois, mas é que aqui não se arranja um???

Que palavras presunçosas! Estranho e inesperado. Uma voz imponente, com peso; a outra voz, como que suavemente adocicada; se eu próprio não tivesse ouvido, não acreditaria. Ao banquete fúnebre não assisti. No entanto, que jogo de cartas pode haver aqui e que general é este? Que os sons vinham dos túmulos, disso não havia dúvidas. Inclinei-me e li a inscrição na lápide.

«Aqui jazem os restos mortais do general-major Pervoiédov... cavaleiro das ordens tais e tais.» Humm. «Faleceu em agosto do ano tal... com cinquenta e sete anos de idade... Que descansem em paz os queridos restos mortais, até um amanhã feliz!»

Humm, que diabo, é realmente general! Em cima do outro túmulo donde saía a voz bajuladora ainda não havia monumento; havia apenas uma pequena laje; devia ser um novato. Pela voz, conselheiro áulico.

— Oh, oh, oh, oh! — ouviu-se uma voz nova, a cerca de cinco braças do lugar do general, sob uma campa fresca; a voz era masculina, de homem do povo, mas cheirava a reverência e a enternecimento.

— Oh, oh, oh, oh!

— Ah, está outra vez com um ataque de soluços! — ouviu-se de repente a voz enjoada e altiva de uma senhora irritada, como que da alta sociedade. — Que desgraça ter ficado perto deste lojista!

— Não tive soluços nenhuns, nem sequer tomei qualquer refeição, é apenas a minha natureza. Nunca mais consegue livrar-se dos seus caprichos mundanos, minha senhora.

— Mas porque se deitou aqui?

— Deitaram-me aqui, a minha esposa e os meus filhinhos pequenos é que me deitaram, não fui eu próprio que me prostrei aqui. Mistérios da morte! Porque eu nunca me deitaria ao lado da senhora, nem por todo o ouro do mundo; estou aqui em conformidade com o meu capital e segundo o preço pago. É que sempre estive dentro das nossas possibilidades financeiras pagar o nosso túmulo de terceira categoria.

— Amealhou dinheiro; enganava as pessoas nas contas?

— À senhora é que não podia enganá-la, porque, a partir de janeiro, não abateu nadinha à sua conta. Sim, porque a senhora tem lá uma conta na loja.

— Isso já é estupidez da sua parte; na minha opinião, é muito estúpido reclamar aqui as dívidas! Vá para cima, dirija-se à minha sobrinha, é ela a herdeira.

— Aonde é que posso ir agora e a quem posso dirigir-me? Chegámos ambos ao nosso limite e, pecadores, estamos em pé de igualdade perante o juízo de Deus.

— Pecadores! — arremedou-o com desprezo a falecida. — E não se atreva a falar comigo!

— Oh, oh, oh, oh!

— Olhe que o lojista obedece a Vossa Excelência, minha senhora.

— E porque não obedeceria?

— Já se sabe porquê, Excelência, porque aqui a ordem é outra.

— Qual outra?

— É que nós, por assim dizer, falecemos, Excelência.

— Ah, pois! Mesmo assim, a ordem...

Ora bem, obrigado, esta é boa, nada a dizer! Se as coisas, aqui, chegaram a este ponto, o que podemos esperar do andar de cima? Que coisas, francamente! Continuava, contudo, a ouvir, embora com grande indignação.

— Não, eu ainda gostaria de viver! Não... eu, sabem... eu ainda viveria!
— ouviu-se de repente uma voz nova, algures entre o general e a senhora irritadiça.

— Está Vossa Excelência a ouvir? Este nosso colega volta ao mesmo. Fica calado três dias seguidos, e de repente: «Não, eu ainda gostaria de viver, não, eu viveria!» E com tanto apetite, ih, ih!

— E com tanta leviandade.

— Tem crises disto, Excelência, mas até já dorme, porque ele já adormece por completo, pois está cá desde abril, mas de repente: «Eu ainda viveria!»

— Isto, aliás, é um tédio — observou Sua Excelência.

— É um tédio, sim, Excelência, mas não gostaria Vossa Excelência de gozar ainda um pouco com Avdótia Ignatievna, ih, ih?

— Não, poupe-me. Detesto essa chorona caprichosa.

— Também eu os detesto a ambos — replicou a chorona com repugnância. — São ambos enfadonhos e não sabem falar de matérias ideais. Saiba Vossa Excelência (não se arme em homem importante, por favor) que conheço uma história curiosa: como o senhor foi varrido pelo lacaio, de manhã, de baixo de uma cama de casal.

— Mulher abominável! — resmungou o general entre dentes.

— Mãezinha, Avdótia Ignatievna — vociferou de repente o lojista —, minha querida senhora, diz-me lá, sem guardares rancor: eu estou a cumprir

a minha pena ou está a acontecer outra coisa qualquer?...

— Ah, ele volta ao mesmo, já o pressentia, porque sinto o cheiro dele, o cheiro, está a rebolar-se!

— Não estou, mãezinha, e não tenho nenhum cheiro especial, porque ainda conservo o corpo todo, ao passo que a senhora é que começou na verdade a decompor-se... porque o fedor é realmente insuportável, mesmo pelas normas daqui. Tenho-me calado sobre o assunto apenas por delicadeza.

— Ah, seu maldoso, que ofensa! O senhor farta-se de feder, mas é a mim que culpa.

— Oh, oh, oh, oh! Que chegue o mais depressa possível o quadragésimo dia: ouvirei as vozes lacrimosas por cima de mim, os gritos da minha esposa e o choro baixinho dos meus filhos!

— Ora, para quê tanta saudade: eles chegam, empanturram-se com *kutiá*¹¹⁹ e vão-se embora. Ah, que alguém acorde, ao menos!

— Avdótia Ignatievna — intrometeu-se o funcionário bajulador. — Espere um pouquinho, os novos vão falar.

— Também há jovens?

— Há também os jovens, Avdótia Ignatievna. Até muito novinhos.

— Ah, que bom seria!

— Mas, como é, ainda não acordaram?

— Ainda nem sequer acordaram os de anteontem, Excelência. Sabe que, às vezes, eles também ficam calados durante toda a primeira semana. Ainda bem que anteontem, ontem e hoje trouxeram muitos de uma vez. É que, dez braços à nossa volta, era quase tudo gente do ano passado.

— Sim, é interessante.

— Saiba Vossa Excelência que hoje, por exemplo, fizeram o funeral do conselheiro privado efetivo Tarassévitch. Reconheci as vozes. Conheço o sobrinho dele, ajudou a descer o caixão.

— Humm, mas onde está ele?

— A uns cinco passos de Vossa Excelência, à esquerda. Quase a seus pés... Seria bom se travassem conhecimento.

— Humm, não... não me convém ser o primeiro...

— Ele tomará a iniciativa, Excelência. Vai ficar lisonjeado. Se Vossa Excelência quiser, pode encarregar-me disso, e então eu...

— Ah, ah... ah! O que se passa comigo? — gemeu de repente uma nova vozinha, assustada.

— Um novato, Vossa Excelência, um novato, graças a Deus, e que rápido! Às vezes estão caladinhos durante uma semana inteira.

— Ah, parece que é um jovem! — guinchou Avdótia Ignatievna.

— Eu... eu... foi por causa daquela complicação, e tão de repente! — balbuciou o jovem. — Ainda na véspera o Schulz me tinha dito: o senhor tem uma complicação... e de manhã, de repente, morri. Ah! Ah!

— Pois é, meu jovem, nada a fazer — observou com benevolência o general, pelos vistos contente com o aparecimento do neófito —, tem de se resignar! Bem-vindo ao nosso, por assim dizer, Vale de Josafat. Somos gente boa, agora vai conhecer-nos e gostar de nós. General-major Vassíli Vassíliev Pervoiédov, um seu criado.

— Ah, não! Não, não, não posso... Tratou-me o Schulz; houve uma complicação, primeiro apanhou-me o peito, tinha tosse, mas depois constipei-me: o peito e a gripe... e, de repente, sem contar... o principal foi ser completamente inesperado.

— O senhor diz que, primeiro, foi o peito — intrometeu-se com meiguice o funcionário, desejando animar o novato.

— Sim, o peito, muita expetoração, depois, de repente, para a-expectoração, e é só o peito, não podia respirar... e, sabe...

— Sei, sei. Mas, com o peito, o melhor é ir ao Eck, e não ao Schulz.

— Eu, sabem, até pensava ir à consulta do Bótkin¹²⁰... mas, de repente...

— Bom, mas o Bótkin... queima — observou o general.

— Ah, não, não queima ninguém, ouvi dizer que é muito atencioso e faz belos prognósticos.

— Sua Excelência fez esta observação relativamente aos preços — emendou o funcionário.

— Ah, não, leva apenas três rublos, e examina muito bem, e receita... eu até queria consultá-lo sem falta, porque me disseram... O que é que eu hei de então fazer, meus senhores? Vou ao Eck ou ao Bótkin?

— O quê? Onde? — sacudia-se o cadáver do general, rindo com prazer. O funcionário secundava-o em falsete.

— Querido rapaz, querido rapaz divertido, como gosto de ti! — guinchou a maravilhada Avdótia Ignatievna. — Ah, se deitassem um rapaz assim ao meu lado!

Não, isto é que eu já não posso admitir! É isto o morto moderno! Aliás, vou ouvir mais um bocado e não me vou precipitar a tirar conclusões. Este novato moncoso — lembro-me dele de há pouco, deitado no caixão — tinha a expressão de um frango assustado, a coisa mais repugnante que há no mundo! Mas vamos lá ver o que se segue.

O que se seguiu, porém, foi uma algazarra tal que nem sequer guardei tudo na memória, porque acordaram muitos de uma vez: acordou um funcionário, conselheiro de Estado, e pôs-se imediatamente a conversar com o general sobre o projeto de uma nova subcomissão no Ministério dos Negócios Estrangeiros e sobre a provável remoção, ligada com a subcomissão, de funcionários, com que divertiu bastante o general. Confesso que eu próprio fiquei a saber muita coisa nova, pelo que me surpreendo com os caminhos pelos quais é possível, às vezes, informarmos nesta capital das notícias administrativas. Depois, semiacordou um engenheiro, mas ainda continuou a murmurar uns absurdos quaisquer, pelo que os nossos não o incomodaram, antes o deixaram, por enquanto, de molho. Por fim, manifestou alguns sinais de animação tumular a senhora fidalga que havia sido enterrada hoje debaixo do catafalco. Lebeziátnikov (porque o conselheiro áulico bajulador e odiado por mim, ao lado do general Pervoiédov, tinha o nome de Lebeziátnikov) azafamava-se e espantava-se muito pelo facto de todos, desta vez, acordarem tão cedo. Na verdade, também fiquei surpreendido; aliás, alguns dos enterrados eram de dois dias atrás, como, por exemplo, uma menina muito nova, de cerca de dezasseis anos, mas que não parava de soltar risinhos... risinhos abomináveis e lascivos.

— Excelência, o conselheiro privado Tarassévitch está a acordar! — anunciou de repente Lebeziátnikov, muito afobado.

— Hã? O quê? — ciciou de súbito, com voz enojada, o conselheiro privado. Nos sons da sua voz havia qualquer coisa de caprichoso e autoritário. Escutei com curiosidade, porque nos últimos dias tinha ouvido algo sobre este Tarassévitch (algo de escandaloso e extremamente preocupante).

— Sou eu, Excelência, por agora sou apenas eu.

— Qual é o pedido, o que deseja?

— Unicamente saber da saúde de Vossa Excelência; por falta de hábito, todos no início se sentem como que num aperto... O general Pervoiédov desejaria ter a honra de travar conhecimento com Vossa Excelência e tem a esperança de...

— Não ouvi falar.

— Por amor de Deus, Excelência, o general Pervoiédov, Vassíli Vassilievitch...

— É você o general Pervoiédov?

— Não, Excelência, sou apenas o conselheiro áulico Lebeziátnikov, um seu criado; ora, o general Pervoiédov...

— Disparate! E peço-lhe que me deixe em paz.

— Deixe lá — interrompeu finalmente o general Pervoiédov, com dignidade, o seu cliente tumular.

— Ele ainda não acordou, Excelência, é preciso ter isso em conta; é por falta de hábito; quando acordar, então vai encarar as coisas de outra maneira...

— Deixe lá — repetiu o general.

— Vassíli Vassilievitch! Eh, Excelência! — gritou alto e arrebatadamente uma voz completamente nova, mesmo ao lado de Avdótia Ignatievna, uma voz senhorial e atrevida, com a pronúncia cansada, de acordo com a moda, e articulando as palavras com descaro. — Há duas horas que os observo a todos; é que estou deitado há três dias; lembra-se de mim, Vassíli Vassilievitch? Klinévitch, encontrámo-nos em casa dos Volokônski, onde, não sei porquê, também deixavam entrar o senhor.

— Como? Conde Piotr Petróvitch... será que o conde... nesta idade jovem... Lamento muito!

— Eu próprio lamento, só que tanto me faz, e desejo tirar de tudo o maior proveito. E não sou conde, mas barão, apenas barão. Somos uns barõezinhos tinhosos, provenientes não sei de que lacaios, nem sei por que o somos, estou-me nas tintas. Sou apenas um velhaco da pseudo-alta sociedade e sou considerado *cher polisson*¹²¹. O meu pai é um generalzeco qualquer, e a minha mãe, em tempos, era recebida *en haut lieu*¹²². No ano passado, com o judeu Zifel, troquei por cinquenta mil as notas falsas e denunciei-o depois, mas Iulka Charpentier de Lusignan levou todo o dinheiro para Bordéus. E imaginem que já estava noivo: da Chevalévskiaia, faltam-lhe três meses para os dezasseis anos, ainda está no internato, dão-lhe um dote de noventa mil, ou coisa assim. Avdótia Ignatievna, lembra-se como me depravou, uns quinze anos atrás, ainda eu era um pajem de catorze anos?...

— Ah, és tu, malandro, pelos menos Deus mandou-me para o pé de ti, senão isto aqui...

— Não teve razão em suspeitar de que o fedor era do seu vizinho negociante... Eu limitei-me a estar caladinho e a rir-me. O cheiro é de mim, fizeram-me o funeral com o caixão fechado.

— Ah, que nojento! Mesmo assim, estou contente. Nem vai acreditar, Klinévitch, nem vai acreditar, quanta falta de vida e de espírito vai por aqui.

— Pois é, pois é, e eu tenciono organizar aqui alguma coisinha original. Vossa Excelência (não estou a falar consigo, Pervoiédov), é com o outro Vossa Excelência, senhor Tarassévitch, conselheiro privado! Responda! Sou Klinévitch, que o levou na Quaresma à *Mademoiselle Furis*, está a ouvir?

— Estou a ouvi-lo, Klinévitch, e tenho muito prazer, acredite...

— Não acredito nadinha, e estou-me nas tintas. A sério, querido ancião, que gostaria de o beijar, mas, graças a Deus, não posso. Sabiam, meus senhores, o que fez este *grand-père*¹²³? Morreu anteontem ou há três dias, e, imaginem, deixou um buraco de quatrocentos mil rublos nos dinheiros públicos por causa de um desfalque que fez! Era uma verba destinada a viúvas e órfãos, mas, sabe-se lá porquê, tratava disso sozinho, havia oito anos que não lhe apareciam os inspetores à frente. Posso imaginar as caras pasmadas que eles têm agora e o que dizem dele! Uma ideia aliciante, não é verdade? Durante todo o último ano, fartei-me de me espantar: como era

que um velho gotoso de setenta anos guardava ainda tantas forças para a depravação... e agora tenho a resposta! Esses órfãos e essas viúvas... só o pensar neles dava-lhe ânimo!... Havia muito tempo que eu sabia disso, era o único a sabê-lo, foi a Charpentier quem me contou; então, mal soube amigavelmente, na altura da Quaresma: «Passa para cá vinte e cinco mil, senão amanhã mesmo terás uma inspeção à porta»; então, imaginem, ele tinha apenas treze mil disponíveis naquele momento, pelo que agora morreu muito atempadamente, ao que parece. *Grand-père, grand-père*, está a ouvir?

— *Cher Klinévitch*, estou absolutamente de acordo consigo, e não valia a pena... o senhor entrar nesses pormenores. Na vida há tantos sofrimentos, tantos tormentos e tão poucas recompensas... e eu, finalmente, desejei acalmar-me, e, segundo penso, tenho a esperança de aproveitar também tudo aqui...

— Aposto que já está a farejar a Catiche Berestova!

— Qual?... Qual Catiche? — tremeu lascivamente a voz do ancião.

— Ah, ah, qual Catiche? Aqui, à esquerda, a cinco passos de mim, a dez de si. Já vai no quinto dia que ela está cá, e se soubesse, *grand-père*, que canalhinha ela é... de boas famílias, educada e... um monstro, um monstro incrível! Ali, nunca a mostrei a ninguém, só eu é que sabia... Catiche, responde!

— Ih, ih, ih! — respondeu uma voz rouca de rapariga, mas donde soava qualquer coisa como picadas de agulha. — Ih, ih, ih!

— E é loi-ri-nha? — balbuciou o *grand-père* em três sílabas entrecortadas.

— Ih, ih, ih!

— Há muito... que eu — balbuciou o ancião, ofegando — tive um sonho com uma loirinha de quinze anos... e precisamente neste ambiente...

— Ah, seu monstro! — exclamou Avdótia Ignatievna.

— Chega! — resolveu Klinévitch. — Estou a ver que o material é excelente. Vamos organizar aqui as coisas às mil maravilhas. O principal é passarmos aqui o resto do tempo de maneira divertida. Mas que tempo? Psst, você aí, funcionário, Lebeziátnikov ou lá como é, ouvi chamarem-lhe assim.

— Lebeziátnikov, conselheiro áulico, Semion Evséitch, um seu criado, e tenho muito-muito-muito prazer.

— Não me interessa que tenha prazer, mas parece que o senhor conhece tudo aqui. Diga-me, em primeiro lugar (já desde ontem que isto me espanta), como é possível que nós, aqui, possamos falar? É que já morremos, e mesmo assim falamos; parece que também nos mexemos, e, no entanto, não falamos nem nos mexemos! Que truques são estes?

— Se o barão não se importasse, Platon Nikoláevitch poderia explicar-lhe melhor do que eu.

— Qual Platon Nikoláevitch? Vá, depressa, sem rodeios?

— Platon Nikoláevitch, o nosso filósofo local, naturalista e mestre em ciências naturais. Já lançou vários livros filosóficos, mas há três meses que está a adormecer por completo, de maneira que se torna impossível animá-lo. Uma vez por semana murmura algumas palavras que não têm nada que ver com o assunto.

— Vá direito ao que interessa!

— Ele explica tudo isso por um facto muito simples, isto é, pelo facto de que lá em cima, enquanto estávamos ainda vivos, por engano considerávamos a morte como morte, lá. Ora, aqui, o corpo como que ressuscita, concentram-se os restos de vida que há em nós, mas só na consciência. O que é (não sei exprimi-lo) uma continuação da vida como que por inércia. Na opinião dele, tudo está concentrado algures na consciência e continua ainda por mais dois ou três meses... às vezes por meio ano... Há aqui, por exemplo, um indivíduo que está quase completamente decomposto, mas, uma vez em cada seis semanas, ainda murmura de repente uma palavra, sem sentido, é claro, sobre um bobok qualquer: «Bobok, bobok». Mas significa que também nele a vida ainda arde como uma fásca impercetível...

— Bastante estúpido. Mas como é que eu, sem ter olfato, sinto o fedor?

— Isso... eh, eh, eh!... Neste aspeto o nosso filósofo foi como se entrasse no nevoeiro cerrado. Referiu-se precisamente ao olfato dizendo que, aqui, o fedor que se sente é, por assim dizer, moral... eh, eh! É o fedor da alma para que, supostamente, a pessoa se possa arrepender nos dois ou três meses derradeiros... e que é, por assim dizer, a última misericórdia... Só que me

parece, barão, que tudo isso já é um delírio místico, aliás perdoável na situação dele...

— Está bem, chega, tenho a certeza de que a seguir só aí vêm mais disparates. O principal é que são dois ou três meses de vida e, no final, bobok. Sugiro que passemos todos estes dois meses da maneira mais agradável possível e, para isso, temos de admitir princípios diferentes. Meus senhores! A minha proposta é que não tenhamos vergonha de nada!

— Ah, sim, vamos deixar de ter vergonha! — ouviram-se muitas vozes, e, coisa estranha, entre elas algumas novas, ou seja, as dos que entretanto tinham acordado. Com uma prontidão extraordinária, ribombou a voz de baixo do engenheiro já completamente acordado. A menina Catiche soltou risinhos alegres.

— Ah, como eu quero tanto não ter vergonha nenhuma! — exclamou com entusiasmo Avdótia Ignatievna.

— Já que a própria Avdótia Ignatievna não quer ter vergonha, então...

— Não, não, não, Klinévitch, eu, lá, tinha vergonha, seja como for ainda tinha vergonha, mas aqui tenho um desejo louco de não ter vergonha de nada!

— Compreendo, Klinévitch — sou a voz de baixo do engenheiro —, que sugira que se organize uma vida aqui, por assim dizer, à luz de princípios novos, racionais.

— Bom, estou-me nas tintas para isso! Para essas coisas vamos esperar pelo Kudeiárov, que trouxeram ontem. Ele, quando acordar, explica-lhes tudo. É uma personalidade gigantesca! Amanhã, salvo erro, vão trazer mais um naturalista, e também com certeza um oficial, e também, se não me engano, dentro de três ou quatro dias virá um autor de artigos satíricos, talvez na companhia do redator. Aliás, prò diabo com eles, o que interessa é que vamos ter aqui um grupo nosso e tudo se arranjará por si. Para já, gostaria que ninguém mentisse. É a única coisa que desejo, porque isso é o principal. No mundo é impossível viver sem mentir, porque a vida e a mentira são sinónimos; ora, nós aqui, por gozo, não vamos mentir. Diabos, o túmulo tem de significar alguma coisa! Vamos todos contar em voz alta as nossas histórias e já não ter vergonha de nada. Eu serei o primeiro a falar de mim. Eu sou, fiquem sabendo, da classe dos voluptuosos. Tudo isso, lá em

cima, estava atado com cordas podres. Pois bem, fora com as cordas, vivamos estes dois meses na verdade mais desavergonhada! Desnudemo-nos!

— Tudo nu, tudo nu! — gritaram todas as vozes.

— Eu quero muito, muitíssimo, desnudar-me! — guinchava Avdótia Ignatievna.

— Ah... ah... Ah, já vi que isto aqui vai ser divertido; já não quero ir à consulta do Eck!

— Não, eu ainda gostaria de viver, ainda viveria!

— Ih, ih, ih! — soltava a Catiche os seus risinhos.

— O principal é que ninguém nos pode proibir, e embora, pelo que vejo, o Pervoiédov esteja zangado, não me pode deitar a mão. *Grand-père*, está de acordo?

— De acordo, perfeitamente de acordo e com um prazer enorme da minha parte, mas com a condição de a Catiche ser a primeira a contar a sua bi-o-grafia.

— Protesto! Protesto com veemência — proferiu com firmeza o general Pervoiédov.

— Excelência! — balbuciava o velhaco Lebeziátnikov com uma emoção apressada e baixando a voz, tentando convencê-lo. — Excelência, até é vantajoso para nós concordarmos. Esta miúda, aqui, sabe... e, afinal, todas estas coisinhas...

— A miúda está bem, digamos que sim, mas...

— Creia Vossa Excelência que é vantajoso, que é mais vantajoso! Nem que seja pela experiência, ao menos experimentemos...

— Nem no túmulo há sossego!

— Em primeiro lugar, o general joga à *préférence* no túmulo, em segundo lugar estamo-nos nas tintas para si — escandiu Klinévitch.

— Excelentíssimo senhor, não passe das marcas.

— O quê? Não me pode deitar a mão, por isso eu, aqui, posso gozar tanto consigo como com o *caniche* da Charpentier, a francesa. Além disso, meus senhores, que general é ele aqui? Lá fora ele era general, mas aqui é zero!

— Não, não sou zero... eu, também aqui...

— Aqui, o senhor vai apodrecer no caixão, e o que vai sobrar de si são seis botões de cobre.

— Bravo, Klinévitch, ah, ah, ah! — rugiram as vozes em coro.

— Servi o meu imperador... a minha espada...

— A sua espada é só para picar ratos, e além disso nunca a desembainhou.

— Não interessa, fui uma parte do total.

— Há todo o género de partes do total.

— Bravo, Klinévitch, bravo, ah, ah, ah!

— Não percebo que raio é isso da espada — declarou o engenheiro.

— Esfrangalhados, fugiremos dos prussianos como ratos! — gritou uma voz longínqua e desconhecida para mim, mas exultante de alegria.

— A espada, meu caro senhor, é honra! — gritou o general, mas só eu o ouvi. Levantou-se um rugido longo e desenfreado, uma vozearia, uma revolta, e apenas se distinguiam os guinchos de Avdótia Ignatievna, impacientes até à histeria.

— Depressa, vamos começar! Ah, quando é que começamos a não ter vergonha de nada?

— Oh, oh, oh! Na verdade anda a alma em penitência! — ouviu-se uma voz de homem do povo, mas...

Mas, nisto, espirrei. Aconteceu de repente e sem intenção, mas o efeito foi impressionante: tudo se calou como num cemitério, tudo desapareceu como um sonho. Caiu um silêncio verdadeiramente sepulcral. Não acho que tenha sido por terem vergonha de mim, já que tinham decidido não ter vergonha de nada! Esperei cerca de cinco minutos e... nem uma palavra, nem um som. Também era difícil supor-se que tivessem medo de ser denunciados à polícia, porque, na verdade, o que poderia fazer aqui a polícia? Concluo involuntariamente que, em qualquer caso, deviam estar na posse de um qualquer segredo desconhecido dos mortais e que eles escondiam religiosamente de qualquer ser vivo.

«Pois bem, meus queridos — pensei —, ainda vos hei de visitar», e com estas palavras abandonei o cemitério.

Não, não posso admiti-lo, francamente, não posso! O bobok não me atrapalha (ei-lo, o bobok, onde ele está!).

A depravação que grassa neste lugar, a depravação das últimas esperanças, a depravação de cadáveres flácidos e putrefactos! Sem poupar, sequer, os últimos instantes da consciência! Estes instantes foram-lhes dados, foram-lhes doados, mas... E, sobretudo, sobretudo num lugar destes! Não, não posso aceitá-lo!

Vou visitar as partes do cemitério de outras categorias, vou ouvir por todo o lado. É mesmo necessário ouvir por todo o lado, e não apenas num sítio, para formar uma opinião. Para ver se encontro qualquer coisa que sirva também de consolação.

E ainda volto a estes, sem falta. Prometeram as suas biografias,-historietas. Fu! Mas volto cá, volto sem falta, é uma questão de consciência!

Levo tudo à *Grajdantin*¹²⁴, foi lá que expuseram o retrato de um redator. Se calhar, publicam.

¹¹⁷ Expressão que significa humorismo fino. (NT)

¹¹⁸ Ditos espirituosos (fr.). (NT)

¹¹⁹ Papas com passas de uva e mel que são levadas para a igreja no dia da missa do corpo presente e que são servidas depois do funeral. (NT)

¹²⁰ S. P. Bótkin (1832-1889) foi um grande médico e cientista russo, um dos fundadores da medicina clínica científica. (NT)

¹²¹ Caro meliante (fr.). (NT)

¹²² Em alto lugar (fr.). (NT)

¹²³ Avô (fr.). (NT)

¹²⁴ *Grajdantin* («Cidadão») era uma revista semanal reacionária (desde 1871), com participação de Dostoiévski que, a partir de 1873, passou a redator da revista. (NT)

MENINO NUMA FESTA DE NATAL

O miúdo que andava à mãozinha

As crianças são gente estranha que nos aparece nos sonhos e nas visões. Antes da quadra natalícia e na própria véspera de Natal, eu encontrava muitas vezes na rua, a uma esquina, um rapazinho dos seus sete anos, não mais. Fazia um frio de rachar, terrível, mas o garoto vestia quase como no verão, apenas embrulhando à volta do pescoço uns farrapos quaisquer; portanto, alguém o agasalhava para o mandar para a rua. Andava «à mãozinha», termo técnico que significa pedir esmola. O termo foi inventado pelos próprios rapazes. Há muitís-simos como ele, que se nos metem à frente do caminho e uivam qualquer coisa decorada; mas este não uivava, falava de maneira inocente e natural e olhava-me nos olhos com confiança; portanto, estava em início de carreira. Às minhas perguntas, respondeu que tinha uma irmã, desempregada e doente; talvez fosse verdade. Mais tarde vim a saber que estes meninos são aos bandos e que são postos «à mãozinha», nem que o frio seja terrível, e que, se não conseguirem arranjar nada espera-os com certeza o espancamento. Depois de juntar uns copeques, o rapazinho volta, de mãos vermelhas e enregeladas, para uma cave qualquer onde está a embebedar-se uma corja de «pessoal da ganga», desses que «tendo largado o trabalho no sábado, não voltam a ele antes de quarta-feira à tarde». Ali, nesses covis, embebedam-se com eles as suas mulheres famintas e espancadas, ao lado piam as suas crianças de peito também esfomeadas. Vodca, imundície, depravação, mas sobretudo vodca. O garoto, quando chega com os copeques da pedincha, é logo mandado à taberna buscar mais álcool. Por divertimento, também a ele lhe vertem às vezes alguma vodca na boca e riem-se quando ele, de respiração entrecortada, tomba no chão quase desmaiado.

... e impiedoso vertia-me
na boca a vodca abominável...

Quando o miúdo cresce um pouco, metem-no rapidamente nalguma fábrica, mas tudo o que ganhar será obrigatoriamente entregue ao mesmo «pessoal da ganga» para a bebedeira. Porém, ainda antes da fábrica, essas crianças tornam-se verdadeiros delinquentes. Vagueiam pela cidade e conhecem os lugares nas caves onde podem penetrar e pernoitar sem serem vistos. Um deles dormiu várias noites no cubículo de um guarda-portão, dentro de um cesto, e o guarda nem chegou a reparar nele. Tornam-se ladrões, evidentemente. O roubo já é uma paixão mesmo para crianças de oito anos, às vezes sem terem a consciência de que cometem um ato criminoso. Acabam por suportar tudo — o frio, a fome, os espancamentos — apenas com o fito numa coisa, a liberdade, e fogem do seu «pessoal da ganga» para enveredarem por uma vagabundagem já independente. Esta criatura selvagem, às vezes, não compreende nada — onde vive, a que nação pertence, se Deus existe, se o czar existe; contam-se coisas inacreditáveis destes miúdos, contudo são factos reais.

O menino na festa do Natal de Cristo

Como sou romancista, parece que inventei uma «história». Porque escrevo «parece»? Sei bem que a inventei, mas afigura-se sempre que ela aconteceu num certo lugar, em certo dia, ou antes, precisamente na véspera do Natal, em *certa* cidade enorme e durante um frio terrível.

Imagino que havia um rapaz muito pequeno numa cave, de seis anos ou ainda mais pequeno. O rapaz, numa manhã húmida e fria, acordou na sua cave. Vestia apenas uma batinha e tremia. Saía-lhe da boca um bafo de vapor branco, e ele, sentado no canto, em cima de uma arca, aborrecia-se e soprava o vapor de propósito, divertindo-se a vê-lo sair. Mas estava com muita fome. Logo de manhã, por várias vezes, já se aproximara do catre em que a mãe doente estava deitada numa esteira e com uma trouxa debaixo da cabeça. Como veio ela parar aqui? Chegara pelos vistos de outra cidade, com o filho, e de repente adoecera. A senhoria tinha sido levada pela polícia dois dias antes; os inquilinos dispersaram-se, era a quadra das festas; só um dos do «pessoal da ganga» estava lá, prostrado de bêbado como um morto havia já vinte e quatro horas, sem dar atenção às festas. Noutra canto do quarto gemia de dores reumáticas uma velha octogenária, antiga ama-seca numa casa qualquer, deitada no leito da morte solitária, queixosa, gemebunda e a resmungar com o miúdo que já tinha medo de se aproximar muito do canto dela. Encontrou, algures no átrio, água para beber, mas não encontrou uma côdea para comer, e já era a décima vez que se aproximava para acordar a mãe. Por fim, começou a sentir pavor da escuridão: havia muito que escurecera mas ninguém acendia as velas. Ao mexer na cara da mãe, espantou-se por ela não se mexer e por estar fria como a parede. «Está muito frio aqui», pensou ele, e ficou um pouco parado, deixando, inconscientemente, a mão esquecida no ombro da morta; depois soprou para os dedinhos, tentando aquecê-los e, de repente, tendo encontrado às

apalpadelas o seu boné em cima do catre, foi devagarinho, na escuridão, para a saída da cave. Teria saído ainda antes, mas tinha medo de um cão grande que, durante todo o dia, uivava em cima, nas escadas, à porta dos vizinhos. O cão já não estava lá, e o miúdo saiu para a rua.

Meu Deus, que cidade! Nunca antes ele vira nada de parecido. Lá, donde ele viera, fazia muito escuro de noite, havia só um lampião em toda a rua. As casas de madeira baixinhas tinham as portadas fechadas; mal caía a noite, não se via ninguém, as pessoas metiam-se dentro das casas, apenas os cães uivavam, matilhas de cães, centenas, milhares deles, a uivarem e a ladrarem toda a noite. Mas, lá, havia calor e davam de comer, e aqui... meu Deus, que me apetece tanto comer alguma coisa! E há tanto barulho aqui, estrondos, tanta luz, cavalos e coches, e frio, frio! Levanta-se um vapor gélido sobre os cavalos esfalfados, dos focinhos sai-lhes bafo quente, tinem as ferraduras nas pedras cobertas de neve, anda toda a gente aos empurrões, e, meu Deus, que fome, nem que fosse um bocadinho qualquer, e de repente começaram-me a doer muito os dedos. Passou ao lado um polícia e virou a cabeça para não olhar para o miúdo.

Outra rua — ah, que larga! Aqui de certeza que atropelam a gente; como eles gritam, correm, tantos coches, tanta luz, tanta luz! E isto o que é? Oh, que vidro tão grande, e atrás do vidro uma sala, e na sala uma árvore até ao teto! É a árvore de Natal, e tantas luzes na árvore, e tantos papelinhos dourados e tantas maçãs, e por todo o lado bonequinhos, cavalinhos; e crianças a correr na sala, todas apinocadas, todas limpinhas, riem-se e brincam e comem e bebem. Eis uma menina que começou a dançar com um rapaz, que linda! E ouve-se a música através do vidro. O rapaz olha, espanta-se e ri-se, mas doem-lhe os dedos, dos pés e das mãos, ficaram roxos, já não se dobram e doem-lhe quando os mexe. O miúdo pensou então, de repente, que lhe doíam muito os dedos, e chorou, e correu mais adiante pela rua, e viu de novo, por outro vidro grande, uma sala, árvores, mas nas mesas há bolos, variados: de amêndoa, vermelhos, amarelos, e estão lá quatro ricas senhoras, e dão bolos a quem entra, e a porta abre-se a cada instante e entram muitos senhores. O rapaz aproximou-se, abriu a porta e entrou. Ui, como gritaram com ele, como abanaram as mãos! Uma senhora aproximou-se dele e meteu-lhe na mão um copeque, abriu-lhe a

porta para a rua. Como se assustou! O copeque caiu e tilintou nos degraus: não podia dobrar os dedos inteiriçados e vermelhos para o segurar. Saiu e pôs-se a andar depressa, depressa, mas não sabia para onde. Apetecia-lhe outra vez chorar, mas tinha medo e corria, corria e soprava nos dedos. E ficou muito aflito, porque se sentiu de repente sozinho e assustado, e de chofre, meu Deus, o que era aquilo outra vez? Está lá uma multidão de pessoas. A admirar isto: atrás da vidraça há três bonecos pequenos, todos apinocados com roupas vermelhas e verdes, tal e qual como se estivessem vivos! Está lá um velho que toca um violino grande, há mais dois de pé que tocam violinos pequenos, e abanam todos as cabecinhas ao ritmo da música, e olham uns para os outros, e os lábios deles mexem, e falam, falam mesmo, só que não se ouve através do vidro. E o miúdo, a princípio, pensou que estavam vivos, mas, quando adivinhou que eram bonecos, riu-se de repente. Nunca na vida tinha visto bonecos assim nem sabia que existiam! Apetecia-lhe chorar, mas também era tão engraçado ver os bonecos! De repente pareceu-lhe que alguém lhe puxava pela bata, atrás dele: estava ao pé dele um rapaz grande e mau que lhe deu, sem mais nem menos, um murro na cabeça, arrancou-lhe o boné e assestou-lhe um pontapé. O miúdo rolou pelo chão, toda a gente gritava, e ele, muito aturdido, levantou-se e deitou a correr muito, e então, sem saber onde nem porquê, entrou para um pátio por baixo do arco e sentou-se atrás de uma rima de lenha: «Aqui não me encontram, é escuro.»

Sentou-se, encolheu-se, não conseguia recuperar o fôlego por causa do medo, e de repente, mesmo de repente, sentiu-se muito bem: as mãos e os pés deixaram de lhe doer, e estava ali tanto calor, tão quentinho como no catre do fogão; e estremeceu: ah, estava quase a dormir! Que bom adormecer ali: «Fico aqui um bocado e depois vou outra vez ver os bonecos — pensou e sorriu, lembrando-se —; são tal e qual como se estivessem vivos!...» Então, de súbito, ouviu a mãe a cantar-lhe uma cantiga. «Mamã, estou a dormir, é tão bom dormir aqui!»

— Pequenito, vem comigo ver a minha festa da árvore de Natal — sussurrou-lhe uma voz baixinha.

Primeiro pensou que era a mãe, mas não, não era ela; quem o chamava, então? Ele não via, mas alguém se inclinou sobre ele e o abraçou na

escuridão, e o miúdo estendeu-lhe a mão e... de repente — oh, que luz! Oh, que árvore! Aquilo nem é uma árvore, nunca ele tinha visto árvores assim! Onde estará? Tudo brilha, tudo é luz, por todo o lado há bonequinhos... mas não: são rapazes e raparigas, só que são tão claros, e todos giram à volta dele, e voam, e todos lhe dão beijos, e pegam nele, e levam-no, e ele também voa, e vê: a mamã a olhar para ele e a rir de felicidade.

— Mamã, mamã! Ah, que bom estares aqui, mamã! — grita-lhe o miúdo, e beija de novo os outros meninos, e conta-lhes logo sobre os bonecos atrás do vidro. — Quem sois vós, rapazinhos? Quem sois vós, raparigas? — pergunta, rindo-se de amor por eles.

— É a «festa do Natal de Cristo» — responderam-lhe. — Neste dia, Cristo faz sempre a festa da árvore de Natal para os pequeninos que não têm a sua própria árvore... — E soube o menino que estas crianças eram todas como ele, mas umas gelaram ainda nos cestos em que foram abandonadas nas escadas, à porta dos funcionários petersburguenses, outras asfixiaram-se quando estavam com as amas finlandesas a quem os orfanatos entregaram para serem amamentadas, outras morreram ao peito seco das mães durante a grande fome de Samara, outras sufocaram no fedor das carruagens de terceira classe, e agora estão todas aqui, como anjos, todas estão com Cristo, e o próprio Cristo está no meio delas, e estende as mãos para elas, e abençoa-as e abençoa as suas mães pecadoras... E as mães destas crianças também estão aqui, ao lado, e choram; cada mãe reconhece o seu filho, ou a sua filha, que se aproxima dela a voar e a beija, lhe limpa as lágrimas do rosto com as mãozinhas e lhe pede que não chore, porque está muito bem...

No pátio, os guarda-portões encontraram de manhã o corpo pequenino do miúdo que se escondera atrás da lenha e aí gelara; encontraram também a mãe dele... Essa morrerá ainda antes do filho; encontraram-se no céu, junto a Deus.

Para que inventei esta história tão inadequada a um diário normal e razoável, ainda por cima do escritor? Eu, que prometi escrever principalmente sobre acontecimentos reais! Mas é mesmo assim, sempre me pareceu que isto poderia acontecer na realidade — ou seja, o que aconteceu na cave e por trás do monte de lenha — já que, aquilo da festa do

Cristo... nem sei que vos diga. Poderia acontecer ou não? Para isto sou romancista — para inventar.

O MUJIQUE MAREI

Acho que é muito aborrecido ler todas estas *professions de foi*, por isso contar-vos-ei uma história que, aliás, nem sequer é uma história; é simplesmente uma recordação longínqua que, não sei porquê, me apetece muito contar precisamente aqui e agora, como conclusão do nosso tratado sobre o povo. Naquela altura, eu tinha apenas nove anos... mas não, é melhor começar na altura em que eu tinha vinte e nove anos de idade.

Era o segundo dia santo da festa. O ar era tépido, o céu azul, o Sol ia alto, quente, brilhante, mas havia soturnidade na minha alma. Eu andava a vaguear por trás das casernas, olhava para as estacas da sólida paliçada da prisão, mas, embora fosse meu hábito contá-las, nesse momento não me apetecia. Estava-se pois no segundo dia da festa na prisão; os grilhetas não eram levados para os trabalhos, havia muitos bêbados, pragas por todo o lado e a cada minuto explodiam rixas. Cantigas feias, abomináveis, grupos a jogarem às cartas debaixo dos catres, vários presidiários já espancados quase até à morte, por excessos de violência ou por sentença dos próprios camaradas, prostrados nos catres e cobertos com samarras até que ressuscitassem, recuperassem os sentidos; as facas já tinham sido tiradas por várias vezes — tudo isto, durante esses dois dias da festa, mortificou-me até ficar doente. Se nunca suportei sem repugnância o desvario do povo bêbado, então aqui, neste lugar, ainda menos. Nestes dias, nem as autoridades entravam nas casernas, não faziam buscas, não procuravam álcool, percebendo que era necessário dar também a estes párias, uma vez por ano, a liberdade de pandegarem à vontade; se não fosse assim, seria pior. Acabou por se acender a raiva no meu coração. Encontrei o polaco M...cki, do grupo dos presos políticos; olhou sombriamente para mim, os olhos dele chisparam, os lábios tremeram: «*Je hais ces brigands!*»¹²⁵, disse-me a meia-voz, rangendo os dentes, e passou ao lado. Voltei à caserna, apesar de, um quarto de hora antes, ter saído de lá em grande precipitação quando seis homens robustos se atiraram ao tártaro Gázin e começaram a espancá-lo para lhe acalmarem a bebedeira; as pancadas com que lhe batiam desvairadamente poderiam matar um camelo; mas sabiam que era

difícil matar um Hércules daqueles, por isso batiam sem receio. Agora, de volta à caserna, reparei que, ao fundo, num catre do canto, jazia Gázin, sem sentidos e sem sinais de vida; estava deitado, coberto com a samarra, e os outros rodeavam-no em silêncio: embora tivessem a firme esperança de que ele voltaria a si até ao dia seguinte, receavam ao mesmo tempo que «com esta sova, Deus nos livre, o homem também podia morrer». Fui para o meu lugar, em frente da janela com grades de ferro, e deitei-me de costas, cruzando as mãos atrás da nuca e fechando os olhos. Gostava de me deitar assim: a um homem adormecido ninguém ia incomodar e, entretanto, podia sonhar e pensar. Porém, os devaneios não vinham; o meu coração batia, inquieto, e aos ouvidos soavam-me as palavras de M...cki: «*Je hais ces brigands!*» De resto, não vale a pena descrever as minhas sensações desse tempo; ainda hoje sonho à noite com aqueles tempos e não há para mim sonhos mais torturantes. Talvez os leitores tenham também reparado que, até ao momento, no que eu publico quase nunca é mencionada a minha vida nos trabalhos forçados; os *Cadernos da Casa Morta* foram escritos há quinze anos tendo como narrador um homem inventado, um criminoso que teria matado a mulher. A este propósito acrescento um pormenor: desde então, muita gente pensa, e até o afirma ainda hoje, que eu fui deportado pelo assassinio da minha mulher.

A pouco e pouco, porém, caí em modorra e, impercetivelmente, mergulhei nas recordações. Durante a totalidade dos meus quatro anos de trabalhos forçados, recordei sem parar o meu passado e pareceu-me viver de novo toda a minha vida. Essas recordações surgiam por si, nunca eram evocadas por minha vontade. Tudo começava num ponto, num tracinho, por vezes impercetíveis, que iam crescendo aos poucos até se transformarem num quadro acabado, numa impressão forte e completa. Eu analisava essas impressões, atribuía novos traços às coisas vividas havia muito e, sobretudo, emendava-as, corrigia-as constantemente, e nisso consistia todo o meu divertimento. Desta vez, lembrei-me por qualquer razão de um momento impercetível da minha infância, teria eu uns nove anos — um momento que eu pensava ter aparentemente esquecido por completo; mas eu, naquela altura, prezava muito as recordações da minha primeira infância. Lembrei-me do mês de agosto na nossa aldeia: o dia estava seco e

claro, mas um pouco frio e ventoso; o verão findava, e não tardaria a que eu tivesse de regressar a Moscovo para me aborrecer todo o inverno nas aulas francesas; estava com muita pena de deixar a aldeia. Fui para trás das eiras e, depois de ter descido o barranco, subi à *Ravina* — assim chamavam ali ao mato espesso do outro lado do barranco que ia até um pequeno bosque. Meti por meio dos arbustos e, a uns trinta passos, numa clareira, ouvi alguém a lavar, um mujique solitário sem dúvida. Eu sabia que ele devia estar a subir o declive íngreme agarrado ao arado e que o cavalo andava com dificuldade; de vez em quando chegava até mim o grito do homem: «Arre, arre!» Conhecia quase todos os nossos mujiques, mas não sabia qual deles estava a lavar, e também não me interessava, de tal maneira estava mergulhado no meu trabalho: esgaçar um ramo de aveleira para fazer um chicote e chicotear as rãs; comparados com os de bétula, os chicotes de aveleira são tão bonitos e tão pouco sólidos! Também me interessavam muito os bichinhos, apanhava-os, havia alguns muito aperaltados; gostava também das lagartixas pequenas, ágeis, vermelho-amarelas às pintinhas pretas, mas tinha medo das cobras. De resto, as cobras aparecem com muito menos frequência do que as lagartixas. Quanto aos cogumelos, havia poucos ali; era preciso ir até ao bosque de bétulas, e era para lá que eu me dirigia. Não havia na vida nada de que eu gostasse tanto como da floresta com os seus cogumelos e bagas bravas, os seus bichos e passarinhos, ouriços e esquilos, com o seu cheiro húmido de folhas podres. Mesmo agora, que estou a escrevê-lo, sinto o cheiro da nossa floresta de bétulas; são sensações que ficam para toda a vida. De repente, no meio do silêncio profundo, ouvi clara e distintamente o grito: «Aí vem lobo!» Soltei um grito e, fora de mim de tanto susto, desatei a correr para a clareira, gritando a plenos pulmões, esbarrando contra o mujique que arava.

Era o nosso mujique Marei. Não sei se este nome existe, mas todos lhe chamavam Marei. Era um mujique dos seus cinquenta anos, robusto, bastante alto, com muitos fios brancos na barba espessa ruço-escura. Eu conhecia-o, mas nunca acontecera ter falado com ele. Quando ouviu os meus gritos, até fez parar a égua, e quando eu, todo afogueado, me agarrei com uma mão ao arado e com a outra à sua manga, ele viu que eu estava muito assustado.

— Vem aí o lobo! — gritei, cheio de medo.

Levantou a cabeça e, involuntariamente, olhou em volta, quase acreditando por instantes em mim.

— Onde está o lobo?

— Gritaram... Alguém gritou ainda agora: «Aí vem lobo!...» — balbuciei.

— Qual lobo, qual quê, pareceu-te; irra, que coisa! Que lobo pode haver aqui? — murmurava ele, para me animar. Mas eu estava todo a tremer e agarrava-me ainda mais ao seu cafetã e, pelos vistos, devia estar muito pálido. Ele olhava para mim com um sorriso alarmado, preocupando-se comigo, com medo por mim.

— Ora, como ele se assustou, ai, ai! — abanava ele a cabeça. — Vá lá, querido. Ora vejam lá, este pequeno!

Estendeu a mão e, de repente, afagou-me a bochecha.

— Deixa lá, deixa lá isso, por amor de Cristo, faz o sinal da Cruz. — Mas eu não me benzia; tremiam-me os cantos da boca, e parece que foi isso que sobretudo o impressionou. Estendeu devagarinho o seu dedo grosso, com a unha negra, sujo de terra, e tocou levemente nos meus lábios latejantes.

— Ora, que coisa, ai! — fez para mim um sorriso maternal e longo. — Meu Deus, que coisa, vejam bem, ai, ai!

Percebi finalmente que não havia lobo nenhum e que o grito «aí vem lobo!» era uma ilusão. O grito, aliás, soara-me muito claro e distinto, mas gritos desses (não só sobre lobos) já eu os tinha ouvido mais uma ou duas vezes, e sabia-o. (Depois, quando cresci, essas alucinações desapareceram.)

— Então, vou andando — disse eu, olhando para ele com interrogação e timidez.

— Vai, vai, eu vejo-te daqui a ires-te embora. Não te deixo para o lobo! — acrescentou, com o mesmo sorriso maternal. — Vai com Deus, vai. — Benzeu-me e benzeu-se também. Fui andando e, de dez em dez passos, olhava para trás. Enquanto eu andava, Marei, parado ao lado da égua, olhava para mim e acenava-me com a cabeça quando eu olhava para trás. Eu, francamente, estava um pouco envergonhado por me ter assustado tanto, mas ainda ia com medo do lobo, até que subi a ladeira do barranco,

chegando à primeira eira; aí, o meu medo foi-se. Saindo não sei donde, atirou-se ao meu encontro o nosso cão *Voltchok*. Com o *Voltchok* animei-me por completo e virei-me, pela última vez, para Marei; já não conseguia distinguir claramente o rosto dele, mas senti que continuava a sorrir-me com carinho e a acenar com a cabeça. Acenei-lhe com a mão, ele também me acenou, e tocou a égua para diante.

— Arre, arre! — ouviu-se de novo, ao longe, o grito de Marei, e a égua voltou a puxar o arado.

Tudo isto me veio à memória de uma vez, não sei porquê, mas com uma espantosa nitidez de pormenores. De repente acordei e sentei-me no catre, e lembro-me de que ainda sentia na cara o sorriso meigo que as recordações me davam. Durante um minuto ainda, continuei a recordar.

Naquele dia, quando voltei a casa depois do encontro com Marei, não contei a ninguém a minha «aventura». Afinal, que aventura fora aquela? Também me esqueci muito rapidamente de Marei. Quando me encontrava depois com ele, de quando em quando, não só não falávamos do lobo como não tínhamos qualquer conversa um com o outro; ora, vinte anos depois, na Sibéria, lembrei-me de todo o encontro com uma grande nitidez, até ao último pormenor. Significa que o episódio se gravara na minha memória indelevelmente, por si só, sem o concurso da minha vontade, e depois me viera à memória quando foi preciso; lembrei-me daquele sorriso terno do pobre servo, como o de uma mãe, das suas bênçãos, do seu acenar de cabeça: «Ora, como ele se assustou, o pequeno!» E sobretudo daquele seu dedo, sujo de terra, com que ele tocou, com cuidado e ternura tímida, nos meus lábios trémulos. É claro que qualquer daria ânimo a uma criança, mas naquele encontro solitário aconteceu como que uma coisa diferente, e penso que, mesmo que fosse um filho dele, não teria um olhar tão reluzente de amor luminoso; e quem o obrigava a isso? Era nosso camponês da gleba, pertencia-nos, e eu, em todo o caso, era o seu jovem senhor; ninguém saberia como ele me acarinhou, ninguém lhe daria um prémio por isso. Talvez gostasse muito de crianças pequenas? Há homens assim. O encontro foi só entre nós dois, num campo deserto, e somente Deus, talvez, visse de cima que sentimento humano profundo, iluminado e fino, quase feminino, pode encher o coração de um mujique da gleba russo, rude, ignorante como

um animal, que ainda não espera, nem em sonhos, a sua libertação. Não seria isso que Konstantin Aksákov¹²⁶ subentendia quando falava da alta cultura do nosso povo?

Quando me levantei do catre e olhei em volta, lembro-me, senti de súbito que seria capaz de olhar para aqueles desgraçados de maneira bem diferente e que, por um qualquer milagre, tinham desaparecido do meu coração todo o ódio e raiva. Pus-me a caminhar perscrutando as caras dos que passavam pelo meu caminho. Aquele mujique de cabeça rapada, com as marcas do ferro na cara, bêbado, a berrar a sua cantiga rouca de bêbado, pode ser o mesmo Marei: não posso escrutinar o seu coração. Naquela noite, encontrei mais uma vez o M...cki. Desgraçado! Este não pode ter memória do Marei e não pode ter outro ponto de vista sobre estas pessoas além de «*Je hais ces brigands!*» Não, estes polacos, lá nos trabalhos forçados, sofreram muito mais do que nós!

¹²⁵ «Odeio estes bandidos!» (fr.).

¹²⁶ Konstantin Aksákov (1817-1860), publicista, historiador, filósofo e poeta russo. (NT)

A CENTENÁRIA

«Naquela manhã eu estava muito atrasada — contava-me há dias uma senhora — e saí de casa quase ao meio-dia, quando, nem de propósito, tinha tanta coisa acumulada para tratar. Na Rua Nikolaevskaia, precisamente, tinha de passar por dois sítios, um perto do outro. O primeiro era o escritório, e junto ao portão do prédio encontrei a velhinha, de bengala, tão velha, tão curvada que nem podia imaginar que idade ela teria; chegou até ao portão e sentou-se num cantinho do banco do guarda-portão para descansar. De resto, passei ao lado dela e apenas a vi de relance.

«Alguns minutos depois saí do escritório e, lá perto, passei por uma loja onde, já na semana passada, encomendei botas para a Sónia, e ia buscá-las; vi então que a velhota estava também sentada ao lado desse prédio, no banquinho junto ao portão, e olhava para mim; sorri-lhe, entrei, recebi as botas. Três ou quatro minutos depois já ia pela Avenida Névski, e que vi? A minha velhinha já está outra vez à entrada do terceiro prédio e, como não havia banco, acomodara-se numa saliência que havia ali. Parei ao pé dela involuntariamente, e pensei: por que será que ela se senta ao portão de cada prédio?

«— Está cansada, avó? — perguntei-lhe.

«— Eu canso-me muito, alminha, canso-me muito. Pensei: está sol, está calorzinho, vou almoçar a casa dos meus netos.

«— Quer dizer, avó, que vais então almoçar lá?

«— Almoçar, alminha, almoçar.

«— Mas assim não chegas lá.

«— Chego; ando um pouco, descanso, levanto-me, ando mais um pouco, e lá vou.

«Eu estava ali a olhar para ela e sentia grande curiosidade. A velha era pequenina, muito asseadinha, apesar de a roupa que vestia ser muito usada; era talvez uma popular¹²⁷. Tinha a pele de um pálido amarelado, colada aos ossos, os lábios sem cor: uma autêntica múmia; mas estava ali sentada e sorria, o sol iluminava-a.

«— Deves ser muito velhinha, avó? — perguntei-lhe (por brincadeira, é claro).

«— Cento e quatro anos, alminha, são cento e quatro anos que eu tenho, *apenas* (era uma brincadeira)... E tu, alminha, para onde vais?

«E olhava para mim, a rir-se, talvez contente por poder falar com alguém. Mas aquele interesse da velhota pareceu-me estranho: querer saber para onde eu ia, como se precisasse mesmo de saber.

«— Olhe, avó — disse-lhe eu, a rir-me —, comprei na loja umas botinhas para a minha filha, e agora levo-as para casa.

«— Ena, que pequenas, as botinhas! A tua filha é pequena? Ainda bem para ti. E tens mais filhos?

«E olhava para mim, risonha. Tinha os olhos baços, quase mortos, mas luzia neles como que um raio quente.

«— Avó, se quiseres eu dou-te uma moedinha de cinco copeques, e compras um pãozinho para ti — e dei-lhe a moeda.

«— Porque é que me dás cinco copeques? Está bem, obrigada, fico com a tua moeda.

«— Então pega nela, avó, e desculpa. — Ela pegou na moeda. Via-se que não andava a pedinchar, que não chegara a esse ponto, mas aceitou o meu dinheiro, não como esmola, mas como que por delicadeza, ou por bondade de coração. Aliás, talvez ela apreciasse muito aquilo; de outro modo, quem falaria com ela, uma velha? Agora, não só falavam com ela como a tratavam com amor.

«— Então, adeus, avó — disse-lhe eu. — Chega bem.

«— Chego, filha, chego. Eu chego lá bem. E tu vai ter com a tua netinha — confundiu-se a velhota, esquecendo-se de que eu tinha uma filha e não uma neta; pensava, pelos vistos, que toda a gente tinha netos. Fui andando, voltei-me para a ver pela última vez: ela levantou-se devagar, a custo e, a bater com a bengala, arrastou-se pela rua. Se calhar ainda vai descansar mais dez vezes pelo caminho até chegar a casa dos familiares “para almoçar”. Onde irá ela almoçar? É estranha, a velhota.»

Ouvi esta história naquela manhã — na verdade nem era uma história, mas apenas a impressão do encontro de uma pessoa com uma centenária (de facto, qual é a possibilidade de se encontrar uma centenária, ainda por cima

tão cheia de vida espiritual?) — e esqueci-me dela por completo. Já a noite ia alta quando, depois de ler um artigo de revista e ter posto a revista de lado, me lembrei subitamente daquela velhinha e, por qualquer razão, imaginei num instante a continuação: como chegou ela a casa dos parentes para almoçar. O resultado foi outro quadro pequeno, talvez bastante verosímil.

Os netos dela (os netinhos, como ela lhes chama), ou talvez bisnetos, são por certo artífices, gente com família, evidentemente, ou ela não iria a casa deles almoçar; vivem numa cave, ou talvez na barbearia que alugam, são gente pobre, é claro, mesmo assim tem o que comer e mantém a casa em ordem. Chega então ela a casa deles, talvez já depois da uma. Não a esperavam, mas decerto a receberão com simpatia.

— Olha, a Mária Maksímovna, entra, entra, sê bem-vinda, serva de Deus!

A velhinha, aos risinhos, entra em casa, a campainha ainda continua a tilintar, fina e estridente, enquanto ela entra. A neta, pelos vistos, é a mulher do barbeiro, um homem nada velho ainda, dos seus trinta e cinco anos, com ar digno, embora o ofício dele seja leviano, e com certeza traz vestida uma sobrecasaca ensebada como um crepe, talvez suja de pomada, não sei, mas nunca vi os barbeiros noutro preparo, a que se acrescenta a gola da sobrecasaca sempre coberta de uma coisa parecida com farinha. Três crianças pequenas — um rapaz e duas rapariguinhas — correram logo para junto da bisavó. Normalmente, estas velhotas assim tão velhas são grandes amigas das crianças: espiritualmente, ficam umas crianças, por vezes mesmo muito parecidas. Sentou-se a velha. O dono da casa tem visitas, um amigo ou alguém que chegou para tratar de negócios, e ainda mais um conhecido, dos seus quarenta anos, que já está de saída. Além disso, tem lá hospedado em casa um sobrinho, filho da sua irmã, rapaz de dezassete anos que pretende arranjar emprego numa tipografia. A velha benzeu-se e sentou-se, olhou para a visita.

— Oh, estou cansada! Quem está cá de visita?

— Eu? — ri-se o visitante. — Então, Mária Maksímovna, será que não está a conhecer-me? Há ano e meio até queríamos ir juntos para a floresta apanhar armilárias.

— Oh, brincalhão, conheço-te. Lembro-me de ti, esqueci-me do teu nome, mas de resto conheço-te. Oh, estou cansada, não sei porquê.

— O que eu lhe queria perguntar, Mária Maksímovna, minha velha e respeitável senhora, era por que razão não crescia — brinca o convidado.

— Apre, deixa-me... — ri-se a avó, aliás muito contente.

— Eu, Mária Maksímovna, sou um homem bondoso.

— Pois, com um homem bondoso até se pode falar. Oh, mãezinha, agora custa-me sempre tanto respirar. Já costuraram um casaquinho para o Seriójenka?

Aponta para o sobrinho.

O sobrinho, um rapaz robusto e sadio, esboça um grande sorriso e avança; tem um casaco cinzento novinho em folha e ainda não consegue vesti-lo com indiferença. A indiferença talvez venha apenas dentro de uma semana, mas agora olha a cada instante para os canhões das mangas e para as lapelas, mira-se ao espelho e sente um respeito muito especial por toda a sua pessoa.

— Anda, vira-te — metralha a mulher do barbeiro. — Olha, Maksímovna, que coisa mais rica nós fizemos; foram seis rublos certinhos, e mais barato nem valia a pena fazê-lo, disseram-nos os do Prókhoritch, o alfaiate, porque depois íamo-nos arrepender amargamente; ora, este está aqui para durar uma vida. Olha só para o tecido! Mas vira-te! E o forro, aqui forte, forte, mas vira-te! É assim que o dinheiro se vai, Maksímovna, que se derrete até ao último copeque.

— Ah, mãezinha, ficou tudo tão caro neste mundo que nem se pode, era melhor que não me falasses disso, que não me afligisses. — Mária Maksímovna fez esta observação sentida ainda sem ter conseguido recuperar o fôlego.

— Chega de conversa — disse o dono da casa —, são horas de irmos para a mesa. Mas, Mária Maksímovna, vejo que estás muito cansada, acho eu, não?

— Vês como és espertalhão? Estou, o dia está quentinho, sol, então pensei cá para mim: vou visitá-los, para que hei de ficar aqui sentada? Oh! E pelo caminho encontrei uma senhora ainda nova, que foi comprar botas

para uma criança. «Estás cansada, avó», disse-me ela, «toma lá cinco copeques: compra um pãozinho para ti...» E eu, sabes, aceitei a moedinha...

— Tu, avozinha, primeiro tens de descansar um bocadinho, porque é que hoje estás a respirar tão mal? — perguntou o dono da casa com preocupação.

Todos olharam para ela, até porque, de repente, ela ficou muito pálida, com os lábios brancos. Também ela olhou para todos, mas com o olhar turvado.

— Então, pensei... pão de mel para as crianças... com a moedinha...

E de novo parou para recuperar o fôlego. Por uns momentos, todos ficaram em silêncio.

— O que tens, avozinha? — perguntou-lhe o dono da casa, inclinando-se para ela.

Mas a avó não respondeu; instalou-se de novo o silêncio, de novo por uns momentos. A velhinha pareceu empalidecer ainda mais, a cara pareceu tornar-se ainda mais macilenta. Olhava em frente, mas com o sorriso imóvel, os olhos parados, como se já não visse.

— Manda chamar o pope!... — disse muito depressa o convidado que estava por trás dos outros.

— Não será... tarde...? — murmurou o dono da casa.

— Avó, avozinha? — chamou-a a mulher do barbeiro, alarmada; mas a avó estava imóvel, apenas a cabeça lhe tombou para o lado; na mão direita, em cima da mesa, segurava a moedinha, tendo deixado ficar a esquerda, esquecida, no ombro do bisneto mais velho, Micha, rapaz de seis anos. Este está parado sem se mexer e observa a avó com uns grandes olhos espantados.

— Apagou-se! — pronunciou, compassada e gravemente, o dono da casa, inclinando-se, e benzeu-se ao de leve.

— Pois, é isso! E eu vi que ela estava a inclinar-se muito — disse o convidado, com uma voz entrecortada e enternecida; estava muito impressionado e olhava para todos.

— Ah, meu Deus! Credo! Como vai ser agora, Makáritch? Vais levá-la para lá, ou quê? — chilra a dona de casa muito depressa, toda embaraçada.

— Para lá, para onde? — responde o dono da casa com um ar grave. — Fazemos tudo aqui; não és da família dela? Mas tem de se ir lá, avisar.

— Cento e quatro aninhos, vejam só! — demora-se à porta o convidado, cada vez mais comovido. O homem até ficara vermelho.

— Pois, nos últimos anos já se esquecia das coisas, da vida — observou o dono da casa, com ainda maior gravidade e imponência, procurando o boné e pegando no capote.

— E ainda há um minuto ela estava a rir-se, toda alegre! A moedinha na mão, olha! Pão de mel, disse ela, ooh, vida!

— Vamos lá então, Piotr Stepánitch — interrompeu o dono da casa o convidado, e ambos saíram. A morte de uma pessoa destas não se chora, é claro. Cento e quatro anos, «finou-se sem doença e sem vergonha». A dona da casa mandou chamar as vizinhas, para ajudarem. Estas chegaram a correr, ouvindo a notícia quase com prazer, suspirando e exclamando. Antes de mais, aqueceram, evidentemente, o samovar. As crianças, com um ar espantado, meteram-se num canto, olhando de longe para a avó morta. Micha, por mais anos que viva neste mundo, nunca se há de esquecer de como a velhinha morreu, esquecendo a mão no ombro dele, e quando ele morrer ninguém em toda a terra se lembrará e saberá que vivera outrora uma velha assim que chegou aos cento e quatro anos. Como e para quê, não se sabe. E para que será preciso que alguém se lembre dela? Não interessa. Assim se finam milhões de pessoas: vivem sem se dar por elas, morrem sem se dar por elas. Mas reside no próprio momento da morte desses velhos e velhas centenários qualquer coisa de enternecedor e sereno, mesmo importante e apaziguador: cem anos impressionam estranhamente as pessoas. Que Deus abençoe a vida e a morte da boa gente simples!

Isto não passa de um quadro ligeiro e sem enredo. É isto: planeamos contar alguma coisa curiosa ouvida no último mês, mas, quando nos lançamos ao trabalho, isso é impossível, ou despropositado, ou «não digas tudo o que sabes», e o que resta são histórias destas sem qualquer enredo...

[127](#) Literalmente, «não-nobre», e representa um dos estratos sociais em que se dividia a sociedade da época: a fidalguia, o clero, os «populares» (que incluíam os artesãos, os comerciantes, etc.); no fundo da tabela estavam os mujiques (camponeses). (NT)

A SUBMISSA

HISTÓRIA FANTÁSTICA

DO AUTOR

Peço desculpa aos meus leitores por publicar desta feita, em vez do «Diário» na sua forma habitual, apenas uma novela. É facto que trabalhei nesta novela durante a maior parte do mês. Seja como for, peço a condescendência dos leitores.

Agora, sobre a história em si. Subintitulei-a «fantástica», mas eu próprio a considero real em absoluto. Acho porém que o fantástico se mostra de facto aqui e precisamente na própria forma da narração, o que acho necessário esclarecer previamente.

Acontece que não é um conto literário nem são apontamentos. Imaginem um marido que tem em cima da mesa a mulher morta, uma suicida que horas antes se atirara da janela. Está perturbado e ainda tenta consciencializar-se do que aconteceu, «juntar as ideias num ponto». Além disso, é um hipocondríaco empedernido, desses que falam sozinhos. Ei-lo a falar consigo mesmo, a contar a história, a *esclarecê-la* para si mesmo. Apesar da aparente coerência da sua fala, ele contradiz-se várias vezes, na lógica e nos sentimentos. Justifica-se e acusa-a, e entra em explicações alheias à questão: se há aqui grosseria de pensamento e de coração, há também um sentimento profundo. A pouco e pouco, ele arranja de facto uma *elucidação* do caso para si mesmo e «junta as ideias num ponto». A série de recordações evocadas por ele leva-o, por fim, à *verdade* irrefutável; a verdade eleva, irrefutavelmente, a sua mente e o seu coração. No final, em comparação com o início desordenado, o próprio tom da narração muda. A verdade, clara e definitiva, abre-se diante dos olhos do desgraçado, pelo menos a sua verdade.

O tema. Fica claro que o processo de narração se continua por várias horas, impulsivo e interrupto, atabalhado: ora fala consigo próprio, ora

como que se dirige a um ouvinte invisível, a um juiz qualquer. De resto, é assim que as coisas acontecem na realidade. É certo que, se um estenógrafo pudesse ouvi-lo e apontar tudo o que ele dizia, o resultado seria um pouco mais tosco, menos elaborado do que eu o apresento aqui, mas, na minha opinião, a ordem psicológica talvez fosse a mesma. Esta suposição de um estenógrafo que teria registado tudo (tendo eu depois elaborado os apontamentos) é ao que eu chamo fantástico nesta novela. Entretanto, já se têm admitido em arte, por mais de uma vez, coisas destas: Victor Hugo, por exemplo, na sua obra-prima *Último dia de um condenado à morte*, utilizou quase o mesmo método e, embora não apresentasse a figura do estenógrafo, deu à inverosimilhança uma liberdade ainda maior ao supor que o condenado à morte podia fazer apontamentos (e tinha tempo para tal) não só no seu último dia, mas até na sua última hora e, literalmente, no seu último minuto. Porém, se ele não recorresse a esta fantasia, não haveria a própria obra — a mais realista e a mais verdadeira de todas as obras que ele escreveu.

Capítulo 1

Quem era eu e quem era ela

...Enquanto estiver aqui, ainda está tudo bem: aproximo-me dela e olho-a a cada momento; mas quando a levarem amanhã... como é que vou ficar sozinho? Agora está na sala, em cima da mesa, juntaram duas mesas de jogo, o caixão chega amanhã, branco, *gros-de-Naples* branco, aliás, não é isso... Passo o tempo todo a querer esclarecer isto. Há já seis horas que o quero esclarecer e não há meio de juntar as ideias num ponto. E ando aqui na sala, ando, ando... Foi assim. Simplesmente, conto tudo por ordem (ordem!). Meus senhores, estou longe de ser um literato, e os senhores bem o veem, mas não interessa, digo as coisas como as compreendo. O meu terror consiste precisamente em eu compreender tudo!

Se querem saber, isto é, se começarmos pelo princípio, ela, naquela altura, vinha simplesmente ter comigo para empenhar umas coisas para poder pôr um anúncio em *A Voz*, tal e tal, uma precetora que está de acordo em trabalhar noutra cidade e dar aulas em casa, etc., etc. Era mesmo no início, e eu, é claro, não a distinguia das outras, aparecia aí como todas, etc. Mas depois comecei a distinguir. Era fininha, loirinha, de estatura média, comigo era sempre desajeitada, como se estivesse atrapalhada (acho que era assim com todos os desconhecidos, e eu, evidentemente, para ela era como outro qualquer, isto é, não falando do prestamista e sim do homem). Mal recebia o dinheiro, virava-me as costas e ia-se embora. Sempre calada. Há outras que discutem, pedem, regateiam, para que eu acrescentasse mais alguma coisa; esta não, concorda com o que lhe dão... Parece que estou sempre a confundir-me... Pois; em primeiro lugar, as coisas dela impressionaram-me: brincos de prata dourada, um medalhão que não prestava para nada, coisas de vinte copeques. Ela própria sabia que aquilo valia apenas uns cobses, mas eu via-lhe pela cara que eram coisas preciosas para ela, e, de facto, eram as únicas coisas que lhe restavam do pai e da mãe, vim a saber isto

mais tarde. Só uma vez tomei a liberdade de sorrir ao olhar para as coisas dela. Isto é, eu, não sei se estão a ver, nunca me permito essas coisas, mantenho relações de *gentleman* com o público: poucas palavras, educado, rigoroso. «Rigoroso, rigoroso e rigoroso.» Mas ela, de repente, atreveu-se a trazer uns restos (literalmente) de um casaquinho velho de lebre, e aí eu não aguentei e disse-lhe de caras qualquer coisa assim como uma piada. Meu Deus, como ela corou! Os olhos dela são azul-claros, grandes, pensativos, mas, como chisparam! Mas não disse uma palavra, pegou nos seus «restos» e saiu. Foi isso o que eu vi nela *de especial* e pensei nela dessa maneira, isto é, de maneira especial. Sim, lembro-me também de uma impressão, isto é, da impressão principal, se quiserem, da síntese de tudo, ou seja, que ela era terrivelmente nova, tão novinha, parecia ter para aí catorze anos. No entanto, já naquela altura lhe faltavam só três meses para fazer os dezasseis. Aliás, não era isto que eu queria dizer, não era nisto que consistia a síntese. No dia seguinte apareceu outra vez. Vim a saber mais tarde que ela já tinha passado pelas casas do Dobronrávov e do Mozer com o casaquinho, mas esses só aceitam ouro e nem quiseram falar com ela. Ora, eu aceitei uma vez um camafeu dela (uma coisinha imprestável) e depois, pensei e admirei-me: é que eu também só aceito ouro e prata, mas aceitei o camafeu dela. Foi o segundo pensamento que eu tive sobre ela naquele tempo, lembro-me disso.

Dessa vez, isto é, depois do Mozer, ela trouxe uma boquilha de âmbar, uma coisinha nada má para um amador, mas para nós também sem valor nenhum, porque nós — para nós apenas o ouro. Como ela veio cá já depois da *revolta* do dia anterior, eu recebia-a com severidade. A minha severidade é o tom seco. Mas, quando lhe estava a entregar os dois rublos, não aguentei e disse-lhe, acho que com uma ponta de irritação: «Faço-o por ser *para si*, mas olhe que o Mozer não aceitaria esta coisa.» Sublinhei em especial as palavras *para si*, e fi-lo precisamente em *certo sentido*. Estava raivoso. Ela voltou a corar quando ouviu este *para si*, mas calou-se, não me atirou o dinheiro à cara, aceitou-o — é a pobreza, sim! Mas como corou! Percebi que a tinha alfinetado bem. Mas, mal ela saiu, perguntei a mim mesmo de caras: será que este triunfo sobre ela vale dois rublos? Eh, eh, eh! Lembro-me de que fiz precisamente esta pergunta duas vezes: «Será que vale? Será

que vale?» E, a rir-me, resolvi-a no sentido afirmativo. Porque me senti muito divertido. Mas não era um sentimento mau: fi-lo de propósito, intencionalmente; queria pô-la à prova, porque tinham começado a bulir na minha cabeça uns certos pensamentos em relação a ela. Foi o meu terceiro pensamento *especial* sobre ela.

...Pois bem, foi a partir daí que tudo começou. É claro que logo a seguir fiz tudo para, através de terceiros, saber todas as circunstâncias sobre ela, e fiquei à espera de que ela aparecesse com impaciência. Porque eu pressentia que ela ia aparecer em breve. Quando veio, comecei a conversar com ela, uma conversa amável e muito educada. É que eu sou bastante bem-educado e tenho boas maneiras. Humm. Então percebi que ela era bondosa e mansa. Os bondosos e os mansos não resistem muito e, apesar de não se abrirem muito, não sabem fugir da conversa: respondem com concisão, mas respondem, e cada vez mais, só que nós não podemos desistir da conversa se temos necessidade dela, é claro. Naquela altura, obviamente, ela não me explicou nada. Só depois é que vim a saber d'A Voz e do resto. Naquela altura, a princípio, punha anúncios altivos, evidentemente, desta forma: «precetora, disposta a partir para outra cidade, enviar condições por correio», mas depois: «estou pronta para qualquer trabalho — dar aulas, ser dama de companhia, tratar da casa, cuidar de uma doente, e sei costurar», etc., etc., já se sabe! É claro que isso, nos anúncios, foi progressivo, passo a passo, e, para o fim, até já era: «sem vencimento, só pela alimentação». Não, não encontrou emprego! Resolvi, então, pô-la à prova pela última vez: pego de repente n'A Voz daquele dia e mostro-lhe um anúncio: «Jovem, órfã de pai e mãe, procura lugar de precetora de crianças pequenas, preferivelmente em casa de um viúvo idoso. Pode ajudar no tratamento da casa.»

— Está a ver, esta colocou o anúncio de manhã, e à tarde de certeza que já tinha arranjado trabalho. É assim que se deve redigir o anúncio!

Mais uma vez corou, mais uma vez os olhos dela chisparam, deu meia-volta e foi-se embora logo. Gostei muito disso. Aliás, eu já estava seguro de tudo e não tinha receios: ninguém aceitaria as boquilhas dela. Aliás, ela já nem boquilhas tinha. Eu tinha razão, porque ao terceiro dia ela apareceu, palidazinha de todo, emocionada — percebi que acontecera qualquer coisa

em casa dela, e de facto acontecera. Já explico o que foi, mas agora quero apenas pensar na fineza que mostrei e como cresci aos olhos dela. Foi uma intenção que me veio de repente. É que ela trouxe um ícone (ousou trazê-lo)... Ah, oiçam, oiçam! Agora é que começou, antes confundia-me sempre... É que agora quero lembrar tudo isso, cada pormenor, cada tracinho. O que eu quero é juntar as ideias num ponto, e não posso, mas estes tracinhos, tracinhos...

A imagem da Mãe de Deus. A Virgem com o Menino, um ícone de casa, da família, antigo, a moldura em prata dourada... custa... bem, digamos, seis rublos. Vejo que o ícone é muito querido para ela, e quer empenhá-lo assim como está, sem abrir a moldura. Digo-lhe: é melhor tirar a moldura e ficar com a imagem; porque não está bem empenhar a imagem.

— Porquê, é proibido?

— Não, não é por ser proibido, mas talvez você mesma...

— Então, tire.

— Olhe, vou fazer uma coisa, não a tiro, mas ponho-o ali, com os outros ícones — disse eu, depois de refletir —, ali, ao pé da lamparina (desde que abri a casa de penhores, tenho sempre uma lamparina acesa), e leve simplesmente dez rublos.

— Não quero dez, dê-me cinco, que eu depois levanto-o sem falta.

— E não quer dez? O ícone vale isso — acrescentei, reparando que os olhinhos dela brilharam. Calou-se. Fui buscar cinco rublos para ela.

— Não despreze ninguém, eu próprio já estive nesses apertos, e ainda piores, e se a menina agora me vê com esta ocupação... é depois de ter suportado tanta coisa...

— Está a vingar-se da sociedade? É? — interrompeu-me ela de rompante, com uma ironia bastante mordaz, em que eu notei, aliás, muita inocência (digo ironia no sentido geral, porque ela, decididamente, naquela altura não me distinguia dos outros, pelo que disse aquilo inofensivamente). «Ah, ah! — pensei. — Ora veja-se lá como tu és, revela-se o caráter, és adepta das novas tendências.»

— Bem vê que eu — observei de imediato num tom meio brincalhão e meio misterioso — «sou parte daquela parte do todo que deseja fazer o mal mas faz o bem...»

Olhou para mim com grande curiosidade, uma curiosidade, aliás, em que havia muito de infantil:

— Espere... Que ideia é essa? Donde a tirou? Eu já ouvi isso em qualquer lado...

— Não quebre a cabeça, é com esta expressão que Mefistófeles se apresenta a Fausto. Leu o *Fausto*?

— Bem... sem muita atenção.

— Ou seja, não o leu. Tem de o ler. Aliás, estou a ver de novo nos seus lábios um traço de ironia. Por favor, não imagine que eu tenha tão pouco gosto que, para atenuar o meu papel de usurário, me apresente a si como Mefistófeles. Usurário é usurário. Com certeza.

— O senhor é estranho... Não pretendia dizer-lhe nada disso...

Ela queria dizer: não esperava que fosse um homem culto. Não o disse, mas eu sabia que o pensava; consegui agradar-lhe muito.

— Está a ver — observei —, seja qual for a nossa carreira, podemos fazer o bem. Não falo de mim, é claro, porque eu, digamos, não faço nada além do mal, mas...

— É claro que em qualquer lugar se pode fazer o bem — disse ela, lançando-me um olhar rápido e penetrante. — Em qualquer lugar, precisamente — acrescentou.

Oh, lembro-me, lembro-me de todos esses instantes. E quero ainda acrescentar que, quando toda essa querida juventude quer dizer qualquer coisa inteligente e compenetrada, mostra logo, com muita sinceridade e ingenuidade, na expressão da cara, que «olha que estou agora a dizer-te uma coisa inteligente e compenetrada», e não por vaidade, como a gente da minha laia, mas de uma maneira em que fica perfeitamente claro que essa juventude dá a tudo isso um valor muito alto, e que acredita, e que tem respeito por isso, e pensa que nós temos o mesmíssimo respeito que ela por tudo isso. Oh, sinceridade! É com isso que eles vencem. E nela isso era fascinante!

Lembro-me, não me esqueci de nada! Quando ela saiu da loja, tomei a decisão definitiva. No mesmo dia fiz a minha última investigação e soube tudo da vida dela nos últimos dias; os pormenores da sua vida passada já me tinham sido revelados por Lukéria, que então estava a servir em casa

deles e que fora subornada por mim, alguns dias atrás. Estes últimos pormenores eram tão pavorosos que eu não percebo sequer como era possível que ela ainda se risse, como podia ela mostrar curiosidade pelas palavras de Mefistófeles, vivendo no meio daquele terror. Mas... é a juventude! Foi precisamente isto que eu pensei sobre ela, com orgulho e alegria, porque havia nisso, também, uma certa magnanimidade: estou à beira da perdição, mas as grandes palavras de Goethe brilham para mim. A juventude, embora um pouco para o lado torto, é sempre magnânima. Ou seja, estou a falar dela, só dela. E, principalmente, eu na altura olhava para ela como *minha* e não duvidava do meu poder. Sabem, o pensamento de que já não duvidamos é um pensamento muito doce.

Mas o que estou eu a fazer? Se continuar assim, quando é que junto tudo num ponto? Rápido, rápido, não é isso que importa, meu Deus!

O pedido de casamento

Vou explicar em duas palavras os «pormenores da vida dela» que vim a saber: o pai e a mãe tinham morrido havia muito, três anos atrás, e ela ficou a cargo de umas tias completamente fora das regras. Dizer fora das regras ainda é pouco. Uma era viúva, com uma prole numerosa, parece que tinha seis filhos pequenos, outra era solteira, velha, ignóbil. Eram ambas ignóbeis. O pai dela tinha sido funcionário, mas dos pequenos, escrivão, e a fidalguia dele era apenas adquirida — em resumo, tudo muito vantajoso para mim. Eu surgia aos olhos dela como vindo de um mundo superior: seja como for, sou capitão na reserva de um regimento brilhante, a minha fidalguia é de raiz, sou independente, etc.; quanto à casa de penhores, na família da tia apenas podiam ter respeito por isso. Escrava das tias durante três anos, ela conseguiu mesmo assim fazer o exame — conseguiu, arranjou tempo para fazer o exame, no meio do trabalho implacável quotidiano, e isso significa, sim, isso significa qualquer coisa na aspiração dela ao superior e ao nobre! É que... porque queria eu casar-me? Aliás, não interessa o que eu queria, isso é para depois... E será isso que interessa? Ela dava aulas aos filhos da tia, ela costurava a roupa e, para o fim, com o peito no estado em que o tinha, não era só isso, também lavava o chão. Na verdade até lhe batiam, atiravam-lhe à cara o pão que comia. Por fim, decidiram vendê-la. Fu! Omito o escabroso dos pormenores. Mais tarde ela contou-me tudo em pormenor. Tudo isso estava a ser observado, durante um ano inteiro, pelo vizinho delas, um lojista gordo, que não era simplesmente lojista, mas proprietário de duas mercearias. Esse homem já tinha mortificado duas mulheres e procurava a terceira, e então descobriu-a: «É acanhada, cresceu na pobreza, e vou casar-me por causa dos órfãos.» Efetivamente, ele tinha filhos órfãos. Começou a falar com as tias, a combinar com elas o casamento; além do mais, ele tinha cinquenta anos; ela

ficou aterrorizada. Foi então que começou a vir ao meu estabelecimento, para pôr anúncios n'A Voz. Finalmente, pediu às tias que lhe dessem algum tempo para pensar. Deram-lho, só que muito pouquinho e, depois, começaram a serraziná-la: «Não sabemos o que comer, és uma boca a mais.» Eu já sabia tudo isso e tomei a decisão no próprio dia, depois da visita matinal dela. Naquela tarde foi a casa delas o tal comerciante, levando de presente da sua loja uma libra de doces no valor de cinquenta copeques; está ela na sala com ele, e eu vou, chamo a Lukéria, que está na cozinha, e digo-lhe que vá ter com ela e lhe sussurre ao ouvido que eu estou à espera no portão e que preciso de lhe dizer uma coisa que não pode ser adiada. Fiquei contente comigo. De uma maneira geral, andei contente durante todo esse dia.

Ali mesmo, no portão, na presença de Lukéria, expliquei à menina, espantada por eu a ter mandado chamar, que consideraria uma felicidade e uma honra... Depois disse-lhe para não se espantar com as minhas maneiras e por estarmos a falar ali ao portão: «pois sou um homem frontal e estudei as circunstâncias». E não estava a mentir ao dizer que era frontal. Bom, não interessa. Ora, eu falava não só educadamente, isto é, mostrando que era um homem de boa educação, mas também de forma original, o que era mais importante. E depois? Será pecado confessá-lo? Quero julgar a mim próprio e julgo-me. Tenho de apontar os prós e os contras, e aponto. Mais tarde, também me lembrei disto com prazer, apesar de ser uma estupidez: declarei-lhe diretamente, sem qualquer embaraço, que, em primeiro lugar, não era muito talentoso nem inteligente, nem sequer muito bondoso, talvez, que era um egoísta bastante barato (lembro-me desta expressão, inventei-a a caminho de casa dela e fiquei contente) e que era muito, muito possível que houvesse em mim muita coisa desagradável noutros sentidos. Tudo isso foi dito com um orgulho de certo género — já se sabe como é que se dizem estas coisas. É claro que não me faltou o bom gosto para, depois de enumerar os meus defeitos, não começar a revelar-lhe as minhas qualidades: «Em compensação, por assim dizer, tenho tais, tais e tais qualidades.» Via que ela ainda estava com muito medo, mas não atenuei nada, até intensifiquei ainda mais a coisa, de propósito: disse-lhe diretamente que não passaria fome, mas, quanto a atavios, teatros, bailes,

não haveria nada disso, a não ser mais tarde, quando alcançasse o meu objetivo. Este tom rigoroso entusiasmava-me muito. Acrescentei, muito de passagem, que embora me dedicasse àquele negócio, isto é, à casa de penhores, era por ter um objetivo, e determinadas circunstâncias... Mas eu tinha o direito de falar assim: tinha de facto um determinado objetivo e uma determinada circunstância. Com vossa licença, meus caros senhores, toda a minha vida fui o primeiro a odiar esta casa de penhores e, na essência, embora seja ridículo falar de si próprio com frases enigmáticas, eu «vingava-me da sociedade», de facto, de facto, de facto! Portanto, a ironia dela, naquela manhã, ao dizer que eu «me vingo», era injusta. Ou seja, não sei se estão a ver, se eu lhe dissesse frontalmente: «Sim, vingo-me da sociedade», e ela se risse, como de manhã, a coisa resultaria de facto ridícula. Ora, com uma insinuação indireta, recorrendo a uma frase enigmática, verificou-se que era possível aliciar-lhe a imaginação. Além disso, já naquele momento eu não tinha medo de nada: sabia que o lojista gordo, em qualquer caso, lhe era mais repugnante do que eu e que eu, parado ao portão, fazia o papel de salvador. É verdade que eu compreendia isso bem. Oh, o homem compreende as ignomínias especialmente bem! Mas seria ignomínia? Como se pode julgar uma pessoa neste caso? Será que eu não a amava já naquela altura?

Esperem, é óbvio que, naquele momento, eu não lhe disse nem meia palavra sobre beneficência; pelo contrário, oh, pelo contrário: «sou *eu* quem fica beneficiado, e não a menina». Até o exprimi por palavras, não me contive, e talvez tivesse resultado numa estupidez, porque reparei que ela franziu fugazmente o rosto. Mas, no geral, ganhei em toda a linha. Esperem, se me lembrar de toda essa sujidade, lembro-me também da última porcaria: eu estava ali, e tinha isto na cabeça: és alto, esbelto, educado e — finalmente, sem fanfarronice — bem-aparentado. Era isso que brincava na minha mente. É evidente que ela, mesmo ali, ao portão, me disse *sim*. Mas... mas tenho de acrescentar: ali, ao portão, ela demorou muito a pensar antes de me dar o sim. Ficou tão pensativa, tão pensativa que eu já queria perguntar: «Então?», e até, sem poder conter-me, perguntei de facto com galhardia: «Então, minha senhora?»

— Espere, estou a pensar.

E tinha a carita tão séria, tão séria que já então eu poderia perceber! Mas estava ressentido: «Será — pensava eu — que ela está a escolher entre mim e o comerciante?» Oh, ainda não estava a perceber! Ainda não percebia nada, nada! Até hoje, eu não percebia! Lembro-me de que a Lukéria correu atrás de mim, quando eu me ia embora, fez-me parar no caminho e disse, ofegando: «Deus o recompense, meu senhor, porque se casa com a nossa querida menina, mas não lho diga: ela é orgulhosa.»

Pois, orgulhosa! Eu também gosto das orgulhosas. As orgulhosas são especialmente boas quando... já não duvidamos do nosso poder sobre elas, não é? Oh, homem vil e desajeitado! Oh, que contente eu estava! Sabem, quando ela estava parada ao portão a pensar, antes de me dar o sim, e eu sentia assim como um espanto, sabem, que ela podia até ter pensado uma coisa deste género: «Se a desgraça estiver tanto lá como aqui, não será melhor escolher o pior, isto é, o lojista gordo, e que me mate o mais depressa possível quando estiver bêbado?» Hã? O que acham, não poderia ter uma ideia assim?

Ainda hoje não percebo, até agora não percebo nada! Acabei de dizer que ela podia ter tido esta ideia: escolher o mal maior entre os dois, ou seja, o comerciante? Mas, para ela, quem era então o pior, eu ou o comerciante? O comerciante ou o usurário que cita Goethe? Eis, ainda, a questão! Qual questão? Nem isso compreendes: a resposta jaz em cima da mesa, e tu falas em questão! Também não interessa a minha pessoa! Não reside em mim a essência do problema... A propósito: o que me interessa agora que resida em mim ou não a essência do problema? Isto, para mim, é absolutamente impossível de resolver. É melhor deitar-me. Dói-me a cabeça...

O nobilíssimo homem, mas eu próprio não acredito

Não adormeço. É impossível, qualquer coisa me pulsa na cabeça. Quero consciencializar-me de tudo aquilo, toda aquela sujidade. Oh, sujidade! Oh, de que sujidade eu a tirei! Mas ela também haveria de compreendê-lo, dar valor ao que eu fiz! Outras várias ideias me agradavam também, por exemplo a de que eu tinha quarenta e um anos e ela apenas dezasseis. Fascinava-me, fascinava-me uma tal sensação de desigualdade, isso é muito delicioso, muito delicioso.

Por exemplo, eu queria fazer o casamento *à l'anglaise*, isto é, só nós dois e mais as duas testemunhas, uma das quais era Lukéria, e logo a seguir tomarmos o comboio, por exemplo, para Moscovo (eu, por acaso, tinha lá um assunto a tratar), para o hotel, por duas semanas. Ela protestou, não quis, e eu fui obrigado a ir apresentar os meus respetos às tias na sua qualidade de parentes que ma davam em casamento. Cedi neste ponto e lá fui mostrar às tias o devido respeito. Até ofereci cem rublos a cada uma daquelas bestas e prometi-lhes mais, sem dizer a ela, obviamente, para não a entristecer com a baixeza da situação. As tias tornaram-se dóceis de imediato. Também houve discussão sobre o enxoval. Ela não tinha nada, literalmente, e mesmo assim não queria nada. Porém, lá consegui provar-lhe que nada, absolutamente nada, é que não podia ser, e comprei-lhe o enxoval, senão quem o faria? Bom, a minha pessoa não interessa. No entanto, tive tempo de lhe transmitir várias ideias minhas, para que ela ficasse a conhecê-las, pelo menos. Se calhar, até foi precipitado. O principal foi que ela, desde o princípio, por mais que resistisse a fazê-lo, atirou-se a mim com o seu amor, recebia-me à noite com entusiasmo quando eu chegava, balbuciava-me (oh, aquele balbuciar encantador da inocência!) coisas sobre a sua infância, a sua primeira infância, sobre a casa paterna,

sobre o pai e a mãe. Eu, porém, de imediato deitei um balde de água fria por cima daquele enlevo. Era nisso que consistia a minha ideia. Aos seus entusiasmos, eu respondia com o meu silêncio, um silêncio benevolente, é claro... mas, mesmo assim, ela percebeu rapidamente que não éramos iguais e que eu era um enigma. Ora, era sobretudo no enigma que eu apostava! Foi pelo enigma, talvez, que fiz toda aquela asneira! Em primeiro lugar, o rigor — foi assim, sob o signo do rigor, que a introduzi em minha casa. Resumindo: naquela altura, embora eu estivesse contente, criei todo um sistema. Oh, o sistema criou-se sem qualquer esforço, espontaneamente. Doutra maneira, também, era impossível, e eu tinha de criar este sistema por causa de uma circunstância incontestável — pois, francamente, porque hei de caluniar a mim próprio? O sistema era verdadeiro. Não, oiçam, já que temos de julgar uma pessoa, então façamo-lo com conhecimento de causa... Oiçam!

Como hei de começar?... É muito difícil. Quando começamos a justificar-nos, a coisa torna-se difícil. Vejam: a juventude despreza, por exemplo, o dinheiro; pois bem, o que eu pus em destaque foi, logo desde o princípio, o dinheiro; destaquei, precisamente, o dinheiro. E de tal maneira o fiz que ela começou a calar-se cada vez mais. Abria muito os olhos, ouvia, olhava e calava-se. Vejam: a juventude é generosa, isto é, a boa juventude; é generosa e impulsiva, mas tem pouca tolerância, quando qualquer coisa não lhe agrada, pronto, é logo o desprezo. Ora, eu queria largueza de vistas, infundir a largueza diretamente no coração, no ponto de vista do coração, não é? Dou um exemplo vulgar: como poderia explicar a casa de penhores a um caráter desses? É claro que não falei diretamente, senão era como se estivesse a pedir desculpa pela casa de penhores, mas influenciava, por assim dizer, através do orgulho, isto é, falava quase em silêncio. Ora, eu sou mestre em falar em silêncio, passei toda a vida a falar silenciosamente, e todas as minhas tragédias as vivi a sós comigo, calado. Oh, também eu tinha sido infeliz! Tinha sido rejeitado por todos, rejeitado e esquecido, e ninguém, ninguém o sabe! Ora, esta criatura de dezasseis anos viria a saber mais tarde, de chofre, todos os pormenores da minha vida pela boca de gente ignóbil e convenceu-se de que já sabia tudo, quando o segredo, o maior segredo, continuava escondido no peito aqui deste homem.

Sempre me calei, sobretudo, sobretudo com ela, até à noite de ontem — e calava-me porquê? Por ser um homem orgulhoso. Queria que ela soubesse sozinha, sem mim, não pelos relatos da gente ignóbil, mas que *adivinhasse* tudo sobre este homem aqui, e o compreendesse. Ao recebê-la em minha casa, exigia pleno respeito. Queria que ela, perante mim, se pusesse na posição de rezar pelos meus sofrimentos — eu merecia-o. Oh, eu sempre fui orgulhoso, sempre quis tudo ou nada! Precisamente porque não gosto de meias medidas na felicidade e queria tudo, precisamente por isso, fui obrigado a proceder, então, dessa maneira: «Adivinha sozinha e dá-me valor!» Porque, têm de concordar, se eu próprio começasse a explicar-lhe e a sugerir-lhe isso, recorrendo aos rodeios e pedindo respeito, seria o mesmo que pedir esmola... Aliás... aliás, porque estou a falar disso?

Estupidez, estupidez e estupidez! Expliquei-lhe então, direta e implacavelmente (sublinho que fui implacável), em duas palavras, que a generosidade da juventude era encantadora, mas não valia um pataco. E porque era que não valia? Porque lhe fica barata, sem ter vivido a vida, porque se trata, por assim dizer, «das primeiras impressões da vida»; mas vá-se lá ver depois como é a trabalhar! A generosidade barata é sempre fácil, até fazer a dádiva da vida é barato, porque nisso apenas há o sangue a ferver e o excesso de energias, e a ânsia louca do belo! Não, pegue-se antes num ato de generosidade difícil, silenciosa, indistinta, sem brilho, à mistura com a calúnia, em que há muito sacrifício e nem uma gota de glória — em que uma pessoa resplandecente é posta diante dos olhos de todos como canalha, quando é a mais honesta do mundo... Tente-se esta façanha... não, recusar-se-á! Ora eu... eu, toda a vida, não fiz outra coisa do que carregar com esta façanha. Primeiro discutia, e de que maneira, depois começou a calar-se de todo, apenas abria muito os olhos, aqueles grandes olhos, atentos, a ouvir... E... além disso, vi-lhe de repente um sorriso, desconfiado, taciturno, nada bom. Foi com aquele sorriso que a introduzi em minha casa. Também era verdade que ela já não tinha para onde ir...

Planos, planos...

Quem começou primeiro?

Ninguém. Começou tudo por si desde o primeiro passo. Já disse que a trouxera sob o signo do rigor, porém, desde o primeiro passo, abrandei. Fora-lhe dito, ainda ela era noiva, que ia trabalhar, recebendo os seus penhores contra a entrega do dinheiro, e ela, então, não disse nada (reparem nisto). E mais: deitou mãos à obra com aplicação. É claro que o apartamento, os móveis — tudo ficou como antes. O apartamento tem duas assoalhadas: uma é a sala grande, com uma divisória a separar o espaço para o público, e a segunda, também grande, é a nossa sala comum, onde está também a nossa cama. Os móveis são poucos, e até em casa das tias dela eram melhores. O armário dos ícones com a lamparina está na sala do balcão, e na minha sala estão o armário com os livros e a arca, de que guardo eu as chaves; pois, e também a cama, as mesas, as cadeiras. Também lhe dissera, ainda noiva, que para o nosso mantimento, isto é, para a minha alimentação, a dela e a de Lukéria, a quem convenci a servir para mim, estava destinado um rublo por dia, não mais: «Preciso — disse eu — de juntar trinta mil rublos em três anos, senão é impossível fazer fortuna.» Ela não reclamou, mas, por minha própria iniciativa, aumentei o mantimento em trinta copeques. E, também, quanto ao teatro. Enquanto noiva, eu dissera-lhe que não haveria teatro, no entanto decidi que iríamos ao teatro uma vez por mês, e com decência, na plateia. Fomos três vezes, vimos *Perseguição da Felicidade* e *Aves Canoras*, parece. (Oh, que se amole, que se amole!) Íamos calados e calados voltávamos. Porquê, por que razão começámos a viver calados? Sim, desde o princípio não havia discussões, mas havia o silêncio. Ela, lembro-me, olhava sempre para mim à sorrelfa; eu, quando reparei nisso, intensifiquei o silêncio. Na verdade, era eu quem persistia no silêncio, e não ela. Da parte dela, uma ou duas vezes,

houve uns impulsos, atirou-se a mim aos abraços; mas como os impulsos eram doentios, histéricos, e eu precisava de uma felicidade firme, com respeito da parte dela, recebi isso com frieza. E tive razão: de cada vez, depois dos arrebatamentos, houve discussão no dia seguinte.

Ou seja, nem sequer havia discussões, mas o silêncio e... e um ar cada vez mais atrevido da parte dela. «Revolta e independência», era isso que havia, só que ela não sabia fazê-lo. Sim, aquele rosto manso tornava-se cada vez mais atrevido. Acreditem ou não, eu tornava-me nojento para ela, estudei isso bem. Que ela ficava fora de si por arrebatamentos, disso não havia dúvidas. Como era possível, por exemplo, que ela, depois de sair daquela porcaria e miséria, depois de ter lavado os chãos, se pusesse a fazer caretas à nossa pobreza? Note-se: não era pobreza, mas poupança, e, quando era preciso, até luxo, por exemplo na roupa e no asseio. Ainda antes, eu imaginava sempre nos meus sonhos que o asseio do marido atrairia a mulher. Aliás, ela não desprezava a pobreza, mas sim a minha, por assim dizer, avareza no governo da casa: «Ei-lo com objetivos, a mostrar um caráter firme.» Ela própria se recusou de repente a ir ao teatro. E cada vez mais mostrava a sua careta irónica... e eu intensificava o silêncio, cada vez mais.

O que queriam, que me justificasse? Aqui, o principal é a casa de penhores. Peço licença: eu sabia que uma mulher, ainda por cima de dezasseis anos, não podia evitar tornar-se absolutamente submissa ao homem. Nas mulheres não há originalidade, é um axioma, mesmo hoje, para mim, isto é um axioma! O que importa que esteja agora na sala, em cima da mesa? A verdade é a verdade, e nisso nem o próprio Mill¹²⁸ pode fazer nada! Ora, a mulher que ama, oh, a mulher que ama divinizará os vícios e mesmo a celeradez do homem amado. Ela encontrará justificações para os seus delitos que ele próprio não encontra. Isto é magnânimo, mas não é original. O que levou a mulher à perdição foi tão-só a sua falta de originalidade. E o que importa que agora me apontem com o dedo aquilo ali, em cima da mesa? Será original aquilo, ali em cima da mesa? Ooh!

Oiçam: eu tinha a certeza, naquela altura, do amor dela. É que mesmo naquela altura ela se me atirava ao pescoço. Amava-me, portanto, ou antes, desejava amar-me. Sim, era mesmo isso: desejava amar, procurava amar. E

o principal era que não havia nisso quaisquer malevolências de que ela precisasse de procurar as justificações. Os senhores dizem: usurário, e todos o repetem. Usurário, e depois? Porque deveria haver causas para que o mais generoso dos homens se tornasse usurário. É que, meus senhores, há ideias... ou seja, não sei se estão a ver, há certas ideias que, se forem expressas, ditas com palavras, resultarão numa coisa muito estúpida. Eu próprio deveria ter vergonha. Mas porquê? Por nada. Porque somos todos imprestáveis e não aguentamos a verdade, ou então não sei porquê. Acabei de dizer «o mais generoso dos homens». É ridículo, e no entanto era mesmo assim. Porque é verdade, ou seja, a mais verdadeira das verdades! Sim, eu *tinha direito* a desejar, naquele tempo, assegurar o meu bem-estar e abrir esta casa de penhores: «Rejeitaram-me, isto é, as pessoas expulsaram-me com um silêncio de desprezo. À minha ânsia apaixonada de estar convosco responderam-me com uma ofensa para toda a minha vida. Então eu tinha, portanto, o direito de me separar de vós por um muro, de juntar esses trinta mil e de viver o meu fim de vida algures na Crimeia, na Costa Sul, no meio de montes e vinhedos, na minha propriedade comprada com esses trinta mil, e, principalmente, longe de vós, mas sem vos guardar rancor, com o ideal na alma, com uma mulher amada junto ao meu coração, com a família, se Deus ma der, e ajudando os camponeses vizinhos.» Evidentemente, é bom que esteja agora a dizer isto a mim próprio, porque, vejamos, haveria coisa mais estúpida do que eu ter-lhe descrito tudo isto naquela altura? Daqui, o silêncio orgulhoso, daí o mantermo-nos calados. Porque haveria ela de perceber alguma coisa? Dezasseis anos, a primeira juventude — o que poderia ela perceber das minhas justificações, dos meus sofrimentos? Há aqui uma mentalidade linear, a falta de experiência da vida, a cegueira dos «belos corações», mas, antes de mais, a casa de penhores e ponto final (mas seria eu muito celerado na casa de penhores, não veria ela como eu agia, seria que eu explorava demasiado as pessoas?). Oh, que terrível é neste mundo a verdade! Esta mansa, esta maravilha, este céu, ela, a tirana, uma tirana insuportável da minha alma, o meu carrasco! Seria caluniar-me se não dissesse isto! Acham que eu não a amava? Quem pode dizer que não a amava? Já veem: há aqui ironia, resultou daqui uma maldosa ironia do destino e da natureza! Somos uns malditos, a vida das pessoas em geral foi

amaldiçoada! (A minha, em particular!) É que, no meio disto tudo, compreendo agora que me enganei em qualquer coisa! Houve aqui alguma coisa que não funcionou. Estava tudo claro, o meu plano era claro como o céu: «Severo, orgulhoso e não necessita de consolações morais da parte de ninguém, sofre calado.» Era mesmo isso, eu não mentia, não mentia! «Ela própria verá depois que havia nisto generosidade, só que ainda não conseguiu vê-la, e quando um dia o descobrir dar-lhe-á um valor duplicado e cairá a meus pés, juntando as mãos suplicantes.» Era este o meu plano. Mas esqueci-me de qualquer coisa, ou não tomei qualquer coisa em consideração. Houve qualquer coisa que não consegui fazer. Mas basta, basta. A quem posso agora pedir desculpa? Acabou e pronto. Coragem, homem, e sê orgulhoso! A culpa não é tua!...

Está bem, direi a verdade, não terei medo de encarar a verdade: é *ela* quem tem a culpa, é *ela*!...

[128](#) John Stuart Mill (1806-1873), filósofo e economista inglês, ideólogo do liberalismo. (NT)

A submissa revolta-se

As zangas começaram quando ela, de repente, resolveu pagar aos clientes à sua maneira, avaliar em alta os objetos penhorados, pagando mais do que o que eles valiam e, até, por duas vezes, se atreveu a entrar em discussão comigo sobre este tema. Não concordei. Mas nisso apareceu aquela viúva do capitão.

Era a velha viúva de um capitão, trazendo um medalhão — prenda do defunto marido, uma recordação, já se sabe. Avaliei-o e entreguei-lhe trinta rublos. Pôs-se com lamúrias, a pedir que lhe guardassem bem o objeto — evidentemente, seria guardado. Bom, resumindo: cinco dias depois apareceu outra vez, queria trocar o medalhão por uma pulseira que nem oito rublos valia; recusei, é claro. Ela deve ter adivinhado qualquer coisa pelos olhos da minha mulher, pois voltou quando eu não estava, e a mulher fez a troca.

Quando eu soube disso, no próprio dia, falei com a minha mulher, com meiguice, mas também com firmeza e de forma arrazoada. Ela estava sentada na cama, com os olhos postos no chão e batendo com a biqueira no tapete (gesto típico dela); tinha nos lábios um sorriso mau. Então, sem levantar a voz, lembrei-lhe que o dinheiro era meu, que eu tinha o direito de olhar para a vida com os *meus próprios* olhos e que, quando a convidara para minha casa, não lhe escondera nada.

De repente, ela saltou da cama, toda a tremer, e — imaginem! — começou a bater com os pés no chão; uma fera, aquilo era um ataque de nervos, era uma fera com um ataque de nervos. Fiquei hirto de espanto, não esperava uma afronta daquelas. Mas não me atrapalhei, nem sequer me mexi e, com a mesma voz calma, declarei-lhe frontalmente que, a partir daquele momento, ela estava proibida de se meter no meu negócio. Riu-se-me na cara e saiu do apartamento.

Reparem que ela não tinha o direito de sair do apartamento. Sem mim, não podia ir para lado nenhum, era esse o acordo que fizéramos ainda na altura do noivado. À noite, voltou; eu não lhe disse uma palavra.

No dia seguinte, também saiu de casa de manhã; no terceiro dia, também. Fechei o estabelecimento e fui a casa das tias dela. Eu rompera com elas logo depois do casamento — não as visitava, não as recebia em minha casa. Pois bem, ela não estava em casa delas. Ouviram-me com curiosidade e riram-se-me na cara: «Bem feito.» Eu já estava, porém, à espera da risota delas. Logo depois subornei a tia mais nova, a virgem, com cem rublos, dando-lhe vinte e cinco adiantados. Dois dias depois ela veio ter comigo: «Está metido nisto um oficial — disse ela —, o tenente Efimóvitch, seu antigo camarada de regimento.» Pasmei. Este Efimóvitch, no regimento, foi das pessoas que mais mal me fez; ora, um mês atrás, teve a desvergonha de aparecer por duas vezes no meu estabelecimento, sob o pretexto de penhorar coisas, e, lembro-me, começou a brincar com a minha mulher. Aproximei-me então dele e disse-lhe que não se atrevesse a aparecer mais, lembrando-lhe as nossas relações; porém, nem me passou pela cabeça que fosse para aquilo, pensei que era apenas descarado dele. No entanto, agora a tia informava-me de chofre que a minha mulher até já marcara encontro com ele e que tratava de tudo uma antiga conhecida das tias, Iúlia Samsónovna, viúva de um coronel — «Agora é a casa dela que a sua mulher frequenta.»

Abrevio a história. Ao todo, custou-me cerca de trezentos rublos, mas em dois dias foi organizado tudo de maneira a que eu ficaria na sala contígua, por trás das portas encostadas, e ouviria o primeiro *rendez-vous* a sós da minha mulher com Efimóvitch. Ora, enquanto esperava por isso, na véspera tive com ela uma cena curta, mas muito significativa para mim.

Voltou à tarde, sentou-se na cama; pôs-se a olhar para mim com ironia e a bater com o pezinho no tapete. Vendo-a assim, passou-me de repente pela cabeça a ideia de que, durante o último mês, ou melhor, as duas últimas semanas, ela não correspondia ao seu próprio caráter, ou mesmo que era contrária ao seu caráter: manifestava-se uma criatura furiosa, agressiva, não posso dizer que desavergonhada, mas desordenada e à procura de agitação. A pedir agitação. A mansidão, contudo, impedia-lho. Quando uma criatura

assim se revolta, então, mesmo saindo das marcas, vê-se que precisa de se superar, de se incitar a si mesma, mas que lhe é de todo impossível vencer a sua pureza e pudor. É por isso que criaturas assim, às vezes, passam demasiado das marcas, de tal modo que nos custa a acreditar nos próprios olhos. Ora, uma alma habituada à depravação, pelo contrário, suaviza sempre as coisas, faz as maiores porcarias mas de forma ordenada e dentro das conveniências, com pretensões até à superioridade sobre os outros.

— A propósito, é verdade que o senhor foi expulso do regimento porque se acobardou e não quis travar um duelo? — perguntou de repente, e os olhos dela brilharam.

— É verdade; por sentença dos oficiais, pediram-me que abandonasse o regimento, embora já antes disso eu tivesse apresentado o pedido de passagem à reserva.

— Expulsaram-no como cobarde?

— Sim, sentenciaram que eu era cobarde. Mas recusei-me ao duelo não por ser cobarde, mas porque não quis obedecer à sentença tirânica deles e desafiar o outro para duelo sem ver ofensa nenhuma. Sabe — não me contive — que ter um ato de revolta contra essa tirania e aceitar todas as consequências que daí advêm significou muito mais coragem do que travar um duelo qualquer?

Não me contivera e, com esta frase, comecei como que a justificar-me; era só isto que ela esperava, esta minha nova humilhação. Riu-se maldosamente.

— É verdade que o senhor, depois, durante três anos, andou pelas ruas de Petersburgo como um vagabundo, a pedir copeques, e pernoitava debaixo das mesas de bilhar?

— Também pernoitava na Praça Sennaia, na «casa de Viázemski»¹²⁹. Sim, é verdade; houve na minha vida, depois do regimento, muita vergonha e decadência, mas não uma decadência moral, porque, naquela altura, eu era o primeiro a odiar o meu comportamento. Era apenas uma queda da minha força de vontade e do meu intelecto, provocada apenas por uma situação de desespero. Mas já passou...

— Oh, agora é uma personalidade... um financeiro!

Ou seja, aquilo era uma insinuação à casa de penhores. Porém, eu já tivera tempo de me dominar. Via que ela ansiava pelos esclarecimentos humilhantes para mim, e não lhos dei. Nesse momento tocou a campainha, chamando-me a atender um cliente, e eu fui para a sala. Uma hora depois, quando ela se vestiu para sair, parou por um instante à minha frente e disse:

— No entanto, o senhor não me contou nada disso antes do casamento, pois não?

Não lhe respondi, e ela saiu.

Portanto, no dia seguinte, eu estava a postos naquela sala, atrás da porta, e ouvia como se estava a decidir o meu destino; no bolso tinha um revólver. Ela estava toda ataviada, sentada à mesa, e Efimóvitch, em frente dela, exibia-se. Ora bem: tudo se passou (e digo-o para minha honra) tal qual eu pressentia e pressupunha, embora sem ter a consciência disso. Não sei se me exprimo claramente.

Resultou o que conto a seguir. Eu escutei e assisti, durante uma hora, ao duelo da mais nobre e sublime das mulheres com uma besta depravada e lorpa, com alma de réptil, da alta sociedade. Pensava eu com espanto: aonde foi buscar tudo isto esta mansa, esta ingénua, esta taciturna? O mais espirituoso autor de uma comédia de costumes da alta sociedade não conseguiria criar semelhante cena de escárnios, de gargalhadas ingénuas e de santo desprezo da virtude pela corrupção. Quanto brilho havia nas palavras e nas réplicas dela; que espirituosas eram as suas respostas rápidas, que verdade havia nas suas censuras! E, ao mesmo tempo, quanta ingenuidade quase virgem. Ria-se-lhe na cara das declarações de amor que lhe fazia, ria-se dos gestos dele, das propostas dele. Tendo começado por fazer uma abordagem grosseira do assunto, sem prever a resistência, o homem ficou descoroçoado. De início, eu ainda poderia pensar que aquilo era simplesmente coqueteria da parte dela, «coqueteria de uma criatura que, embora depravada, também se torna espirituosa para dar de si uma imagem de maior valor». Mas não, a verdade brilhou como o sol, e era impossível duvidar. Fora apenas o ódio por mim, um ódio afetado e impulsivo, que a levava, inexperiente, a ousar comparecer neste encontro, mas logo que chegou a hora da verdade abriram-se-lhe os olhos. A criatura, pura e simplesmente, desunhava-se por arranjar maneira de me insultar, mas, mal

se viu metida em semelhante porcaria, não cedeu à depravação. Como conseguiria Efimóvitch, ou qualquer outra dessas bestas mundanas, seduzir tão pura e imaculada mulher, uma mulher com um ideal na alma? Pelo contrário, apenas provocou o riso dela. Toda a verdade se lhe ergueu na alma, a indignação despertou-lhe o sarcasmo. Repito, aquele palhaço, por fim, ficou tão desalentado que, carregando o sobrolho, já mal lhe respondia, pelo que eu até receei que começasse a tratá-la mal por vingança ignóbil. Repito também: para minha honra, assisti àquela cena quase sem espanto. Como se estivesse perante uma cena familiar. Como se tivesse ido ali para assistir, precisamente, a uma cena familiar. Quando lá fui, embora tivesse metido o revólver no bolso, não acreditava em nada daquilo, em quaisquer acusações — eis a verdade! E será que poderia imaginá-la de outra maneira? Se ela não fosse como era, será que eu a amaria, a teria em tão alto apreço, me casaria com ela? Oh, é claro que, naquele momento, me convenci perfeitamente de quanto ela me odiava, mas também me convenci da sua inocência. Interrompi a cena de repente, abrindo a porta. Efimóvitch saltou do lugar, eu peguei na mão dela e pedi-lhe que saísse dali comigo. Efimóvitch caiu em si e, de rompante, desatou às gargalhadas sonoras, estrondosas:

— Oh, contra os sagrados direitos do matrimónio não tenho nada contra, leve-a, leve! E sabe uma coisa — gritou-me às costas —: embora um homem decente não possa ir a duelo consigo, eu, por respeito à sua senhora, estou às suas ordens... Se o senhor, aliás, arriscar...

— Está a ouvir? — detive-a, por um segundo, à saída.

Depois, durante todo o caminho até casa, não foi dita entre nós uma única palavra. Levava-a pela mão, ela não resistia. Pelo contrário, estava terrivelmente impressionada, mas apenas até chegarmos a casa. Em casa, sentou-se e fixou em mim os olhos. Estava extremamente pálida; embora já se lhe esboçasse um sorriso sarcástico, olhava para mim com um desafio solene e severo, e, ao que parecia, nos primeiros minutos estava convencida de que eu a mataria com o revólver. Mas tirei o revólver do bolso e pu-lo em cima da mesa. Ela olhava ora para mim, ora para o revólver. Reparem: eu tinha aquela arma desde que abrira a casa de penhores, tendo resolvido não ter cães enormes nem um laçao forte, como Mozer, por exemplo.

Quem abre a porta aos clientes é a minha cozinheira. Porém, quem tem um negócio como o nosso não pode passar sem meios de defesa e, para o que desse e viesse, eu tinha sempre o revólver carregado. Nos primeiros dias de casados, ela interessara-se muito por este revólver, fazia perguntas, e eu cheguei a explicar-lhe, inclusive, o modo de funcionamento da arma, e convencia-a a fazer tiro ao alvo. (Notem isto.) Sem dar atenção ao olhar assustado dela, deitei-me na cama meio despido. Estava exausto, já eram onze horas. Ela continuou sentada no mesmo sítio, sem se mexer, ainda mais uma hora, depois apagou a vela e, também vestida, deitou-se no divã encostado à parede. Pela primeira vez, não se deitou comigo — notem também isto...

[129](#) A «casa de Viázemski» era um dos principais «centros de divertimento» das camadas baixas da população da capital, uma concentração de tabernas e outras espeluncas. Era um prédio enorme, de três andares, conhecido pelos seus numerosos pátios em labirinto. A menção deste prédio aponta para o grau de marginalização social do herói. (NT)

A terrível recordação

Agora, esta terrível recordação...

De manhã acordei já depois das sete, acho eu; no quarto já estava quase claro. Acordei de uma vez e com a consciência bem desperta, abri os olhos. Ela estava ao pé da mesa, com o revólver nas mãos. Não notou que eu estava acordado e a olhar para ela. Vi então que começava a aproximar-se de mim com o revólver na mão. Fechei logo os olhos e fingi que dormia profundamente.

Ela chegou-se até à cama e parou, sobranceira a mim. Eu ouvia tudo e, embora o silêncio fosse sepulcral, ouvia esse silêncio. De súbito senti um movimento espasmódico e, irresistivelmente, contra a minha vontade, abri os olhos. Ela olhava-me a direito nos olhos, com o revólver já apontado à minha têmpora. Os nossos olhos cruzaram-se. Mas isso não durou mais do que um instante. Fechei os olhos com firmeza e, a partir daí, decidi, com todas as forças da minha alma, que não me mexeria nem abriria mais os olhos, fosse o que fosse que me esperava.

De facto, acontece às vezes que uma pessoa a dormir profundamente abre de súbito os olhos, soergue por um momento a cabeça e passa o olhar pelo quarto, e depois, no mesmo momento, pousa a cabeça na almofada, inconscientemente, e continua a dormir sem se lembrar de nada.

Quando eu, depois de ter encontrado o olhar dela e sentido o revólver apontado à têmpora, fechei de repente os olhos e não me mexi mais, como se estivesse a dormir profundamente, ela podia muito bem supor que eu, de facto, estava a dormir e não vira nada, ainda por cima porque era inverosímil que eu, ao ver o que vi, tivesse fechado de novo os olhos num momento *desses*.

Sim, inverosímil. No entanto, também era possível ela ter adivinhado a verdade — foi isso que me relanceou pela mente, também naquele instante.

Oh, que turbilhão de pensamentos e sensações me relampejou na cabeça naquele ínfimo instante, e viva a eletricidade do pensamento humano! Neste caso (senti eu), se ela adivinhou a verdade e sabia que eu não estava a dormir, já a tinha esmagado com a minha prontidão em aceitar a morte, e a mão dela era capaz, agora, de tremer. Uma firmeza recente é capaz de se desmoronar contra uma nova sensação extraordinária. Dizem que uma pessoa para num ponto alto como que se sente atraída, involuntariamente, pelo abismo. Acho que muitos suicídios e assassínios apenas aconteceram porque o revólver já estava nas mãos da pessoa. Aqui também há o abismo, há uma inclinação de quarenta e cinco graus em que é inevitável deslizar-se, e qualquer coisa incita inevitavelmente a pessoa a premir o gatilho. Porém, a consciência de que eu vira tudo, de que sabia tudo, podia detê-la no declive.

O silêncio continuava e, de repente, senti na têmpora, junto ao cabelo, o toque frio do aço. Perguntar-me-ão: tinhas a firme esperança de te salvars? Respondo como perante Deus: não tinha qualquer esperança, não tinha um por cento de esperança. Porque aceitava, então, a morte? E eu pergunto: para que precisava eu da vida depois do revólver apontado à minha cabeça pela criatura que eu adorava? Além disso, eu sabia com toda a força do meu ser que, neste mesmo instante, se desenrolava entre nós uma luta, um terrível duelo de vida ou de morte, um duelo, um duelo em que entrava o mesmo cobarde do dia anterior que, por cobardia, fora banido em tempos pelos seus camaradas de armas. Eu sabia-o, e ela, caso tivesse adivinhado a verdade de que eu estava acordado, sabia-o também.

Talvez não fosse nada disso, talvez nem sequer pensasse nisso, mas, mesmo que não houvesse pensamento, deve ter sido mesmo assim, porque, depois, eu nunca mais deixei de pensar nisso em cada instante da minha vida.

Far-me-ão mais uma pergunta: porque não a salvou de se tornar uma criminosa? Oh, por mil vezes fiz depois esta pergunta a mim mesmo, de cada vez que, com arrepios na espinha, me lembrava deste segundo. Mas a minha alma estava, então, num desespero sombrio: se eu próprio estava à beira da morte, quem poderia eu salvar? E como se sabe se eu queria, então, salvar alguém? Como se pode saber o que eu sentia naquele momento?

A minha consciência, entretanto, fervia; passavam-se os segundos, o silêncio era o dos mortos; ela ainda estava parada sobranceira a mim e, de repente, estremeci de esperança! Abri rapidamente os olhos. Ela já não estava no quarto. Levantei-me da cama: tinha-a vencido... e ela estava vencida para sempre!

Fui à mesa do chá. O samovar era sempre posto na primeira sala, e era sempre ela quem servia o chá. Sentei-me em silêncio à mesa e tomei das mãos dela o copo de chá. Cinco minutos depois olhei para ela. Estava terrivelmente pálida, mais pálida do que no dia anterior, e olhava para mim — de repente, tendo apanhado o meu olhar, os seus lábios brancos esboçaram um sorriso, com uma interrogação tímida nos olhos. «Significa isto que ela ainda duvida e pergunta a si mesma: ele sabe ou não sabe, viu ou não viu? Desviei os olhos com indiferença. Depois do chá, fechei a caixa, fui ao mercado e comprei uma cama de ferro e os biombos. Voltei para casa e mandei pôr a cama na sala, resguardada por um biombo. Era uma cama para ela, mas não lhe disse uma palavra. Compreendeu sem palavras, por causa da cama, que eu «vira tudo e sabia» e que já não havia mais dúvidas. Para a noite, como sempre, deixei o revólver em cima da mesa. À noite, ela deitou-se em silêncio na cama nova: o matrimónio fora dissolvido, ela fora «vencida mas não perdoada». De noite, delirou, de manhã, teve febre. Ficou acamada durante seis semanas.

Capítulo 2

Sonho de orgulho

Lukéria acabou de declarar que não ficaria em minha casa e que, depois do funeral da senhora, se iria embora. Rezei de joelhos durante cinco minutos, quando pretendia rezar uma hora, mas ponho-me a pensar, a pensar... e são pensamentos dolorosos, e dói-me a cabeça — como é que posso rezar? É pecado! Também é estranho que não me apeteça dormir: numa desgraça grande, muito grande, depois das primeiras fortíssimas explosões, apetece sempre dormir. Os condenados à morte dormem muito bem, segundo ouvi dizer, na última noite. É natural que assim seja, pois, de outra maneira, não haveria forças... Deitei-me no divã mas não adormeci...

Durante as seis semanas da doença, tratávamos dela dia e noite — eu, Lukéria e uma enfermeira qualificada do hospital que contratei. Não poupava dinheiro, e até tinha vontade de o gastar com ela. Chamei o doutor Schröder, pagava-lhe dez rublos por visita. Quando ela começou a dar acordo de si, comecei a aparecer menos junto dela. Aliás, para que descrevo isto? Quando se levantou da cama, sentou-se, quieta e calada, no meu quarto, a uma mesa especial que também lhe comprara naquela altura... Sim, é verdade, estávamos num absoluto silêncio; ou seja, mais tarde começámos a falar, mas só de coisas corriqueiras. Eu, é claro fazia de propósito para não arengar, mas notei que ela também estava contente com a possibilidade de não ter de dizer uma palavra a mais. Pareceu-me perfeitamente natural da parte dela: «Está abalada demais, e vencida — pensava eu —, e sem dúvida que é preciso dar-lhe tempo para esquecer e se habituar. Assim, andávamos calados, mas a cada instante eu me preparava, no meu íntimo, para o futuro. Pensava que ela fazia o mesmo, e para mim era muito curioso adivinhar: o que estaria ela precisamente a pensar?

Digo mais: oh, é claro que ninguém sabe o que eu sofri quando gemia ao lado dela durante a sua doença. Mas gemia em silêncio, oprimia os gemidos

no peito, escondendo-os inclusivamente de Lukéria. Não podia imaginar nem supor que ela morresse sem ficar a saber tudo. Ora, quando passou o perigo e ela começou a recuperar, eu — lembro-me — acalmei-me rápida e completamente. Mais ainda, resolvi *adiar o nosso futuro* para o prazo mais longo possível, deixando por enquanto tudo como estava. Sim, aconteceu-me então uma coisa estranha e especial, não sei chamá-la de outro modo: rejubilei, e a consciência disso bastou-me absolutamente. Assim se passou todo o inverno. Oh, eu estava contente como nunca, e foi assim durante todo o inverno.

Houvera na minha vida uma terrível circunstância exterior que até agora, ou seja, até à catástrofe da minha mulher, me oprimia a cada dia e a cada hora; tratava-se da perda do meu bom nome e da minha expulsão do regimento. Em poucas palavras: fui vítima de uma injustiça tirânica. Era verdade que os meus camaradas não gostavam de mim por causa do meu carácter difícil e, se calhar, ridículo, embora aconteça muitas vezes que as coisas que nos são mais sublimes, queridas e veneráveis fazem rir a multidão dos nossos camaradas, por qualquer motivo. Oh, ninguém gostava de mim já na escola. Não gostavam de mim sempre e por todo o lado. Nem sequer a Lukéria é capaz de gostar de mim. Ora, o caso do regimento, embora fosse consequência do desdém que tinham por mim, foi de carácter casual, sem dúvida. Falo disto, porque não há nada mais ofensivo e insupportável do que uma pessoa ir para a perdição devido a um acaso que poderia não acontecer, devido a uma infeliz acumulação de circunstâncias que nos poderiam ter passado ao lado como nuvens. Isto é humilhante para uma criatura inteligente. Foi este o caso.

No teatro, durante o intervalo, fui ao bufete. O hussardo A...v, que apareceu de repente no meio de todos os oficiais e de outro público, começou a falar alto com dois camaradas dele, também hussardos, dizendo que, no corredor, o capitão Bezúmtsev, do nosso regimento, tinha acabado de armar escândalo e «estava, pelos vistos, bêbado». A conversa não avançou mais, até porque se tratava de um engano: Bezúmtsev não estava bêbado e o escândalo não era propriamente um escândalo. Os hussardos começaram a falar de outros assuntos, e a coisa ficou por aí; mas, no dia seguinte, a história chegou ao nosso regimento, e de imediato foi observado

que eu era o único do nosso regimento que estava presente quando o hussardo A...v se referira em tom atrevido ao capitão Bezúmtsev e não o fizera calar-se. Mas por que razão havia de fazê-lo? Se aquele hussardo guardava rancor a Bezúmtsev, o problema era entre eles, um problema pessoal, e eu não tinha nada que intrometer-me. Entretanto, os oficiais concluíram que o assunto não era pessoal, mas dizia respeito ao regimento e que, como apenas eu presenciara o incidente, demonstrara a todos os oficiais e ao público que estava no bufete que no nosso regimento podia haver oficiais menos escrupulosos no tocante à sua honra e à honra do regimento. Eu não podia concordar com tal sentença. Deram-me a entender que ainda podia emendar tudo, mesmo com atraso, se pedisse explicações formais a A...v. Não quis fazê-lo e, como estava irritado, foi com orgulho que recusei. Logo a seguir pedi a passagem à reserva — é esta a história. Saí dela orgulhoso, mas espiritualmente destroçado. Tive uma queda da força de vontade e do espírito. Coincidiu com isto a notícia de que o marido da minha irmã, em Moscovo, tinha desbaratado a nossa pequena fortuna, que incluía a minha parte, uma parte minúscula, enfim, mas foi desse modo que me vi na rua sem um tostão no bolso. Poderia arranjar um emprego no serviço privado, mas não o fiz: depois da farda brilhante, custava-me ir trabalhar algures nos caminhos de ferro. E assim, escolhi: pois que seja a vergonha, pois que seja a queda, e quanto mais ignóbil, melhor. Seguiram-se três anos que são para mim recordações sombrias, incluindo a «casa de Viázemski». Um ano e meio atrás morrera em Moscovo uma velha rica, minha madrinha de batismo, e inesperadamente, fui um dos herdeiros: herdei dela três mil rublos. Pensei um pouco e decidi o meu destino. Resolvi abrir a casa de penhores, sem me desculpar perante as pessoas; o meu plano era: o dinheiro, depois um abrigo, e nova vida longe das recordações. No entanto, o passado sombrio e a minha honra denegrada para sempre atormentavam-me a cada hora, a cada instante. Então, casei-me. Se o fiz por acaso ou não, isso não sei. Mas, ao levar a mulher para casa, pensava que levava uma amiga, a amiga de que tanto necessitava. Compreendia, porém, que essa amiga teria de ser preparada, até ao fim, e mesmo subjugada. E seria possível explicar alguma coisa de maneira definitiva a uma criatura de dezasseis anos cheia de ideias preconcebidas

em relação a mim? Por exemplo, como teria podido, sem a terrível catástrofe com o revólver, convencê-la de que não era cobarde e de que era injusto acusar-me de cobardia no caso do regimento? Mas a catástrofe foi oportuna. Ao aguentar a prova do revólver, vinguei-me de todo o meu passado sombrio. E, embora ninguém soubesse disso, soube-o *ela*, o que para mim era o que contava, já que para mim, ela era tudo, toda a esperança dos meus sonhos de futuro! Ela era a pessoa única que eu preparava para mim, não precisava de outra — e ela soube tudo; soube, pelo menos, que era injusta quando se juntara aos meus inimigos. Esta ideia fascinava-me. Aos olhos dela, eu já não poderia ser um velhaco, mas apenas um homem estranho; mas também esta ideia, depois de tudo o que me aconteceu, não me desagradava: a estranheza não é defeito, pelo contrário, às vezes é atraente para o caráter feminino. Em resumo, adiei propositadamente o desenlace: o que aconteceu foi o suficiente para o meu sossego e continha o cenário e o material para os meus sonhos. O mal é que sou um sonhador; para mim bastava o material; quanto a ela, pensei que *esperaria*.

Assim se passou o inverno, à espera de qualquer coisa. Eu gostava de olhar sorrateiramente para ela, ver como ela se sentava à sua mesinha. Fazia os seus trabalhos de mão, costurava, e à noite, por vezes, lia livros que tirava do meu armário. A coleção dos livros do meu armário também deveria testemunhar a meu favor. Ela quase nunca saía à rua. Antes de anoitecer, depois do almoço, eu levava-a sempre a passear, para bem da saúde; mas já não nos calávamos por completo como antes. Eu tentava, precisamente, fingir que não nos calávamos e que falávamos em tom de concórdia, mas, repito, fazíamo-lo de forma a não entrar em grandes discursos. Eu fazia isso de propósito, já que a ela — pensava eu — era preciso «dar tempo». É estranho, sem dúvida, que vez alguma, até ao fim do inverno, não me tenha passado pela cabeça que, enquanto eu apreciava olhar sorrateiramente para ela, não tenha captado nela qualquer olhar dirigido a mim! Pensava que era por timidez. Além disso, depois da doença ela ficara com o ar de uma submissão tímida, de impotência. Não, era melhor esperar e... «e ela própria, de repente, virá ter comigo».

Esta ideia fascinava-me irresistivelmente. Acrescento apenas que eu, às vezes, como que intencionalmente, incitava a minha mente e o meu espírito

a chegarem ao ponto de eu ficar como que ressentido com ela. E assim continuei, por períodos. O meu ódio, porém, nunca chegava a amadurecer e a consolidar-se na minha alma. E eu próprio sentia que aquilo era uma espécie de jogo. Mesmo quando rompi o casamento, comprando a cama e os biombos para ela, nunca consegui vê-la como uma criminosa. E não foi por ter ajuizado sobre o crime dela de uma forma leviana, mas porque lhe perdoara completamente, desde o primeiro dia, antes de ter comprado a cama. Isto, em resumo, é estranho da minha parte, porque eu sou rigoroso quanto à moral. Do meu ponto de vista, ela estava tão vencida, tão humilhada, tão esmagada que, por vezes, eu tinha por ela uma piedade até à dor, embora, ao mesmo tempo, me agradasse claramente, outras vezes, a ideia da sua humilhação. Agradava-me a ideia dessa nossa desigualdade...

Durante este inverno calhou que eu fizesse várias boas ações. Perdoei duas dívidas, dei dinheiro a uma senhora pobre sem a contrapartida de qualquer penhor. E não disse nada à minha mulher, nem fiz nada para ela o saber; mas a senhora veio depois agradecer, quase se pôs de joelhos. Dessa forma, ela soube, e pareceu-me que encarou a coisa com prazer.

Mas corria a primavera, estava-se já em meados de abril, já se tinham tirado os caixilhos duplos das janelas, e o sol, em feixes de luz brilhantes, já iluminava as nossas salas taciturnas; no entanto, uma cortina pendia ainda em frente dos meus olhos e cegava-me a mente. Uma cortina fatal, terrível! Como foi que, de repente, a venda me caiu dos olhos e eu recuperei a visão e compreendi? Foi um acaso, ou foi o dia que rompeu, ou foi um raio de luz que acendeu na minha mente obscurecida o pensamento e a percepção? Não, não havia nisso pensamento nem percepção, mas uma veia quase morta tremeu, vibrou e reavivou-se, e alumiu toda a minha alma embotada e o meu orgulho diabólico. Como se saltasse repentinamente do meu lugar. Isso aconteceu de rompante, inesperadamente. Foi à tarde, depois do almoço, cerca das cinco.

A cortina caiu

Duas palavras prévias. Já um mês antes eu reparara que ela estava estranhamente pensativa, não tanto taciturna mas já pensativa. Foi também de repente que notei isso. Estava sentada a trabalhar, com a cabeça inclinada para a costura e não via que eu estava a olhar para ela. Então impressionou-me que ela se tivesse tornado tão fininha, tão magrinha, tão pálida, com os lábios tão exangues — tudo isso, juntamente com o seu ar pensativo, fulminou-me de vez. Já antes eu ouvia o seu tossicar seco, sobretudo de noite. Levantei-me e fui ter com o Schröder, sem ter dito nada a ela.

Schröder veio no dia seguinte. Ela ficou muito espantada e olhava ora para mim, ora para Schröder.

— Mas eu estou bem — disse ela por entre um sorriso indefinido.

Schröder quase não a examinou (estes médicos, às vezes, são altivamente descuidados), apenas disse na outra sala que aquilo eram vestígios da doença anterior e que, já que estávamos na primavera, não seria mau levá-la até à beira-mar, ou, se não fosse possível, mudar simplesmente para uma casa de campo. Enfim, não adiantou mais nada, a não ser que havia fraqueza e não sei que mais. Quando Schröder se foi embora, ela repetiu, olhando para mim de novo muito séria:

— Estou bem, absolutamente bem.

Mal o disse, corou, pelos vistos de vergonha. Era vergonha, sem dúvida. Oh, agora percebo: tinha vergonha de que eu ainda fosse *marido* dela, que cuidasse dela, que ainda fosse como um verdadeiro marido. Mas naquele momento não compreendi e atribuí aquele corar à resignação (cortina!).

Um mês depois, cerca das cinco da tarde, em abril, num dia claro de sol, eu estava ao balcão e fazia as contas. De repente oiço que ela está ali, na nossa sala, à sua mesa de trabalho... e que começa a cantar, baixinho,

baixinho. Este novo acontecimento causou-me uma impressão extraordinária, e ainda hoje não consigo entendê-lo. Até então quase nunca a ouvira cantar, a não ser nos primeiros dias após a sua vinda cá para casa, quando ainda podíamos brincar, fazendo tiro ao alvo. Naquela altura a voz dela era bastante forte, sonora, embora incerta, mas muito agradável e sadia. Mas agora a cantiga soava fraquinha — oh, não que fosse triste (era uma romança qualquer), mas como se houvesse na sua voz qualquer coisa quebrada, rachada, como se a vozinha não se lhe aguentasse, como se a própria canção estivesse doente. Cantava a meia-voz, e de repente alçou-a e saiu-lhe entrecortada — pobre voz, que se lhe cortava de forma tão lastimosa; tossiu e voltou ao canto baixinho, pequenino...

Vão rir-se das minhas emoções, mas ninguém alguma vez perceberá porque me emocionei! Não, ainda não tinha pena dela, era qualquer coisa muito diferente. A princípio, pelo menos nos primeiros momentos, atingiu-me a perplexidade, um forte espanto, forte e estranho, doentio e quase vingativo: «A cantar na minha presença! *Esqueceu-se de mim ou quê?*»

Completamente abalado, eu continuava sentado, depois levantei-me de repente, peguei no chapéu e saí, incapaz de compreender. Não sei porque saía nem para onde ia. Lukéria deu-me o sobretudo.

— Está a cantar!? — disse sem querer a Lukéria. Ela não percebeu e olhava, olhava para mim sempre sem perceber; de resto, aquilo era de facto incompreensível.

— É a primeira vez que ela canta?

— Não, quando o senhor não está, às vezes canta — respondeu Lukéria.

Lembro-me de tudo. Desci as escadas, desci para a rua e comecei a andar ao deus-dará. Cheguei à esquina e parei, pus-me a olhar, sem ver nada, as pessoas que passavam a meu lado empurravam-me, eu não sentia. Chamei um coche, mandei-o ir para a Ponte Politséiski, não sei porquê. Depois, pensando melhor, atirei vinte copeques ao cocheiro.

— Toma, pelo incómodo — disse eu, rindo-me sem sentido, mas o meu coração como que ficou de súbito num enleio.

Dei meia-volta e, estugando o passo, voltei para casa. De novo me soaram na alma as pobres notas quebradas, rasgadas. Cortava-se-me a respiração. Caía-me, caía-me a cortina dos olhos! Se cantou na minha

presença, significa que se esqueceu de mim — isso, era isso, claro e assustador. Mas o enleio brilhava na minha alma e sobrepunha-se ao medo.

Oh, ironia do destino! Durante todo o inverno, não houvera nem pudera haver outra coisa na minha alma além desse enleio, mas onde estava eu durante o inverno? Estava na companhia da minha alma? Corri muito depressa pela escada acima, e não sei se foi com timidez ou não que eu entrei. Lembro-me apenas de que o chão como que me fugia debaixo dos pés, ondulante, era como se eu nadasse no rio. Entrei no quarto, ela estava sentada no mesmo sítio, costurando com a cabeça inclinada, mas já não cantava. Olhou para mim de relance e sem curiosidade, aquilo nem sequer era um olhar, mas apenas um gesto, habitual e indiferente, daqueles que lançam quando entra alguém numa sala.

Aproximei-me e, como louco, sentei-me na cadeira ao pé dela, muito perto. Olhou para mim fugazmente, como que assustada; peguei-lhe na mão e não me lembro do que lhe disse, ou seja, do que lhe queria dizer, porque nem sequer era capaz de falar corretamente. A minha voz entrecortava-se e não me obedecia. Não sabia o que dizer, sufocava.

— Vamos falar... sabes... diz alguma coisa! — balbuciei estupidamente... Oh, o que interessava ser inteligente? Ela voltou a estremecer e, com ar de grande susto, afastou-se, olhando-me para a cara, mas de repente um *espanto rigoroso* exprimiu-se nos olhos dela. Sim, espanto, e *rigoroso*. Olhava para mim com os olhos muito abertos. Este rigor, este espanto rigoroso esmagaram-me de vez: «Então, ainda por cima, queres amor? Amor?» — perguntava-me aquele seu espanto calado. Mas li-lhe tudo nos olhos, tudo. Todo o meu ser tremeu, caí-lhe aos pés. Sim, tombei aos pés dela. Ela saltou do lugar rapidamente, mas eu detive-a, agarrando-lhe com força nas mãos.

Eu compreendia plenamente o meu desespero, oh, compreendia! Mas, acreditem, o enlevo que fervia no meu coração era tão irrefreável que eu pensei morrer. Beijava-lhe os pés com arrebatamento e felicidade. Sim, felicidade, uma felicidade desmesurada, infinita, e isso em simultâneo com a consciência do meu desespero sem saída! Chorava, queria falar, mas não me saía uma palavra. O medo e o espanto dela, bruscamente, deram lugar a um qualquer pensamento preocupado, a uma questão muito importante, e

olhava para mim de modo estranho, quase louco, como se quisesse perceber rapidamente qualquer coisa, e sorriu. Estava com muita vergonha de que eu lhe beijasse os pés e afastava-os, mas logo eu beijava o chão onde ela tivera os pés. Vendo isso, ela começou a rir de vergonha (sabem como é, quando as pessoas se riem de vergonha?). Aproximava-se um ataque de histeria, eu estava a vê-lo, as mãos dela tremiam — mas eu não pensava nisso e não parava de lhe murmurar que a amava, que não me levantaria dali... «Deixa-me beijar o teu vestido... deixa-me venerar-te toda a vida...» Não sei, não me lembro — de repente, ela desatou a chorar, a tremer, numa histeria terrível. Eu assustara-a.

Levei-a para a cama. Quando o ataque acabou, sentou-se na cama e, com um ar desfeito, pegou nas minhas mãos e pediu que me acalmasse. «Deixe lá, não se atormente, acalme-se!», e de novo começou a chorar. Durante toda a tarde não me arredei dela. Repetia-lhe sempre que a levaria a Bolonha para tomar banhos de mar, o mais depressa possível, dentro de duas semanas, que a voz dela estava muito quebrada, que havia pouco lha ouvira; que fecharia a casa de penhores, que a ia vender a Dobronrávov; que começaria uma vida nova, mas, em primeiro lugar, seria a ida a Bolonha, a Bolonha! Ela ouvia com medo. Com um medo cada vez maior. Mas o principal, para mim, não era isso, era que eu tinha cada vez mais vontade de voltar a rojar-me aos pés dela e de novo lhos beijar, beijar o chão que ela pisava, rezar a ela e... «Não te pedirei mais nada, nada — repetia-lhe a cada instante. — Não me respondas nada, não dês atenção à minha presença, deixa-me apenas ficar num canto a olhar para ti, transforma-me num objeto que te pertence, num cãozinho...» Ela chorava.

— *Já pensava que o senhor iria deixar-me assim* — escapou-lhe involuntariamente, tão involuntariamente que nem ela talvez se desse conta disso, e, no entanto, era... oh, era aquela a principal palavra dela, a palavra fatal e a mais compreensível para mim naquela tarde, e foi como se me anavalhasse o coração! Era uma palavra que me explicava tudo, mas enquanto ela estava ao pé de mim, diante dos meus olhos, eu tinha uma esperança irreprimível e estava incrivelmente feliz. Oh, extenuara-a terrivelmente naquela tarde, e sabia-o, mas pensava sempre que bastava mais um pouco e transfiguraria tudo! Por fim, ao cair da noite, ela ficou

completamente exausta e convenci-a a dormir; e foi, e adormeceu de imediato, profundamente. Eu esperava o delírio dela, e houve delírio, mas ligeiro. Eu levantava-me de noite quase de minuto a minuto, ia de pantufas olhar para ela. E torcia as mãos ao olhar para aquela criatura doente deitada na caminha pobre de ferro que eu lhe comprara por três rublos. Punha-me de joelhos, mas não me atrevia a beijar-lhe os pés enquanto dormia (sem autorização dela!). Ajoelhava-me para rezar a Deus, mas levantava-me de imediato. Lukéria, que vinha muitas vezes da cozinha, observava-me. Fui ter com ela e disse-lhe que se deitasse e que no dia seguinte «as coisas seriam absolutamente diferentes».

Eu acreditava louca, cega, terrivelmente. Oh, inundava-me o enleio, o enleio! Esperava apenas pelo dia seguinte. O principal era que eu, apesar dos sintomas, não acreditava numa desgraça. O juízo ainda não me voltara completamente, apesar da queda da cortina, e não voltaria durante muito, muito tempo — oh, até hoje, mesmo até hoje!! Como poderia então ter voltado naquela altura? Ela ainda estava viva, estava ali à minha frente, e eu à frente dela: «Amanhã, quando acordar, eu digo-lhe tudo, e ela verá tudo.» Era o meu raciocínio naquele momento, simples e claro, daí o meu enleio! Antes de mais, aquela viagem a Bolonha. Não sei porquê, pensava que Bolonha era o essencial, que em Bolonha residia algo de definitivo. «Bolonha, Bolonha!...» Esperava loucamente pela manhã.

Compreendo claramente

Tudo isto, alguns dias atrás, uns cinco dias, apenas cinco dias atrás, na terça-feira passada! Não, não, se se passasse mais um pouco, se ela esperasse mais um pouquinho, eu... eu dispersaria as trevas! Mas será que ela não se acalmou? Logo no dia seguinte já me ouvia com um sorriso, apesar da perplexidade... O principal foi que, durante esse tempo, durante esses cinco dias, havia nela alguma coisa como perplexidade e vergonha. Também tinha medo, muito medo. Não vou negá-lo, não o vou contradizer como um louco: havia medo, mas como poderia ela não ter medo? É que já nos tínhamos tornado pessoas estranhas havia tanto tempo que nos desabituáramos um do outro, e de repente... Mas eu não dava qualquer atenção ao medo dela, já brilhava uma vida nova!... É verdade, é uma verdade incontestável que cometi um erro. Talvez houvesse, até, muitos erros. Quando acordámos no dia seguinte, ainda de manhã (era uma quarta-feira), cometi logo um erro: tornei-a, de repente, minha amiga. Apressei-me demais, demais, mas era necessária uma confissão, era necessária — não, mais do que uma confissão! Não lhe escondi sequer aquilo que esconderia de mim próprio durante toda a vida. Disse-lhe frontalmente que, durante todo o inverno, tive sempre a certeza do seu amor. Expliquei-lhe que a casa de penhores era apenas o fruto da decadência da minha vontade e da minha mente, uma ideia pessoal de autoflagelação e de jactância. Expliquei-lhe que naquela ocasião, no bufete do teatro, eu me acobardara de facto, por causa do meu carácter, por cisma; o ambiente aturdira-me, o bufete aturdira-me, ficara aturdido, tinha pensado: como é que vou agora para a frente com isto, não será estúpido? Não tinha sido o duelo que me assustara, mas que aquilo resultasse em qualquer coisa estúpida... E, depois, não quis reconhecer isso e atormentava toda a gente, e a ela também a atormentara por causa disso, e casara-me com ela para a atormentar por causa disso. De

uma maneira geral, eu falava como se estivesse febril. Ela própria me pegava nas mãos e me pedia para que me acalmasse: «está a exagerar... está a torturar-se», e de novo começavam as lágrimas e quase os ataques de nervos! Não parava de me suplicar que parasse de falar nisso e de recordar tudo isso.

Eu não acedia aos pedidos dela, ou quase não acedia: primavera, Bolonha! Há sol, lá, o nosso novo sol, era só isso o que eu lhe dizia! Fechei a casa de penhores, entreguei o negócio a Dobronrávov. Sugeri de repente que ela entregasse tudo aos pobres, menos os três mil iniciais herdados da minha madrinha, com que iríamos a Bolonha, para voltarmos depois e começarmos uma vida nova de trabalho. Assim decidimos, porque ela não disse nada... apenas sorriu. E, pareceu-me, sorriu apenas por delicadeza, para não me magoar. É que eu via que lhe era penosa a minha presença, não pensem que eu era tão estúpido e tão egoísta que não o visse. Via tudo, tudo até ao último ponto, e sabia tudo melhor do que toda a gente; todo o meu desespero estava à vista!

Contei-lhe tudo de mim e dela. E da Lukéria. Dizia que eu chorava... Oh, também mudava de conversa, tentava evitar lembrar-lhe algumas coisas. E ela chegou até a animar-se, uma ou duas vezes, lembro-me, lembro-me! Porque dizem que eu olhava e não via nada? Se *aquilo* não acontecesse, tudo ressuscitaria. Porque, oiçam, ela contou-me, ainda anteontem, quando a conversa incidiu sobre leitura e sobre o que ela lera no inverno, contou-me e riu-se quando se lembrou daquela cena de Gil Blas¹³⁰ com o arcebispo de Granada. E que riso infantil, tão querido, como dantes, quando éramos noivos (foi um instante, um instante!); como fiquei contente! Aliás, impressionou-me muito esta referência ao arcebispo: ela, quando estava sentada em casa durante o inverno, arranjava pois tranquilidade de espírito e felicidade suficientes para se rir lendo esta obra-prima. Portanto, já começava a acalmar-se por completo, começava a acreditar que eu a deixaria *assim*. «Pensava que o senhor me deixaria *assim*», foi o que ela disse na terça-feira! Oh, uma ideia de uma miúda de dez anos! E acreditava, acreditava mesmo que tudo ficaria realmente *assim*: ela à sua mesa, eu à minha, e ambos *assim*, até aos sessenta anos. E de repente aproximo-me, eu, o marido, e o marido quer amor! Oh, equívoco, oh, minha cegueira!

O erro foi também olhar para ela com admiração; a admiração assusta, deveria ter-me contido. Mas, na verdade, contive-me, não lhe beijei mais os pés. Não lhe dei a entender nenhuma vez que... bem, que era o marido — oh, isso nem me passou pela cabeça, eu limitava-me a venerá-la! No entanto, era impossível ficar completamente calado, era impossível deixar de falar completamente! Disse-lhe que me deliciava com a conversa dela e que a considerava incomparavelmente mais culta e mais desenvolvida do que eu. Corou muito e, cheia de vergonha, disse que eu estava a exagerar. Então, feito parvo, não me contive e contei-lhe como ficara fascinado quando, escondido atrás da porta, ouvira o duelo que ela travara, o duelo da inocência contra aquela besta, e como me deliciei com a inteligência dela, com o brilho da sua ironia combinado com a ingenuidade infantil. Foi como se estremecesse toda, balbuciou de novo que eu estava a exagerar e, de repente, todo o seu rosto se ensombrou, tapou-o com as mãos e desatou a chorar... Também eu não aguentei: caí de novo de joelhos, de novo lhe beijei os pés, de novo acabou tudo num ataque de histeria, como na terça-feira. Foi ontem à noite, e de manhã...

De manhã?! Estou doido, mas esta manhã foi hoje, há pouco, há pouco!

Oiçam e vejam bem: é que hoje, quando nos encontrámos à mesa de chá (depois do ataque de ontem, ela voltou a aparecer), ela impressionou-me pela sua calma, foi isso que sucedeu! E eu, que passara a noite a tremer de medo por causa daquilo de ontem! Mas, de repente, ela aproximou-se de mim, pôs-se à minha frente e, juntando as mãos (foi há pouco, há pouco!), começou a dizer-me que era uma criminosa, que sabia isso, que o crime a atormentara todo o inverno, que continuava a atormentá-la ainda agora... que dava um alto valor à minha generosidade... «serei uma mulher fiel, vou respeitá-lo...» Saltei do lugar e abracei-a como um louco! Beijava-a, beijava-lhe a cara, os lábios, como marido, pela primeira vez depois de uma longa separação. Por que raio saí por duas horas apenas... foi por causa dos nossos passaportes estrangeiros... Oh, meu Deus! Se tivesse voltado cinco minutos mais cedo, apenas cinco minutos!... Aquela multidão ao nosso portão, aqueles olhares cravados em mim... oh, meu Deus!

Lukéria diz (oh, agora não deixo que a Lukéria se vá embora, ela sabe tudo, esteve cá durante todo o inverno, vai contar-me tudo, sempre), a

Lukéria diz que, quando saí de casa, e apenas vinte minutos antes de eu regressar, entrou de repente no nosso quarto para perguntar qualquer coisa à senhora, não me lembro o quê, e viu que aquele ícone (aquele da imagem da Mãe de Deus) estava tirado do armário e posto em cima da mesa, e que parecia que a senhora estivera a rezar diante dele. «O que tem, minha ama?» — «Nada, Lukéria, vai... Espera, Lukéria», e aproximou-se dela e beijou-a. «A minha ama está bem?» — «Estou, Lukéria.» — «Há muito, minha ama, que o senhor tinha de vir pedir-lhe desculpa... Graças a Deus, fizeram as pazes.» — «Está bem, Lukéria, vai, Lukéria», e sorriu de modo estranho. De modo tão estranho que Lukéria, dez minutos depois, voltou para a ver: «Estava junto à parede, ao pé da janela, com a mão na parede e a cabeça encostada à mão, estava assim, a pensar. E estava tão ensimesmada que nem me senti na outra sala, onde eu estava a olhar para ela. Vi que ela parecia estar a sorrir. Olhei para ela, dei meia-volta sem fazer barulho e saí, a pensar, mas de repente ouvi a janela a abrir-se. Fui logo a correr, para lhe dizer “olhe que está fresco, minha ama, não apanhe frio”, mas vejo de repente que ela subiu para o peitoril e já está lá de pé, direita, com a janela aberta, de costas para mim, e com o ícone nas mãos. Deu-me um aperto no coração, gritei: “Minha ama, minha ama!” Ela ouviu, fez como se quisesse virar-se para mim, mas não virou, deu um passo, apertou a imagem ao peito e atirou-se!»

Lembro-me apenas de que, quando passei o portão, ela estava ainda quente. E de toda a gente a olhar para mim. Primeiro gritaram, depois calaram-se de repente e afastaram-se para me dar passagem e... ela, deitada com o ícone. Lembro-me. Lembro-me, como se estivesse no meio das trevas, de que me aproximei em silêncio e olhei muito tempo. Lukéria estava lá, mas não a vi. Diz agora que falava comigo. Lembro-me apenas daquele popular a gritar sem parar que «só lhe saiu da boca uma golfada de sangue, só uma golfada!» e apontava para o sangue, ali, numa pedra. Parece que toquei no sangue com o dedo, sujei o dedo, olhei para o dedo (lembro-me disso) e ele sempre: «Uma golfada, uma golfada!»

— Mas uma golfada o quê? — gritei muito alto, segundo dizem, ergui os punhos e atirei-me a ele...

Oh, loucura, loucura! Aquilo era um equívoco! Inverosímil! Impossível!

[130](#) Trata-se do livro *Gil Blas de Santillane* de Alain Lesage (1668-1747). (NT)

Cheguei atrasado apenas cinco minutos

Então não é? Será isto verosímil? Achem que se pode dizer que é possível? Porquê, para quê morreu esta mulher?

Oh, acreditem, eu compreendo; mas porque morreu ela, isso continua a ser um problema. Assustou-se com o meu amor, perguntou a si mesma, a sério: aceitar ou não aceitar? E não suportou a questão, e preferiu morrer. Eu sei, eu sei, não vale a pena quebrar a cabeça: fez promessas demais, assustou-se com não as poder cumprir, é claro. Entram aqui várias circunstâncias absolutamente terríveis.

Porque, ela morreu para quê? Continua a ser uma questão. Uma questão que bate, que bate no meu cérebro. Eu deixá-la-ia ficar *assim*, se ela quisesse que fosse somente *assim*. Não acreditou nisso, e aí está! Não... não, estou a mentir, não foi isso. Porque, comigo, ela só tinha de ser honesta; amar, então amar plenamente, e não como amaria o comerciante. Mas como era demasiado casta, demasiado pura para aceitar o amor de que precisava o comerciante, não quis enganar-me. Não quis enganar-me com meio amor sob o disfarce do amor, ou um quarto de amor. Demasiado honesta, é isso! Outrora, eu quis infundir-lhe largueza de coração, lembram-se? Que ideia estranha.

Estou terrivelmente curioso: ela tinha-me respeito ou não? Não acho que me desprezasse. Coisa muito estranha: porque foi que, em todo o inverno, nunca me passou pela cabeça que ela me desprezava? Eu estava convencidíssimo do contrário até ao momento em que olhou para mim com *espanto rigoroso*. *Rigoroso*, precisamente. Foi aí que eu percebi de imediato que ela me desprezava. Compreendi-o definitivamente, para todo o sempre! Ah, que ela me desprezasse, nem que fosse toda a vida, mas que vivesse, que vivesse! Há pouco ainda andava, ainda falava. Não consigo perceber porque foi que se atirou da janela! E como poderia eu adivinhar, nem que

chegasse cinco minutos antes? Chamei Lukéria. Agora não deixo a Lukéria ir-se embora nunca, de maneira nenhuma!

Oh, ainda poderíamos chegar a acordo. Apenas nos desabituámos terrivelmente um do outro durante o inverno, mas não seria possível voltarmos a habituar-nos? Porque não, porque não poderíamos tornar-nos próximos e começarmos uma vida nova? Sou generoso, ela também — aí está um ponto de encontro! Bastavam mais umas palavras, dois dias, não era preciso mais, e ela perceberia tudo.

O mais lastimoso é que tudo isso foi um acaso — um simples, um bárbaro, um rotineiro acaso. Que pena! Cinco minutos apenas, cinco minutos apenas do meu atraso! Se tivesse chegado cinco minutos antes, o momento passaria ao lado como uma nuvem, e nunca mais lhe passaria isso pela cabeça depois. E acabaria por compreender tudo. Agora, de novo as salas vazias, estou de novo sozinho. Olha o pêndulo a bater, não quer saber, não tem pena de nada. Não há ninguém — que desgraça!

Ando, ando a remoer. Eu sei, eu sei, não vale a pena dizerem-mo: parece-lhes ridículo que esteja para aqui a queixar-me do acaso e dos cinco minutos? Mas existe aqui uma evidência. Pensem só: nem sequer deixou um bilhete a dizer «não acusem ninguém da minha morte», como todos fazem. Será que não pensou que poderiam incomodar, digamos, a Lukéria? «Estavas sozinha com ela, então empurraste-a.» Poderia ser acusada, pelo menos, sem culpa formada, se não houvesse quatro pessoas que vissem do anexo e do pátio que ela estava na janela com o ícone nas mãos e se atirou sozinha. Mas, ser vista pelas pessoas, isso também é um acaso. Não, aquilo foi apenas o momento, um instante inconsciente. Uma coisa repentina, uma fantasia! E que importância tem que tenha rezado diante do ícone? Não-significa que o fizesse para morrer. Todo o momento, toda a decisão não durou mais do que dez minutos — quando estava com a cabeça apoiada na mão encostada à parede, a sorrir. Entrou-lhe na cabeça uma ideia, a ideia girou, e... e ela não conseguiu resistir.

Fosse como fosse, é um equívoco. Era bem possível ela viver comigo. E se foi a anemia? Por causa, simplesmente, da anemia, do esgotamento da energia vital? Ficou depauperada durante o inverno, é isso...

Cheguei atrasado!!!

Tão delgadinha ali no caixão, como se lhe afiou o narizinho! As pestanas são como setas. E vejam como ela caiu bem — não esmagou nem partiu nada! Apenas a tal «golfada de sangue». Ou seja, uma colher de sobremesa. Comoção interna. Uma ideia estranha: e se fosse possível não a enterrar? Porque, se a levarem, então... oh, não, quase não é possível que a levem! Oh, bem sei que vão levá-la, não sou louco nem estou a delirar, pelo contrário, nunca a minha mente esteve tão clara — mas como é possível que não haja outra vez mais ninguém nesta casa, que seja apenas eu com os penhores e duas salas. Delírio, delírio, é este o delírio! Esgotei-a, é isso!

Que me importam agora as vossas leis? Para que me servem os vossos costumes, as coisas da vossa vida, do vosso Estado, da vossa fé? Que o vosso juiz me julgue, que me levem a júizo, ao vosso julgamento aberto, direi que não reconheço nada. O juiz gritará: «Cale-se, oficial!» E eu gritarei: «Onde está agora a tua força para me fazeres obedecer? Porque foi que a rotina sombria destruiu o que havia de mais precioso? Para que me servem agora as vossas leis? Revolto-me.» Oh, tanto me faz!

Cega, cega! Morta, não ouve! Não sabes com que paraíso te rodearia. Plantaria à tua volta o paraíso que estava na minha alma! Não me amarias — não faz mal, seja. Seria tudo *assim*, continuaria tudo *assim*. Apenas me falarias como amiga — e estaríamos alegres, e riríamos com felicidade, olhando-nos nos olhos. Viveríamos assim. Mesmo que te apaixonasses por outro qualquer — não importava, não faria mal! Caminharias ao lado dele, rindo, e eu olharia do outro lado da rua... Oh, seja de que maneira for, mas que ela abra os olhos só mais uma vez! Por um instante, apenas por um instante! Que olhe para mim como há pouco, quando estava à minha frente e jurava que seria uma mulher fiel! Oh, então, num único olhar meu, ela perceberia tudo!

Rotina! Oh, natureza! As pessoas estão sozinhas na Terra — é esta a desgraça! «Alguma alma ficou viva no campo?», grita o guerreiro russo. Também eu, que não sou guerreiro, grito, e ninguém responde. Dizem que o Sol dá vida ao universo. Vai levantar-se o Sol e... olhai para ele, não estará morto? Está tudo morto, por todo o lado só há mortos. Gente sozinha, e à volta dela o silêncio — eis a Terra! «Homens, amai-vos uns aos outros» — quem o disse? De quem é este mandamento? O pêndulo bate insensível,

abominavelmente. Duas da madrugada. As botinhas dela ao lado da cama, como que à espera... Não, a sério, quando a levarem amanhã, o que vai ser de mim?

SONHO DE UM HOMEM RIDÍCULO

CONTO FANTÁSTICO

1

Sou um homem ridículo. Eles agora tratam-me por maluco. Seria uma promoção se, para eles, não continuasse tão ridículo como antes. Mas agora já não me zango, agora todos eles me parecem simpáticos, e mesmo quando se riem de mim, sinto por eles uma simpatia muito especial. Eu próprio poderia rir-me com eles — não tanto de mim, mas pelo amor que lhes tenho, se a minha tristeza de olhar para eles não fosse tão grande. Sinto por eles tristeza, porque não conhecem a verdade, e eu conheço-a. Oh, que penoso conhecer a verdade sozinho! Mas eles nunca hão de compreender. Não, não o compreenderão.

Dantes, parecer ridículo angustiava-me muito. Parecer não, ser. Fui sempre ridículo, sei-o, talvez de nascença. Pelo menos, na idade de sete anos já sabia talvez que era ridículo. Depois estudei na escola, fui para a universidade, e então? Quanto mais estudava, mais aprendia que era ridículo. Por isso, todos os meus estudos universitários me serviram, afinal, para apenas me explicarem, à medida que me aprofundava neles, que eu era ridículo. Na vida acontecia o mesmo que na ciência. A cada ano que passava crescia e consolidava-se em mim a consciência do meu ridículo em todos os sentidos. Todos se riem de mim, sempre. Mas nenhum deles fazia ideia, ou sequer imaginava, que, se havia no mundo homem que melhor soubesse o quanto eu era ridículo, esse homem era eu, e o mais ofensivo para mim era precisamente isso, o facto de não o saberem, mas a culpa era toda minha: fui sempre tão orgulhoso que nunca quis, de modo algum, confessá-lo a ninguém. Este orgulho foi crescendo em mim com a passagem dos anos, e se acaso tivesse acontecido permitir-me confessar, fosse a quem fosse, que era ridículo, acho que teria rebentado os miolos na mesma noite com um tiro de revólver. Oh, como eu sofria na adolescência por temer não aguentar e confessar de repente esta coisa aos meus companheiros! Porém, logo que me tornei adulto, fiquei mais calmo, sabe-se lá porquê, embora, a cada ano que passava, me capacitasse cada vez mais da minha característica horrível. Digo precisamente «sabe-se lá porquê», porque, até hoje, desconheço a razão de tal coisa. Talvez porque na minha alma crescesse

uma terrível angústia provocada por uma circunstância superior a mim, ou seja: a convicção que se apossou de mim de que tudo no mundo *não fazia diferença*. Há muito que a pressentia, mas a convicção plena surgiu-me de repente no último ano. Senti de chofre que *não me fazia diferença* que o mundo existisse ou que não existisse nada. Comecei por sentir com todo o meu ser que *não havia nada no meu tempo de vida*. De início parecia-me que, em compensação, houvera muita coisa outrora, mas depois descobri que também outrora não houvera nada, apenas parecia que houvera. A pouco e pouco, convenci-me de que também não haveria nada no futuro, jamais. Então, deixei de repente de me zangar com as pessoas, comecei a quase não reparar nelas. Juro, isto manifestava-se até nas mais ínfimas insignificâncias: por exemplo, acontecia-me ir pela rua e esbarrar contra as pessoas. E não era propriamente por ir a caminhar pensativo: o que tinha eu para pensar? Naquela altura deixei absolutamente de pensar: tudo me era indiferente. Ainda vá que não vá se resolvesse os problemas, mas não, não resolvia nenhum, e eram tantos! Mas como tudo se me tornou *indiferente*, todos os problemas desapareceram.

Então, já depois disso, conheci a verdade. Conheci a verdade em novembro passado, mais precisamente a 3 de novembro, e desde então lembro-me de cada momento da minha vida. Foi numa noite soturna, a mais soturna possível das noites. Eu estava de regresso a casa, passava das dez, e lembro-me de que estava a pensar exatamente que não poderia existir momento mais soturno do que aquele. Mesmo no sentido físico. Chovera todo o dia uma chuva particularmente fria e escura, uma chuva quase ameaçadora, lembro-me disso, cheia de uma hostilidade evidente para com as pessoas, mas, de súbito, depois das dez da noite, a chuva parou e o ar ficou muitíssimo húmido, mais húmido e frio do que enquanto chovia, levantando-se um vapor qualquer de tudo, de cada pedra da calçada, saindo de cada viela se espreitássemos lá para o fundo. Imaginei de repente que, se se apagassem por todo o lado os lampiões de gás, ficaria mais agradável, mas, com o gás, tornava-se-nos mais triste o coração, porque ele alumia aquilo tudo. Nesse dia quase não almocei e, a partir do fim da tarde, estive em casa de um engenheiro, onde estavam ainda mais dois amigos dele. Eu estava sempre calado e, segundo me pareceu, eles ficaram fartos de mim.

Estavam a discutir sobre uns quaisquer assuntos polémicos e, de repente, exaltaram-se. No fundo, porém, eu via que o tema lhes era indiferente, e que eles apenas se exaltavam porque sim. Foi o que eu lhes disse de rompante: «Meus senhores, isso é-lhes indiferente.» Não se ofenderam, apenas se riram de mim. Foi assim, porque eu lhes disse aquilo sem qualquer tom de censura, mas com simplicidade, porque para mim tanto fazia. Eles viram que tanto me fazia, e a coisa pareceu-lhes divertida.

Quando, na rua, pensei no gás, olhei para o céu. O céu estava muito escuro, mas era possível distinguir nele umas nuvens rasgadas e, por entre elas, manchas negras sem fundo. De repente entrevi numa dessas manchas uma estrelinha e comecei a olhar fixamente para ela. Foi porque a estrelinha me sugeriu uma ideia: matar-me nessa noite. A decisão já tinha sido tomada dois meses antes, e, por mais pobre que eu fosse, comprara um excelente revólver e carregara-o no mesmo dia. Porém, já se tinham passado dois meses e o revólver ainda estava na gaveta; a minha indiferença por tudo era tanta que, a certa altura, me apeteceu finalmente captar um momento em que não estivesse de todo indiferente — porquê, não sei. Assim, durante estes dois meses, todas as noites, quando estava de volta a casa, o meu pensamento era de que me mataria a tiro. Estava sempre à espera do momento certo. E agora esta estrelinha deu-me a ideia, e decidi que seria *obrigatoriamente* esta noite. Mas desconheço a razão por que a estrelinha me sugeriu tal ideia.

Então, estava eu a olhar para o céu, quando de súbito uma rapariguinha me agarrou pelo cotovelo. A rua já estava deserta, não havia quase ninguém. Ao longe dormia na sua charrete um cocheiro. Era uma miúda de uns oito anos, tinha um lenço na cabeça e apenas um vestido no corpo, toda encharcada, mas o que se me gravou com mais força na memória foram os seus sapatinhos rotos e molhados, ainda hoje me lembro deles. Foi o que mais me saltou à vista. Começou de repente a puxar-me pelo braço e a chamar-me. Não chorava, mas gritava umas quaisquer palavras entrecortadas que não conseguia pronunciar bem, porque os arrepios a faziam tremer toda. Estava aterrorizada e gritava desesperadamente: «Mãezinha, mãezinha!» Olhei para ela, mas não lhe disse uma palavra e continuei a andar, mas ela puxava-me pelo braço e, na sua voz, sentia-se

aquele tom que nas crianças muito assustadas significa desespero. Conheço este som. Embora ela não articulasse as palavras até ao fim, compreendi que a mãe dela estava a morrer algures, ou que qualquer coisa lhes acontecera, e que a miúda correria para a rua a chamar alguém, encontrar ajuda para a mãe. Mas não fui com ela, pelo contrário, a minha ideia foi enxotá-la de mim. Primeiro disse-lhe para ela procurar um polícia. Mas ela ergueu as mãozinhas para mim e, soluçando e sufocando, não parava de correr ao meu lado sem me largar. Então bati o pé e gritei-lhe. Ela apenas chorou: «Meu senhor, meu senhor!...», mas, de repente largou-me e deitou a correr para o outro lado da rua: passava por lá mais um transeunte e ela precipitara-se ao encontro dele.

Subi para o meu quarto andar. É uma casa de quartos mobilados, alugo um ao senhorio. O meu quarto é pequeno e pobre, a janela é em semicírculo como nas águas-furtadas. Tenho um divã forrado de oleado, uma mesa com livros, duas cadeiras e um cadeirão confortável, muito, muito decrépito, mas à Voltaire. Sentei-me, acendi uma vela e pus-me a pensar. No outro quarto, do outro lado da divisória, continuava a algazarra, já ia no terceiro dia. Vivia lá um capitão na reserva que, no momento, tinha lá convidados — uma escória, talvez seis homens, que bebiam vodca e jogavam ao *stoss*¹³¹ com cartas velhas. Na noite anterior tinha havido uma briga, sei que dois deles se agarraram ao cabelo um do outro e o puxaram durante muito tempo. A senhoria quis apresentar queixa, mas tem muito medo do capitão. O quarto restante estava alugado a uma senhora pequena e magrinha, vinda de longe, talvez mulher de oficial, com três crianças pequenas que adoeceram depois de terem chegado cá. Ela e os filhos têm um medo mortal do capitão e passam a noite a tremer e a benzer-se, a ponto de a criança mais pequena, por medo, ter sido acometida de um ataque qualquer. Eu sei que este capitão faz parar os passantes na Avenida Néviski e pede esmola. Não o aceitam em serviço nenhum, mas, coisa estranha (e era aqui que eu queria chegar quanto a ele), durante todo este mês em que ele cá mora ainda não me causou qualquer espécie de irritação. É claro que me esquivei à amizade dele desde o princípio, aliás, acho que lhe causei aborrecimento desde o primeiro dia, mas, por mais que eles berrem por trás da divisória e por maior o número em que lá se amontoem, isso é-me

indiferente. Fico sentado toda a noite e, juro, nem os oiço — a tal ponto me abstraio deles. É que eu, noite após noite, não adormeço antes do amanhecer, e já lá vai um ano nisto. Fico sentado à mesa, no cadeirão, sem fazer nada. Leio apenas de dia. Fico sentado e nem sequer penso, apenas me vagueiam pela cabeça uns laivos de pensamento a que dou inteira liberdade. Durante a noite, a vela gasta-se até ao fim. Sentei-me à mesa sem barulho, tirei o revólver e pu-lo à minha frente. Quando o pousava, lembro-me, perguntei a mim próprio: «Estará certo?», e respondi-me afirmativamente: «Está.» Ou seja, que me vou matar. Sabia que era a noite em que me mataria de certeza, mas não sabia quanto tempo ficaria ainda sentado a esta mesa. E ter-me-ia matado com certeza se não fosse aquela rapariguinha.

[131](#) Jogo de cartas antigo. (NT)

2

É que, embora tudo me fosse indiferente, sentia, por exemplo, a dor. Se alguém me desse um sopapo, sentiria a dor. E também no sentido moral: se acontecesse alguma coisa muito lastimosa, sentiria pena do mesmo modo que a sentia no tempo em que não era indiferente. Por isso, havia pouco, senti muita pena: era uma criança, em princípio ajudá-la-ia. Então porque não ajudei aquela rapariga? Por causa da ideia que me surgiu naquele momento: quando ela me puxava e chamava, colocou-se-me uma questão que não consegui resolver. A questão era inútil, mas irritei-me. Irritei-me em virtude da conclusão de que, já que me ia matar nessa noite, tudo no mundo, mais do que nunca, me deveria ser indiferente. Porque era, então, que a menina não me era indiferente e que tinha pena dela? Lembro-me de que estava com muita pena dela, sentia até uma dor estranha, inverosímil na minha situação. Francamente, não sei descrever melhor aquela minha sensação, mas tal sensação perdurava quando me sentei à mesa em casa, e pôs-me tão irritado como já não estava há muito. Um raciocínio seguia o outro. Era claro para mim que eu era um homem, que ainda não era um zero, ainda não me tornara um zero, por isso estava a viver e, por conseguinte, a sofrer, a irritar-me e a sentir vergonha dos meus atos. Seja. Mas, se me matasse, digamos, dentro de duas horas, o que me importava a rapariga e a vergonha, e tudo o que havia no mundo? Transformo-me em zero, no zero absoluto. E seria que a consciência de que dentro de momentos não vou existir *completamente*, pelo que nada vai existir, não poderia ter a mínima influência no sentimento de compaixão pela rapariga nem no sentimento de vergonha depois da ignomínia cometida? É que bati o pé e gritei com uma voz louca à criança desgraçada precisamente porque «não só não sinto compaixão, mas posso até fazer uma ignomínia desumana, porque dentro de duas horas tudo se apaga.» Acreditam que foi por isso que gritei? Estou agora quase convencido disso. Tinha como certo que a vida e o mundo como que dependiam agora de mim. Até pode dizer-se assim: é como se o mundo agora fosse criado só para mim — se me matar, o mundo também não existirá, pelo menos para mim. Sem falar no

facto de que talvez não exista nada para ninguém depois da minha morte, e todo o mundo, mal se apague a minha consciência, se apague como um fantasma, como mero atributo apenas da minha consciência, e se anule, porque, se calhar, todo o mundo e todas estas pessoas sou eu próprio, sozinho. Lembro-me de que, sentado a raciocinar, virava estas novas questões que se vinham concentrando de todos os lados, para um lado bem diferente, e inventava coisas absolutamente novas. Por exemplo, surgiu-me a estranha consideração de que, se eu vivesse na Lua, ou em Marte, e cometesse lá o ato mais vergonhoso e desonesto que imaginar se possa e, lá, fosse coberto de uma vergonha e desonra tais como só é possível imaginar-se em sonho, ou em pesadelo, e se, caindo depois na Terra, continuasse a guardar a consciência do que tinha feito noutra planeta e, além disso, soubesse que nunca lá voltaria, então, olhando da Terra para a Lua, sentiria *indiferença* ou não? Sentiria vergonha por aquele ato ou não? As perguntas eram inúteis e ocas, porque o revólver já estava ali a postos em cima da mesa, à minha frente, e eu sabia com todo o meu ser que *isso* aconteceria sem falta, mas as perguntas agitavam-me, tornavam-me furioso. Era como se fosse incapaz de morrer agora sem ter resolvido qualquer coisa previamente. Em resumo, essa rapariguinha salvou-me, porque, com as perguntas, adiei o disparo. No quarto do capitão, entretanto, também começou tudo a acalmar-se: tinham acabado o jogo, estavam a deitar-se, resmungando e insultando-se preguiçosamente. Foi então que adormeci de repente sentado à mesa, o que nunca antes me acontecera. Adormeci sem dar por isso. Os sonhos, como se sabe, são uma coisa muitíssimo estranha: uma imagem surge com terrível nitidez, com um acabamento de pormenores fino como um trabalho de ourives; outra imagem é passada por alto, há um salto, por exemplo, através do espaço e do tempo. Parece que os sonhos são geridos pelo desejo, pelo coração, e não pela razão; no entanto, que manobras sofisticadas fazia por vezes a minha razão no sonho! No sonho acontecem coisas inconcebíveis. Por exemplo, o meu irmão morreu há cinco anos. Às vezes sonho com ele: interessa-se pelos meus problemas, mostramo-nos ambas pessoas muito interessadas, e no entanto, durante todo o sonho, eu sei muito bem, e lembro-me, de que o meu irmão morreu e foi enterrado. Porque não me surpreende o facto de que ele, embora morto,

esteja ali ao meu lado e se preocupe comigo? Porque é que a minha razão admite isso completamente? Mas chega. Agora passo a falar do meu sonho. Sim, tive aquele sonho, o sonho do dia 3 de novembro! Agora, porque era apenas um sonho, eles gozam comigo. Mas não será indiferente que tenha sido sonho ou não, se este sonho me anunciou a Verdade? É que, se conhecermos uma vez a verdade e a virmos, já sabemos que é ela a verdade e que não existe nem pode existir outra, seja em sonho ou na realidade. Que seja apenas sonho, que seja, mas eu queria apagar com o suicídio esta vida que os senhores tanto glorificam, mas o meu sonho, o meu sonho — oh, o meu sonho anunciou-me uma vida nova, grande, renovada, forte!

Oiçam.

3

Já disse que tinha adormecido sem dar por isso e, até, como se continuasse a raciocinar sobre as mesmas matérias. De repente sonhei que pegava no revólver e, sentado, o apontava ao coração — ao coração, e não à cabeça; ora, eu, antes, decidira dar um tiro obrigatoriamente na cabeça, precisamente na têmpora direita. Tendo apontado ao peito, esperei um ou dois segundos, e a vela, a mesa e a parede à minha frente mexeram-se e ondularam. Apressei-me a disparar.

Em sonho, caímos às vezes das alturas, ou esfaqueiam-nos, ou espancam-nos, mas nunca sentimos dor, a não ser que nós próprios nos magoemos ao batermos contra qualquer coisa na cama — então sentimos dor e quase sempre acordamos por causa disso. Assim foi no meu sonho: não senti a dor, mas foi como se, com o tiro, tudo em mim estremecesse e tudo se apagasse de repente à minha volta, tornando-se terrivelmente negro. Pareceu-me que fiquei cego e rígido, e vi-me deitado em cima de qualquer coisa dura, estendido de costas, sem ver nada e sem poder fazer o mínimo movimento. Sinto gente a andar e a gritar à minha volta, a voz de barítono do capitão, os guinchos da senhoria, e de repente outra interrupção, e eis que já me levam no caixão fechado. Sinto o caixão a baloiçar e reflito sobre isso, e, de súbito, atinge-me pela primeira vez, e impressiona-me, a ideia de que morri, de que morri por completo, sei-o, não tenho dúvidas, não vejo nem me mexo, mas sinto e raciocino. Rapidamente me resigno com isso e, por hábito meu, e como nos sonhos, aceito a realidade sem discutir.

Enterram-me. Depois todos se vão embora, e eu fico sozinho, absolutamente sozinho. Não me mexo. Dantes, sempre que imaginava como me meteriam no túmulo, relacionava com o túmulo apenas a sensação de humidade e frio. Agora também senti muito frio, sobretudo nas pontas dos dedos dos pés, mas não senti mais nada.

Estava deitado e, coisa estranha, não estava à espera de nada, aceitando sem objeção que um morto não pode esperar nada. Mas havia humidade. Não sei quanto tempo se passou — ou uma hora, ou vários dias, ou muitos dias. Eis então que cai no meu olho esquerdo fechado uma gota de água,

infiltrada através da tampa do caixão, um minuto depois outra gota, um minuto depois uma terceira, e assim por diante, a cada minuto. Acendeu-se então uma profunda e repentina indignação no meu coração, e, nisto, senti uma dor física. «É a ferida — pensei — é do tiro, está aqui a bala...» E as gotas caíam a cada minuto, sempre em cima do meu olho fechado. E de repente clamei, não com a voz, porque estava tolhido e imóvel, mas com todo o meu ser, para o potentado responsável por tudo o que me acontecia:

— Sejas quem fores, mas se existes e se existe qualquer coisa mais razoável do que isto que acontece agora, deixa que exista também aqui. Mas se, pelo suicídio insensato, estás a vingar-te de mim com a monstruosidade e o absurdo da existência ulterior, fica sabendo que, em tempo algum, nenhum martírio que me possa atingir será comparável ao desprezo que vou sentir em silêncio, nem que seja durante milhões de anos de martírio!...

Assim clamei, e calei-me. Durante quase um minuto continuou tudo num profundo silêncio, e até houve tempo de cair mais uma gota, mas eu sabia, sabia infinita e inquebrantavelmente, e tinha fé, que agora mesmo mudaria tudo. Então, de repente, o meu túmulo abriu-se. Ou seja, não sei se escavaram o túmulo e o abriram, mas um ser escuro e desconhecido pegou em mim, e vimo-nos no espaço. Recuperei de imediato a vista: era uma noite profunda, e nunca, nunca antes eu vira escuridão como aquela! Voávamos no espaço, já longe da Terra. Eu não perguntava nada àquele que me levava, estava à espera, era orgulhoso. Tentava convencer-me de que não tinha medo e enchia-me de admiração por não ter medo. Não me lembro quanto tempo durou o nosso voo, nem posso imaginá-lo: tudo corria como corre sempre num sonho quando damos um salto no espaço e no tempo, e nas leis da existência e da razão, parando apenas nos pontos com que sonha o coração. Lembro-me de que vi na escuridão, de repente, uma estrelinha. «É Sírio?», perguntei, não me contendo, já que fazia tenção de não perguntar nada. «Não, é aquela mesma estrela que viste no meio das nuvens quando voltavas para casa», respondeu-me o ser que me levava. Eu sabia que a criatura tinha uma espécie de rosto humano. Coisa estranha, não estava a gostar daquele ser, até sentia por ele uma repugnância profunda. Estava à espera da não-existência absoluta, e foi por isso que dei o tiro no

coração. Mas agora estava nas mãos de um ser, sem dúvida não-humano, mas que existia: «Portanto, para lá do túmulo também há vida!», pensei com a estranha leviandade própria de um sonho, mas a essência do meu coração permanecia comigo em toda a sua profundidade: «Se for preciso existir de novo — pensei — e viver de novo pela vontade intransponível de alguém, não quero ser vencido e humilhado!» — «Sabes que tenho medo de ti e desprezas-me por isso?», disse eu de repente ao meu acompanhante sem me conter de lhe fazer a pergunta humilhante, que tinha uma confissão implícita, e sentindo, como uma facada no coração, a minha humilhação. Ele não respondeu à minha pergunta, mas senti de repente que ninguém me desprezava e se ria de mim, nem sequer tinha pena de mim, e que a nossa viagem tinha um objetivo desconhecido e misterioso que apenas a mim dizia respeito. O medo crescia no meu coração. O meu acompanhante silencioso transmitia-me qualquer coisa muda mas torturante que parecia atravessar-me. Voávamos nos espaços escuros e desconhecidos. Havia muito que deixara de ver as constelações que eram familiares aos meus olhos. Sabia que havia nos espaços celestes estrelas cujos raios chegavam à Terra apenas milhares ou milhões de anos depois de emitidos. Talvez já estivéssemos a atravessar estes espaços. Eu estava à espera de qualquer coisa, com uma angústia terrível que me dilacerava o coração. De repente, um sentimento familiar e de apelo fortíssimo abalou-me: de súbito, vi o nosso Sol! Sabia que não podia ser o *nosso* Sol que gerou a *nostra* Terra e que estávamos a uma distância infinita do nosso Sol, mas percebi, por qualquer razão, com todo o meu ser, que era um Sol absolutamente igual ao nosso, a repetição dele, um duplo. Um sentimento delicioso e apelativo soou com enlevo na minha alma: a força familiar da luz, da mesma luz que me fizera nascer, repercutiu-se no meu coração e ressuscitou-o, e senti a vida, a vida de outrora, pela primeira vez depois da minha morte.

— Mas se é um Sol, se é um Sol absolutamente igual ao nosso — exclamei —, onde está a Terra!? — E o meu acompanhante apontou para uma estrelinha que brilhava na escuridão com um brilho esmeraldino. Voávamos na direção dela.

— Será que são possíveis estas repetições no Universo, será que é assim a lei da natureza?... E se ali for uma Terra, será uma Terra igual à nossa...

absolutamente igual, desgraçada, pobre mas querida, eternamente amada, gerando o mesmo amor doloroso nos mais ingratos dos seus filhos?... — gritava eu, estremeendo de amor irreprimível, num enleio por aquela Terra materna que eu abandonara. A imagem da pobre rapariguinha que eu ofendera relanceou diante dos meus olhos.

— Verás tudo — respondeu o meu acompanhante, e soou uma espécie de tristeza nas palavras dele. Entretanto, aproximávamo-nos rapidamente do planeta, que crescia aos meus olhos. Já distinguia o oceano, os contornos da Europa, e, de súbito, acendeu-se no meu coração um estranho sentimento de grandes, sagrados ciúmes: «Como pode existir semelhante replicação e para quê? Amo, e posso amar, apenas aquela Terra que abandonei, em que ficaram os salpicos do meu sangue quando eu, ingrato, apaguei a minha vida com um tiro no coração. Mas nunca, nunca deixei de amar aquela Terra, e até naquela noite em que me despedi dela eu a amava, com mais dor do que nunca. Haverá sofrimento nesta nova Terra? Na nossa, podemos amar apenas com sofrimento e através do sofrimento! Não sabemos amar de outro modo nem conhecemos outro amor. Quero sofrimento para amar. Quero, anseio, neste mesmo instante, beijar, banhando-me em lágrimas, apenas aquela Terra que abandonei, e não quero, não aceito a vida noutra qualquer!...»

Mas já o meu acompanhante, entretanto, me deixara. Subitamente, de maneira impercetível para mim, vi-me nesta outra Terra, à luz forte de um dia maravilhoso como o paraíso. Encontrava-me pelos vistos numa daquelas ilhas que constituem, na nossa Terra, o Arquipélago Grego, ou algures na costa do continente adjacente a este Arquipélago. Oh, era tudo tal qual como na nossa Terra, mas parecia que tudo brilhava em grande festa e sagrado triunfo, finalmente alcançado. O carinhoso mar esmeraldino enrolava serenamente as ondas pela praia, beijando-a com amor evidente, visível, quase consciente. As árvores altas e belas erguiam-se em todo o luxo da sua florescência, e todas as folhas — tenho a certeza — me saudavam com o seu barulhinho carinhoso e como que pronunciavam palavras de amor. As ervas ardião de flores brilhantes e fragrantas. Os pássaros voavam em bandos e, sem medo de mim, pousavam nos meus ombros e nas minhas mãos, batiam-me alegremente com as suas asas

meigas e trémulas. E vi e conheci, finalmente, as pessoas desta Terra feliz. Vieram ter comigo, rodearam-me e beijaram-me. Filhos do Sol, filhos do seu Sol — oh, que belos eram! Nunca vi no homem da nossa Terra uma beleza como aquela. A não ser que nas nossas crianças, nos primeiros anos da sua vida, seja possível encontrar um reflexo longínquo, embora fraco, desta beleza. Nos olhos destas pessoas felizes havia um brilho luminoso. Os seus rostos irradiavam razão e consciência plenas até à serenidade, mas eram rostos alegres; nas palavras e nas vozes destas pessoas soava uma alegria infantil. Oh, num instante, mal olhei para os seus rostos, percebi tudo, tudo! Era a Terra não profanada pelo pecado, viviam nela pessoas que nunca pecaram; viviam no mesmo paraíso em que tinham vivido, pela lenda da Humanidade, os nossos antepassados antes do pecado original, com a única diferença de que, aqui, o paraíso era toda a Terra. Estas pessoas, rindo com alegria, apertavam-se à minha volta e acarinhavam-me; levaram-me para as suas casas, e cada um queria acalmar-me. Oh, eles não me faziam quaisquer perguntas, mas era como se já soubessem tudo — assim me parecia — e apetecia-lhes expulsar, o mais depressa possível, o sofrimento da minha cara.

4

Oiçam, mais uma vez: está bem, que fosse apenas um sonho! Porém, a sensação de amor destas pessoas inocentes e maravilhosas permaneceu em mim para toda a vida, e sinto que o seu amor continua a derramar-se sobre mim até hoje. Vi-as com os meus próprios olhos, conheci-as e fiquei convencido, amei-as e, mais tarde, sofri por elas. Oh, percebi de imediato, já naquela altura, que não chegaria a compreendê-las em muitos aspetos; para mim, um progressista russo moderno e um petersburguense ignóbil, parecia inconcebível, por exemplo, o facto de que elas, sabendo tanta coisa, não tivessem a nossa ciência. Porém, não tardei a compreender que a sua sabedoria se completava e se alimentava por outro discernimento que não o da nossa Terra, e que as suas aspirações também eram muito diferentes. Não desejavam nada e eram tranquilas, não ansiavam pelo conhecimento da vida da mesma forma que nós, quando tentamos tomar consciência dela, porque a sua vida era uma vida plena. Mas a sua sabedoria era mais profunda e superior do que a nossa ciência, porque a nossa ciência procura explicar o que é a vida, tenta consciencializá-la para ensinar a viver os outros; ora, aquela gente sabia, sem a ciência, como tinha de viver; eu compreendi isso, mas fui incapaz de perceber em que consistiam os seus conhecimentos. Apontavam-me para as suas árvores e eu não conseguia compreender aquele grau de amor com que elas olhavam para as árvores: pareciam falar com o seu semelhante. E, sabem, talvez não me engane se disser que falavam com as árvores! Sim, descobriram a linguagem das árvores que — estou certo — as compreendiam. Do mesmo modo encaravam toda a natureza, os animais, que viviam em paz com elas, não as atacavam e amavam-nas, vencidos pelo amor que elas lhes tinham. Aquelas pessoas apontavam-me para as estrelas e falavam comigo sobre elas, mas o que me diziam era incompreensível; porém, tenho a certeza de que elas, de alguma maneira, estavam em contacto com as estrelas do céu, não só em espírito mas de qualquer outra maneira viva. Oh, estas pessoas nem sequer tentavam fazer-me compreendê-las, amavam-me sem isso, mas eu sabia que também elas nunca chegariam a compreender-me, por isso quase não lhes falava da

nossa Terra. Apenas beijava, na presença delas, aquela Terra em que viviam, e, sem palavras, adorava-as, e elas viam e deixavam que eu as adorasse, sem vergonha da minha adoração, porque elas próprias amavam muito. Não sofriam por mim quando, às vezes, banhado em lágrimas, lhes beijava os pés, sabendo com o coração alegre com quanta força elas me corresponderiam. Por vezes perguntava, admirado, a mim próprio: como podiam elas, durante todo aquele tempo, não insultar um homem como eu e não provocar num homem como eu, uma só vez que fosse, a inveja e os ciúmes? Muitas vezes perguntei a mim próprio como podia eu, fanfarrão e mentiroso, não lhes falar sobre os meus conhecimentos de que elas, é claro, não faziam ideia, como podia não desejar surpreendê-las com os meus conhecimentos, pelo menos pelo amor que lhes tinha? Eram animadas e alegres como crianças. Vagueavam pelas suas belas florestas, cantavam as suas belas canções, alimentavam-se com comida leve — com os frutos das suas árvores, com o mel das suas florestas e com o leite dos animais que as amavam. Para o seu alimento e o seu vestuário trabalhavam pouco, sem esforço. Faziam amor e nasciam-lhes filhos, mas nunca observei nelas os impulsos daquela volúpia *cruel* que atinge quase toda a gente na nossa Terra, sem exclusão, e constitui a fonte única de quase todos os pecados da nossa Humanidade. Ficavam contentes quando lhes nasciam os filhos, novos participantes da sua felicidade. Não havia entre elas o conflito e os ciúmes, não compreendiam sequer o que isso significava. Os filhos eram comuns de todos, porque todos constituíam um única família. Quase não havia doenças, embora houvesse a morte; os velhos morriam calmamente, como se adormecessem, rodeados pelas pessoas que se despediam deles, abençoando os vivos, sorrindo-lhes, e acompanhados pelos sorrisos serenos dos que ficavam vivos. Eu não via amargura nem lágrimas nesses momentos: havia apenas o amor como que multiplicado até chegar ao enlevo, mas um enlevo calmo, pleno, contemplativo. Dava a ideia de que as pessoas continuavam em contacto com os seus mortos e que a união terrena não era interrompida pela morte. Quase não me compreendiam quando lhes perguntava sobre a vida eterna, mas, pelos vistos, estavam tão convencidas dela, inconscientemente, que isso não constituía qualquer problema para elas. Não tinham templos, mas praticavam uma união essencial, viva e

perpétua com o Todo do Universo; não tinham uma fé, mas tinham a firme convicção de que, quando a sua alegria terrena chegasse à plenitude dos limites da natureza da Terra, então começaria para eles, vivos e mortos, ainda maior e mais ampla comunhão com o Todo do Universo. Esperavam este momento com alegria, mas sem pressa, sem saudade dolorosa, como se já o tivessem certo nos pressentimentos do coração, que comunicavam uns aos outros. À noite, antes de se deitarem, gostavam de cantar em coros harmoniosos e sincronizados. Nestas canções transmitiam todas as sensações que lhes tinha trazido o dia que findava, louvavam-no e despediam-se dele. Glorificavam a natureza, a terra, o mar, as florestas. Gostavam de compor canções uns sobre os outros, louvando-se reciprocamente como as crianças; eram cantigas das mais simples, mas jorravam dos corações e inundavam os corações. E não só nas canções, mas, ao que parecia, em toda a sua vida, não se dedicavam a outra coisa a não ser admirarem-se uns aos outros. Era uma espécie de paixão mútua, comum, geral. Havia também canções solenes e extasiadas que eu não compreendia de todo. Mesmo conhecendo as palavras, não penetrava no sentido delas. Era um sentido que persistia em ser inacessível à minha mente; o meu coração, porém, instintivamente, cada vez se impregnava mais dele. Dizia-lhes muitas vezes que eu pressentira tudo aquilo havia muito, que toda aquela alegria, toda aquela glória se repercutia em mim, ainda na minha Terra, numa saudade ansiosa que, por vezes, crescia até à angústia insuportável; que os pressentia a todos, a sua glória, nos sonhos do meu coração e nos devaneios da minha mente, que muitas vezes não podia olhar sem mágoa para o pôr do Sol na nossa Terra... Que no meu ódio pela gente da nossa Terra havia sempre angústia: porque não podia odiá-la sem a amar? Porque não podia deixar de lhe perdoar? Porque era o meu amor por ela tão amargo? Porque não podia amá-la sem a odiar? Eles ouviam-me, e embora eu visse que não podiam sequer imaginar o que eu lhes dizia, não lamentava falar-lhes nisto: sabia que sentiriam toda a força da minha saudade por aqueles que abandonara. Sim, quando estas pessoas me dirigiam o seu olhar querido, cheio de amor; quando sentia que na presença delas também o meu coração se tornava inocente e honesto como o delas,

então não lamentava ser incapaz de as compreender. Com esta sensação de plenitude da vida, prendia-se-me a respiração, e eu venerava-as em silêncio.

Oh, agora toda a gente se ri na minha cara e afirma que é impossível ver-se num sonho os pormenores que estou a contar, que no meu sonho apenas captei uma sensação que, no delírio, o meu próprio coração gerou, e que inventei os pormenores quando acordei. E quando lhes revelei que talvez fosse assim como eles diziam — meu Deus, que risotas se levantaram, que divertimento para eles! Oh, sim, é claro que fui dominado apenas pela sensação deixada por aquele sonho, e só ela sobreviveu no meu coração ferido e a sangrar; porém, as verdadeiras imagens e formas do meu sonho, ou seja, aquelas que de facto vi na hora do meu sonho, estavam cheias de uma harmonia tão grande, eram tão fascinantes e belas, e tão verdadeiras, que, acordado, eu era sem dúvida incapaz de as encarnar nas nossas fracas palavras, pelo que, na minha mente, deviam como que desbotar; portanto, talvez fosse verdade que eu, depois, inconscientemente, me tenha obrigado a inventar pormenores, desfigurando-os inevitavelmente, sobretudo por causa do meu desejo louco de os transmitir o mais depressa possível e a todo o custo. Mas como posso não acreditar que tudo aquilo tenha acontecido mesmo? E tenha mesmo sido mil vezes melhor, mais luminoso e feliz do que o meu relato? Que seja um sonho, está bem, mesmo assim não podia deixar de existir. Oíçam, vou revelar-lhes um segredo: talvez tudo isto não tenha sido um sonho! Era uma coisa tão real e tão assustadora que não podia ser sonho. Está bem, que tenha sido no meu coração que o sonho se gerou, mas seria o meu coração capaz de gerar, sozinho, aquela verdade terrível que me atingiu a seguir? Como poderia eu, sozinho, inventá-la ou sonhar com ela no meu coração? Será que o meu coração insignificante e a minha mente caprichosa e miserável poderiam elevar-se até àquela revelação da verdade? Oh, julgai por vós: tenho-a escondido até agora, mas vou revelar também esta verdade. É que eu... corrompi-os a todos!

5

Sim, sim, acabei por corrompê-los a todos! Não sei como pôde acontecer, mas lembro-me claramente disso. O sonho voou através de milénios e deixou em mim apenas uma sensação geral. Sei apenas que fui eu a causa do pecado original. Como uma triquina maligna, como um átomo de peste que contamina países inteiros, eu contaminei só por mim toda aquela Terra feliz e imaculada. Aquelas pessoas aprenderam a mentir e a gostar da mentira, conheceram a beleza da mentira. Oh, é possível que tudo tenha começado *inocentemente*, com uma brincadeira, uma garridice, um jogo amoroso, apenas com um pequenino átomo de mentira, mas esse átomo penetrou-lhes nos corações e agradou-lhes. Na sequência disto, nasceu rapidamente a volúpia, a volúpia gerou os ciúmes, os ciúmes geraram a crueldade... Oh, não sei, mas pouco tempo depois, muito pouco tempo, jorrou o primeiro sangue: eles surpreenderam-se e aterrorizaram-se, e começaram a separar-se, a desunir-se. Novas uniões se criaram, mas de uns contra outros. Começaram as censuras, as acusações. Conheceram a vergonha e elevaram-na à qualidade de virtude. Nasceu o conceito de honra, e cada união ergueu a sua bandeira. Começaram a torturar os animais, e os animais fugiram deles para as florestas e tornaram-se seus inimigos. Começou a luta pela separação, pela desunião, pela individualidade, pelo meu e pelo teu. Começaram a falar línguas diferentes. Conheceram a tristeza e gostaram da tristeza, passaram a ansiar pelo sofrimento e a dizer que a verdade apenas se atingia por meio do sofrimento. Então apareceu entre eles a ciência. Quando se tornaram maldosos, começaram a falar de fraternidade e de humanismo, e impregnaram-se destas ideias. Quando se tornaram criminosos, inventaram a justiça e escreveram códigos de leis para a manterem; e, para assegurarem o cumprimento dos códigos, instalaram a guilhotina. Apenas se lembravam vagamente do que tinham perdido, e nem sequer queriam acreditar que tivessem sido inocentes e felizes outrora. Até se riam da possibilidade de ter existido entre eles essa felicidade antiga e chamavam-lhe sonho. Nem sequer eram capazes de a imaginar em formas e cenários, mas, coisa estranha e incrível: tendo perdido toda a fé na

felicidade antiga, tendo-lhe dado o nome de fantasia, desejaram de tal maneira voltar a ser inocentes e felizes que caíram como crianças diante dos desejos do coração, divinizaram esses desejos, construíram templos e começaram a rezar à sua própria ideia, ao seu próprio «desejo», acreditando plenamente, ao mesmo tempo, que isso era irrealizável e inexecutável, adorando-o porém e venerando-o com lágrimas. No entanto, se lhes fosse possível voltar ao seu perdido estado inocente e feliz, se alguém lho mostrasse de novo e lhes perguntasse se queriam regressar a ele, recusariam com certeza. Respondiam-me: «Embora seja verdade que somos mentirosos, maus e injustos, *sabemo-lo* e lamentamo-lo, e atormentamo-nos com isso, e castigamo-nos e flagelamo-nos mais do que, talvez, aquele juiz misericordioso que nos vai julgar e cujo nome desconhecemos. Porém, temos a ciência e, por meio dela, voltaremos a encontrar a verdade, mas recebendo-a já conscientemente, com o conhecimento como superior ao sentimento, com a consciência da vida como superior à vida. A ciência dar-nos-á a sabedoria, a sabedoria descobrirá as leis; ora, o conhecimento das leis da felicidade está acima da felicidade.» Eis o que eles diziam, e depois de tais palavras cada qual começou a amar a si mesmo mais do que aos outros, e já lhes era impossível viverem de outro modo. Cada qual se tornou tão dedicado à sua individualidade que, com todas as forças, tentava apenas rebaixar e humilhar a dos outros, e fazia disso o objetivo da sua vida. Surgiu a escravidão, surgiu, até, uma escravidão voluntária: os fracos submetiam-se de boa vontade aos mais fortes, com a condição apenas de que estes os ajudassem a oprimir os ainda mais fracos do que eles. Apareceram os justos que, dirigindo-se a estas pessoas com as lágrimas nos olhos, lhes falavam do orgulho em que viviam, da sua perda da harmonia e da medida, da sua perda da vergonha. Mas riam-se deles ou matavam-nos à pedrada. O sangue sagrado derramava-se à porta dos templos. Porém, começavam a aparecer pessoas que inventavam a maneira de voltar a unir toda a gente sem que cada qual, continuando a amar a si mesmo mais do que aos outros, impedisse alguém de viver, para que, assim, toda a gente pudesse coabitar numa sociedade de aparente concórdia. Por esta ideia, desencadearam-se verdadeiras guerras. Todas as partes beligerantes acreditavam, ao mesmo tempo, que a ciência, a sabedoria e o sentimento de autoconservação obri-

gariam finalmente os homens a unir-se numa sociedade de concórdia e razão, e por isso, para acelerar o processo, os «sábios» tentavam exterminar o mais depressa possível todos os «não-sábios» que não compreendessem a ideia deles, para que não impedissem o triunfo dessa ideia. Porém, o sentimento de autoconservação começou a enfraquecer rapidamente, apareceram os orgulhosos e os voluptuosos que exigiam frontalmente o tudo ou nada. Para adquirir tudo, recorriam ao crime e, se fracassassem, optavam pelo suicídio. Apareceram religiões com o culto da não-existência e da autodestruição em nome do repouso eterno no estado de nada. Finalmente, essas pessoas cansaram-se de trabalhar inutilmente, surgiu-lhes no rosto o sofrimento, e logo proclamaram que o sofrimento era beleza, porque só no sofrimento havia pensamento. Cantaram o sofrimento nas suas canções. Eu andava entre eles, torcendo as mãos, chorando sobre a sua desgraça, mas amava-os, talvez ainda mais do que antes, quando nos seus rostos não havia ainda dor e quando eram inocentes e belos. Ganhei pela sua Terra profanada um amor ainda maior do que o que lhe tinha quando ainda era o paraíso, só porque nela apareceu a desgraça. Infelizmente, sempre amei a desgraça e a amargura, mas apenas em relação a mim, a mim; ora, sobre eles eu chorava de piedade. Estendia para eles as mãos, acusando-me, amaldiçoando-me desesperadamente, desprezando-me. Dizia-lhes que fora eu, sozinho, quem causara tudo aquilo; que fora eu quem lhes levava a depravação, a doença e a mentira! Suplicava-lhes que me crucificassem, ensinava-lhes a construir a cruz. Eu não era capaz, não podia matar-me, mas queria receber o martírio das mãos deles, ansiava pela tortura, ansiava que na tortura fosse derramado o meu sangue até à última gota. Mas eles apenas se riam de mim e começaram, por fim, a considerar-me um tolinho. Ilibavam-me, diziam que tinham recebido apenas aquilo que desejavam receber e que tudo o que acontecia era inevitável. Por fim, declararam que eu me tornara perigoso para eles e que me meteriam no manicómio se eu não me calasse. Então entrou com tanta força a amargura na alma que o meu coração se apertou e senti que morria, e nisto... nisto acordei.

Ainda não amanhecera, mas já eram cinco da manhã. Acordei no mesmo cadeirão, a vela tinha ardido até ao fim, no quarto do capitão todos

dormiam, reinava o silêncio, tão raro, em todo o nosso apartamento. Num primeiro momento sobressaltei-me de espanto no lugar; nunca me acontecera semelhante coisa, incluindo as minúcias e os mais ínfimos pormenores: por exemplo, nunca adormecera no cadeirão. Então, enquanto recuperava ainda a consciência, saltou-me aos olhos o revólver preparado, carregado, mas afastei-o de imediato! Oh, agora era viver, viver! Ergui as mãos e clamei pela verdade eterna; não clamei, chorei; um enlevo, um enlevo incomensurável exalçava todo o meu ser. Sim, viver — e pregar! Quanto à prédica, tomei a decisão no próprio instante e, é claro, para toda a vida! Vou pregar, quero pregar... o quê? A verdade, porque a vi, vi-a com os meus próprios olhos, vi toda a glória da verdade!

Desde então, ando a pregar! Além disso, amo todas as pessoas que se riem de mim ainda mais do que as outras. Porque sim, nem sei explicar, mas é assim. Eles dizem que eu já me confundo, isto é, que se já me confundia tanto, o que seria depois? Eis a verdade verdadeira: é grande a minha confusão, e talvez as coisas venham a correr ainda pior. E, é claro, vou ainda confundir-me mais do que uma vez até encontrar a maneira certa de pregar, ou seja, as palavras e as ações para pregar, porque é muito difícil levar a tarefa a cabo. Já hoje vejo tudo isso claramente, mas oiçam: quem não se atrapalha? Entretanto, todos vão na direção da mesma coisa, ou pelo menos anseiam a mesma coisa, desde o sábio ao último dos bandidos, só que por caminhos diferentes. É uma velha verdade, mas há aqui uma coisa nova: não posso sequer confundir-me muito. Porque vi a verdade, vi-a e sei que as pessoas podem ser belas e felizes sem perderem a capacidade de viverem na Terra. Não quero nem posso acreditar que o mal seja o estado normal dos homens. Ora, eles todos se riem apenas desta minha fé. Porém, como me é possível não ter fé? Vi a verdade — não a inventei racionalmente, mas vi, vi-a, e a sua *imagem viva* encheu-me a alma para todo o sempre. Vi-a numa integridade tão completa que não posso acreditar que ela não exista entre as pessoas. Portanto, como posso confundir-me? Sou capaz de me desviar, é claro, até mais do que uma vez, e falar, até, com palavras alheias — é possível — mas isso não vai durar muito: a imagem viva do que eu vi estará sempre comigo e sempre me corrigirá e orientará. Oh, estou animado, estou enérgico, vou pregar, vou, nem que seja mil anos. Confesso

que queria, de início, esconder o facto de os ter corrompido, mas esse meu desejo estava errado — eis o meu primeiro erro! Porém, a verdade susurrou-me que eu estava a *mentir*, protegeu-me e guiou-me. Não sei como se pode estabelecer o paraíso, porque não sei exprimi-lo em palavras. Ao acordar do meu sonho, perdi as palavras. Pelo menos, todas as palavras principais, as mais necessárias. Mas não interessa: vou pregar e pregarei incansavelmente, porque, seja como for, vi tudo ao vivo, embora não saiba contar o que vi. Ora, o que os zombadores não percebem é precisamente isto: «Viste um sonho, era um delírio, uma alucinação.» Eh! Será isto inteligente? Mas eles orgulham-se tanto! Um sonho? O que é um sonho? E a nossa vida não é um sonho? Digo mais: mesmo que isto nunca se realize e mesmo que nunca haja paraíso (porque o compreendo bem!), vou pregar na mesma. Entretanto, é tão simples: num dia, *numa hora*, tudo se arranjará de vez! O principal: ama os outros como a ti próprio, é o essencial, é só isso, não é preciso mais nada, logo a seguir acharás como deves viver. Entretanto, trata-se apenas de uma velha verdade, repetida e lida mil milhões de vezes, que apenas não se arreigou! «A consciência da vida é superior à vida, o conhecimento das leis da felicidade é superior à felicidade» — é contra isso que é preciso lutar! E vou lutar. Basta que todos queiram, e arranja-se tudo de imediato.

A propósito, encontrei aquela rapariguinha... E vou pregar! Vou pregar!